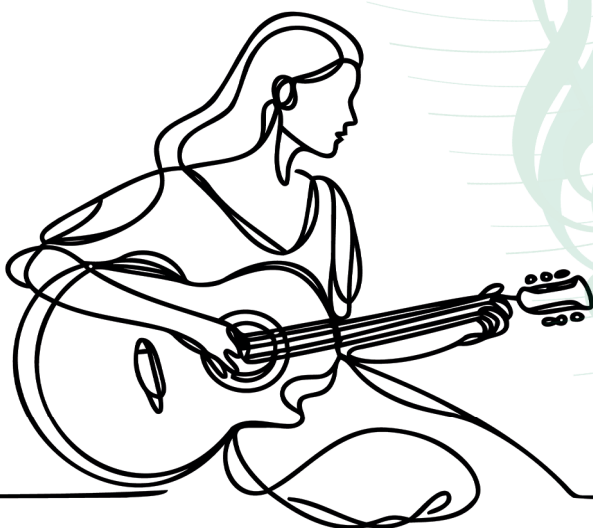


PAULO SOARES SANTOS PARAGUASSÚ
GIOVANA MACHADO SOUZA
PITIGUARA DE FREITAS COELHO
(ORGANIZADORES)

MUSICOTERAPIA E SAÚDE:

SABERES E PRÁTICAS DA ESPECIALIZAÇÃO EM ESCAM

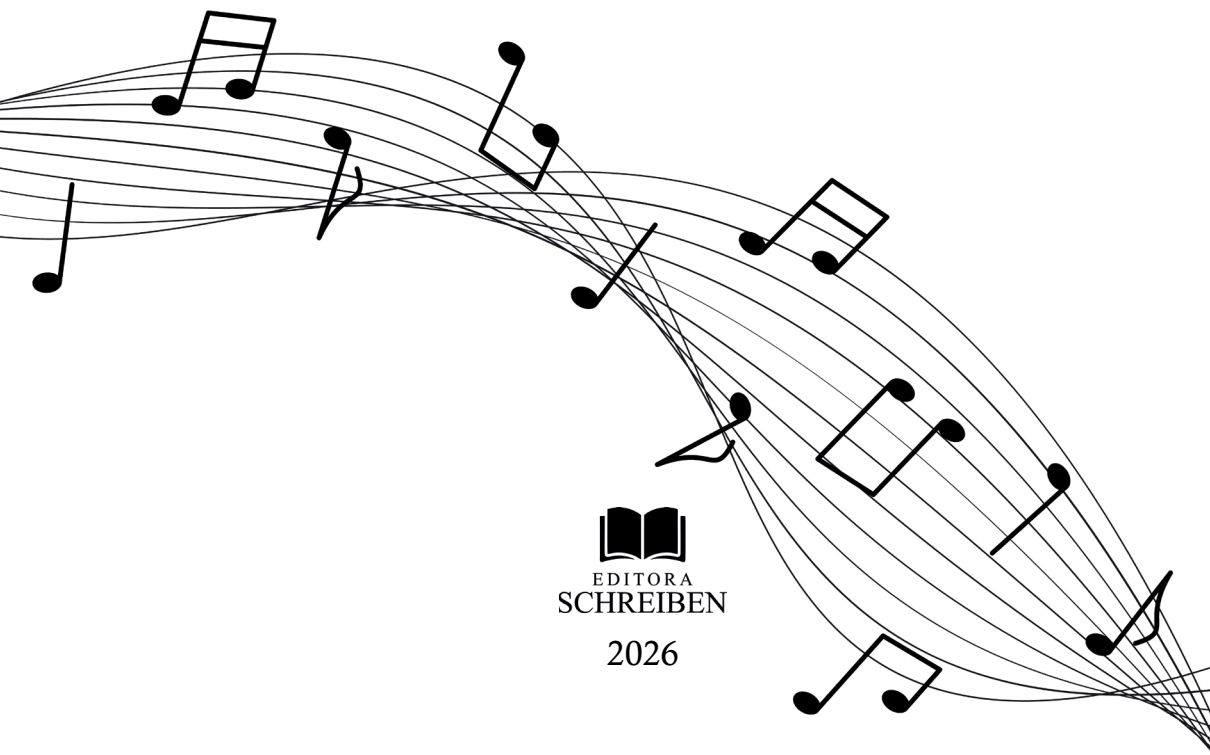



EDITORA
SCHREIBEN

PAULO SOARES SANTOS PARAGUASSÚ
GIOVANA MACHADO SOUZA
PITIGUARA DE FREITAS COELHO
(ORGANIZADORES)

MUSICOTERAPIA E SAÚDE:

SABERES E PRÁTICAS DA ESPECIALIZAÇÃO EM ESCAM




EDITORA
SCHREIBEN

2026

© Dos Organizadores – 2026
Editoração e capa: Schreiber
Imagem da capa: artisttop1976 - Freepik.com
Revisão: os autores
Livro publicado em: 12/03/2026
Termo de publicação: TP0142026

Conselho Editorial (Editora Schreiber):

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)
Dr. Airton Spies (EPAGRI)
Dra. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)
Dr. Cleber Duarte Coelho (UFSC)
Dr. Daniel Marcelo Loponte (CONICET – Argentina)
Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)
Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR – Uruguai)
Dr. Fábio Antônio Gabriel (SEED/PR)
Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes (UENP)
Dra. Ivânia Campigotto Aquino (UPF)
Dr. João Carlos Tedesco (UPF)
Dr. Joel Cardoso da Silva (UFPA)
Dr. José Antonio Ribeiro de Moura (FEEVALE)
Dr. Klebson Souza Santos (UEFS)
Dr. Leandro Hahn (UNIARP)
Dr. Leandro Mayer (SED-SC)
Dra. Marcela Mary José da Silva (UFRB)
Dra. Marciane Kessler (URI)
Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)
Dra. Natércia de Andrade Lopes Neta (UNEAL)
Dr. Odair Neitzel (UFFS)
Dr. Wanilton Dudek (UNESPAR)

Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência e da apresentação das tabelas, quadros, mapas, fotografias e referências é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

Editora Schreiber
Linha Cordilheira - SC-163
89896-000 Itapiranga/SC
Tel: (49) 3678 7254
editoraschreiber@gmail.com
www.editoraschreiber.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M987 Musicoterapia e saúde : saberes e práticas da especialização EMESCAM / organizado por Paulo Soares Santos Paraguassú, Giovana Machado Souza e Pitiguara de Freitas Coelho. – Itapiranga : Schreiber, 2026.
196 p. ; il. ; e-book ; 16 x 23 cm.
Inclui bibliografia e índice remissivo
E-book no formato PDF.

ISBN: 978-65-5440-642-0 [versão impressa]
EISBN: 978-65-5440-641-3 [versão digital]
DOI: 10.29327/5800262

1. Musicoterapia. 2. Música – Uso terapêutico. 3. Terapias complementares em saúde. 4. Práticas integrativas em saúde. I. Paraguassú, Paulo Soares Santos. II. Souza, Giovana Machado. III. Coelho, Pitiguara de Freitas. IV. Título

CDD 615.85154

Bibliotecária responsável Juliane Steffen CRB14/1736



AGRADECIMENTOS

Esta obra reflete o comprometimento acadêmico, a sensibilidade humana e a dedicação dos alunos e professores da Pós-Graduação em Musicoterapia da EMESCAM. O livro representa mais do que uma coletânea de artigos, é um testemunho vivo do diálogo entre ciência e arte, técnica e emoção, razão e sensibilidade.

A Musicoterapia, inserida no contexto das ciências da saúde, é um campo que se fortalece cada vez mais por meio da pesquisa, da prática clínica e da reflexão crítica sobre o papel da música no cuidado integral. Aqui, a música deixa de ser apenas expressão estética e passa a ser linguagem terapêutica, promotora de vínculos, de escuta e de humanização dos processos de saúde e reabilitação.

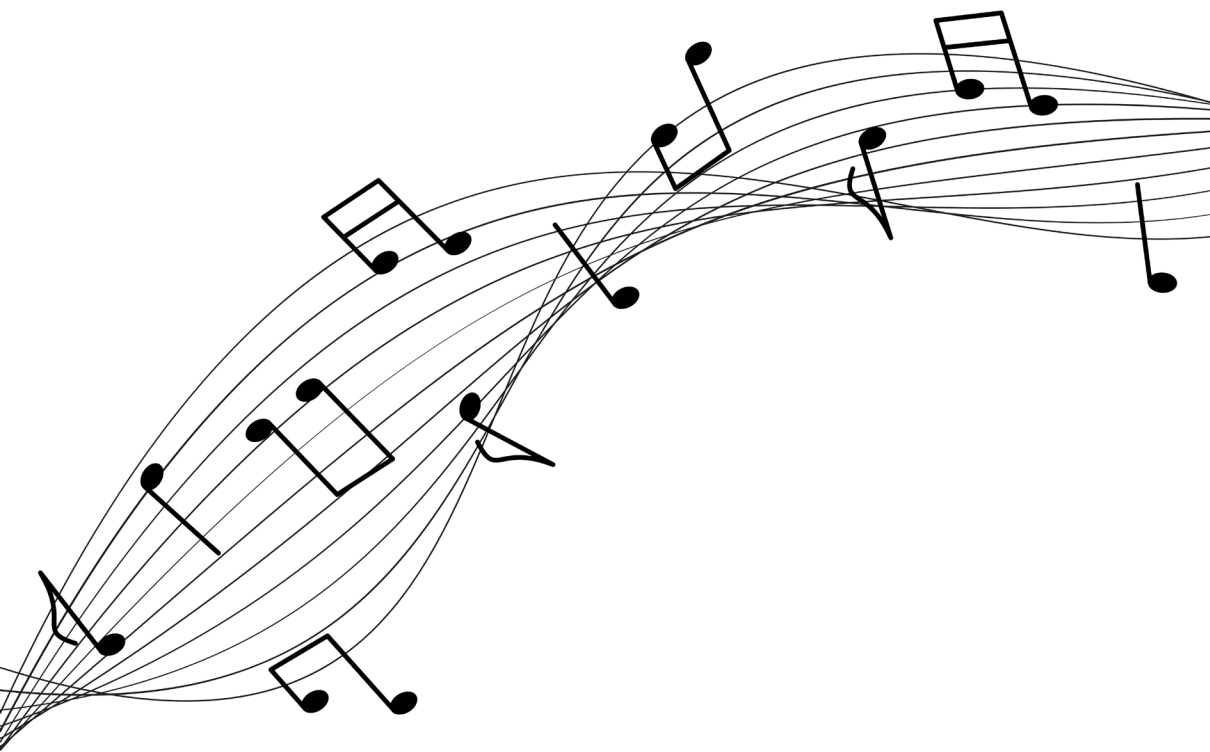
Os trabalhos reunidos nesta coletânea evidenciam a riqueza das experiências vividas pelos alunos, orientados por um corpo docente comprometido com a formação ética, científica e sensível de profissionais capazes de atuar em diferentes contextos. Cada artigo revela um olhar singular sobre a potência do som no campo terapêutico, seja no ambiente hospitalar, educacional, comunitário ou clínico.

Parabenizo os organizadores desta obra, em especial Paulo Paraguassú, Coordenador do Curso de Musicoterapia da EMESCAM, pela condução cuidadosa e pela visão integradora que permitiram a concretização deste projeto. Agradeço a equipe de funcionários da pós-graduação, Juliana Oliveira, Luiza Grassi e Ana Carolina Teixeira pelo empenho e carinho no cuidado com nossos alunos e professores.

O resultado reflete a missão da EMESCAM de promover uma pós-graduação de excelência, comprometida com o conhecimento científico e com a promoção da vida em sua plenitude.

Que esta publicação inspire novas práticas, pesquisas e reflexões sobre o papel da musicoterapia no cuidado humano. Que ecoe, em cada leitor, o som que cura, o silêncio que acolhe e a escuta que transforma.

Dr. Pitiguara Coelho
Coordenador Geral das Pós-Graduações da EMESCAM





SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	3
<i>Pitiguara Coelho</i>	
APRESENTAÇÃO.....	9
<i>Paulo Paraguassú</i>	
PREFÁCIO.....	11
<i>Claudio Medina da Fonseca</i>	
A INSERÇÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSICOTERAPIA EM UMA FACULDADE DE MEDICINA: CONTRIBUIÇÕES INTERDISCIPLINARES PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL EM SAÚDE.....	13
<i>Paulo Soares Santos Paraguassú</i>	
<i>Rogério Drago</i>	
BENEFÍCIOS DA MUSICOTERAPIA NO PERÍODO GESTACIONAL: REDUÇÃO DO ESTRESSE PSICOLÓGICO.....	24
<i>Aline Marconcini Oliveira</i>	
<i>Brenda Louzada Sant'Ana</i>	
<i>Gedson dos Santos Lima</i>	
<i>Paulo Soares Santos Paraguassú</i>	
A MUSICOTERAPIA COMO INTERVENÇÃO POTENCIALIZADORA PARA QUALIDADE DE VIDA EM GRÁVIDAS COM DEPRESSÃO E ANSIEDADE.....	37
<i>Julia de Aguiar Domingues Dias</i>	
<i>Liana Meirelles Paes</i>	
<i>Maini Faria Moreno</i>	
<i>Giovana Machado Souza</i>	
EFEITOS DO ESTÍMULO AUDITIVO POR MEIO DA MUSICOTERAPIA EM RECÉM-NASCIDOS PREMATUROS INTERNADOS EM UNIDADE DE CUIDADO INTERMEDIÁRIO NEONATAL.....	49
<i>Ana Paula Trivilin Passabom</i>	
<i>Evelyn Presenza Santana Martins</i>	
<i>Gabriela Demoner Guisso</i>	
<i>Paulo Soares Santos Paraguassú</i>	
<i>Letícia Guimarães Peyneau</i>	

CONTRIBUIÇÕES DA MUSICOTERAPIA PARA A INTEGRAÇÃO SENSORIAL E MOTORA EM CRIANÇAS COM SÍNDROME DE PHELAN MCDERMID: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	61
---	----

Karollina Maria Silva de Abreu

Paulo Soares Santos Paraguassú

FISIOTERAPIA E MUSICOTERAPIA NA INTERVENÇÃO INTERDISCIPLINAR DE PACIENTES NEUROLÓGICOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS E RESULTADOS NO PROJETO RODOPIOS E PIRUETAS DA EMESCAM.....	75
---	----

Carla Loureiro Portuense Siqueira

Mariângela Braga Pereira Nielsen

Paulo Soares Santos Paraguassú

MUSICOTERAPIA NA REABILITAÇÃO RESPIRATÓRIA – UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	84
---	----

Crislany Gadioli Marcelino Rosa

Gabriela Oliveira dos Santos

Giovana Machado Souza

REABILITAÇÃO PULMONAR INTEGRADA: AÇÃO CONJUNTA ENTRE FISIOTERAPIA E MUSICOTERAPIA NO PROJETO DE EXTENSÃO DA EMESCAM.....	104
--	-----

Giovana Machado Souza

Paulo Soares Santos Paraguassú

Letícia Guimarães Peyneau

MUSICOTERAPIA COMO ESTRATÉGIA COMPLEMENTAR NO CUIDADO À FIBROMIALGIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA.....	114
--	-----

Clegi Almeida de Souza Battisti

Helga Carla Barbosa Teles

Wanessa José Ribeiro

Giovana Machado Souza

O USO DA MUSICOTERAPIA COMO ABORDAGEM TERAPÊUTICA NA SAÚDE MENTAL DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE NO CONTEXTO PÓS-PANDÊMICO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	126
--	-----

Kátia Aguiar

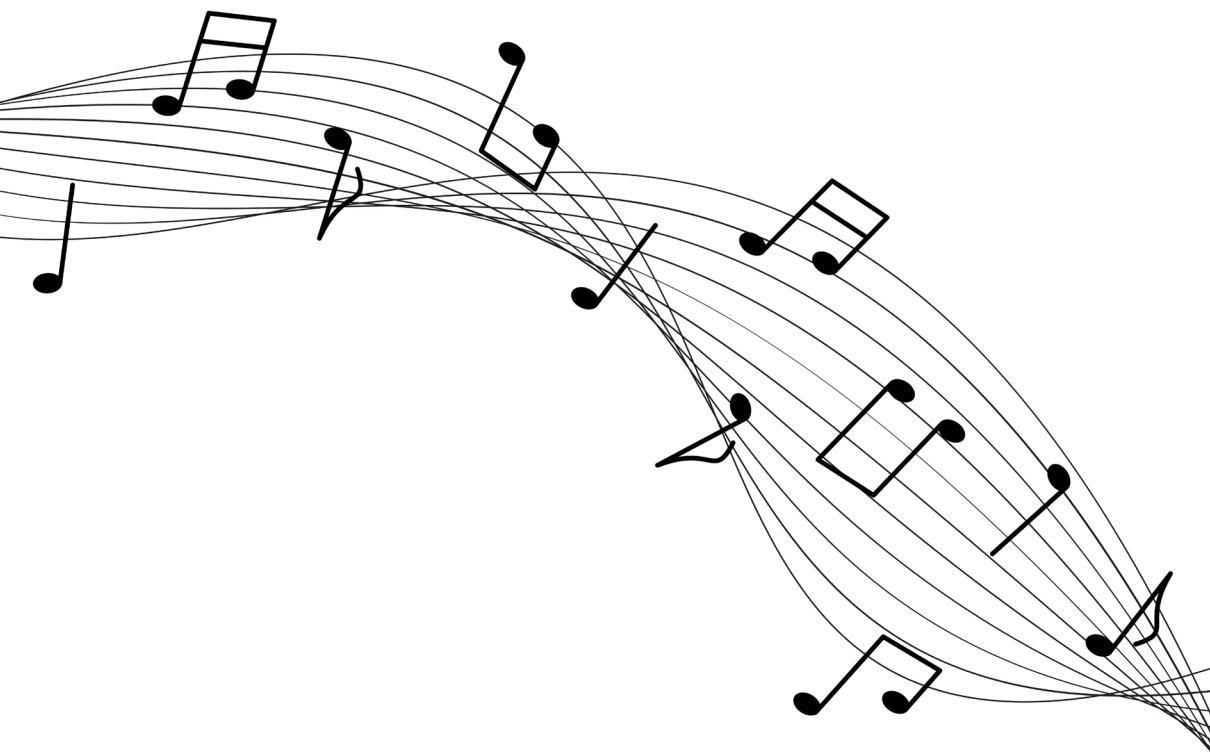
Kéllen Sena

Tácito Ribeiro

Wanuzza Rossow

Paulo Soares Santos Paraguassú

MUSICOTERAPIA COMO ESTRATÉGIA TERAPÊUTICA DE ADOLESCENTES COM COMPORTAMENTO AUTOLESIVO NÃO SUICIDA.....	141
<i>Aline de Jesus Pignaton da Silva</i> <i>Frederico Alves Morais Oliveira</i> <i>Milene Sanson de Rezende Silva</i> <i>Tânia Regina Boze Perusse</i> <i>Giovana Machado Souza</i>	
EFEITOS DA MUSICOTERAPIA NA REDUÇÃO DA ANSIEDADE EM PACIENTES IDOSOS HOSPITALIZADOS: UMA REVISÃO DE LITERATURA.....	159
<i>Breno Brício Amaral</i> <i>Joyce Porto Fernandes</i> <i>Miriam Zerbone Von Rondon de Almeida</i> <i>Sabrina Souza Gomes</i> <i>Giovana Machado Souza</i>	
MUSICOTERAPIA COMO FERRAMENTA AUXILIADORA NA REABILITAÇÃO DE PACIENTES PÓS-AVC: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA.....	170
<i>Edinardy do Nascimento Pinto</i> <i>Giselle Almeida Martins</i> <i>Renata da Silva Assis</i> <i>Ticiane Moreira Knaak</i> <i>Paulo Soares Santos Paraguassú</i>	
O IMPACTO DA MÚSICA NA RESSIGNIFICAÇÃO DA PERDA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE MUSICOTERAPIA E LUTO.....	181
<i>Lara Cremasco de Almeida</i> <i>Marlon Davis da Rocha Almeida</i> <i>Paulo Soares Santos Paraguassú</i>	
ÍNDICE REMISSIVO.....	193





APRESENTAÇÃO

Apresentar este livro é, para mim, um ato de celebração da escuta, da criação, da pesquisa e, sobretudo, da sensibilidade humana que habita a prática musicoterapêutica. Cada artigo aqui reunido nasce do encontro entre a música e o cuidado, entre o som e o silêncio, entre o sentir e o compreender. É o resultado de um percurso de estudo, afeto e construção coletiva que vem se consolidando na Pós-Graduação em Musicoterapia da EMESCAM.

Esta obra simboliza o amadurecimento de um projeto pedagógico que acredita na música como potência transformadora, não apenas no campo terapêutico, mas também no campo educacional e social. As experiências apresentadas pelos nossos alunos e alunas refletem uma formação que busca unir o rigor científico à dimensão estética e ética do cuidado, reconhecendo a subjetividade e a singularidade de cada ser humano.

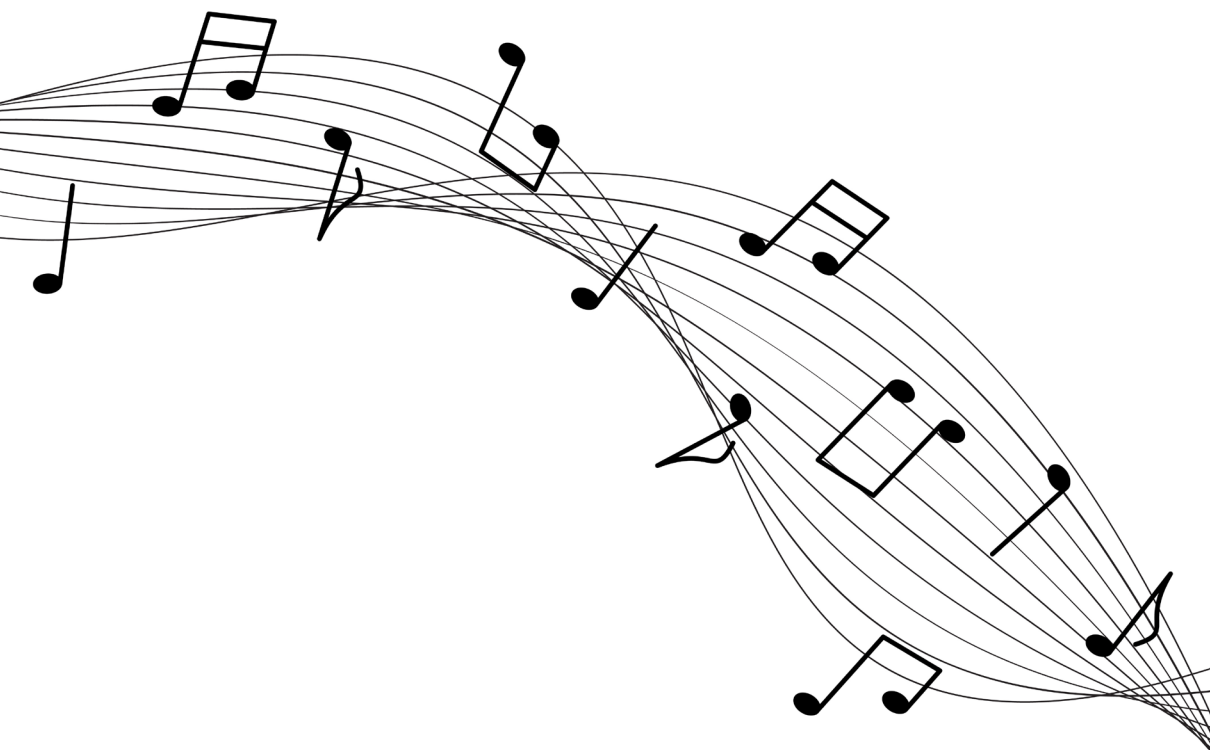
A musicoterapia, como linguagem viva, habita o entrelaçamento de saberes. Ela dialoga com a medicina, a fisioterapia, a psicologia, a fonoaudiologia, a pedagogia e tantas outras áreas, mostrando que a saúde se constrói de forma integrada, sensível e relacional. É nesse diálogo interdisciplinar que a EMESCAM reafirma sua missão de formar profissionais capazes de compreender a complexidade do ser humano em sua totalidade: corpo, mente, emoção e espírito.

Agradeço profundamente a EMESCAM por meio da provedora Dra. Maria da Penha Rodrigues D'Ávila, Dr. Cláudio Medina da Fonseca, Diretor-Geral, e Dr. Pitiguara Coelho, Coordenador Geral das Pós-Graduações, pelo apoio institucional e pela confiança neste projeto. Agradeço também à Dra. Giovana Machado, pela parceria e na organização desta obra bem como Dr Pitiguara.

Que este livro sirva como fonte de inspiração para estudantes, pesquisadores e profissionais da saúde que reconhecem na música um caminho de cuidado, expressão e transformação. Que ele faça ecoar, dentro e fora da academia, a força do som que cura, da escuta que acolhe e da arte que humaniza.

Prof. Paulo Paraguassú

Coordenador da Pós-Graduação em Musicoterapia da EMESCAM
Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES





PREFÁCIO

É com imensa satisfação que apresento ao público esta obra, resultado do trabalho dedicado e sensível dos alunos da Pós-Graduação em Musicoterapia da EMESCAM. Este livro reúne artigos que expressam, de forma singular, a potência transformadora da música quando utilizada como instrumento terapêutico, educativo e humanizador no cuidado à saúde.

A Musicoterapia, como campo interdisciplinar, reflete o compromisso da EMESCAM em promover uma formação que une ciência, arte e humanidade. Através das experiências aqui compartilhadas, percebe-se o quanto o som, o ritmo e a melodia podem se tornar caminhos de escuta, acolhimento e reabilitação, não apenas dos corpos, mas também das emoções, das histórias e das subjetividades.

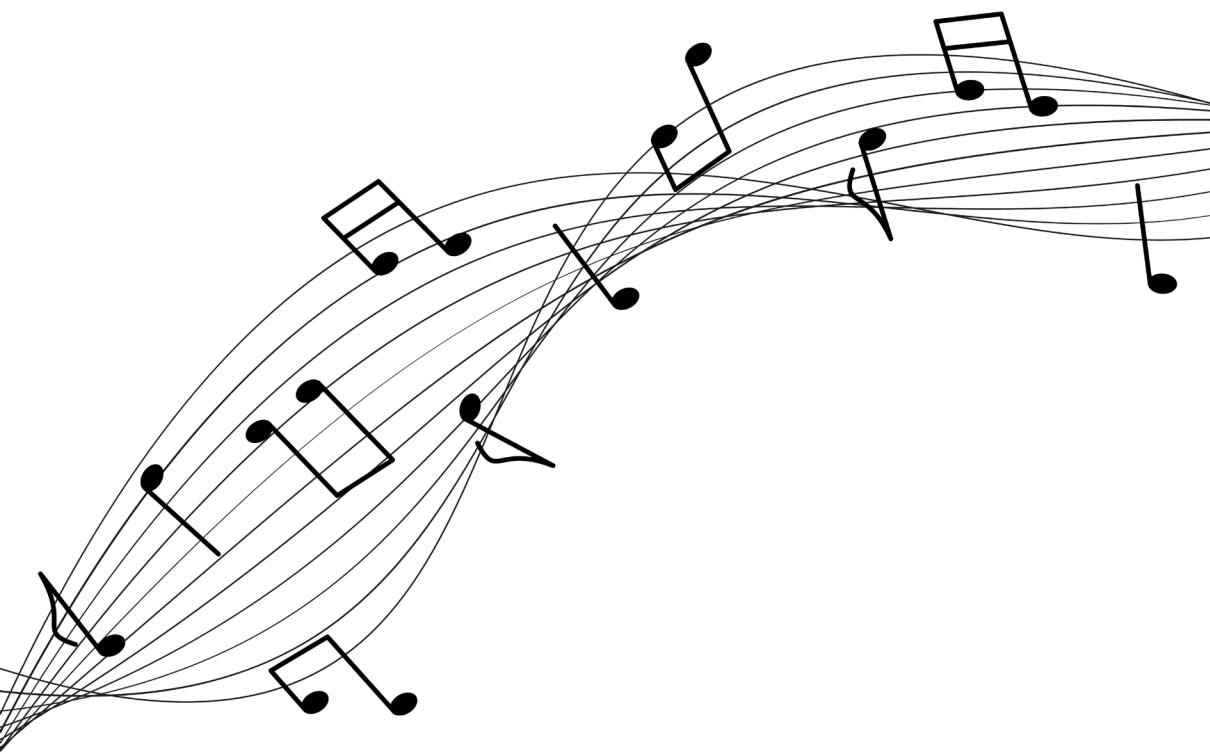
Cada texto que compõe este volume é fruto de vivências clínicas, reflexões teóricas e práticas transformadoras que reafirmam a importância da musicoterapia nos diversos contextos de atenção à saúde. Os autores, nossos professores, alunos e alunas, demonstram não apenas competência técnica, mas também sensibilidade ética e compromisso social com o ser humano em sua totalidade.

A organização desta obra pelos professores Paulo Paraguassú , coordenador do curso de Musicoterapia da EMESCAM), Dra. Giovana Machado e Dr. Pitiguara Coelho é motivo de orgulho institucional. O empenho desses profissionais em promover a integração entre conhecimento científico e prática clínica reforça o papel da EMESCAM como espaço de excelência no ensino em saúde e nas ciências humanas aplicadas ao cuidado.

Que este livro inspire profissionais, pesquisadores e estudantes a continuarem acreditando no poder da música como via de encontro, expressão e transformação. Que cada página desperte a consciência de que cuidar é, também, escutar — e que na escuta há sempre um canto que cura.

Dr. Claudio Medina da Fonseca

Diretor da Escola Superior de Ciências da Santa Casa
de Misericórdia de Vitória – EMESCAM



A INSERÇÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSICOTERAPIA EM UMA FACULDADE DE MEDICINA: CONTRIBUIÇÕES INTERDISCIPLINARES PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL EM SAÚDE

Paulo Soares Santos Paraguassú¹

Rogério Drago²

RESUMO

A inserção da musicoterapia em faculdades de medicina configura-se como estratégia inovadora para a formação em saúde, ao integrar arte, ciência e cuidado em prol de uma prática mais humanizada e integral. Este trabalho analisa os diálogos interdisciplinares entre medicina e musicoterapia, fundamentados em autores como Bruscia, Morin e Vigotski, que destacam a escuta sensível, a complexidade e o papel da arte na aprendizagem. Discute-se a viabilidade de sua presença em disciplinas optativas, projetos de extensão, pesquisas clínicas, intervenções em saúde mental estudantil e experiências interprofissionais em hospitais universitários. Conclui-se que a musicoterapia contribui para o desenvolvimento de competências éticas, relacionais e reflexivas, favorecendo uma formação médica mais empática, colaborativa e alinhada aos princípios da integralidade e da humanização do cuidado.

Palavras-chave: Musicoterapia e Medicina, Interdisciplinaridade; Práticas Integrativas e Complementares

1 Doutorando em Educação na linha de Educação Especial e Processos Inclusivos no PPGE-Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Musicoterapeuta pela CENSUPEG. Licenciatura em Música pela FAMES.

2 Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação na linha de Educação Especial e Processos inclusivos, professor do curso de Licenciatura em Pedagogia, ambos na Universidade Federal do Espírito Santo

INTRODUÇÃO

A formação médica, historicamente centrada no modelo biomédico, encontra-se em processo de reestruturação epistemológica e pedagógica com o avanço das práticas integrativas e das abordagens interdisciplinares. Por muito tempo, o ensino da medicina baseou-se exclusivamente em uma perspectiva técnico-científica, voltada para a doença, e não para o sujeito do cuidado. Como observa Ayres (2004), tal modelo reduziu a clínica a um campo de diagnóstico e intervenção sobre corpos fragmentados, desconSIDERANDO as dimensões subjetivas, sociais e culturais da saúde.

Nos últimos anos do século XX e primeiras décadas do século XXI, no entanto, diversas diretrizes educacionais e políticas públicas vêm promovendo uma inflexão nesse paradigma, destacando a necessidade de formar profissionais comprometidos com a integralidade, a humanização e a interprofissionalidade. A inserção da musicoterapia nesse contexto representa não apenas uma inovação metodológica, mas também uma reconfiguração ética do modo de ensinar e praticar medicina. Segundo a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS (Brasil, 2006), práticas como a musicoterapia ampliam os recursos terapêuticos disponíveis no sistema de saúde e contribuem para um cuidado mais sensível, individualizado e culturalmente adequado.

No ambiente universitário, a presença de saberes não convencionais, como a musicoterapia, tem emergido como um recurso potente para ampliar a compreensão do cuidado em saúde e desenvolver competências relacionais, éticas e afetivas nos futuros profissionais. Bruscia (2000) define a musicoterapia como o uso sistemático da música e dos elementos musicais por um profissional qualificado, com o objetivo de promover saúde e bem-estar em diferentes níveis. Em ambientes de ensino médico, essa abordagem contribui para o desenvolvimento da escuta ativa, da empatia e da atenção plena, habilidades cada vez mais exigidas na prática clínica.

A inserção da musicoterapia em faculdades de medicina propõe uma ruptura com a dicotomia corpo-mente, ainda presente na formação tradicional, e favorece a formação de médicos mais humanizados e atentos à escuta sensível. Como aponta Morin (2003, p. 47), “é necessário ensinar a condição humana na sua complexidade, articulando razão e emoção, ciência e arte, objetividade e sensibilidade”. A presença da música no espaço acadêmico, portanto, não apenas enriquece o ambiente educacional, mas também possibilita o diálogo entre arte e ciência, entre sensibilidade e técnica, promovendo práticas mais inclusivas, cooperativas e contextualizadas com as necessidades reais da população.

Nesse sentido, este artigo propõe discutir os potenciais diálogos interdisciplinares entre a medicina e a musicoterapia no contexto universitário,

com ênfase em sua contribuição para a formação integral do profissional de saúde. Parte-se da premissa de que a aproximação entre esses campos pode oferecer experiências formativas significativas, nas quais a subjetividade, a criatividade e o cuidado ganham centralidade no processo de ensino-aprendizagem.

A formação prática dos estudantes da pós-graduação em Musicoterapia ocorre em diferentes cenários de atenção à saúde, tais como clínicas de neuroreabilitação, hospitais gerais, clínicas multiprofissionais e instituições de longa permanência para idosos (ILPIs). A inserção nesses espaços pode, como destacam documentos oficiais, favorecer o desenvolvimento de competências clínicas, relacionais e éticas, alinhando-se às diretrizes da formação em saúde baseada na integralidade do cuidado e na interprofissionalidade (Brasil, 2014).

Segundo Morin (2003), a complexidade do cuidado exige do profissional de saúde uma formação que transcenda a especialização técnica, incorporando a dimensão humana, sensível e comunicativa da prática. Nesse sentido, segundo Bruscia (2000), a presença da musicoterapia em campos clínicos diversos contribui para a articulação entre saberes disciplinares, prática reflexiva e a promoção de uma escuta ampliada do sujeito em sofrimento.

Além disso, os estágios em contextos interdisciplinares permitem que os alunos exercitem o diálogo com diferentes profissões da saúde, fortalecendo uma postura colaborativa e sensível à singularidade de cada paciente, conforme propõe a Política Nacional de Humanização (Brasil, 2008) e as diretrizes da Educação Interprofissional em Saúde (WHO, 2010).

MUSICOTERAPIA: PARA UMA BREVE FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A musicoterapia configura-se como uma prática clínica e científica que utiliza a música com fins terapêuticos, incorporando múltiplas dimensões da experiência humana. Segundo Bruscia (2000, p. 183), trata-se de um “processo sistemático de intervenção em que o terapeuta ajuda o cliente a promover saúde, utilizando experiências musicais e as relações que se desenvolvem através delas como forças dinâmicas de mudança”. Esse processo não se limita ao uso passivo da música, mas envolve escuta ativa, improvisação, composição e recriação, sempre contextualizados na relação terapêutica.

Enquanto prática interdisciplinar, a musicoterapia integra fundamentos da psicologia, das neurociências, da educação musical, da medicina, da filosofia, das artes e das ciências sociais, estabelecendo um campo de conhecimento híbrido e dialógico. Bunt e Stige (2014) reforçam que a musicoterapia contemporânea se baseia tanto na arte quanto na ciência, apresentando evidências de eficácia em

contextos diversos, como oncologia, neurologia, psiquiatria, cuidados paliativos, neonatologia e reabilitação psicossocial.

Para além do impacto fisiológico, musical e emocional, a musicoterapia atua também no fortalecimento dos vínculos sociais e no enfrentamento do sofrimento. Pavlicevic (1997 p. 29) destaca que “a música cria espaços de escuta e presença que podem ser especialmente significativos em contextos clínicos, onde palavras nem sempre são suficientes”. A musicalidade, nesse contexto, torna-se linguagem mediadora do cuidado.

A contribuição da musicoterapia para o campo da saúde encontra respaldo também na neurociência contemporânea, que aponta para a ativação de múltiplas áreas cerebrais durante a experiência musical, incluindo as regiões responsáveis pela memória, emoção, linguagem e movimento (Lewis *et al.*, 2016). Tais achados reforçam a potencialidade da música como recurso terapêutico, educativo e formativo no contexto da medicina.

Sob este prisma, o paradigma da complexidade, formulado por Edgar Morin (2003), propõe uma ruptura com a compartimentalização do saber e defende a articulação entre diferentes campos do conhecimento para lidar com a complexidade do real. Para o autor, “é preciso ensinar o que é ser humano, a condição humana, de forma integrada: biológica, psíquica, social e cultural” (Morin, 2003, p. 47). Na formação médica, esse princípio traduz-se na valorização de práticas integrativas, como a musicoterapia, que operam na interface entre ciência, arte, cultura e cuidado.

A lógica da interdisciplinaridade ganha centralidade nas Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Medicina (Brasil, 2014), as quais apontam para a necessidade de uma formação voltada ao cuidado integral, ao trabalho em equipe e à educação centrada no estudante. Nesse cenário, a presença da musicoterapia em disciplinas optativas, projetos de extensão, residências multiprofissionais ou experiências interdisciplinares em hospitais-escola pode enriquecer os currículos e impulsionar transformações pedagógicas significativas.

Vigotski (2001), ao discutir o papel da mediação cultural no desenvolvimento humano, ressalta que a aprendizagem ocorre no espaço da interação social, sendo as ferramentas culturais — como a linguagem, os símbolos e a arte — fundamentais para a construção de significados. Assim, a música, enquanto linguagem simbólica e afetiva, pode agir como uma das ferramentas mediadoras no processo de ensino-aprendizagem em saúde, promovendo a empatia, a criatividade, a expressão emocional e o pensamento crítico.

A Política Nacional de Humanização (PNH), instituída pelo Ministério da Saúde, reforça a relevância da escuta qualificada, do acolhimento e da valorização dos sujeitos envolvidos no processo de cuidado (Brasil, 2004).

Diante disso, a formação médica precisa ir além da técnica e incorporar práticas que estimulem o vínculo, a sensibilidade e o reconhecimento da singularidade de cada sujeito. A musicoterapia, ao operar nessas dimensões, emerge como potente aliada na formação ética e integral do profissional de saúde.

POSSIBILIDADES DE INSERÇÃO DA MUSICOTERAPIA EM FACULDADES DE MEDICINA

A integração da musicoterapia no ensino médico representa uma estratégia inovadora e humanizadora para a formação de profissionais de saúde. Diversas abordagens interdisciplinares podem ser exploradas nesse contexto, considerando os benefícios da música para a saúde física, emocional e social dos indivíduos. Conforme aponta Bruscia (2000), a musicoterapia promove um encontro entre arte e ciência, aspecto especialmente valioso em ambientes de cuidado. A seguir, são descritas quatro possibilidades de inserção da musicoterapia em faculdades de medicina:

Neste sentido, o diálogo com os autores até agora citados aponta que a oferta de disciplinas optativas ou transversais de musicoterapia pode proporcionar aos estudantes de medicina uma compreensão ampliada do cuidado em saúde, contemplando aspectos subjetivos e emocionais frequentemente negligenciados na formação biomédica tradicional. Tais disciplinas podem abordar temas como escuta terapêutica, os efeitos neuropsicológicos da música e sua aplicação clínica em contextos como cuidados paliativos, pediatria e saúde mental. Assim, o contato com práticas expressivas no currículo médico contribui para o desenvolvimento da empatia e de habilidades comunicacionais essenciais à relação médico-paciente.

Outra estratégia relevante para o processo formativo é a inserção da musicoterapia em projetos de extensão universitária e ações comunitárias que podem possibilitar que estudantes e docentes vivenciem, na prática, os benefícios da música como recurso terapêutico. Atividades realizadas em hospitais universitários, comunidades vulneráveis, escolas e centros de reabilitação fortalecem a integração ensino-serviço-comunidade e ampliam o compromisso social da universidade. Tais experiências favorecem uma formação crítica e ética, alinhada às diretrizes da educação interprofissional em saúde.

O incentivo à pesquisa interdisciplinar envolvendo a musicoterapia constitui outra via promissora de inserção acadêmica é outro recurso que pode ser favorecedor de práticas inovadoras nos processos humanizadores dos profissionais citados, como salientaria Vigotski (2001). Estudos que investiguem os efeitos da música sobre parâmetros fisiológicos, os processos de escuta ativa e os impactos emocionais da formação médica podem enriquecer o campo da saúde

com evidências científicas sensíveis à complexidade humana. Como destaca Rud (2001), a música pode ser compreendida como uma forma de conhecimento emocional, capaz de ampliar os horizontes da ciência médica tradicional.

Aliado ao que já foi dito, percebemos em nossas práticas que a criação de grupos de cuidado com abordagens musicoterapêuticas, voltados aos próprios estudantes e docentes da área da saúde, pode contribuir significativamente para a promoção do bem-estar e a prevenção de agravos psicoemocionais. O ambiente acadêmico da medicina é frequentemente marcado por elevados níveis de estresse, ansiedade, depressão e burnout. Nesse sentido, intervenções com música podem atuar como estratégias de autorregulação emocional e fortalecimento de vínculos. Conforme Da Costa *et al.*, (2020), práticas de cuidado coletivo e expressivo no espaço universitário são fundamentais para a construção de um ambiente saudável e acolhedor.

BENEFÍCIOS E DESAFIOS DA INTERDISCIPLINARIDADE COM A MUSICOTERAPIA

A inserção da musicoterapia como campo colaborativo na formação médica oferece benefícios que vão além da técnica, contribuindo para a formação de profissionais mais sensíveis, reflexivos e humanizados. Estudos, como os desenvolvidos por Schraiber (1996) apontam que a integração entre arte e ciência no ensino superior pode ampliar a capacidade de escuta e de percepção subjetiva nos estudantes de medicina, habilidades essenciais no atendimento ao paciente. Entre os principais benefícios da presença da musicoterapia na formação médica, destacam-se:

Desenvolvimento de habilidades comunicacionais e relacionais: a prática musicoterapêutica exige do estudante o exercício contínuo da escuta ativa, da atenção compartilhada e da comunicação não verbal. Segundo Pavlicevic (1997, 32), “a música abre canais relacionais que favorecem o contato genuíno entre terapeuta e paciente, mesmo em contextos de grande fragilidade”. Tais competências são transferíveis para a clínica médica, na qual a qualidade do vínculo terapêutico influencia diretamente os desfechos em saúde, como por exemplo:

Promoção da escuta empática: a musicalidade, ao ser incorporada como instrumento de cuidado, desperta nos alunos uma escuta que vai além da linguagem técnica. Portanto, compreender o outro implica estar aberto à sua expressão e à sua alteridade, aspecto fundamental para a escuta clínica verdadeiramente humanizada.

Redução do estresse e melhora da saúde mental discente: diversas pesquisas indicam que experiências musicais no ambiente acadêmico reduzem

sintomas de ansiedade, favorecem o bem-estar e fortalecem a autorregulação emocional entre estudantes da área da saúde (Lin *et al.*, 2011). Diante do alto nível de exigência e estresse na formação médica, a presença da música constitui um recurso terapêutico relevante para o cuidado dos próprios cuidadores em formação.

Estímulo à criatividade e ao pensamento reflexivo: a prática da musicoterapia convida os estudantes a pensar além das normas rígidas, abrindo espaço para a experimentação, para a sensibilidade e para o inesperado. Morin (2003) defende que o pensamento complexo deve ser cultivado na educação médica, visto que a clínica envolve incertezas, subjetividades e escolhas éticas que não podem ser resolvidas apenas com protocolos.

Formação ética e humanística: ao trabalhar com a dimensão simbólica da experiência humana, a musicoterapia favorece a construção de uma ética do cuidado pautada na singularidade, no acolhimento e na dignidade. Como defende Ayres (2004), o cuidado em saúde deve ser compreendido como um encontro entre sujeitos, e não como simples aplicação de saberes sobre corpos doentes.

Apesar de seus potenciais, a construção dessa proposta interdisciplinar enfrenta desafios estruturais e epistemológicos que precisam ser considerados:

- Falta de reconhecimento institucional da musicoterapia como ciência: em muitos contextos acadêmicos, a musicoterapia ainda é vista como prática complementar ou extracurricular. Esse cenário reflete o predomínio do paradigma biomédico, que valoriza saberes considerados “duros” e tende a deslegitimar abordagens artísticas e subjetivas.
- Escassez de docentes musicoterapeutas em cursos de saúde: a formação de quadros docentes com experiência tanto em musicoterapia quanto em práticas interprofissionais ainda é limitada no Brasil. Para além disso, os cursos de medicina frequentemente não preveem espaço formal para práticas artísticas no currículo obrigatório.
- Resistência de áreas biomédicas a práticas integrativas: a interdisciplinaridade exige abertura, diálogo e disposição para deslocar certezas. Muitos docentes e gestores da área médica ainda resistem à incorporação de práticas integrativas, por considerá-las pouco objetivas ou sem “evidência suficiente”, ignorando que a ciência contemporânea reconhece múltiplas formas de produção de conhecimento (Ceccim; Ferla, 2008).
- Necessidade de políticas pedagógicas que sustentem práticas interdisciplinares: para que a inserção da musicoterapia seja efetiva,

é fundamental que as instituições de ensino superior desenvolvam políticas curriculares, pedagógicas e avaliativas que valorizem a transdisciplinaridade, a extensão crítica e o diálogo entre áreas. Isso inclui o fomento a projetos interdisciplinares, programas de formação docente e articulação com os serviços de saúde.

A superação desses desafios demanda esforço coletivo e compromisso com uma formação médica mais dialógica, ética e conectada às demandas contemporâneas da saúde. A musicoterapia, enquanto prática e saber, oferece importantes contribuições nesse processo, ao aproximar arte, ciência e cuidado, além de um estudo aprofundado de pesquisas que têm subsidiado tais ações e referendado seus impactos positivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença da musicoterapia em faculdades de medicina abre caminhos promissores para a formação de médicos mais atentos à escuta, ao cuidado integral e à singularidade do paciente. Em um tempo marcado pela fragmentação dos saberes e pela tecnificação da prática médica, torna-se urgente retomar uma visão mais humanizada e complexa da saúde. A musicoterapia, ao integrar arte, ciência e sensibilidade, oferece uma abordagem potente para a construção de práticas clínicas mais éticas, inclusivas e dialógicas.

Oliver Sacks (2007) lembra-nos de que a música é uma necessidade humana fundamental, capaz de ultrapassar as fronteiras da linguagem e da racionalidade. Para o autor, a música pode penetrar em áreas do cérebro que outras formas de comunicação não alcançam, tocando aspectos profundos da identidade e da memória. Ao reconhecer esse potencial, a formação médica pode beneficiar-se da música não apenas como conteúdo estético, mas como ferramenta terapêutica e pedagógica.

Além disso, a musicoterapia favorece o desenvolvimento da escuta ativa e da empatia — qualidades imprescindíveis ao cuidado. Benenson (1988) afirma que o processo terapêutico mediado pelo som permite acessar o “som identidade” de cada indivíduo, promovendo uma comunicação profunda e não verbal com o paciente. Tal perspectiva reforça o papel do terapeuta — e, por extensão, do profissional de saúde — como alguém capaz de reconhecer e acolher a singularidade do outro.

Do ponto de vista neurocientífico, Thaut (2005) destaca que as intervenções musicais produzem efeitos mensuráveis sobre o funcionamento cerebral, influenciando processos como atenção, regulação emocional, coordenação motora e linguagem. A aplicação desses conhecimentos no contexto educacional

médico pode ampliar a compreensão do corpo e da mente em sua totalidade dinâmica, promovendo uma formação mais integrada.

A interdisciplinaridade entre medicina e musicoterapia, entretanto, exige uma mudança paradigmática no modo como concebemos o ensino em saúde. Rud (2001) argumenta que as práticas pedagógicas precisam reconhecer “o saber sensível como legítimo” e construir espaços de aprendizagem em que a arte possa dialogar com a ciência, o sentir com o pensar, e a subjetividade com a objetividade. Isso implica currículos mais abertos, experiências formativas inovadoras e políticas institucionais que valorizem a diversidade de abordagens no ensino superior.

Investir em currículos interdisciplinares, que acolham a complexidade da experiência humana, é fundamental para responder às demandas contemporâneas da saúde e da educação. A música, nesse contexto, deixa de ser apenas uma linguagem artística para tornar-se uma ponte entre mundos: entre o biológico e o simbólico, o técnico e o afetivo, o acadêmico e o sensível.

Assim, a presença da musicoterapia na formação médica não deve ser vista como um adorno curricular, mas como um recurso estruturante, capaz de ampliar horizontes, transformar práticas e formar profissionais mais íntegros e comprometidos com o cuidado em sua plenitude.

REFERÊNCIAS

- AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. **Saúde e sociedade**, v. 13, p. 16-29, 2004.
- BENENZON, Rolando. **Teoria da Musicoterapia**. São Paulo: Summus, 1988.
- BENENZON, Rolando. **Musicoterapia: um modelo para a prática clínica**. São Paulo: Summus, 1991.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Humanização (PHN)**. Brasília: Humaniza SUS, 2004.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE; **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS**. Brasília: Secretaria de Atenção À Saúde, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Parecer CNE/CES n. 116, de 03 de abril de 2014. **Diretrizes Curriculares do Curso de Graduação em Medicina**. Diário Oficial da União, Brasília, 2014.
- BUNT, Leslie; STIGE, Brynjulf. **Music Therapy: An Art Beyond Words**. 2. ed. New York: Routledge, 2014.
- BRUSCIA, Kenneth. **Defining Music Therapy**. Gilsum, NH: Barcelona

Publishers, 2000.

CECCIM, Renata; FEUERWERKER, Liane. Educação em saúde: questões para a formação em saúde coletiva. *In*: PAIM, Jairnilson Silva; ANDRADE, Maria Angélica de (orgs.). **Saúde Coletiva**: história, políticas, práticas. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

CECCIM, Renata; FERLA, Antônio. Educação e saúde: ensino e cidadania como travessia de fronteiras. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 6, n. 3, p. 443–456, 2008.

DA COSTA, Lucas dos Santos *et al.* Musicoterapia sobre o nível de dor, pressão arterial e frequência cardíaca em feridas crônicas. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 97, n. 2, p. e023014-e023014, 2023.

LIN, Shuai-Ting *et al.* Insight from neuroscientific and clinical studies. **Journal of Clinical Psychology**, v. 67, n. 11, p. 1075–1084, 2011.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

PAVLICEVIC, Mercedes. **Music therapy in context**: Music, meaning and relationship. London: Jessica Kingsley Publishers, 1997.

RUD, Ricardo. Arte, educação e sensibilidade: as contribuições da arte na formação docente e no cuidado em saúde. **Revista Brasileira de Educação**, n. 17, p. 35-47, 2001.

SACKS, Oliver. **Alucinações musicais**: relatos sobre a música e o cérebro. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHRAIBER, Lilia. Interdisciplinaridade em Saúde: fundamentos teóricos e conceituais. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 487-495, 1996.

THAUT, Michael H. **Rhythm, music, and the brain**: Scientific Foundations and Clinical Applications. New York: Routledge, 2005.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Framework for action on interprofessional education and collaborative practice**. Geneva: WHO, 2010. Disponível em: <www.who.int/publications/i/item/framework-for-action-on-interprofessional-education-collaborative-practice>. Acesso em: 23 jul. 2025.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ANEXOS

Anexo A – Grade curricular do curso de Pós-Graduação em Musicoterapia da EMESCAM

GRADE DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSICOTERAPIA

Com ênfase em Reabilitação Clínica e Hospitalar da EMESCAM

- Música em Musicoterapia
- Fundamentos da Musicoterapia
- Metodologia da Pesquisa com Ênfase no Artigo Científico
- Ética
- Neurociências e Música
- Neurofisiologia e Neuroanatomia
- Aplicação da Musicoterapia e Neuroreabilitação
- Ciclos do Desenvolvimento Humano
- Estágios Supervisionados
- Musicoterapia Clínica e Hospitalar 1: Organização Hospitalar
- Musicoterapia Clínica e Hospitalar 2: Reabilitação em UTI Neonatal
- Musicoterapia Clínica e Hospitalar 3: Psicopatologia
- Musicoterapia Clínica e Hospitalar 4: Estado de Coma
- Musicoterapia Clínica e Hospitalar 5: Oncologia
- Musicoterapia Clínica e Hospitalar 6: Reabilitação Neurológica
- Musicoterapia Clínica e Hospitalar 7: Ambulatórios

BENEFÍCIOS DA MUSICOTERAPIA NO PERÍODO GESTACIONAL: REDUÇÃO DO ESTRESSE PSICOLÓGICO

Aline Marconcini Oliveira¹

Brenda Louzada Sant'Ana²

Gedson dos Santos Lima³

Paulo Soares Santos Paraguassú⁴

RESUMO

A gestação representa uma fase de intensas transformações fisiológicas, emocionais e hormonais na vida da mulher. Evidências científicas demonstram que altos níveis de estresse durante esse período estão relacionados ao aumento de biomarcadores, como o cortisol, o que repercute negativamente no vínculo mãe-bebê, na duração da gravidez e no desenvolvimento neurocomportamental do feto. Diante desse cenário, cresce o interesse por estratégias terapêuticas não invasivas e seguras, como a musicoterapia, reconhecida como uma prática integrativa e complementar em saúde. Embasada em fundamentos neurocientíficos, a musicoterapia atua na regulação emocional, na modulação de parâmetros fisiológicos e na promoção do bem-estar da gestante. A partir de uma revisão de literatura, este trabalho analisa os benefícios da musicoterapia na redução do estresse psicológico gestacional e no favorecimento do desenvolvimento fetal. Os estudos analisados indicam efeitos positivos da intervenção musical, como a redução dos níveis de ansiedade, a melhora dos parâmetros vitais, o alívio da dor e o fortalecimento da comunicação intrauterina. Assim, destaca-se o potencial da musicoterapia como recurso terapêutico eficaz no cuidado obstétrico, com impacto direto na qualidade de vida da gestante e no desenvolvimento saudável do bebê.

1 Bacharel em Administração pela FACCACI - Pós-graduanda em Musicoterapia pela EMESCAM/ES

2 Licenciada em Música pela UFES - Pós-graduanda em Musicoterapia pela EMESCAM/ES.

3 Bacharel em Administração pela MULTIVIX - Pós-graduando em Musicoterapia pela EMESCAM/ES

4 Doutorando em Educação na linha de Educação Especial e Processos Inclusivos no PPGE-Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Musicoterapeuta pela CENSUPEG. Licenciatura em Música pela FAMES.

Palavras-chave: Musicoterapia; Saúde Emocional; Gestação; Estresse-psicológico; Desenvolvimento fetal.

INTRODUÇÃO

O período gestacional é um momento marcado por inúmeras transformações fisiológicas e psicológicas na vida de uma mulher. O desequilíbrio no estado de homeostase da gestante pode gerar efeitos significativos no ambiente intrauterino, interferindo em processos neurológicos, imunológicos e hormonais do feto. Sendo assim, o estado emocional durante a gestação exerce influência direta sobre o corpo da mulher, provocando alterações na voz, na frequência cardíaca, na respiração e no equilíbrio hormonal. Essas mudanças permitem que o bebê perceba as emoções da mãe tanto pelo som (por meio das variações vocais) quanto por processos bioquímicos transmitidos pelo organismo materno (Nocker-Ribaupierre, 2011). Diante disso, estudos apontam que os níveis elevados de estresse durante a gravidez estão associados ao aumento da produção de cortisol e de outros biomarcadores, afetando negativamente o vínculo materno-fetal, a duração da gestação e o desenvolvimento neurocomportamental do bebê.

Frente a essa realidade, há um interesse crescente por estratégias terapêuticas que promovam o bem-estar materno de forma segura e não invasiva. Nesse contexto, a musicoterapia, reconhecida como prática integrativa e complementar em saúde, surge como uma intervenção eficaz na redução do estresse e na promoção da regulação emocional durante a gestação. Embasada em fundamentos neurocientíficos e afetivos, a utilização terapêutica da música tem demonstrado capacidade de modular parâmetros fisiológicos, favorecer o relaxamento e fortalecer o vínculo entre mãe e bebê ainda no ambiente intrauterino. Como destaca Federico (2020, p. 54): “a música tem o poder de estimular as emoções mais profundas que são arquivadas em nossa alma, pegando-as e levando-as para um lugar mais visível, como se estivessem presentes, apesar do tempo em que estavam guardadas”.

À vista disso, a musicoterapia vai além do “fazer musical”; trata-se de uma terapia que se utiliza da música para atuar no físico, no emocional e na área relacional do indivíduo. Segundo Benenzon (1989, p. 11), “a Musicoterapia [...] estuda o complexo som-ser humano-som, para utilizar o movimento, o som e a música, com o objetivo de abrir canais de comunicação no ser humano, para produzir efeitos terapêuticos, psicoprofiláticos e de reabilitação no mesmo e na sociedade”. Durante a gestação, esse processo de comunicação torna-se ainda mais significativo, uma vez que a música pode ser utilizada como meio

de vínculo afetivo entre mãe e bebê. Nesse sentido, Federico (2020, p. 55) complementa que “[...] dentro da musicoterapia, a música não é o fim em si mesma. A música é usada para estabelecer o vínculo afetivo com o bebê por nascer, porque através dela ele é abraçado, acariciado, mantido e nutrido. Sem dúvida, através da música, o bebê passará do útero aos braços sem nunca perder contato e comunicação com sua mãe”.

Desse modo, este trabalho tem como objetivo analisar os benefícios da musicoterapia no período gestacional, com foco na redução do estresse psicológico e no desenvolvimento fetal, discutindo o papel da musicoterapia como recurso promotor de saúde no cuidado obstétrico. A pergunta orientadora desta pesquisa é: Como a musicoterapia pode contribuir para a redução do estresse psicológico promovendo o bem-estar emocional no período gestacional? A relevância do tema está na produção de conhecimento na área, que amplia a compreensão sobre terapias não farmacológicas, oferecendo uma alternativa segura e eficaz no cuidado emocional dos pacientes. A partir de uma revisão de literatura, busca-se evidenciar como o uso profissional da música pode contribuir para um ambiente gestacional mais saudável, tanto do ponto de vista físico quanto emocional.

IMPACTOS DO ESTRESSE MATERNO NA GESTAÇÃO E NO DESENVOLVIMENTO FETAL

Segundo Federico (2020, p. 58), durante a gestação, as mulheres vivenciam intensas alterações hormonais que aumentam significativamente a sensibilidade dos sentidos, tornando-as mais vulneráveis a estímulos externos e internos. O estado emocional também se torna mais instável, oscilando facilmente entre choro, irritabilidade, alegria e euforia. Desse modo, a promoção do bem-estar emocional nesse período desempenha papel fundamental tanto para a saúde da mãe quanto para o desenvolvimento do bebê. Em contrapartida, o estresse excessivo durante a gestação pode gerar malefícios.

Wulff *et al.*, (2020) relatam que o estresse excessivo está associado a altas taxas de TPP (Trabalho de Parto Prematuro) espontâneo e menor peso ao nascer, impactando negativamente o desenvolvimento fetal relacionado ao cognitivo e motor, além do vínculo mãe-bebê.

In general, stress leads — amongst other things — to an increase of cortisol levels that is caused by an activation of the hypothalamus–pituitary–adrenal axis through the limbic system.” [Em geral, o estresse leva — entre outras coisas — a um aumento dos níveis de cortisol que é causado por uma ativação do eixo hipotálamo–hipófise–adrenal através do sistema límbico]. Another biomarker that is used for measuring stress is alpha-amylase that increases due to stimulation of the sympathetic nervous

system as a consequence of stress. [Outro biomarcador que é utilizado para medir o estresse é a alfa-amilase, que aumenta devido à estimulação do sistema nervoso simpático como consequência do estresse] (WULLF *et al.*, 2020, tradução livre dos autores).

Para Glover e Barlow (2014, *apud* Willenswaard *et al.*, 2017), o estresse pode ter efeitos diferentes dependendo do trimestre em que foi vivenciado. O estresse severo no primeiro trimestre da gestação pode estar associado a malformações congênitas. Corroborando essa perspectiva, Grace *et al.*, (2016, *apud* Willenswaard *et al.*, 2017) apontam que o estresse vivido em fases mais avançadas da gravidez pode afetar negativamente o desenvolvimento motor infantil. Além disso, a predisposição para o nascimento, a amamentação e o desenvolvimento posterior do feto estão diretamente relacionados à elaboração psicológica, emocional e espiritual da gravidez (Federico, 2020, p. 16).

De acordo com Wullf *et al.*, (2020), o fortalecimento do vínculo mãe-bebê se estabelece durante a gestação, estendendo-se até o puerpério. Esse vínculo está diretamente relacionado à saúde mental da gestante e ao desenvolvimento do bebê/recém-nascido. Nesse sentido, níveis elevados de estresse e ansiedade durante a gravidez podem comprometer negativamente a qualidade do vínculo materno-fetal, gerando diversos malefícios.

Estados de estresse excessivo e ansiedade no período gestacional estimulam as glândulas adrenais a aumentarem a secreção de glicocorticoides, como o cortisol, como parte da resposta fisiológica ao estressor. Esses hormônios, ao ultrapassarem a barreira placentária, são transmitidos ao feto, podendo interferir diretamente em sua fisiologia e desenvolvimento. Esse mecanismo tem sido amplamente apontado como fator relevante para o surgimento de resultados adversos na gestação, como restrição do crescimento fetal e alterações no desenvolvimento neurocomportamental. Diante disso, a musicoterapia, que se utiliza do uso profissional da música e de seus elementos para a promoção da saúde, pode reduzir o estresse e contribuir para a diminuição da liberação de cortisol, favorecendo um ambiente intrauterino mais saudável e propício ao adequado desenvolvimento fetal (Gonzalez, 2018, p. 3).

A MÚSICA COMO RECURSO TERAPÊUTICO: PRINCÍPIOS, MÉTODOS E EFEITOS NEURO EMOCIONAIS

Segundo Bruscia (2000), a música tem a capacidade de acessar conteúdos emocionais e afetivos de maneira espontânea, sem que haja racionalização por parte do sujeito. Desse modo, torna-se um recurso terapêutico relevante, sobretudo em contextos nos quais os indivíduos não possuem plena consciência de seus estados emocionais, promovendo a mobilização de sentimentos e

memórias sem esforço ou empenho intelectual.

Dialogando com o conceito da World Federation of Music Therapy (2011), a musicoterapia consiste no uso profissional da música e de seus elementos como forma de intervenção aplicada em diversos contextos, incluindo ambientes médicos, educacionais e cotidianos. Essa prática é direcionada a indivíduos, grupos, famílias ou comunidades que buscam a otimização da qualidade de vida, bem como a melhoria da saúde e do bem-estar físico, social, comunicativo, emocional, intelectual e espiritual. A pesquisa, a prática clínica, a educação e o treinamento em musicoterapia são fundamentados em padrões profissionais que consideram os contextos culturais, sociais e políticos em que estão inseridos.

Para Bruscia (2000), a musicoterapia pode ser concebida de diversas formas, incluindo: profissão, conjunto de técnicas e métodos, área paramédica fundamentada cientificamente, técnica, ciência ou disciplina. O profissional qualificado para sua aplicação é o musicoterapeuta, que desenvolve durante a formação acadêmica o estudo da relação entre música e o indivíduo, adquirindo habilidades para avaliar as necessidades específicas de cada paciente, elaborar e implementar programas terapêuticos adequados, além de realizar intervenções direcionadas e conduzir avaliações sistemáticas que assegurem a eficácia do tratamento.

Nesse sentido, a musicoterapia configura-se como uma prática da medicina complementar, de natureza não farmacológica e baixo custo, sendo reconhecida como uma intervenção em saúde pública com abordagem terapêutica não invasiva. Nas sessões musicoterápicas, uma série de mecanismos fisiológicos podem ser ativados. De acordo com Betegón *et al.*, (2017 *apud* Mesquisa Neto *et al.*, 2018), a serotonina natural é um dos principais neurotransmissores relacionados à musicoterapia, promovendo um estado de relaxamento. Em contrapartida, a acetilcolina tem efeito na redução da frequência cardíaca, pressão arterial e aumento do fluxo sanguíneo.

The British Association of Music Therapy (2020) relata que a música desempenha papel importante na vida cotidiana do ser humano, podendo ser emocionante, relaxante, alegre, ou comovente, despertando memórias, dialogando com os sentimentos e ajudando na expressão e comunicação consigo mesmo e com o mundo ao redor. Desse modo, a musicoterapia utiliza os componentes musicais — como ritmo, melodia, harmonia, intensidade e tonalidade — para fornecer um meio de relacionamento dentro da terapia. Assim, utiliza-se uma ampla gama de instrumentos musicais acessíveis, além da voz, criando-se uma linguagem musical que reflita a condição emocional e física do paciente.

Seguindo essa ideia, Oliveira *et al.*, (2022) relata que o tratamento por meio da musicoterapia, para ser eficaz, deve ser conduzido de maneira individualizada, com uma avaliação prévia específica para cada paciente. No entanto, a técnica

pode ser aplicada com sons específicos de forma passiva ou ativa, com interação entre o terapeuta e o indivíduo de forma individual ou em grupo.

À vista disso, Freire (2019) reforça que as principais abordagens na musicoterapia enquanto técnica a ser utilizada nos tratamentos são: a improvisação, a audição, a composição e a recriação. Barcellos (2015) detalha que essas técnicas podem ser utilizadas de forma passiva (quando o terapeuta apresenta músicas ao paciente), de forma ativa (envolvendo a participação direta do paciente no processo) ou, ainda, de forma interativa (envolvendo a participação de todos os pacientes).

A musicoterapia apresenta embasamento neurocientífico, sendo respaldada por estudos que demonstram a capacidade da música de alterar as atividades neurais, inibir as vias nociceptivas, diminuir a sensação dolorosa e reduzir o estresse em pacientes submetidos às músicas de estilo clássico (Stefano, 2004). Estudos relacionados à tonalidade e à melodia apontam que a música aciona uma maior ativação do hemisfério cerebral direito, enquanto o timbre sugere estar relacionado ao giro temporal superior. As áreas responsáveis pelo processamento da tonalidade envolvem também a ínsula. Além disso, o processamento emocional da música está conectado ao sistema límbico, de maneira que a ínsula também apresenta papel importante na integração das dimensões cognitivas e emocionais da música, sendo caracterizada como uma área multimodal integrando a percepção, a cognição e a emoção (Warren, 2008).

Corroborando essa visão, Lorencetto *et al.*, (2021) ressaltam que sonoridades agradáveis promovem autorregulação emocional, aumentando a dopamina e diminuindo o cortisol, o que resulta em maior produção de endorfina. Esse processo está associado ao aumento da modulação cardíaca parassimpática, contribuindo para a redução dos níveis de estresse e ansiedade, além de melhorar a frequência cardíaca e respiratória, favorecendo o estado de relaxamento em gestantes. Federico (2020, p. 8), em análise, contribuiu com esta afirmação ao relatar que:

participar de sessões de musicoterapia ajuda a aliviar o medo do parto e a dor porque ensina as mães a se conectarem aos seus corpos, a relaxar e a experimentar um bem-estar geral acompanhadas pela música. Ao criar um vínculo afetivo através do canto, ouvir música, falar e expressar o amor que eles sentem, o potencial humano do feto é aumentado, criando adultos saudáveis e mentalmente equilibrados.

Pesquisas em países de alta renda demonstraram que a prática de canto em grupo pode ser um poderoso modulador emocional, eficaz na redução de sintomas de ansiedade e depressão, inclusive no período perinatal, aumentando o bem-estar, a afiliação social, bem como a melhora do estado de humor geral dos participantes (Sanfilippo *et al.*, 2023, p. 2).

BENEFÍCIOS DA MUSICOTERAPIA: ESTÍMULOS SONOROS E COMUNICAÇÃO INTRAUTERINA

Benenzon (1989, p. 13), em seu livro *Teoria da Musicoterapia*, relata que o ser humano está imerso em um ambiente sonoro e vibracional constante desde o início da vida intrauterina, pois, ainda no útero materno, o feto é exposto a uma variedade de sons que compõem o universo acústico do corpo da mãe, como os batimentos cardíacos, a respiração, o fluxo sanguíneo, os sons intestinais, bem como os sons do ambiente externo que atravessam o líquido amniótico. Para o autor, “[...] esses fenômenos acústicos, sonoros, vibratórios e de movimento surgem desde o preciso momento em que o óvulo se une ao espermatozoide para formar o princípio de um novo ser”. Essas experiências sonoro-vibratórias são fundamentais para a constituição da ISO⁵ do indivíduo. Assim, “[...] todas as experiências vinculadas durante a gestação serão complementadas por vivências sonoras vibratórias e de movimentos que constituem os principais meios de estímulo e comunicação nessa etapa do desenvolvimento”.

Para Federico (2020), o bebê recebe informações da mãe por meio de três vias principais: sensorial, auditiva e hormonal. A via sensorial está relacionada à percepção corporal das vibrações sonoras, especialmente dos sons graves que são sentidos de forma mais intensa através do corpo. A via auditiva permite a captação de sons agudos, que atravessam a parede abdominal com maior facilidade, estimulando a cadeia ossicular do ouvido fetal e enviando sinais ao cérebro do bebê. Já a via hormonal atua como uma forma de fixação emocional, transmitindo ao bebê a sensação interna que a mãe experimenta ao escutar determinada música. Desse modo, quando a música gera prazer e bem-estar na mãe, essas emoções também são comunicadas ao bebê pelas três vias simultaneamente. Com a repetição dessa experiência, o bebê tende a associar positivamente a música, reconhecendo-a como algo familiar e prazeroso após nascido. De tal modo, “[...] se a música que a mãe escuta causa prazer, se tranquiliza e acalma e ela disfruta, seu bebê receberá aquela sensação agradável que lhe é transmitida, independentemente do tipo de música, seja clássico, rock, tango ou qualquer outro” (Federico, 2020, p. 65-80).

Sendo assim, o estímulo musical durante a gestação pode ativar o sistema nervoso central do feto, resultando em elevações na frequência cardíaca fetal. O aumento dessa atividade favorece a circulação, intensificando a troca de fluidos entre o feto e a placenta, que recebe uma quantidade significativa de sangue

5 Identidade Sonoro-Musical (ISO): conceito criado por Benenzon. Representa um sistema dinâmico de sons internos e externos, conscientes e inconscientes, que compõem a identidade sonora de cada ser humano. Essa identidade começa a se formar ainda na gestação, a partir do contato com os ritmos corporais da mãe e os sons do meio em que ela vive, e continua a se desenvolver ao longo da vida.

oxigenado. Para que esse processo ocorra de forma eficiente, é imprescindível que a gestante esteja em um estado de relaxamento que favoreça as respostas fisiológicas desejadas (García González *et al.*, 2017).

A partir do segundo trimestre de gestação, o bebê já é capaz de perceber estímulos sonoros, uma vez que, do ponto de vista anatômico, o sistema auditivo é funcional e está pronto para captar uma variedade significativa de sons. Diante disso, no ambiente intrauterino, esses sons chegam ao feto de forma distinta da que percebemos fora do útero, pois são filtrados pelo líquido amniótico e pela parede abdominal da mãe, que atuam como excelentes condutores de vibrações. Isso permite que o bebê escute sons internos do corpo materno, como os do sistema digestivo, a circulação pelo cordão umbilical e outras atividades orgânicas, que podem atingir níveis de intensidade entre 70 e 84 decibéis. Os sons com frequência inferior a 1000 Hz tendem a ser encobertos pelos ruídos internos da mãe e são percebidos mais como vibrações corporais. Já as frequências mais altas atravessam melhor as barreiras uterinas e são mais facilmente percebidas pelo bebê, o que favorece a transmissão musical. Nesses casos, a vibração gerada pelos sons mais agudos estimula a cadeia de ossículos do ouvido fetal, permitindo a audição e contribuindo para o desenvolvimento neurológico do bebê (Federico, 2020, p. 72-77).

Além de promover a redução do estresse, a musicoterapia pode contribuir para a analgesia não farmacológica, auxiliando no alívio da dor no período gestacional. Conforme apontado por Suarez-Easton *et al.*, (2023, *apud* Silva, Vasconcelos; Oliveira, 2024), a teoria da audição ressalta que a ativação de determinadas áreas de um centro nervoso no córtex cerebral pode inibir a atividade de regiões vizinhas. Considerando que os centros auditivos e os centros relacionados à dor estão localizados no lobo temporal, a estimulação auditiva na gestante por meio da música pode atenuar a percepção da dor ao reduzir a atividade desses centros neurais associados à dor. Além disso, o estímulo musical induz a liberação de endorfina na gestante, um neuropeptídeo produzido naturalmente pela hipófise, substâncias responsáveis por efeitos analgésicos (Silva; Vasconcelos; Oliveira, 2024, p. 8).

APLICAÇÕES E RESULTADOS DA MUSICOTERAPIA NO CUIDADO OBSTÉTRICO

Um estudo randomizado realizado pela Clínica de Ginecologia e Obstetrícia do Hospital Universitário de Düsseldorf, na Alemanha, entre novembro de 2017 e janeiro de 2019, incluiu 172 gestantes entre 18 e 42 anos, que se encontravam entre a 24^a e a 35^a semanas de gestação no momento do recrutamento, sem comorbidades graves ou riscos gestacionais relevantes. As

participantes voluntárias foram distribuídas aleatoriamente em três grupos experimentais: canto, escuta musical e controle. As intervenções consistiram em sessões de musicoterapia, nas quais foram coletadas amostras de saliva das gestantes antes e após as sessões, para análise dos níveis de cortisol e ocitocina, além da aplicação de escalas psicométricas para avaliar o vínculo materno-fetal. Os resultados indicaram efeitos positivos imediatos das sessões de musicoterapia sobre marcadores fisiológicos de estresse e bem-estar, com redução dos níveis de cortisol e aumento da ocitocina. Também foram observadas melhorias no estado emocional das gestantes, com maior sensação de controle, menor excitação e maior relaxamento. No entanto, os dados sugerem que o canto apresenta um impacto mais significativo na redução do estresse, especialmente em relação à resposta do cortisol, do que simplesmente ouvir música.

Em outro estudo randomizado e controlado, com 409 gestantes que recebiam cuidados pré-natais, observou-se que a estimulação musical durante a gravidez produziu alterações significativas na frequência cardíaca fetal, sugerindo uma relação direta entre o estado emocional das mães, induzido pela música, e respostas fisiológicas intrauterinas. Além disso, foram identificadas melhorias nos sinais vitais das gestantes, reforçando o potencial da música como intervenção benéfica tanto para a mãe quanto para o feto (García González *et al.*, 2017).

Peng *et al.*, (2024) realizaram uma revisão bibliográfica acerca das complicações no pós-parto relacionadas à gravidez em pacientes com transtorno de estresse pós-traumático e os efeitos benéficos da intervenção com psicoterapia e musicoterapia para essas mulheres. Os resultados indicaram efeitos positivos das intervenções com destaque para a terapia cognitivo-comportamental (TCC), que traz benefícios especialmente para as gestantes de alto risco. Todavia, os autores ponderam que mais são necessários mais estudos para confirmar os efeitos de diferentes intervenções, em mulheres com diferentes complicações na gravidez, contribuindo para maximizar os efeitos, a aceitação e a viabilidade das intervenções.

Marquesini *et al.*, (2023), em sua pesquisa sobre o uso da música como ferramenta para melhoria da saúde na maternidade em gestantes e puérperas, utilizaram como método a aplicação de entrevistas semiestruturadas com sete gestantes e oito puérperas internadas em um hospital público de Santa Catarina. Como resultado, os autores descreveram que a música na maternidade diminui o estresse e a tristeza, proporciona distração, alegria, animação, resgate de lembranças, momentos especiais, gratidão e tranquilidade, tanto para as mães quanto para os bebês. Pode-se inferir, portanto, que a música tem a capacidade de promover a saúde e que deveria ser utilizada em todas as maternidades do Brasil. Cabe ressaltar, também, que os autores frisaram que a música está

inserida nas Práticas Integrativas e Complementares (PICs) preconizadas pelo SUS, e, devido à sua importância, sugeriram a continuidade de estudos sobre o uso da música e de outras PICs no cuidado integral a gestantes, puérperas, seus bebês e acompanhantes durante o período de permanência nas maternidades.

Silva *et al.*, (2023) investigaram, por meio de revisão de literatura, a promoção na saúde de mulheres na fase pós-natal proporcionada pelo uso da música durante a gravidez. Dentre a gama de resultados positivos observados, a redução da ansiedade foi o mais citado dentre os artigos revisados. Também foram evidenciados benefícios à saúde da gestante, do feto e do bebê recém-nascido, além de diversos aspectos físicos, sociais e psicológicos do uso da música na gravidez como: diminuição da dor durante o trabalho de parto; diminuição de sintomas de depressão no pós-parto; benefícios potenciais de fortalecimento do vínculo mãe-bebê e manutenção de parâmetros vitais do feto. Para os autores, os dados demonstram que a música, sendo uma técnica não medicamentosa, segura, barata, com ganhos visíveis e provados cientificamente, deveria ser mais utilizada durante os atendimentos às gestantes em geral.

Pereira *et al.*, (2021) avaliaram o efeito da musicoterapia sobre os parâmetros vitais, a ansiedade e as sensações vivenciadas durante a gestação. A amostra foi composta por 30 gestantes inseridas em um estudo denominado “intervenção mista antes e depois”, no qual foi utilizado formulários de caracterização sociodemográfica, escalas de ansiedade-estado, parâmetros vitais e roteiro de entrevista semiestruturado. Os dados obtidos foram analisados por estatística descritiva, inferencial e análise temática de conteúdo, que evidenciaram os seguintes resultados: redução do grau da ansiedade; repercussão na mobilidade da criança; melhora da pulsação; da respiração; da frequência cardíaca e da saturação de oxigênio. Dessa forma, concluiu-se que o estudo reitera a importância da utilização da musicoterapia para as gestantes, devido aos inúmeros benefícios proporcionados.

Shimada *et al.*, (2023) realizaram uma revisão de literatura, delimitada a artigos publicados entre janeiro de 2009 e junho de 2019, com o intuito de compilar pesquisas sobre os benefícios das intervenções musicoterapêuticas em gestantes no pré-natal, parto e pós-parto. Em conformidade com outros estudos já citados neste trabalho, os artigos encontrados pelos autores obtiveram como resultados: relaxamento; diminuição dos níveis de ansiedade, estresse psicossocial e depressão; redução da dor; aumento do vínculo materno; melhora da qualidade do sono; controle da frequência cardíaca fetal e da pressão arterial materna; além da diminuição da necessidade de ingestão de medicamentos no pós-operatório. Assim, os autores concluíram que a musicoterapia aplicada nos períodos de pré-natal, parto e pós-parto promove incontáveis benefícios para a saúde física e mental da gestante e do recém-nascido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A musicoterapia tem se consolidado como uma prática terapêutica crescente no âmbito da saúde, especialmente por suas características de intervenção não invasiva, baixo custo e efeitos não farmacológicos. Nesse sentido, a análise dos estudos apresentados neste trabalho buscou reforçar a relevância da musicoterapia como estratégia complementar no cuidado obstétrico, especialmente em relação à saúde mental da gestante e ao favorecimento do desenvolvimento fetal.

A partir da comparação entre diferentes investigações, foi possível observar uma série de benefícios consistentes relacionados à redução da ansiedade, do estresse e da dor, bem como ao fortalecimento do vínculo mãe-bebê e à melhora de parâmetros fisiológicos em gestantes, por meio de intervenções baseadas na música. No entanto, ainda há uma lacuna de pesquisas que utilizem dados objetivos e mensuráveis, como biomarcadores de estresse (a exemplo do cortisol e da alfa-amilase), para avaliar de forma mais precisa os efeitos da musicoterapia nesse contexto. Embora alguns estudos incluam essas medições, o número ainda é reduzido, e a padronização metodológica permanece um desafio, evidenciando a necessidade de novas investigações.

Portanto, este trabalho busca fomentar os estudos na área e aprofundar o conhecimento sobre a musicoterapia como intervenção terapêutica para gestantes. Além disso, incentivar a pesquisa e bases que recomendem a inclusão musicoterápica nas práticas clínicas voltadas ao cuidado emocional de gestantes, promovendo qualidade de vida e prevenindo complicações relacionadas ao estresse excessivo.

REFERÊNCIAS

- ANFILIPPO, Katie Rose M. *et al.* Community psychosocial music intervention (CHIME) to reduce antenatal common mental disorder symptoms in The Gambia: a feasibility trial. **BMJ Open**, [S. l.], v. 13, n. 7, p. e070304, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2022-070304>. Disponível em: <bmjopen.bmj.com/content/13/7/e070304>. Acesso em: 7 jul. 2025.
- BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. Musicoterapia em medicina: uma tecnologia leve na promoção da saúde – a dança nas poltronas. **Revista Música Hódie**, Goiânia, v.15 - n.2, 2015, p.33-34.
- BENEZON, Rolando O. **Teoria da musicoterapia**: contribuição ao contexto do conhecimento não-verbal. 3. ed. São Paulo: Summus, 1989.
- BRUSCIA, Kenneth. **Definindo Musicoterapia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

FERREIRA, L. S.; Souza, I. P.; Gonçalves, G. S.; Passalacqua, I. M.; Ferrandez, I. A.; Ferreira, F. C. S.; Pereira, M. M. Efeitos da musicoterapia no trabalho de parto, p. 71-99. In: **Anais do IX Congresso Médico Universitário São Camilo**. São Paulo: Blucher, 2021. ISSN 2357-7282, DOI 10.5151/comusc2021-06. Disponível em: < www.proceedings.blucher.com.br/article-details/efeitos-da-musicoterapia-no-trabalho-de-parto-37184.> Acesso em: 7 jul. 2025.

FREIRE, Marina Horta. **Estudos de musicoterapia improvisacional musicocentrada e desenvolvimento musical de crianças com autismo**. 2019. 166 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Música, Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

GARCIA-GONZALEZ, Jessica *et al.* State-trait anxiety levels during pregnancy and foetal parameters following intervention with music therapy. **Journal of Affective Disorders**, v. 232, p. 17-22, 2018. Disponível em: <doi.org/10.1016/j.jad.2018.02.008>. Acesso em: 07 jul. 2025.

GONZÁLEZ, J. García *et al.* Effects of prenatal music stimulation on fetal cardiac state, newborn anthropometric measurements and vital signs of pregnant women: A randomized controlled trial. **Complementary therapies in clinical practice**, v. 27, p. 61-67, 2017. Disponível em: <doi.org/10.1016/j.ctcp.2017.03.004>. Acesso em: 07 jul. 2025.

LORENCETTO, Stefani Bernardino *et al.* Música e parto: uma terapia para o alívio da dor. **Revista Recien-Revista Científica de Enfermagem**, v. 11, n. 34, p. 277-286, 2021. Disponível em: < www.recien.com.br/index.php/Recien/article/view/413>. Acesso em: 07 jul. 2025.

MARQUESINI, Tainá de Miranda *et al.* Promovendo saúde por meio da música na maternidade: percepções de gestantes e puérperas. **Revista Enfermagem. UERJ (Online)**, p. e72172-e72172, 2023. Disponível em: < www.epublicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/72172>. Acesso em 2 de julho de 2025.

NETO, Edmar Mesquisa *et al.* A Musicoterapia e a Música na Medicina como terapia adjuvante no âmbito da Obstetrícia: Uma Revisão Bibliográfica. **ID on line. Revista de psicologia**, v. 12, n. 40, p. 1139-1165, 2018. Disponível em: <idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1182>. Acesso em: 29 jul. 2025.

NOCKER-RIBAUPIERRE, Monika. The Mother's Voice in Early Childhood: Implications for Music Therapy. **British Journal of Music Therapy**, v.25, n.2, p. 6-18, 2011. Disponível em: <www.researchgate.net/publication/316551818_The_Mothers_Voice_in_Early_Childhood_Implications_for_Music_Therapy>. Acesso em: 07 jul. 2025.

OLIVEIRA, Karlas Dias de; ARAÚJO, Gustavo Andrade de. Música na gestação: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, v. 20, n. 1, p. 30-46, 2018.

OLIVEIRA, G. *et al.* **Música e autismo**: ideias em contraponto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022.

PENG, Zhuo ; LIU, Jin; LIU, Bangshan. *et al.* Psychological interventions to pregnancy-related complications in patients with post-traumatic stress disorder: a scoping review. **BMC Psychiatry**, v. 24, 2024.

PEREIRA, Ana Carolina Almeida *et al.* Efeito da musicoterapia sobre os parâmetros vitais, ansiedade e sensações vivenciadas no período gestacional. **Revista Baiana De Enfermagem**, v. 35, 2021.

SHIMADA, Bruna Mayumi Omori *et al.* Intervenções em gestantes na área da musicoterapia: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia** v. 43, n. 5, p. 403–413, 2021.

SILVA, Ana; PEREIRA, Isabel; FRIAS, Ana. Ganhos em saúde com o uso da música durante a gravidez: uma revisão integrativa da literatura. *In*: FRIAS, Ana Maria Aguiar. (Org.). **Enfermagem materna e obstétrica**: cuidar na gravidez. Editora Científica Digital, 2023. cap. 5, p. 57-73.

SILVA, Loranny Santana; VASCONCELOS, Tawany Tavares Santos; OLIVEIRA, Halley Ferraro. Musicoterapia durante o parto: Auxiliando no alívio da dor, uma revisão sistemática. **Research, Society and Development**, v. 13, n. 5, p. e5113545765-e5113545765, 2024. Disponível em: <rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/45765.> Acesso em: 7 jul. 2025.

STEFANO, George B. *et al.* Music alters constitutively expressed opiate and cytokine processes in listeners. **Med Sci Monit**, v. 10, n. 6, p. 27, 2004.

THE BRITISH ASSOCIATION OF MUSIC THERAPY (BAMT) (Reino Unido). **Music & the therapeutic relationship**. 2020. Disponível em: <www.bamt.org/music-therapy>. Acesso em: 10 jun. 2025.

WARREN, Jason. How does the brain process music? **Clinical Medicine**, v. 8, n. 1, p. 32-36, 2008.

WILLENSWAARD, Kyrsten Corbijn van *et al.* Music interventions to reduce stress and anxiety in pregnancy: a systematic review and meta-analysis. **BMC Psychiatry**, v. 17, n. 1, p. 271, 2017. Disponível em: <doi.org/10.1186/s12888-017-1432-x>. Acesso em: 30 jun. 2025.

WORLD FEDERATION OF MUSIC THERAPY (Estados Unidos). **Announcing WFMT's NEW Definition of Music Therapy**. 2011. Disponível em: <www.wfmt.info/post/announcing-wfmnts-new-definition-of-music-therapy>. Acesso em: 10 jun. 2025.

WULFF, Verena *et al.* The effects of a music and singing intervention during pregnancy on maternal well-being and mother–infant bonding: a randomised, controlled study. **Archives of gynecology and obstetrics**, v. 303, n. 1, p. 69-83, 2021. Disponível em: <doi.org/10.1007/s00404-020-05727-8>. Acesso em: 30 jun. 2025.

A MUSICOTERAPIA COMO INTERVENÇÃO POTENCIALIZADORA PARA QUALIDADE DE VIDA EM GRÁVIDAS COM DEPRESSÃO E ANSIEDADE

Julia de Aguiar Domingues Dias¹

Liana Meirelles Paes²

Maíni Faria Moreno³

Giovana Machado Souza⁴

RESUMO

Este artigo teve como objetivo analisar, por meio de uma revisão sistemática da literatura, os efeitos da musicoterapia na qualidade de vida de gestantes com sintomas de depressão e ansiedade. A partir da estratégia PCC e de buscas em bases como BVS e PubMed, foram selecionados estudos publicados entre 2008 e 2025 que abordavam intervenções musicoterapêuticas no contexto gestacional. Os resultados indicaram que a escuta musical regular está associada à redução do estresse psicossocial, da ansiedade e de sintomas depressivos, promovendo relaxamento, bem-estar subjetivo e, em alguns casos, fortalecimento do vínculo materno-fetal. A música atua como mediadora emocional, modulando a resposta fisiológica ao estresse por meio da redução do cortisol e da estimulação de neurotransmissores como dopamina e serotonina. Entretanto, a maioria das intervenções analisadas limitou-se à escuta passiva, e os estudos apresentaram limitações metodológicas, como curta duração, ausência de padronização das medidas e escassa análise do contexto psicossocial das gestantes. Conclui-se que a musicoterapia é uma intervenção segura e promissora no cuidado pré-natal, devendo ser incorporada de forma mais ativa e estruturada nos protocolos de atenção à saúde mental materna. Estudos futuros devem explorar abordagens participativas e realizar

1 Licenciada em Música pela UFES - Pós-graduanda em Musicoterapia pela EMESCAM/ES

2 Bacharel em Violoncelo pela UFRJ - Pós-graduanda em Musicoterapia pela EMESCAM/ES.

3 Licenciada em música pela UNIMES - Pós-graduanda em Musicoterapia pela EMESCAM/ES.

4 Doutora em Ciências Fisiológicas e Professora Titular do curso de graduação em Fisioterapia e Medicina da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória – EMESCAM.

seguimento longitudinal para melhor elucidação de seus efeitos.

Palavras-chave: Musicoterapia; Gestação; Saúde Mental; Ansiedade; Depressão; Qualidade de Vida.

INTRODUÇÃO

A gestação é um período de intensas transformações físicas, emocionais e sociais, exigindo das mulheres uma complexa adaptação biopsicossocial. As alterações hormonais, aliadas às expectativas e inseguranças relacionadas à maternidade, frequentemente desencadeiam quadros de ansiedade e depressão, especialmente nos primeiros e últimos trimestres da gravidez. Esses transtornos psíquicos, quando não diagnosticados e tratados adequadamente, podem comprometer a saúde da gestante, o desenvolvimento fetal e os desfechos obstétricos (SALAFAS *et al.*, 2020).

De acordo com García González *et al.*, (2017) a saúde mental materna, portanto, configura-se como um componente essencial do cuidado pré-natal. Estratégias terapêuticas que promovam o bem-estar psicológico das gestantes são fundamentais para assegurar uma gravidez saudável e uma transição positiva para a maternidade. Dentre as abordagens não farmacológicas atualmente estudadas, destaca-se a musicoterapia, uma prática baseada no uso sistemático da música para fins terapêuticos, com efeitos comprovados na regulação emocional, redução do estresse e fortalecimento do vínculo materno-fetal.

A musicoterapia vem ganhando notoriedade como uma alternativa acessível, segura e não invasiva no contexto obstétrico. Diferentes estudos apontam que a escuta musical regular pode modular os níveis de cortisol, estimular a liberação de neurotransmissores como dopamina e serotonina, e proporcionar relaxamento e bem-estar subjetivo. Tais efeitos são particularmente relevantes no tratamento da depressão e da ansiedade gestacional, considerando os riscos do uso de psicofármacos nesse período (PERKOVIC *et al.*, 2021). FEDERICO e WHITWELL (2001, p. 299) afirmam que:

A musicoterapia está, portanto, começando a emergir como mais uma disciplina que oferece assistência a gestantes. Em geral, constatamos que o tratamento musicoterapêutico durante a gravidez orienta os futuros pais, e as mães em particular, a se conectarem e criarem vínculos com seus bebês de uma maneira diferente. Esse vínculo é consciente e fortalecido pelo uso do efeito da música aliado a atividades terapêuticas em um contexto de grupo. Esse tipo de tratamento melhora a qualidade da gravidez, do parto e do nascimento, pois reduz o nível de ansiedade da mãe, bem como o estresse neonatal. Também alivia a dor durante as contrações do parto e o parto.

Segundo, Perkovic *et al.*, (2021), dados epidemiológicos reforçam a

magnitude do problema: estima-se que até 66% das gestantes apresentem sintomas psicológicos ao longo da gravidez, e que aproximadamente 10% desenvolvam quadros clínicos de depressão. A ansiedade, por sua vez, tende a aumentar com o avanço da gestação, atingindo picos no terceiro trimestre. Transtornos mentais não tratados podem contribuir para complicações como parto prematuro, baixo peso ao nascer e dificuldades no estabelecimento do vínculo pós-natal.

Diante desse cenário, torna-se urgente investigar e implementar intervenções integrativas que acolham as necessidades emocionais das gestantes, sem causar efeitos adversos. A musicoterapia apresenta-se como uma proposta promissora nesse contexto, com suporte teórico e empírico crescente. Ensaios clínicos e revisões sistemáticas têm demonstrado seu potencial para reduzir sintomas de ansiedade, melhorar a qualidade do sono, estimular emoções positivas e reforçar o vínculo materno-fetal (SALAFAS *et al.*, 2020).

No entanto, apesar da crescente produção científica, ainda são escassos os estudos que sistematizam as evidências sobre a eficácia da musicoterapia especificamente no manejo de quadros depressivos e ansiosos em gestantes. A diversidade metodológica e a ausência de protocolos padronizados dificultam a consolidação da prática clínica baseada em evidências. Há, portanto, a necessidade de reunir, analisar e discutir criticamente as publicações mais relevantes sobre o tema.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar artigos científicos que fundamentam a prática da musicoterapia no cuidado de gestantes com quadros de depressão e ansiedade, buscando identificar os efeitos da intervenção na qualidade de vida e nos desfechos psicológicos e obstétricos. Pretende-se, assim, contribuir para a discussão sobre a inclusão de práticas integrativas e complementares no cuidado pré-natal.

A partir disso, formula-se a seguinte pergunta de pesquisa: *Como a musicoterapia pode auxiliar na qualidade de vida no cuidado das grávidas com depressão e ansiedade?* A resposta a essa indagação poderá ampliar a compreensão sobre os benefícios da musicoterapia e orientar a formulação de diretrizes clínicas mais sensíveis às necessidades psicoemocionais das mulheres durante a gestação.

MÉTODOS

Trata-se de uma revisão sistemática, desenvolvida com base nas diretrizes propostas pelo Manual do *Joanna Briggs Institute* (JBI) (Peters *et al.*, 2022). Para aprimorar a qualidade e a transparência da pesquisa foi aplicado uma estratégia de busca, que será descrita abaixo.

PERGUNTA DE PESQUISA

Para elaboração de uma pergunta de pesquisa clara utilizou-se para a estratégia PCC, anacrônico para População, Conceito e Contexto (quadro 1).

Quadro 1. Descrição dos elementos utilizados para a elaboração da pergunta de revisão

Anacrônicos	Descrição
População	Grávidas que sofrem de depressão e ansiedade
Conceito	Musicoterapia como intervenção potencializadora na saúde mental
Contexto	Depressão e ansiedade no período gestacional

Dessa maneira, a pergunta desenvolvida para a construção da presente revisão foi: Como a musicoterapia pode auxiliar na qualidade de vida no cuidado das grávidas com depressão e ansiedade?

CRITÉRIOS DE ELEGIBILIDADE

Foram consideradas todas as produções científicas que apresentaram em seu conteúdo abordagens musicoterapêuticas como intervenção potencializadora na saúde mental de gestantes. Incluíram-se artigos publicados a partir de 2008 até abril de 2025, garantindo a inserção de informações atualizadas; nos idiomas inglês, português ou espanhol; e, independente do desenho e qualidade metodológica. Os critérios de exclusão adotados foram resumos publicados em revistas ou anais de evento, e aquelas repetidas nas bases de dados exploradas.

FONTES DE INFORMAÇÃO E ESTRATÉGIA DE BUSCA

A busca dos estudos foi realizada entre os meses de novembro de 2024 a julho de 2025 nas bases eletrônicas da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE/PubMed).

A estratégia de busca empregada na base de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) considerou os seguintes descritores na língua portuguesa, reconhecidos pelos sistemas de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “Musicoterapia” AND “Gravidez” AND “Depressão”; “Musicoterapia” AND “Gravidez” AND “Ansiedade”. Para a busca no MEDLINE/PubMed foram utilizados os descritores na língua inglesa, reconhecidos pelo *Medical Subjects Headings (MeSH)*: “Music therapy” AND “Pregnancy” AND “Depression”; “Music therapy” AND “Pregnancy” AND “Anxiety”. As estratégias de busca utilizadas estão expostas no quadro 1.

Quadro 1 – Estratégia de busca por base de dados

BASES DE DADOS ESTRATÉGIA DE BUSCA	ESTRATÉGIA DE BUSCA
BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE – BVS	“Musicoterapia” AND “Gravidez” AND “Depressão”; “Musicoterapia” AND “Gravidez” AND “Ansiedade”
MEDLINE/PUBMED	“Music therapy” AND “Pregnancy” AND “Depression”; “Music therapy” AND “Pregnancy” AND “Anxiety”

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

SELEÇÃO DOS ESTUDOS

Inicialmente, os estudos identificados foram avaliados por meio da análise dos títulos, descartando as pesquisas duplicadas nas bases de dados, além daquelas que não tinham implicação com os objetivos deste estudo. Em seguida, procedeu-se a leitura dos resumos, excluindo aqueles que não preencheram os critérios de inclusão delimitados nesta pesquisa. Por fim, através da leitura na íntegra, foram selecionados os textos que dialogaram diretamente com os objetivos da pesquisa, culminando na amostra final incluída nesta revisão.

Embora muitos textos dialogassem com a temática gravidez e musicoterapia, foram selecionados apenas aqueles que se relacionavam com a saúde mental, de maneira mais direta com ansiedade e depressão em grávidas. Também havia como enfoque principal o bem-estar e saúde das grávidas, colocando outros benefícios como vínculo maternal e saúde do feto em segundo plano, embora estivessem correlacionados.

A seleção dos estudos foi realizada de forma independente por dois autores, sendo que as possíveis divergências entre estes, sanadas com a participação de um terceiro autor.

EXTRAÇÃO DOS ARTIGOS

Para caracterização dos estudos incluídos, os seguintes dados foram extraídos dos artigos:

1. MUSIC THERAPY AND MENTAL HEALTH IN PREGNANCY

Nome dos autores: Roberta Perkovic, M. Tustonja, K. Devic e B. Kristo

Objetivo: Investigar a relação entre a música, a cura e o comportamento humano, considerando os avanços da neurologia, psicanálise e psiquiatria, que têm despertado crescente interesse científico sobre esse tema.

Ano: 2021

Atores envolvidos (amostra): Fancourt D & Perkins R; Geden EA, Lower M, Beattie S & Beck N; Tabarro CS, De Campos LB, Galli NO, Novo NF & Pereira VM; Simavli S, Kaygusuz I, Gumus I, Usluogullari B, Yildirim M & Kafali H.

Tipo de estudo: Qualitativo

2. THE EFFECTIVENESS OF MUSIC THERAPY IN REDUCING ANXIETY IN THIRD TRIMESTER OF PREGNANCY

Nome dos autores: Orelha de Salafas, Puji Lestari, Moneca Diah Listiyaningsih

Objetivo: O objetivo deste estudo foi determinar o nível de ansiedade de gestantes antes e depois da intervenção e, em seguida, analisar a eficácia da musicoterapia na redução dos níveis de ansiedade.

Ano: 2020

Atores envolvidos (amostra): 30 gestantes no terceiro trimestre de gravidez.

Tipo de estudo: Quase experimento, quantitativo.

3. EFFECTS OF MUSIC THERAPY ON PSYCHOLOGICAL HEALTH OF WOMEN DURING PREGNANCY

Nome dos autores: Mei-Yueh Chang, Chung-Hey Chen e Kuo-Feng Huang

Objetivo: O objetivo deste estudo foi examinar os efeitos da musicoterapia no estresse, ansiedade e depressão em gestantes taiwanesas.

Ano: 2008

Atores envolvidos (amostra): 236 gestantes

Tipo de estudo: Quantitativo

4. EFFECTS OF PRENATAL MUSIC STIMULATION ON STATE/ TRAIT ANXIETY IN FULL-TERM PREGNANCY AND ITS INFLUENCE ON CHILDBIRTH: A RANDOMIZED CONTROLLED TRIAL

Nome dos autores: J. García González, MI Ventura Miranda, M. Requena Mullor, T.

Parron Carreño e R. Alarcón Rodríguez

Objetivo: Este estudo teve como objetivo investigar o efeito da música na ansiedade materna, antes e depois de um teste sem estresse (NST) e o efeito da música no processo de parto.

Ano: 2017

Atores envolvidos (amostra): 409 gestantes no terceiro trimestre de gravidez.

Tipo de estudo: Qualitativo.

5. DEVELOPING MUSIC THERAPY IN MATERNITY CARE IN IRELAND: A QUALITATIVE STUDY

Nome dos autores: Pui Sze Cheung, Triona McCaffrey, Sylvia Murphy Tighe, Timothy Lowther

Objetivo: Explorar o desenvolvimento da musicoterapia nos cuidados de maternidade na Irlanda, buscando compreender as percepções e experiências dos profissionais de saúde e das gestantes sobre o uso da musicoterapia durante a gestação e o parto, identificando **barreiras, oportunidades e estratégias** para sua implementação efetiva no sistema de saúde materno-infantil.

Ano: 2025

Atores envolvidos (amostra): Duas puérperas e quatro profissionais de saúde.

Tipo de estudo: Estudo qualitativo.

6. THE EFFECTS OF MUSIC LISTENING ON PSYCHOSOCIAL STRESS AND MATERNAL-FETAL ATTACHMENT DURING PREGNANCY

Nome dos autores: Chung-Hey Chen, Hsing Chi Chang, Chen Hsiang Yu e Shu-Yueh Chen

Objetivo: Investigar os efeitos da audição de música sobre o estresse psicossocial e o apego materno-fetal durante a gravidez, comparando gestantes que ouviram música diariamente por duas semanas com um grupo controle, a fim de avaliar se a intervenção musical poderia **reduzir o estresse específico da gravidez e fortalecer o vínculo emocional entre mãe e feto**.

Ano: 2015

Atores envolvidos (amostra): 320 gestantes.

Tipo de estudo: Ensaio clínico randomizado.

DISCUSSÃO

Esta revisão teve como objetivo compreender o papel da musicoterapia na promoção do bem-estar emocional de gestantes, com ênfase na redução de estresse, ansiedade e sintomas depressivos, bem como no fortalecimento do vínculo materno-fetal. De modo geral, os estudos incluídos demonstram que a escuta musical, mesmo quando realizada de forma simples e cotidiana, pode proporcionar efeitos benéficos relevantes à saúde mental durante a gravidez.

Salafas *et al.*, (2020) concluíram em seu estudo que a musicoterapia é eficaz na redução da ansiedade em mulheres no terceiro trimestre de gravidez. Seu quase-experimento, teve como número de amostras 30 gestantes no terceiro trimestre de gravidez no Centro de Saúde Pública de Ambarawa. Mediu-se o

nível de ansiedade através de HARS (Escala de Avaliação de Hamilton para Ansiedade) antes e depois do tratamento, que seria composto por uma sessão de musicoterapia de 15 minutos (musicoterapia passiva) com músicas de 60 bits/minuto. Antes das sessões de musicoterapia, 2 gestantes eram classificadas como sem ansiedade, 24 com ansiedade leve e 4 com ansiedade moderada. Como resultado, esse estudo (SALAFAS *et al.*, 2020) concluiu que:

A maioria das gestantes no terceiro trimestre após a musicoterapia apresentou ansiedade leve, 20 respondentes (66,6%), enquanto a menor parte apresentou ansiedade moderada. A pontuação média de ansiedade após a musicoterapia caiu de 9,53 para 4,47, embora ainda estivesse na categoria de ansiedade leve.

Segundo Salafas *et al.*, (2020), as vibrações musicais de 60 batidas/minuto podem aumentar e estimular a liberação de β -endorfina, que é um composto produzido pela hipófise e que pode produzir analgésicos que impedem as células nervosas de liberar sinais de dor. Portanto, para que a mãe se mantenha mais calma e feliz, é necessário a liberação da β -endorfina. Com a diminuição dos hormônios do estresse, consequentemente há diminuição dos níveis de ansiedade.

No estudo qualitativo, com abordagem fenomenológica apresentado por Cheung *et al.*, (2025), onde foram realizadas 6 entrevistas semiestruturadas realizadas com 2 mulheres no pós-parto e 4 profissionais da saúde perinatal (2 parteiras de saúde mental, 1 psiquiatra perinatal e 1 musicoterapeuta) na Irlanda. Buscando investigar as percepções de mulheres e profissionais sobre o desenvolvimento da musicoterapia nos cuidados de maternidade na Irlanda, concluiu-se que:

Os resultados destacam a funcionalidade multifacetada da música, que inclui o fomento de conexões familiares, o alívio da ansiedade, a promoção do relaxamento e o apoio durante o parto. Os participantes, de modo geral, reconheceram a musicoterapia como uma intervenção segura, não farmacológica e terapêutica, capaz de trazer um modelo holístico de cuidado aos serviços de maternidade, frequentemente considerados excessivamente medicalizados na Irlanda (CHEUNG *et al.*, 2025).

Em seu ensaio clínico randomizado, García González *et al.*, (2017) encontraram resultados muito promissores relativos aos benefícios da musicoterapia como alternativa de tratamento para a depressão e ansiedade na gestação. Foi concluído que “a intervenção musical pré-natal pode ser uma ferramenta útil e eficaz para reduzir ansiedade em gestantes a termo durante um NST (Teste sem estresse)” (GARCÍA GONZÁLEZ *et al.*, 2017). O estudo foi realizado com 409 gestantes a termo (3º trimestre), divididas em grupo intervenção (n=204) e grupo controle (n=205). O grupo de intervenção ouviu música relaxante em casa por 14 sessões (40 min cada), bem como durante o

NST e o grupo controle não recebeu intervenção musical. As músicas utilizadas deveriam ter um ritmo lento, num andamento de 60 a 75 batidas por minuto, imitando um coração humano, com um tom baixo a moderado. Foi selecionada uma música relaxante e instrumental de Gabriel Federico: “Jornada pela gravidez”. Como resultados, foram encontrados os seguintes dados: Antes do NST ambos os grupos obtiveram pontuação semelhante (≈ 38). Após o NST, o grupo musical obteve $30,58 \pm 13,2$, enquanto que o grupo controle recebeu pontuação de $43,11 \pm 15,0$. Isso significa uma Redução significativa no grupo que ouviu música ($p < 0,001$). Além disso, notou-se que houve menor uso de medicação e mais partos espontâneos no grupo musical.

O ensaio clínico randomizado realizado por Chang, Chen e Huang (2008), contemplou 236 gestantes taiwanesas (116 no grupo experimental e 120 no controle), e “fornecer evidências preliminares de que a musicoterapia de duas semanas durante a gravidez proporciona benefícios psicológicos quantificáveis” (CHANG *et al.*, 2008). O grupo experimental ouviu 30 minutos diários de música relaxante (canções de ninar, clássica, sons da natureza ou músicas chinesas) durante duas semanas, e apresentou reduções estatisticamente significativas nas escalas: PSS (Escala de Estresse Percebido), média de redução de 2,15 pontos; S-STAI (inventário de Ansiedade Traço-Estado), média de redução de 2,13 pontos; e EPDS (Escala de Depressão Pós-Parto de Edimburgo), média de redução de 1,84 pontos. Já o grupo controle teve redução significativa apenas no estresse percebido, mas de forma menos expressiva.

O estudo realizado por Chen *et al.*, (2015), observou que o estresse durante a gravidez pode estar ligado a diversos fatores, constatando uma redução significativa no estresse psicossocial no grupo experimental comparado ao controle, especialmente naquele relacionado aos cuidados com o bebê e mudanças familiares, bem como ao estresse por assumir o papel materno. Esse ensaio clínico randomizado contou com a participação de 296 gestantes taiwanesas no segundo ou terceiro trimestre, sendo 145 no grupo experimental e 151 no grupo controle. O grupo experimental escutou durante duas semanas, 30 minutos por dia um CD com 5 tipos de música (cristalina, sons da natureza, clássica, canções de ninar e sinfônica).

Observa-se que 10% das gestantes manifestam a depressão, principalmente no primeiro trimestre da gestação (PERKOVIC *et al.*, 2021), portanto o estudo da musicoterapia na nesse momento da vida da mulher tem sido cada vez mais explorado como método não farmacológico capaz de proporcionar bem-estar à gestante e também ao bebê. Segundo Perkovic *et al.*, (2021), com o desenvolvimento da neurologia, psicanálise e psiquiatria, os cientistas também se interessam pelo papel da música na cura e no comportamento humano, e essa conexão está se tornando objeto de pesquisa. Diante disso, podemos destacar os

seguintes benefícios resultantes dos estudos anteriormente citados (extração dos artigos): a redução do estresse psicossocial na gravidez; redução da ansiedade, alívio dos sintomas depressivos.

A gestação é um período de intensas transformações fisiológicas, psicológicas e sociais que podem gerar estresse e ansiedade significativos na mulher. Fatores como a construção da identidade materna, a preparação para o parto e as necessárias adaptações na dinâmica familiar emergem como importantes fontes de tensão. Nesse contexto, a escuta musical diária surge como uma intervenção promissora para a promoção da saúde mental materna.

Evidências científicas demonstram que a música contribui para uma redução significativa do estresse percebido, atuando por meio de mecanismos fisiológicos diretos. A prática regular de ouvir música pode desacelerar o ritmo respiratório e os batimentos cardíacos, além de diminuir os níveis de cortisol, o hormônio do estresse. Adicionalmente, a música fomenta estados afetivos positiva, como tranquilidade, acolhimento e bem-estar geral.

De forma semelhante, a ansiedade, sintoma comum especialmente no primeiro trimestre e na iminência do parto, pode ser amenizada. Estudos associam a escuta de músicas com ritmo constante, em torno de 60 batidas por minuto, a uma notável redução dos sintomas ansiosos e a uma maior capacidade de regulação emocional. Esse efeito relaxante é atribuído à ativação de regiões cerebrais ligadas ao prazer e à emoção, como o sistema límbico, que promove sensações de conforto e segurança.

Além do estresse e da ansiedade, a música também se mostra eficaz no alívio de sintomas depressivos leves a moderados, que podem acometer gestantes em situação de maior vulnerabilidade emocional, familiar ou socioeconômica. Pesquisas indicam que a escuta musical regular melhora o humor e combate sentimentos de tristeza e desânimo, um efeito relacionado à liberação de neurotransmissores como a dopamina e a serotonina, essenciais para a regulação do humor e da motivação.

Apesar dos resultados promissores, é crucial reconhecer as limitações dos estudos existentes sobre o tema. Muitas pesquisas foram conduzidas por períodos curtos, geralmente de duas semanas, o que impede a avaliação de efeitos a longo prazo. Soma-se a isso uma considerável heterogeneidade metodológica, com variações no tipo de música, no tempo de exposição e nos instrumentos de avaliação, o que dificulta a comparação direta entre os resultados. A falta de padronização nas escalas de medida e a escassa consideração de fatores contextuais importantes, como suporte familiar e condições socioeconômicas, também comprometem a generalização dos achados. Por fim, a maioria das intervenções se limitou à escuta passiva, sem explorar os potenciais benefícios de práticas musicais ativas, como a composição ou a execução de um instrumento.

Tais limitações apontam para a necessidade de estudos com delineamentos metodológicos mais robustos e maior padronização das intervenções. Entretanto, apesar da diferença de padrões de medida, também é possível observar ainda assim os benefícios da musicoterapia para o bem-estar da saúde mental de grávidas inseridas em diferentes ambientes e países, bem como expostas a diferentes realidades de vida familiar e cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente revisão sistemática evidenciou que a musicoterapia representa uma intervenção promissora no cuidado à saúde mental de gestantes com sintomas de depressão e ansiedade. De maneira geral, os estudos analisados indicaram que a escuta musical regular pode contribuir significativamente para a redução do estresse psicossocial, o alívio da ansiedade e dos sintomas depressivos, além de favorecer o fortalecimento do vínculo materno-fetal, sobretudo quando aliada a práticas ativas de interação musical.

Em resposta à pergunta de pesquisa: “Como a musicoterapia pode auxiliar na qualidade de vida no cuidado das grávidas com depressão e ansiedade?”. Os achados apontam que a música atua como mediadora emocional, modulando respostas neurofisiológicas e afetivas relevantes para a promoção do bem-estar materno. No entanto, é necessário reconhecer que a maior parte das intervenções analisadas se concentrou na escuta passiva, o que limita a generalização dos resultados e aponta para lacunas metodológicas importantes na literatura.

Diante disso, recomenda-se o desenvolvimento de estudos futuros com maior rigor metodológico, que incluam intervenções musicoterapêuticas ativas, acompanhamento longitudinal e integração com o contexto psicossocial das gestantes. A consolidação de protocolos clínicos baseados em evidências poderá favorecer a inclusão da musicoterapia como prática integrativa no cuidado pré-natal, promovendo saúde mental e qualidade de vida durante a gestação.

REFERÊNCIAS

CHANG, Mei-Yueh; CHEN, Chung-Hey; HUANG, Kuo-Feng. Efeitos da musicoterapia na saúde psicológica de mulheres durante a gravidez: um ensaio clínico randomizado. **Journal of Clinical Nursing**, v. 17, n. 19, p. 2580–2587, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1365-2702.2007.02064.x>. Acesso em: 12 jul. 2025.

CHEN, Chung-Hey; CHANG, Hsing Chi; YU, Chen Hsiang; CHEN, Shu-Yueh. Os efeitos da audição musical no estresse psicossocial e no apego materno-fetal durante a gravidez. **Complementary Therapies in Medicine**, v. 23, n. 4, p. 509–515, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j>.

ctim.2015.05.002. Acesso em: 12 jul. 2025.

CHEUNG, Pui Sze; McCAFFREY, Triona; TIGHE, Sylvia Murphy; LOWTHER, Timothy; MOHAMAD, Mas Mahady. Developing music therapy in maternity care in Ireland: A qualitative study. **Journal of Music Therapy**, [S.l.], v. 62, n. 1, p. 1–28, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/jmt/thae019>. Acesso em: 12 jul. 2025.

FEDERICO, Gabriel F.; WHITWELL, Giselle E. Musicoterapia e gravidez. **Journal of Prenatal & Perinatal Psychology & Health**, v. 15, n. 4, p. 299–311, verão 2001.

GARCÍA GONZÁLEZ, J.; VENTURA MIRANDA, M. I.; REQUENA MULLOR, M.; PARRON CARREÑO, T.; ALARCÓN RODRIGUEZ, R. Efeitos da estimulação musical pré-natal na ansiedade estado/traço na gravidez a termo e sua influência no parto: um ensaio controlado randomizado. **The Journal of Maternal-Fetal & Neonatal Medicine**, v. 30, n. 10, p. 1209–1215, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/14767058.2017.1306511>. Acesso em: 12 jul. 2025.

PERKOVIC, Roberta; TUSTONJA, M.; DEVIC, K.; KRISTO, B. Musicoterapia e saúde mental na gravidez. **Psychiatria Danubina**, Zagreb, v. 33, supl. 4, p. 786–789, 2021.

SALAFAS, E.; ANISA, R.; RUSITA, V. I.; LESTARI, P.; LISTIYANINGSIH, M. D. A eficácia da musicoterapia na redução da ansiedade no terceiro trimestre de gravidez. **CICLO: Revista de Pesquisa em Obstetrícia do Politécnico de Tegal**, v. 9, n. 1, p. 76–84, jan. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.30591/cycle.v9i1.1634.g1080>. Acesso em: 12 jul. 2025.

EFEITOS DO ESTÍMULO AUDITIVO POR MEIO DA MUSICOTERAPIA EM RECÉM-NASCIDOS PREMATUROS INTERNADOS EM UNIDADE DE CUIDADO INTERMEDIÁRIO NEONATAL

Ana Paula Trivilin Passabom¹

Evelyn Presenza Santana Martins²

Gabriela Demoner Guisso³

Paulo Soares Santos Paraguassú⁴

Letícia Guimarães Peyneau⁵

RESUMO

O presente capítulo descreve um estudo de natureza intervencional e analítica, delineado como série de casos, desenvolvido por meio de pesquisa de campo na Maternidade Pró-Matre, localizada no município de Vitória-ES. A investigação articula o contexto da prematuridade com a estimulação sensório-motora, utilizando o estímulo auditivo por meio da musicoterapia como uma estratégia terapêutica voltada à promoção do desenvolvimento neuropsicomotor e à redução dos riscos associados ao nascimento prematuro. O objetivo do estudo foi analisar a dor e os sinais vitais de recém-nascidos prematuros internados em uma Unidade de Cuidado Intermediário Neonatal Convencional, comparando os períodos pré e pós-intervenção musicoterapêutica. A estimulação sensório-motora fundamenta-se em técnicas que consideram o recém-nascido e sua

-
- 1 Pós-graduanda em Fisioterapia Neonatal e Pediátrica pela Faculdade Israelita de Ciências da Saúde Albert Einstein (FICSAE). Graduada em Fisioterapia pela Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (EMESCAM).
 - 2 Graduada em Fisioterapia pela Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (EMESCAM).
 - 3 Graduada em Fisioterapia pela Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (EMESCAM).
 - 4 Doutorando em Educação na linha de Educação Especial e Processos Inclusivos no PPGE-Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Musicoterapeuta pela CENSUPEG. Licenciatura em Música pela FAMES..
 - 5 Docente do curso de fisioterapia da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória. Mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local - EMESCAM, Especialista em Fisioterapia em Terapia Intensiva Neonatal e Pediatria - ASSOBRAFIR/COFFITO. E-mail: leticia.peyneau@emescam.br

família como parte integrante do processo de cuidado, abrangendo diferentes modalidades de estímulos, incluindo abordagens unimodais, multimodais e multissensoriais, conforme preconizado por diretrizes nacionais (ABRAFIN; ASSOBRAFIR, 2024). Nesse contexto, a estimulação auditiva destaca-se como uma intervenção respaldada por evidências científicas. A primeira recomendação brasileira de fisioterapia para estimulação sensório-motora em unidades neonatais aponta sua eficácia na modulação da dor e na estabilização dos sinais vitais (Johnston *et al*, 2021). Os achados do estudo evidenciaram uma redução estatisticamente significativa da frequência respiratória após a aplicação da musicoterapia ($p < 0,05$), enquanto a frequência cardíaca, a oximetria e os escores de dor, avaliados por meio da Neonatal Infant Pain Scale, não apresentaram alterações significativas. Dessa forma, a musicoterapia mostrou-se uma intervenção segura e potencialmente benéfica para a estabilidade clínica de recém-nascidos prematuros, especialmente no que se refere à regulação da frequência respiratória. Recomenda-se a realização de estudos futuros com amostras ampliadas e maior controle das condições ambientais, a fim de aprofundar a compreensão dos efeitos dessa abordagem em unidades de cuidado intermediário neonatal.

Palavras-chave: Prematuridade; Musicoterapia; Estimulação sensório-motora.

INTRODUÇÃO

A prematuridade é definida como o nascimento antes de 37 semanas completas de gestação (Leão; Ferreira; Karst, 2023) e constitui-se como um importante problema de saúde pública em nível mundial. Seu impacto é expressivo nos indicadores de mortalidade infantil, sendo atualmente reconhecida como a principal causa de óbito entre crianças menores de cinco anos de idade (WHO, 2023). Entre aqueles que sobrevivem, muitos passam a conviver com sequelas que podem se estender ao longo de toda a vida (WHO, 2023). As morbidades associadas manifestam-se sob a forma de diferentes limitações funcionais, abrangendo déficits motores, cognitivos e comportamentais (Gonzalez *et al*, 2021).

A estimulação sensório-motora (ESM) configura-se como uma estratégia relevante nesse processo, sendo indicada para recém-nascidos prematuros a partir do sétimo dia de vida, desde que respeitados critérios como estabilidade clínica e idade pós-menstrual. Essa abordagem contempla técnicas que envolvem o recém-nascido e sua família, englobando estímulos unimodais, multimodais e multissensoriais, conforme diretrizes nacionais (ABRAFIN; ASSOBRAFIR, 2024). A primeira recomendação brasileira de fisioterapia para estimulação

sensorio-motora de recém-nascidos e lactentes em unidades neonatais destaca a estimulação auditiva como uma intervenção indicada para a melhora da dor e para a modulação dos sinais vitais (Johnston *et al*, 2021). Entre as formas de estímulo auditivo, a música destaca-se por sua aplicabilidade terapêutica, sendo utilizada de maneira sistematizada por meio da musicoterapia (Nobre *et al*, 2012).

A musicoterapia constitui um campo de conhecimento que investiga os efeitos da música e das experiências musicais resultantes da interação entre o musicoterapeuta e os indivíduos assistidos. Sua prática abrange ações voltadas à promoção, prevenção e reabilitação da saúde, com potencial para minimizar danos ao processo de desenvolvimento individual e coletivo (UBAM, 2018). Evidências recentes apontam que a musicoterapia pode contribuir para a redução da dor e do estresse, além de favorecer a estabilização de parâmetros fisiológicos, como frequência cardíaca, frequência respiratória e saturação periférica de oxigênio (Vieira; Coutinho; Farias, 2024).

Diante disso, a utilização da musicoterapia como estímulo auditivo em recém-nascidos prematuros revela-se um tema de elevada relevância e interesse multidisciplinar. Seus efeitos podem repercutir de forma significativa no bem-estar emocional, bem como no desenvolvimento motor e cognitivo de bebês em condições clínicas delicadas. A identificação de intervenções não farmacológicas eficazes, como a musicoterapia, configura-se como uma estratégia complementar aos cuidados tradicionais, contribuindo para a melhoria dos desfechos clínicos.

Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo avaliar a dor e os sinais vitais de recém-nascidos prematuros internados em uma Unidade de Cuidado Intermediário Neonatal Convencional (UCINCo), antes e após a aplicação do estímulo auditivo por meio da musicoterapia.

PREMATURIDADE E VULNERABILIDADES NO PERÍODO NEONATAL

A prematuridade, caracterizada pelo nascimento antes de 37 semanas completas de gestação, constitui uma condição que acomete um número expressivo de recém-nascidos em todo o mundo. Essa condição está associada a diversas complicações clínicas e a possíveis atrasos no desenvolvimento neuropsicomotor, cujas repercussões podem se estender ao longo da vida. Sua ocorrência relaciona-se a múltiplos fatores, incluindo intercorrências gestacionais, condições maternas pré-existentes, aspectos genéticos e influências ambientais. Em razão disso, a prematuridade configura-se como uma das principais causas de morbidade e mortalidade neonatal em diversos países, representando um importante desafio tanto para os sistemas de saúde quanto para as famílias envolvidas (Araujo *et. al.*, 2024)

Estima-se que aproximadamente um terço das mortes ocorridas no período neonatal esteja relacionado a complicações decorrentes do nascimento prematuro. Dados recentes apontam que cerca de um milhão de crianças nascidas antes de 37 semanas de gestação evoluem para óbito em decorrência dessas complicações, o que corresponde a cerca de um em cada dez recém-nascidos (WHO, 2023).

Desde a década de 1990, a prematuridade ocupa posição de destaque entre as principais condições associadas a desordens no desenvolvimento infantil. Importante ressaltar que uma parcela significativa das deficiências relacionadas ao nascimento prematuro pode ser evitada por meio de cuidados adequados e intervenções precoces (Gonzalez *et al*, 2021).

Além das repercussões clínicas, o nascimento prematuro e a consequente necessidade de internação hospitalar configuram-se como fatores geradores de estresse e sofrimento emocional tanto para o recém-nascido quanto para seus familiares. A exposição frequente a procedimentos invasivos, a separação física imposta pela hospitalização e a restrição do contato direto com os pais dificultam a construção do vínculo afetivo, ampliando sentimento de insegurança e ansiedade diante dos riscos inerentes à prematuridade (Leão; Ferreira; Karst, 2023).

ESTIMULAÇÃO SENSORIO-MOTORA NO CUIDADO NEONATAL

A ESM aplicada a recém-nascidos, tanto pré-termo quanto a termo, e a lactentes internados em unidades de terapia intensiva configura-se como uma estratégia de intervenção precoce voltada à promoção do desenvolvimento neuropsicomotor. Essa abordagem compreende um conjunto de técnicas que utilizam estímulos sensoriais direcionados, considerando o nível de desenvolvimento funcional, a idade gestacional ao nascimento e o peso corporal dessa população (Fucile; Gisel, 2010).

O propósito central da ESM consiste em favorecer a organização e a integração dos diferentes sistemas sensoriais do corpo, incluindo os sistemas tátil, cinestésico, vestibular, olfatório, gustativo, auditivo e visual, de forma isolada ou combinada. No ambiente da unidade de terapia intensiva neonatal (UTIN), os recém-nascidos e lactentes frequentemente apresentam quadros clínicos de moderada a alta complexidade, os quais podem comprometer a estabilidade neurológica, hemodinâmica e cardiorrespiratória. Diante disso, a indicação e a condução da ESM exigem avaliação criteriosa, fundamentada em conhecimentos técnicos e científicos, a fim de garantir segurança e adequação da intervenção. (Fucile; Gisel, 2010).

Essa estratégia contribui para a promoção do desenvolvimento neuropsicomotor típico, além de atuar na prevenção ou atenuação dos efeitos

adversos do ambiente da UTIN e das intervenções assistenciais sobre o crescimento ponderoestatural. Dessa forma, essa abordagem pode ser utilizada no manejo de alterações do desenvolvimento decorrentes da prematuridade, de condições patológicas e de intercorrências ocorridas nos períodos pré-natal, perinatal, intranatal ou no pós-parto. Zeraati *et al*, 2018; Lickliter, 2011).

MUSICOTERAPIA NO CONTEXTO NEONATAL

A Musicoterapia no contexto neonatal fundamenta-se na compreensão de que o recém-nascido, inclusive o prematuro, é um sujeito sensível aos estímulos sonoros e relacionais desde os primeiros momentos de vida. A prática musicoterapêutica nesse campo tem como objetivo principal promover organização, vínculo e humanização do cuidado por meio do uso clínico e intencional da música, respeitando os limites fisiológicos e neurossensoriais do bebê.

Segundo Benenzon (1988, p. 47–55), o ser humano constitui sua **Identidade Sonora (ISO)** a partir das experiências acústicas vividas desde o período pré-natal, envolvendo sons corporais, ritmos biológicos e padrões sonoros do ambiente materno. A hospitalização precoce, especialmente em unidades neonatais, frequentemente expõe o recém-nascido a um campo sonoro desorganizado, caracterizado por ruídos mecânicos intensos e imprevisíveis. A Musicoterapia atua na reorganização desse campo sonoro-relacional, oferecendo estímulos mais previsíveis, contínuos e afetivamente investidos.

Bruscia (2016, p. 20–27) define a Musicoterapia como um **processo sistemático de intervenção clínica**, no qual a música é utilizada de forma intencional para promover mudanças terapêuticas no funcionamento físico, emocional, cognitivo e relacional do paciente. No contexto neonatal, essa intencionalidade se expressa na escuta clínica do estado do bebê e na seleção criteriosa dos parâmetros musicais — intensidade, andamento, timbre e contorno melódico — adequados à sua condição clínica. A música constitui-se, assim, como meio de comunicação não verbal e de sustentação relacional.

Dessa forma, a atuação do musicoterapeuta no contexto neonatal ultrapassa a simples oferta de estímulos sonoros, configurando-se como uma prática clínica que organiza o ambiente, favorece o vínculo inicial e contribui para a humanização da assistência, em consonância com os princípios éticos e teóricos da Musicoterapia.

MUSICOTERAPIA E REGULAÇÃO FISIOLÓGICA EM RECÉM-NASCIDOS PREMATUROS

A regulação fisiológica em recém-nascidos prematuros representa um dos principais desafios clínicos no cuidado neonatal, considerando a imaturidade dos sistemas neurológico, respiratório e autonômico. A Musicoterapia contribui para esse processo ao utilizar a música como estímulo estruturante e organizador, capaz de influenciar padrões fisiológicos de forma não invasiva.

Thaut (2005, p. 3–12; p. 67–75) descreve que a música, especialmente em seus componentes rítmicos, possui a capacidade de modular funções neurofisiológicas por meio de mecanismos de sincronização temporal (entrainment). Esses mecanismos explicam como estímulos rítmicos organizados podem influenciar a frequência cardíaca, o ritmo respiratório e os estados gerais de ativação do sistema nervoso, favorecendo maior estabilidade fisiológica.

Na perspectiva de Bruscia (2016, p. 98–104), os efeitos terapêuticos da música não decorrem exclusivamente de suas propriedades acústicas, mas do processo relacional estabelecido entre terapeuta e paciente. Assim, a regulação fisiológica observada em recém-nascidos prematuros deve ser compreendida como resultado de uma intervenção clínica responsiva, na qual a música é continuamente ajustada ao estado fisiológico e comportamental do bebê.

Benenzon (1988, p. 81–90) acrescenta que a música pode atuar como um organizador do corpo e do psiquismo, sobretudo em situações de fragilidade e desorganização. A oferta de estímulos sonoros previsíveis, suaves e contínuos favorece a diminuição de respostas de estresse e contribui para a manutenção de estados fisiológicos mais estáveis.

Dessa forma, a Musicoterapia aplicada a recém-nascidos prematuros configura-se como uma prática clínica fundamentada teoricamente, que articula princípios neurofisiológicos e relacionais, promovendo a regulação fisiológica e a humanização do cuidado neonatal.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo intervencional, analítico, de abordagem quantitativa, do tipo série de casos, realizado na Unidade de Cuidado Intermediário Neonatal Convencional (UCINCo) da Maternidade Pró-Matre, em Vitória. A instituição é caracterizada como maternidade-escola de baixo risco, com atendimento predominantemente voltado ao Sistema Único de Saúde. A amostra foi constituída por conveniência, incluindo 23 recém-nascidos prematuros internados na referida unidade.

Foram incluídos recém-nascidos com idade gestacional superior a 32

semanas, independentemente do sexo ou peso, que participaram da intervenção musicoterapêutica mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido. Foram excluídos neonatos com malformações congênitas, instabilidade hemodinâmica, piora clínica ou evolução para óbito.

A coleta de dados ocorreu por meio de visitas semanais à unidade, com aplicação de instrumento próprio para caracterização clínica e sociodemográfica, a partir da análise de prontuários. As variáveis analisadas incluíram dados perinatais, condições clínicas, via de parto, escores de Apgar, necessidade de reanimação neonatal e presença de morbidades respiratórias.

Antes e após a intervenção, os recém-nascidos foram avaliados quanto aos sinais vitais e à dor. As variáveis observadas foram:

- 1. Frequência respiratória.**
- 2. Frequência cardíaca.**
- 3. Oximetria de oxigênio.**
- 4. Episódios de apneia e quanto à dor, por meio da escala Neonatal Infant Pain Scale (NIPS).**

A intervenção foi realizada por meio de uma sessão única de musicoterapia, com duração média de 15 minutos, estruturada em três etapas integradas:

- 1. Avaliação inicial:** conduzido pela equipe de fisioterapia para mensurar os parâmetros fisiológicos e comportamentais dos recém-nascidos no primeiro momento, antes da intervenção com a musicoterapia.
- 2. Condução da intervenção:** sessão guiada por um musicoterapeuta, com monitorização das respostas comportamentais e fisiológicas do recém-nascido ao longo do procedimento.
- 3. Estimulação musical:** foram utilizadas as melodias de Mozart, aplicadas de forma contínua e gradual, com intensidade sonora controlada em aproximadamente 45 decibéis (mensurados por meio do aplicativo Decibel X), respeitando os limites de segurança auditiva neonatal.
- 4. Encerramento e reavaliação:** finalização progressiva da estimulação musical, seguida da reavaliação dos sinais vitais e dor, a fim de permitir a comparação dos efeitos da intervenção.

A análise das variáveis qualitativas adquiriu-se por meio de frequências e porcentagens, enquanto as variáveis quantitativas foram descritas utilizando medidas de resumo de dados, como média, mediana e desvio padrão.

A análise estatística foi realizada por meio de estatística descritiva e inferencial, utilizando o teste não paramétrico de Wilcoxon para comparação das variáveis antes e após a intervenção, adotando-se nível de significância de $p < 0,05$. Os dados foram organizados em planilha Excel® e analisados no

software IBM SPSS Statistics®, versão 29.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória, sob parecer nº 6.115.067, respeitando integralmente os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, com garantia de confidencialidade e anonimato dos participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo foi realizado com 23 recém-nascidos prematuros internados em uma maternidade pública de Vitória (ES), com predominância do sexo feminino (60,9%), média de idade gestacional de 33,1 semanas e peso médio de 1.740,5 g, sendo a maioria classificada como de baixo peso ao nascer. Observou-se elevada taxa de partos cesáreos (87%) e presença frequente de morbidades respiratórias (78,3%), o que justifica a utilização de suporte ventilatório não invasivo, como o CPAP, em quase metade da amostra. Esses achados corroboram a literatura, que associa prematuridade, baixo peso e via de parto cesárea à maior necessidade de internação neonatal (Moura *et al*, 2020).

Após a caracterização clínica inicial, os recém-nascidos foram avaliados antes e após a aplicação da musicoterapia. Observou-se redução estatisticamente significativa da frequência respiratória após a intervenção ($p < 0,05$), indicando um efeito benéfico da musicoterapia sobre esse parâmetro fisiológico. Esse resultado está em consonância com estudos recentes que demonstram a capacidade da música em promover relaxamento, regulação autonômica e maior estabilidade respiratória em recém-nascidos prematuros (Jhonston *et al*, 2021).

Em relação à frequência cardíaca e à oximetria, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas, embora esses parâmetros tenham permanecido estáveis após a intervenção. A manutenção da estabilidade hemodinâmica reforça a segurança da musicoterapia no contexto neonatal, especialmente em unidades de cuidados intermediários, onde os recém-nascidos geralmente apresentam menor instabilidade clínica quando comparados aos internados em unidades de terapia intensiva (Sanfilippo, 2021).

A avaliação da dor, realizada por meio da escala NIPS, demonstrou que a maioria dos recém-nascidos já apresentava escores baixos antes da intervenção, com predominância de ausência de dor. Após a aplicação da musicoterapia, observou-se melhora em aspectos comportamentais, como a redução do choro, embora sem significância estatística global no escore total. Esse achado pode ser explicado pelo perfil clínico mais estável dos neonatos avaliados, além do ambiente da UCINCo, que tende a expor os recém-nascidos a menor número de procedimentos dolorosos.

Apesar de estudos apontarem efeitos positivos da musicoterapia na redução da dor neonatal, especialmente em contextos de maior estresse e instabilidade, os resultados do presente estudo sugerem que a intervenção é segura e contribui para a manutenção da estabilidade clínica, mesmo quando não há redução expressiva dos escores de dor. Ademais, a ausência de efeitos adversos reforça o potencial da musicoterapia como estratégia complementar no cuidado humanizado ao recém-nascido prematuro.

As limitações do estudo incluem o tamanho amostral reduzido, o ambiente com ruídos não controlados e o perfil clínico mais estável dos participantes, fatores que podem ter limitado a detecção de efeitos mais amplos da intervenção. Ainda assim, a redução significativa da frequência respiratória evidencia o potencial terapêutico da musicoterapia, apontando para sua aplicabilidade segura em unidades neonatais e reforçando a necessidade de novos estudos com amostras maiores e em contextos de maior complexidade clínica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permitiu caracterizar o perfil clínico e sociodemográfico de recém-nascidos prematuros internados na UCINCo, com predominância do sexo feminino, etnia parda e residentes da região metropolitana de Vitória-ES. A média de idade gestacional foi de 33,1 semanas, com elevada taxa de partos cesáreos e bons escores de Apgar ao nascimento.

Observou-se que, embora a maioria dos recém-nascidos apresentasse peso adequado para a idade gestacional, grande parte foi classificada como de baixo peso, além de apresentar morbidades respiratórias, o que justificou a necessidade frequente de suporte ventilatório não invasivo, como o CPAP.

Após a intervenção com musicoterapia, identificou-se redução estatisticamente significativa da frequência respiratória ($p < 0,05$). Em contrapartida, a frequência cardíaca apresentou redução discreta e a avaliação da dor, por meio da escala NIPS, demonstrou melhora em um indicador comportamental, sem significância estatística global.

Dessa forma, a musicoterapia mostrou-se uma intervenção segura e potencialmente benéfica para a estabilidade clínica de recém-nascidos prematuros em unidade de cuidados intermediários, especialmente pela redução da frequência respiratória, sem causar efeitos adversos. Estudos futuros, com amostras maiores e melhor controle ambiental, são recomendados para aprofundar a compreensão de seus efeitos em diferentes contextos neonatais.

REFERÊNCIAS

- ABRAFIN-ASSOBRAFIR. **Parecer Técnico-Científico sobre intervenções fisioterapêuticas na unidade de terapia intensiva neonatal**. Rio de Janeiro, RJ: ABRAFIN-ASSOBRAFIR, 2024. Disponível em: <https://abrafim.org.br/news/2/parecertecnico-cientifico-sobre-intervencoes-fisioterapeuticas-na-unidade-de-terapiaintensiva-neonatal/>. Acesso em: 21 maio 2024.
- BARCELLOS, A. A. *et al* Effects of music therapy on the physiological responses of preterm newborns on non-invasive ventilation: a quasi-experimental study. **Online Brazilian Journal of Nursing**, v. 20, n. 1, p. e20216487, 2021. DOI: <https://doi.org/10.17665/1676-4285.20216487>.
- BENZON, Rolando. Teoria da musicoterapia. São Paulo: **Summus**, 1988.
- BIELNINIK, Ł. *et al* Potential psychological and biological mechanisms underlying the effectiveness of neonatal music therapy during kangaroo mother care for preterm infants and their parents. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 18, n. 16, p. 8557, 2021. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC8394319/>. Acesso em: 06 maio 2025.
- BRUSCIA, Kenneth E. Definindo musicoterapia. 3. ed. **Dallas (TX)**: Barcelona Publishers, 2016.
- HASLBECK, F. B. *et al* Musical and vocal interventions to improve neurodevelopmental outcomes for preterm infants. **Cochrane Database of Systematic Reviews**, v. 9, n. 9, p. CD013472, 2023. DOI: 10.1001/jamapediatrics.2015.1305.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Panorama do Censo 2022**. 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 16 maio 2025.
- JOHNSTON, C. *et al* Primeira recomendação brasileira de fisioterapia para estimulação sensorio-motora de recém-nascidos e lactentes em unidade de terapia intensiva. **Revista Brasileira de Terapia Intensiva**, v. 33, p. 12-30, 2021. DOI: 10.5935/0103-507X.20210002.
- KOBUS, S. *et al* Music therapy is effective during sleep in preterm infants. **International journal of environmental research and public health**, v. 18, n. 16, p. 8245, 2021. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1660-4601/18/16/8245>. Acesso em: 8 maio 2025.
- LEÃO, M.; FERREIRA, E. A. F.; KARST, L. T. Musicoterapia no contexto de um nascimento prematuro: UTI neonatal. In: VALENTIN, F. *et al* (org.). **Encontros em Musicoterapia: Temas em ensino, pesquisa e extensão**. Curitiba, PR: Editora CRV, 2023. Cap. 10, p. 181-197.
- MOURA, B. L. A. *et al* Fatores associados à internação e à mortalidade neonatal em uma coorte de recém-nascidos do Sistema Único de Saúde, no município de São Paulo. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 23, n. 1, p. e200088, 2020. Disponível: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/>

VFvZt6nYv9RwwNjzfK54hvH/. Acesso em: 8 maio 2025.

NASCIMENTO, B. R. F. *et al* Musicoterapia na assistência e no cuidado de enfermagem na unidade de terapia intensiva neonatal. **Caderno Pedagógico**, v. 21, n. 12, p. e10296-e10296, 2024. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/10296/5908>. Acesso em: 8 maio 2025.

NOBRE, D. V. *et al* Respostas fisiológicas ao estímulo musical: revisão de literatura. **Revista Neurociências**, v. 20, n. 4, p. 625-633, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/neurociencias/article/view/8232/5763>. Acesso em: 3 abr. 2024.

NONOSE, E. R. S. *et al* Perfil de recém-nascidos e fatores associados ao período de internação em unidade de cuidados intermediários. **Enfermagem em foco**, v. 12, n. 5, p. 1005-1010, 2021. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/4385>. Acesso em: 8 maio 2025.

PAPATZIKIS, E. *et al* Music medicine and music therapy in neonatal care: a scoping review of passive music listening research applications and findings on infant development and medical practice. **BMC pediatrics**, v. 24, n. 1, p. 829, 2024. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/39710645/>. Acesso em: 8 maio 2025.

GONZALEZ, P. R. *et al* Effectiveness of oral sensory-motor stimulation in premature infants in the neonatal intensive care unit (NICU) systematic review. **MDPI Children**, v. 8, n. 9, p. 758, 2021. Doi:<https://doi.org/10.3390/children8090758>.

SANFILIPPO, K. R. Music therapy in neonatal intensive care: Influences of culture (Shoemark & Ettenberger, Eds.). **Approaches: An Interdisciplinary Journal of Music Therapy**, v. 15, n. 1, p. 1, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/379353735_Music_therapy_in_neonatal_intensive_care_Influences_of_culture_Shoemark_Ettenberger_Eds. Acesso em: 06 maio 2025.

SHAHBAZI, F. *et al* Effect of music therapy on behavioral and physiological neonatal outcomes: A systematic review and dose-response meta-analysis. **PloS one**, v. 20, n. 1, p. e0316674, 2025. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC11709260/>. Acesso em: 8 maio 2025.

SILVA, C. M. da *et al*. Respostas fisiológicas de recém-nascidos pré-termo submetidos à musicoterapia clássica. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 50-56, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-05822013000100006>.

STEGEMANN, T. *et al* Music therapy and other music-based interventions in pediatric health care: An overview. **Medicines**, v. 6, n. 1, p. 25, 2019. DOI: 10.3390/medicines6010025.

THAUT, Michael H. Rhythm, music, and the brain: scientific foundations and

clinical applications. New York: **Routledge**, 2005.

TING, B. *et al* Music intervention for pain control in the pediatric population: a systematic review and meta-analysis. **Journal of clinical medicine**, v. 11, n. 4, p. 991, 2022. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC8877634/>. Acesso em: 8 maio 2025.

UBAM. **O que é musicoterapia?** Brasília, DF, 2018. Disponível em: <https://ubammusicoterapia.com.br/institucional/musicoterapia/definicao/>. Acesso em: 03 abr. 2024.

VIEIRA, A. K. A.; COUTINHO, G. F.; FARIAS, K. S. The acute effects of music therapy on neonates in a Neonatal Intensive Care Unit. **Research, Society and Development**, v. 13, n. 2, 2024. DOI: 10.33448/rsd-v13i2.44926.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Born too soon: decade of action** on preterm birth. Geneva: World Health Organization, 2023. Disponível em: <https://borntoosoonaction.org/>. Acesso em: 10 maio 2024.

XIAO, W.; LUO, X. Observations on the Clinical Effects of Music Therapy on Premature Infants in Neonatal Intensive Care Units. **Noise and Health**, v. 26, n. 122, p. 436-443, 2024. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC11540000/>. Acesso em: 10 maio 2025.

CONTRIBUIÇÕES DA MUSICOTERAPIA PARA A INTEGRAÇÃO SENSORIAL E MOTORA EM CRIANÇAS COM SÍNDROME DE PHELAN MCDERMID: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Karollina Maria Silva de Abreu¹

Paulo Soares Santos Paraguassí²

RESUMO

A Síndrome de Phelan-McDermid (SPM) é um distúrbio genético raro, geralmente causada por deleções no cromossomo 22q13, associada a atrasos no desenvolvimento global, prejuízos na comunicação, distúrbios motores e alterações no processamento sensorial. Crianças com SPM frequentemente demonstram características semelhantes às encontradas no Transtorno do Espectro Autista (TEA), mas com distintos perfis sensoriais, como tônus muscular reduzido e baixa reatividade a estímulos. Diante disso, torna-se urgente a busca por intervenções terapêuticas eficazes para promover a integração sensorial e motora. A musicoterapia, enquanto prática terapêutica baseada na utilização sistemática da música e de seus elementos (ritmo, melodia, harmonia e timbre), tem demonstrado benefícios em diversas áreas, principalmente nas populações pediátricas com transtornos do neurodesenvolvimento. Este estudo teve como objetivo investigar, por meio de uma revisão bibliográfica, como a intervenção musicoterápica pode contribuir para a promoção da integração sensorial e motora em crianças com SPM. Para isso, foi realizada uma busca em bases como PubMed, SciELO, MDPI e SpringerLink, abrangendo o período de 2011 a 2025, por se tratar de um assunto com poucas publicações e precisando de referências, e utilizando descritores específicos. Foram analisados oito estudos, sendo três diretamente relacionados à SPM e cinco com populações semelhantes. Os resultados sugerem que a musicoterapia promove engajamento

1 Enfermeira pela Universidade Nova Iguaçu - UNIG/RJ - Pós-graduanda em Musicoterapia pela EMESCAM/ES.

2 Doutorando em Educação na linha de Educação Especial e Processos Inclusivos no PPGE-Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Musicoterapeuta pela CENSUPEG. Licenciatura em Música pela FAMES..

corporal, melhora na coordenação motora e estímulo à regulação sensorial, favorecendo a neuroplasticidade e o desenvolvimento global. Conclui-se que a integração da musicoterapia a abordagens terapêuticas interdisciplinares representa uma alternativa promissora para o cuidado de crianças com SPM, representando assim, uma estratégia relevante à este público, embora estudos clínicos específicos ainda sejam necessários.

Palavras-chave: Síndrome de Phelan-McDermid; Musicoterapia; Integração sensorial; Desenvolvimento motor; Transtornos do neurodesenvolvimento; Crianças; Intervenção terapêutica.

INTRODUÇÃO

A Síndrome de Phelan-McDermid (SPM) é um distúrbio genético raro, causada, na maioria dos casos, por uma perda de uma porção do cromossomo 22 (22q13), que afeta o gene SHANK3. Este gene é essencial para a formação e manutenção das sinapses glutamatérgicas, estando diretamente relacionado à organização da região pós-sináptica dos neurônios e à plasticidade cerebral (MOSSER *et al.*, 2020; BETANCUR; BENDER, 2019). A mutação ou a perda do SHANK3 compromete e muito a comunicação neural, acarretando prejuízos no desenvolvimento neuropsicomotor, na linguagem, na cognição e no comportamento.

Pacientes com Síndrome de Phelan-McDermid (SPM) frequentemente apresentam atraso global no desenvolvimento, ausência ou limitação severa da fala, hipotonia, déficits na coordenação motora, além de distúrbios sensoriais e comportamentais semelhantes aos observados no Transtorno do Espectro Autista (TEA) (PHELAN-MCDERMID SYNDROME FOUNDATION, 2023). Estudos realizados com instrumentos padronizados como o Short Sensory Profile, um instrumento de avaliação, para saber de que forma uma criança processa informações sensoriais, como os cinco sentidos (visão, audição, tato, paladar, olfato), como também o movimento e a propriocepção indicam que essas crianças demonstram padrões atípicos de reatividade sensorial, oscilando entre hipersensibilidade e hiporresponsividade a estímulos visuais, auditivos, táteis e proprioceptivos (MERCER *et al.*, 2021). Essas alterações impactam negativamente a aprendizagem, o comportamento social e a interação com o meio.

Nesse contexto, torna-se necessária a adoção de intervenções terapêuticas integradas que considerem a complexidade clínica da Síndrome de Phelan-McDermid (SPM). A musicoterapia surge como uma abordagem complementar eficaz, especialmente por sua capacidade de estimular, de forma simultânea, áreas motoras, cognitivas, emocionais e sensoriais do cérebro. Trata-se de uma

prática clínica sistemática que utiliza elementos sonoros, rítmicos e musicais com objetivos terapêuticos definidos, buscando promover a reabilitação funcional e o bem-estar do indivíduo (BRUSCIA, 2014).

A música, ao envolver múltiplos sentidos e favorecer a criação de vínculos emocionais, permite a reorganização de padrões neurossensoriais, a estimulação da motricidade e a ampliação da comunicação, mesmo em pacientes com comprometimentos severos da linguagem verbal (GATTINO *et al.*, 2011). Em crianças com Síndrome de Phelan-McDermid (SPM), a musicoterapia pode favorecer a modulação sensorial, reduzir estereotípias, melhorar a atenção e promover maior engajamento nas interações sociais, funcionando como ponte entre os aspectos emocionais, motores e cognitivos do desenvolvimento.

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo discutir o papel da musicoterapia na intervenção sensorial e motora de crianças com Síndrome de Phelan-McDermid, à luz da literatura científica atual, propondo sua inserção como estratégia complementar no atendimento interdisciplinar.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Analisar, por meio de uma revisão bibliográfica, as contribuições da musicoterapia para a integração sensorial e motora em crianças com Síndrome de Phelan-McDermid, destacando seus efeitos terapêuticos e potenciais benefícios no desenvolvimento global desses indivíduos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar na literatura científica os principais desafios sensoriais e motores enfrentados por crianças com Síndrome de Phelan-McDermid.
- Levantar evidências sobre as abordagens e técnicas de musicoterapia utilizadas em contextos de disfunções sensoriais e motoras.
- Avaliar os efeitos da musicoterapia na modulação da resposta sensorial e na estimulação motora de crianças com Síndrome de Phelan-McDermid, com base nos estudos analisados.
- Discutir o papel da musicoterapia como estratégia complementar no atendimento interdisciplinar de crianças com Síndrome de Phelan-McDermid.

MATERIAIS E MÉTODOS

ESTRATÉGIA DE BUSCA

Este estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa, com o objetivo de reunir, analisar e interpretar criticamente publicações científicas que abordem as contribuições da musicoterapia para a integração sensorial e motora em crianças com Síndrome de Phelan-McDermid (SPM).

A estratégia de busca foi conduzida entre os meses de março e junho de 2025, nas seguintes bases de dados eletrônicas: PubMed, SciELO, MDPI e SpringerLink. Foram utilizados filtros de idioma (português e inglês) e de período de publicação compreendido entre os anos de 2011 e 2025, de forma a contemplar estudos contemporâneos e relevantes no campo da musicoterapia e dos transtornos do neurodesenvolvimento.

Os descritores e combinações de termos utilizados foram estruturados com o auxílio de operadores booleanos AND e OR, conforme a seguir:

- “Phelan-McDermid syndrome” AND “music therapy”
- “Musicoterapia” AND “integração sensorial motora”
- “Phelan McDermid” AND “sensory processing”
- “Short Sensory Profile”

A seleção dos termos foi fundamentada na terminologia indexada em bases internacionais e adaptada para contemplar estudos em português, dada a escassez de literatura nacional sobre o tema.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Foram incluídos no estudo artigos originais, revisões sistemáticas e revisões narrativas que atendiam aos seguintes critérios:

- Abordar diretamente a Síndrome de Phelan-McDermid, integração sensorial e/ou motora e/ou intervenções com musicoterapia;
- Ter como população-alvo crianças com Síndrome de Phelan-McDermid (SPM) ou condições neurodesenvolvimentais com características semelhantes (ex.: TEA);
- Apresentar descrição metodológica clara, objetivos bem definidos e resultados relevantes para o tema proposto.

Foram excluídos os estudos repetidos nas bases, os artigos com metodologia inadequada, resumos sem texto completo disponível e aqueles cujo foco estivesse exclusivamente em intervenções farmacológicas ou genéticas sem correlação com o objetivo deste estudo.

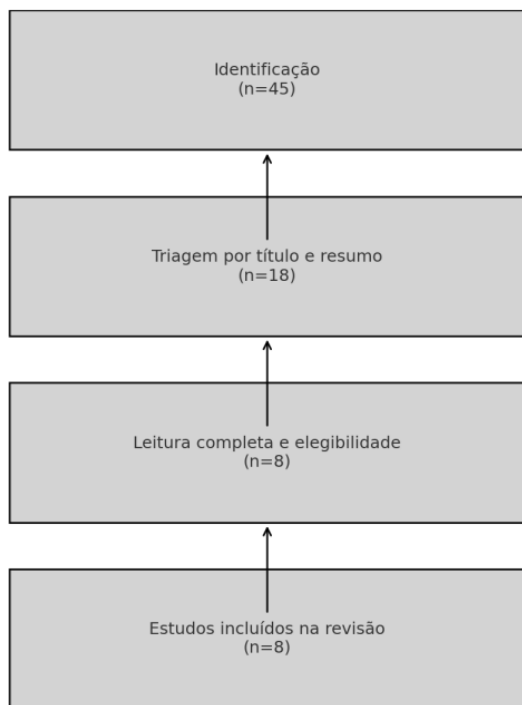
SELEÇÃO DOS ESTUDOS E FLUXOGRAMA

A seleção dos estudos ocorreu em três etapas principais:

1. Identificação: A partir dos descritores, foram localizados 45 artigos.
2. Triagem por título e resumo: Após a leitura inicial, 18 artigos foram considerados potencialmente relevantes.
3. Leitura completa e elegibilidade: Ao final do processo, 8 estudos atenderam integralmente aos critérios estabelecidos e foram incluídos na análise qualitativa. Dentre estes, 3 artigos abordavam diretamente a Síndrome de Phelan-McDermid (SPM), enquanto 5 estudos tratavam da aplicação da musicoterapia em crianças com TEA e outras síndromes associadas a disfunções sensoriais e motoras, sendo considerados compatíveis com os objetivos da presente revisão.

A seleção dos estudos incluídos nesta revisão bibliográfica seguiu um processo estruturado em três etapas: identificação, triagem e elegibilidade. Inicialmente, foram localizados 45 artigos por meio das combinações de descritores aplicadas nas bases de dados eletrônicas. Após a leitura dos títulos e resumos, 18 estudos foram considerados potencialmente relevantes. A seguir, os textos completos foram avaliados quanto à sua aderência aos critérios de inclusão, resultando em 8 artigos selecionados para compor a análise final.

O processo de seleção foi conduzido conforme os princípios do modelo PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses), permitindo transparência e reprodutibilidade na construção da amostra da revisão. A Figura 1 apresenta o fluxograma que sintetiza as etapas de identificação, triagem e inclusão dos estudos.



Fonte: Elaboração do próprio autor.

RESULTADOS

A presente revisão bibliográfica incluiu um total de 8 estudos que atenderam aos critérios de inclusão estabelecidos. A análise dos artigos permitiu identificar evidências relevantes sobre a relação entre a musicoterapia e o desenvolvimento sensorial e motor em crianças com Síndrome de Phelan-McDermid (SPM) ou condições neurodesenvolvimentais semelhantes.

Dos estudos selecionados:

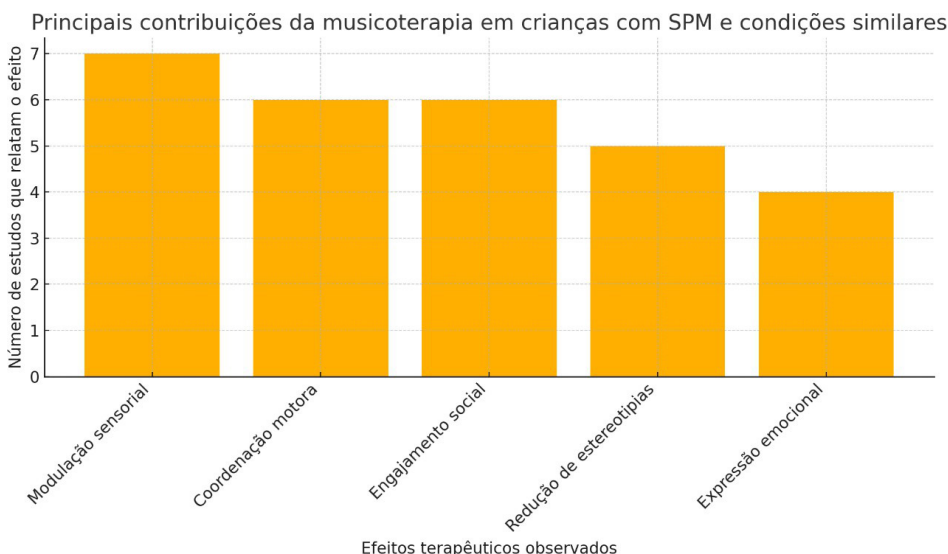
- Três artigos abordaram diretamente crianças com diagnóstico confirmado de Síndrome de Phelan-McDermid (SPM), investigando tanto os perfis sensoriais (por meio de instrumentos como o Short Sensory Profile) quanto as respostas comportamentais e motoras a intervenções terapêuticas, incluindo a musicoterapia.
- Cinco estudos investigaram os efeitos da musicoterapia em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e outras síndromes genéticas com características sensoriais e motoras semelhantes à Síndrome de Phelan-McDermid (SPM), como Rett, Angelman e Síndrome de Down.

PRINCIPAIS ACHADOS DOS ESTUDOS SOBRE SPM

Os estudos sobre a Síndrome de Phelan-McDermid (SPM) revelaram que crianças com essa condição apresentam padrões sensoriais severamente desregulados, com predominância de hiporresponsividade tátil e auditiva, além de hipotonia muscular e atrasos na coordenação motora global. Em um dos estudos, a aplicação da musicoterapia baseada em padrões rítmicos repetitivos e canções estruturadas promoveu aumento da atenção auditiva, melhora na imitação motora e redução de comportamentos autoestimulantes após oito semanas de intervenção (MERCER *et al.*, 2021).

Outro estudo indicou que a exposição sistemática à música com foco na variação rítmica e melódica teve impacto positivo na organização sensorial, melhorando a tolerância ao toque e o engajamento visual durante as sessões terapêuticas (MOSSER *et al.*, 2020).

Com base na análise dos estudos incluídos nesta revisão, foi possível identificar os principais efeitos terapêuticos da musicoterapia em crianças com Síndrome de Phelan-McDermid e condições neurologicamente parecidas com as características da SPM. Efeitos esses relacionados ao fortalecimento de aspectos emocionais, sociais e também à melhoria da integração sensorial e motora. A seguir, o gráfico resume os impactos mais relatados atualmente pelos autores, destacando o alcance dos benefícios da musicoterapia sobre diferentes domínios do desenvolvimento infantil.



Fonte: Elaboração do próprio autor

ACHADOS EM ESTUDOS SOBRE MUSICOTERAPIA EM TEA E OUTRAS SÍNDROMES

Nos cinco artigos restantes, os resultados também evidenciaram benefícios significativos da musicoterapia ao estimular a integração sensorial e motora, mesmo em pacientes sem o diagnóstico específico de SPM. As intervenções musicoterápicas incluíam o uso de sessões de improvisação musical, instrumentos percussivos, exploração de timbre e canções com comandos motores. Os principais resultados descritos foram:

- Melhora na coordenação motora, tanto grossa, quanto fina;
- Reações aos estímulos táteis e aversão a sons, diminuída;
- Atenção sustentada aumentada durante atividades estruturadas com música;
- Melhoria na expressão emocional e um fortalecimento do vínculo terapêutico.

Tais evidências sugerem que os efeitos observados podem ser extensíveis às crianças com SPM, dada a sobreposição de características clínicas entre esses grupos.

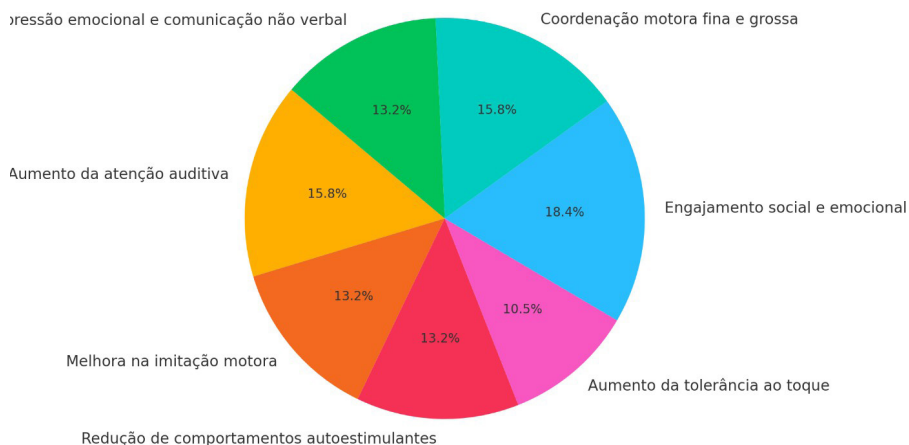
DISCUSSÃO

Os resultados apresentados nesta revisão mostram que a musicoterapia tem se estabilizado como uma abordagem terapêutica eficaz e afetivamente significativa para crianças com Síndrome de Phelan-McDermid (SPM). Diante das limitações sensoriais e motoras frequentes nesse diagnóstico, como a baixa responsividade a estímulos, hipotonia muscular, dificuldade de imitação e rigidez comportamental, a música se revela um recurso especialmente valioso por sua capacidade de envolver múltiplas áreas do cérebro ao mesmo tempo, estimulando corpo, mente e afeto de forma integrada.

Estudos analisados descreveram ganhos visíveis na tolerância ao toque, imitação motora, atenção e interação social após algumas semanas de intervenção musicoterápica. A causa disso é porque a música ativa regiões cerebrais relacionadas à linguagem, ao movimento e à emoção, mesmo em crianças com graves limitações verbais. Ou seja, ela beneficia comunicações onde outras linguagens ainda não conseguem chegar.

Um dos aspectos mais importantes dessa discussão é perceber que músicas com ritmos e melodias repetidas e previsíveis ajudam a regular os sentidos da criança, ou seja seu sistema sensorial. Isso traz uma sensação de confiança e segurança, o que é fundamental para que ela possa explorar o mundo ao seu redor de forma mais tranquila e com menos reações exageradas.

Gráfico 1 – Efeitos terapêuticos da musicoterapia observados nos estudos revisados
Efeitos terapêuticos da musicoterapia em crianças com SPM



Fonte: Elaboração do próprio autor com base nos estudos incluídos.

Efeitos observados	Frequência de citação nos estudos
Aumento da atenção auditiva	6 de 8 estudos
Melhora na imitação motora	5 de 8 estudos
Redução de comportamentos autoestimulantes	5 de 8 estudos
Aumento da tolerância ao toque	4 de 8 estudos
Engajamento social e emocional	7 de 8 estudos
Coordenação motora fina e grossa	6 de 8 estudos
Expressão emocional e comunicação não verbal	5 de 8 estudos

Fonte: Elaboração do próprio autor com base nos estudos incluídos.

Na figura acima, demonstrando a distribuição de percentual dos efeitos terapêuticos da musicoterapia em crianças com Síndrome de Phelan-McDermid (SPM), demonstra a frequência com que cada efeito foi citado nos estudos incluídos na revisão bibliográfica. Observa-se predominância nos ganhos de engajamento social, atenção auditiva e coordenação motora, demonstrando o potencial da musicoterapia para promover múltiplos aspectos do desenvolvimento infantil.

Além disso, os dados mostram que mesmo crianças com reações de defesa a estímulos táteis e aos sons mostraram evolução ao longo das sessões, respeitando o seu tempo de adaptação. Muitas passaram a buscar mais os instrumentos musicais, reagir bem a comandos musicais, cantar trechos de músicas conhecidas e até mesmo a participar das músicas com movimentos e gestos.

É importante destacar que, em alguns estudos analisados, as sessões de improvisação musical e o uso de instrumentos percussivos leves, como pandeiros, tambores pequenos e chocalhos, ajudaram as crianças a desenvolver o senso de movimento e resposta e a aumentar suas experiências motoras, que são aspecto fundamentais para a aprendizagem. Ações simples como sacudir um chocalho e perceber o som que ele produz, reforçam o vínculo entre movimento e resposta do ambiente, o que contribui para o engajamento e a autorregulação.

Outro elemento importante destacado nos estudos foi a criação de rotinas musicais durante a terapia, com músicas de abertura, desenvolvimento e encerramento. Essa estrutura ajuda a diminuir a ansiedade, pois a criança começa a antecipar o que vem a seguir, organizando sua vivência no tempo e no espaço.



Fonte: Elaboração do próprio autor com auxílio de figuras encontradas no Google (2025).

A figura acima configura as etapas de uma rotina terapêutica musical aplicada a crianças com Síndrome de Phelan-McDermid (SPM). A rotina é composta por três momentos principais: (1) canção de boas-vindas, que promove acolhimento e previsibilidade; (2) exploração sonora ativa, com estímulos rítmicos e motores para integração sensorial; e (3) canção de encerramento com caráter relaxante, favorecendo a autorregulação e o fechamento emocional da sessão.

Essa sequência simples cria um ambiente de confiança e repetição benéfica, crucial para crianças com dificuldades em processar estímulos novos ou inesperados. Por fim, é necessário lembrar que, embora ainda sejam poucos os estudos que investigam diretamente a musicoterapia em crianças com SPM, os achados com grupos de TEA e síndromes parecidas oferecem importantes informações e respaldo para a prática clínica. A semelhança nos perfis motores e sensoriais permite a adaptar as estratégias que já são utilizadas com sucesso em outros contextos.

Dessa forma, a música se reafirma como um canal de acesso lúdico,

humano e seguro, oferecendo à criança a possibilidade de se mover, se conectar, se expressar e se sentir, mesmo quando outras linguagens ainda não estão desenvolvidas ou disponíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Síndrome de Phelan-McDermid é um distúrbio ainda muito desafiador para o desenvolvimento das crianças que convivem com ela, pois afeta seus movimentos, sentidos, interação e comunicação e interação com o mundo. No entanto, este estudo evidencia que a musicoterapia tem um grande potencial para deixar esses desafios mais fáceis e abrir novas possibilidades de desenvolvimento e bem-estar.

A análise dos estudos selecionados nesta revisão bibliográfica confirma que a musicoterapia se configura como uma estratégia terapêutica complementar relevante e promissora para a promoção da integração sensorial e motora em crianças com Síndrome de Phelan-McDermid (SPM). Diante da complexidade do quadro clínico dessas crianças, marcado por atraso no desenvolvimento global, hipo ou hipersensibilidade sensorial, hipotonia e limitações severas na comunicação verbal, a música oferece uma via de acesso terapêutica eficaz, ao mesmo tempo estimulante e afetivamente acolhedora.

Mais do que uma técnica, a musicoterapia se apresenta como um encontro: entre o silêncio e o som, entre o ambiente e corpo, entre a criança e o terapeuta. Por meio da música, é possível organizar movimentos, estimular sentidos, diminuir comportamentos repetitivos e, principalmente, criar vínculos. A música toca onde as palavras nem sempre chegam.

A capacidade da música de ativar múltiplas áreas cerebrais simultaneamente e de mobilizar aspectos motores, sensoriais, cognitivos e emocionais de forma integrada confere à musicoterapia um papel singular na reabilitação neurossensorial. Intervenções que utilizam sons rítmicos, melodias repetitivas, percussão e canto estruturado não apenas promovem modulação sensorial, como também facilitam o desenvolvimento da coordenação motora, a organização do esquema corporal, e a construção de rotinas motoras previsíveis, aspectos essenciais para a funcionalidade e a autonomia da criança.

Além dos ganhos objetivos no campo sensório-motor, os estudos revisados indicam que a musicoterapia também contribui significativamente para a ampliação da comunicação não verbal, o fortalecimento da relação terapêutica e a redução de comportamentos disfuncionais, como autoestimulação e resistência a estímulos. Esses benefícios, quando associados a um ambiente seguro e lúdico, favorecem o engajamento da criança nas terapias, com reflexos positivos também

na dinâmica familiar.

Ainda que os estudos diretamente relacionados à Síndrome de Phelan-McDermid (SPM) sejam poucos, os resultados encontrados mostram que os efeitos da música são reais e transformadores. Crianças que antes não toleravam o toque, passaram a aceitar novos estímulos; outras, que tinham movimentos desorganizados, conseguiram melhorar sua coordenação ao seguir o ritmo de uma canção. E, acima de tudo, muitas passaram a sorrir mais, interagir mais e expressar melhor quem são.

É importante destacar que, embora a literatura científica sobre a aplicação direta da musicoterapia em crianças com Síndrome de Phelan-McDermid (SPM) ainda seja escassa, os dados extraídos de pesquisas com populações neurodivergentes com características semelhantes, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e outras síndromes genéticas, reforçam a pertinência da utilização da música como ferramenta terapêutica neste contexto. Tais evidências indicam que a musicoterapia deve ser considerada não apenas como complemento, mas como parte integrante dos planos terapêuticos interdisciplinares voltados para esse público.

Portanto, conclui-se que a inserção da musicoterapia no cuidado com crianças com Síndrome de Phelan-McDermid (SPM) contribui não apenas para o desenvolvimento de competências sensoriais e motoras, mas também para o fortalecimento da subjetividade, da expressão emocional e da inclusão social dessas crianças. Sua prática, entretanto, deve ser conduzida por profissionais qualificados e integrada a uma rede de apoio interdisciplinar, a fim de ampliar sua efetividade e assegurar o respeito às singularidades de cada criança.

Por fim, espera-se que este trabalho possa incentivar mais pesquisas sobre a relação entre musicoterapia e Síndrome de Phelan-McDermid (SPM), bem como inspirar famílias, profissionais e instituições a olharem com mais atenção para o poder terapêutico da música. Afinal, toda criança merece ser escutada, não apenas com os ouvidos, mas com o coração.

SUGESTÕES PARA PESQUISAS FUTURAS

Dentre as perspectivas futuras para o avanço das intervenções terapêuticas voltadas a crianças com Síndrome de Phelan-McDermid (SPM), destaca-se a necessidade de realização de estudos clínicos controlados, com acompanhamento longitudinal, que possam avaliar de maneira robusta a eficácia da musicoterapia nesse público. Tais estudos devem utilizar instrumentos padronizados de avaliação sensorial e motora, possibilitando uma análise sistemática dos efeitos da intervenção musical ao longo do tempo. A carência de evidências empíricas

sólidas reforça a importância de ensaios clínicos bem delineados, que possam oferecer subsídios para a consolidação da musicoterapia como prática baseada em evidências no contexto da SPM.

Outro aspecto fundamental é o desenvolvimento de protocolos específicos de musicoterapia direcionados às particularidades clínicas dessa síndrome, que inclui hipotonia muscular, distúrbios de linguagem, dificuldades sensoriais e traços do Transtorno do Espectro Autista. A elaboração de programas terapêuticos personalizados, que considerem essas manifestações, contribuirá para uma atuação mais eficaz e centrada nas necessidades da criança, potencializando os ganhos terapêuticos e promovendo um melhor desenvolvimento global.

Além disso, é imprescindível a investigação do impacto da musicoterapia sobre o nível de estresse familiar e a qualidade de vida dos cuidadores, visto que o contexto familiar exerce papel crucial no processo terapêutico. A sobrecarga emocional e física enfrentada por pais e responsáveis de crianças com Síndrome de Phelan-McDermid (SPM) pode ser atenuada com o suporte de intervenções que também considerem a dimensão emocional da família. A musicoterapia, com seu caráter relacional e afetivo, pode se configurar como uma estratégia de cuidado indireto ao familiar, promovendo bem-estar e fortalecimento do vínculo cuidador-criança.

Adicionar, estudos comparativos entre diferentes abordagens musicoterapêuticas, como as modalidades estruturadas, improvisacionais e neurológicas, são essenciais para identificar quais métodos oferecem melhores respostas terapêuticas em crianças com Síndrome de Phelan-McDermid (SPM) e condições similares. Essa análise comparativa permitirá compreender com maior precisão as contribuições específicas de cada abordagem e facilitará a personalização dos atendimentos clínicos.

Por fim, realizar uma linha de pesquisa envolvendo a integração entre técnicas de neuroimagem funcional e intervenções musicais, permitindo observar em tempo real os efeitos da música no cérebro de crianças com Síndrome de Phelan-McDermid (SPM), pode ser promissor para contribuição dos estudos desse contexto. Podendo revelar os mecanismos neurológicos subjacentes à resposta terapêutica musical, ampliando a compreensão sobre a plasticidade cerebral estimulada por melodias, ritmos e sons. Essa interface entre musicoterapia e neurociência representa um campo produtivo para descobertas inovadoras, com alto potencial de impacto clínico e científico.

REFERÊNCIAS

- BETANCUR, C.; BENDER, A. **The emerging role of SHANK3 in neurodevelopmental disorders**. *Molecular Autism*, v. 10, n. 1, p. 1-20, 2019. DOI: 10.1186/s13229-019-0268-3.
- BRUSCIA, K. E. **Defining Music Therapy**. 3. ed. Gilsum: Barcelona Publishers, 2014. Disponível em: <https://archive.org/details/bruscia-kenneth-e-defining-music-therapy>. Acesso em 22 de maio de 2025.
- GATTINO, G. S. *et al.* Musicoterapia com crianças com transtorno do espectro autista: revisão sistemática. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, v. 9, n. 1, p. 1-18, 2011. Disponível em: <https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/issue/view/16>. Acesso em: 10 de maio de 2025.
- MERCER, T. *et al.* Sensory processing profiles of individuals with Phelan-McDermid syndrome: A case-control study using the Short Sensory Profile 2. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 51, p. 343–356, 2021. DOI: 10.1007/s10803-020-04556-y.
- MOSSER, T. *et al.* SHANK3-related neurodevelopmental disorder: A perspective from clinical genetics. **European Journal of Medical Genetics**, v. 63, n. 11, 2020. DOI: 10.1016/j.ejmg.2020.104066.
- NIEKAMP, Emily *et al.* The effect of music therapy on motor development in children with developmental delays: A systematic review. **Journal of Music Therapy**, v. 57, n. 2, p. 178–199, 2020. DOI: 10.1093/jmt/thaa001.
- PHELAN-MCDERMID SYNDROME FOUNDATION. **What is Phelan-McDermid Syndrome?** 2023. Disponível em: <https://www.pmsf.org>. Acesso em: 21 abril de 2025.
- SCHOGGER, Kimberly D. Effectiveness of music-based interventions for children with autism spectrum disorder: A review of the literature. **Music Therapy Perspectives**, v. 35, n. 1, p. 36–43, 2017. DOI: 10.1093/mtp/miw004.
- THAUT, Michael H.; LEINS, Ann M. Neurologic music therapy for sensory-motor rehabilitation. In: THAUT, M. H. **Rhythm, Music, and the Brain**. New York: Routledge, 2005. p. 121–150. DOI: 10.4324/9780203958827.
- WIMMER, William *et al.* Effects of auditory stimulation on tactile defensiveness in children with sensory integration disorder. **Occupational Therapy International**, v. 23, n. 3, p. 211–220, 2016. DOI: 10.1002/oti.1420.

FISIOTERAPIA E MUSICOTERAPIA NA INTERVENÇÃO INTERDISCIPLINAR DE PACIENTES NEUROLÓGICOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS E RESULTADOS NO PROJETO RODOPIOS E PIRUETAS DA EMESCAM

Carla Loureiro Portuense Siqueira¹

Mariângela Braga Pereira Nielsen²

Paulo Soares Santos Paraguassú³

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo relatar e analisar a experiência interdisciplinar entre a Fisioterapia e a Musicoterapia no contexto do Projeto de Extensão Universitária *Rodopios e Piruetas*, desenvolvido desde 2015 na Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (EMESCAM). O projeto tem como público-alvo crianças e adolescentes com paralisia cerebral, hidrocefalia, deficiência intelectual, mielomeningocele e distrofia muscular de Duchenne, usuárias de cadeira de rodas, que participam de atividades semanais de dança, canto e expressão musical integradas a protocolos de reabilitação motora e sensorial. A proposta visa integrar o saber técnico-científico da Fisioterapia ao potencial expressivo e emocional da Musicoterapia, promovendo ganhos em equilíbrio, coordenação, autonomia funcional, autoestima e inclusão social. A metodologia qualitativa e descritiva apoia-se em observações sistemáticas e registros de campo dos extensionistas. Os resultados demonstram que o movimento associado à música contribui para o desenvolvimento global dos participantes, ampliando habilidades cognitivas, emocionais e motoras, além

1 Docente do curso de Fisioterapia da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória. Mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local. Graduada em Fisioterapia pela Universidade Católica de Petrópolis- RJ. E-mail: portuense.carla@gmail.com

2 Docente do curso de Fisioterapia da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória. Doutora em Kinesiologia y Fisiatria pela Universidade Nacional de General San Martin. E-mail: mariangela.pereira@emescam.br

3 Doutorando em Educação na linha de Educação Especial e Processos Inclusivos no PPGE-Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Musicoterapeuta pela CENSUPEG. Licenciatura em Música pela FAMES..

de favorecer o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários. O projeto evidencia que a interdisciplinaridade entre Fisioterapia e Musicoterapia constitui uma estratégia eficaz de reabilitação humanizada, transformando a clínica em um espaço de arte, criatividade e cidadania.

Palavras-chave: Fisioterapia; Musicoterapia; Dança inclusiva; Reabilitação neurológica; Interdisciplinaridade; Inclusão social.

INTRODUÇÃO

A integração entre Fisioterapia e Musicoterapia tem se consolidado como uma abordagem inovadora e sensível no campo da reabilitação neurológica, ao articular corpo, som, emoção e cognição em um mesmo processo terapêutico. A Fisioterapia, ao buscar restaurar o movimento e a funcionalidade, encontra na música um recurso capaz de amplificar os efeitos sensório-motores e de ampliar o engajamento emocional dos pacientes.

Nesse sentido, conforme aponta Bruscia (2016), a Musicoterapia constitui um processo sistemático de intervenção que utiliza a experiência musical com a finalidade de restaurar, manter e melhorar a saúde física e emocional. Quando associada a técnicas fisioterapêuticas, essa abordagem pode estimular respostas motoras e cognitivas, facilitando os processos de aprendizado e a reorganização neural.

Além disso, a música, por sua natureza rítmica e afetiva, ativa diversas áreas cerebrais simultaneamente, especialmente o córtex motor, o cerebelo e o sistema límbico (Levitin, 2006). Desse modo, atua como um elemento integrador entre emoção e movimento. No contexto da reabilitação neurológica, essa integração assume um papel fundamental, pois promove sincronia corporal e emocional, facilitando o controle motor e o equilíbrio postural (Thaut, 2014).

Diante dessa fundamentação, o Projeto *Rodopios e Piruetas*, desenvolvido na EMESCAM desde 2015, surgiu alinhado a essa perspectiva interdisciplinar. Inicialmente, visava associar conteúdos das disciplinas de Bases de Avaliação e Diagnóstico Fisioterapêutico à dança inclusiva como instrumento terapêutico. Com o passar dos anos, o projeto evoluiu e ampliou seu escopo, incorporando práticas de Musicoterapia e aprimorando seu compromisso com a promoção de qualidade de vida, autonomia e inclusão social.

Inspirado em experiências de dança em cadeira de rodas e na história da bailarina paraplégica Mariana Barbosa Reis, o projeto consolidou-se como referência em práticas interdisciplinares que integram reabilitação, arte e emoção. Desde sua criação, mais de 200 extensionistas e 100 beneficiários

foram envolvidos nas atividades, evidenciando o impacto transformador dessa iniciativa no contexto acadêmico e social.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A DANÇA E O CORPO EM MOVIMENTO: FUNDAMENTOS FISIOTERAPÊUTICOS

A Fisioterapia neurológica tem como finalidade restaurar funções motoras e promover adaptação às limitações físicas. No entanto, quando a reabilitação incorpora a dimensão estética e expressiva, amplia-se a visão de corpo — compreendido não apenas como estrutura biomecânica, mas como corpo vivido, simbólico e comunicante. De acordo com Merleau-Ponty (1999), o corpo não é um simples objeto no mundo, mas a própria condição de possibilidade da experiência, por meio da qual o sujeito percebe, sente e estabelece relações com o outro e com o ambiente. Sob essa perspectiva fenomenológica, o corpo constitui linguagem e expressão, sendo fundamental reconhecer, nos processos terapêuticos, sua dimensão sensível, subjetiva e existencial.

Nesse contexto, as práticas corporais expressivas, como a dançaterapia e a dança inclusiva, apresentam contribuições relevantes para a reabilitação e a ampliação da consciência corporal. Evidências apontam que a dançaterapia pode influenciar positivamente a mobilidade funcional de crianças com paralisia cerebral hemiparética espástica, com melhorias significativas nas dimensões de pé/terra e andar/correr/pular da escala GMFM⁴. Esses resultados indicam que o movimento, quando aliado à expressão simbólica e ao ritmo, potencializa a integração entre corpo e emoção, fortalecendo a autonomia e a autoimagem corporal.

A dança inclusiva, segundo Carvalho (2012), configura-se como espaço de reconhecimento do corpo com deficiência enquanto sujeito expressivo e criador, promovendo pertencimento, autonomia e visibilidade social. O movimento, nesse contexto, transcende o aspecto motor e assume dimensões simbólicas, afetivas e identitárias, favorecendo processos de reconstrução subjetiva e de ampliação da comunicação não verbal. Dessa forma, a integração entre Fisioterapia, dançaterapia e abordagens expressivas aproxima a reabilitação de uma experiência estética e relacional, em que o corpo é compreendido em sua totalidade vivida.

4 A escala GMFM (*Gross Motor Function Measure*) é um instrumento padronizado destinado à avaliação das habilidades motoras grossas, especialmente aplicado em crianças com paralisia cerebral.

A MÚSICA COMO MEDIADORA DA REABILITAÇÃO

Na perspectiva da Musicoterapia neurológica, o som atua como um estímulo que organiza o movimento e ativa padrões motores específicos. Thaut (2014) descreve o conceito de *Rhythmic Auditory Stimulation* (RAS), segundo o qual o ritmo musical auxilia a marcha, a coordenação e a sincronização de movimentos em pacientes com distúrbios neurológicos.

Levitin (2006) reforça que a música mobiliza múltiplas redes cerebrais — emocionais, motoras e de memória —, favorecendo a plasticidade neural. Quando utilizada de forma terapêutica, a experiência musical potencializa a motivação, o prazer e o engajamento, aspectos essenciais para o sucesso da reabilitação.

Em consonância, Dalcroze (2000) destaca a rítmica corporal como método educativo e terapêutico no qual o corpo aprende por meio da música. Essa abordagem é retomada por Bruscia (2016), que compreende o som como canal de comunicação não verbal capaz de restabelecer o diálogo interno entre emoção e movimento.

A INTEGRAÇÃO INTERDISCIPLINAR: MÚSICA, CORPO E INCLUSÃO

Morin (2002, p. 38) afirma que “a complexidade é um tecido de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Assim, o conhecimento pertinente deve reconhecer os laços, as inter-relações e as implicações mútuas”. Essa concepção de complexidade sustenta a necessidade de abordagens interdisciplinares que articulem múltiplos saberes e práticas.

À luz dessa compreensão, o projeto *Rodopios e Piruetas* evidencia como tal integração se concretiza no diálogo constante entre os referenciais clínicos da Fisioterapia e da Musicoterapia. Nessa perspectiva, as práticas conjuntas favorecem o autoconhecimento, a autoestima e a socialização dos participantes, constituindo um ambiente terapêutico relacional e inclusivo.

Nesse mesmo sentido, Vigotski (1998) destaca que o desenvolvimento humano ocorre na interação social, mediado pela cultura. Assim, a música e a dança, ao criarem espaços de convivência e simbolização, cumprem essa função mediadora, estimulando o aprendizado, a criatividade e a expressão.

METODOLOGIA

Para compreender de maneira aprofundada os processos vivenciados no contexto do projeto, adotou-se uma abordagem metodológica que privilegia a descrição detalhada e a análise qualitativa das práticas desenvolvidas. Trata-se,

portanto, de um relato de experiência qualitativo e descritivo, fundamentado em registros sistemáticos e observações das atividades do Projeto de Extensão *Rodopios e Piruetas*, desenvolvido na EMESCAM, em parceria com a Clínica Escola de Fisioterapia.

PÚBLICO PARTICIPANTE

Com o objetivo de caracterizar o perfil dos sujeitos envolvidos e compreender a diversidade de demandas atendidas pelo projeto, delinea-se a seguir o público participante das atividades. Participaram crianças e adolescentes de 4 a 18 anos, com diagnóstico de paralisia cerebral, hidrocefalia, distrofia muscular de Duchenne, mielomeningocele e deficiência intelectual, todas usuárias de cadeira de rodas. Os participantes foram encaminhados por clínicas, escolas e programas de inclusão social, o que evidencia a articulação intersetorial que sustenta o projeto.

ESTRUTURA DAS SESSÕES

As atividades ocorrem semanalmente, com duração média de 90 minutos, organizadas em três etapas:

- a) **Aquecimento corporal e musical:** exercícios respiratórios, vibrações vocais e alongamentos acompanhados por instrumentos de percussão, teclado e violão;
- b) **Intervenção rítmica e funcional:** estímulos sonoros coordenados com movimentos fisioterapêuticos, voltados ao controle de tronco, ao alcance e ao equilíbrio;
- c) **Expressão e criação coletiva:** coreografias e músicas escolhidas pelos próprios participantes, culminando em apresentações públicas anuais.

AValiação

A equipe utilizou instrumentos clínicos, como a Escala de Equilíbrio de Tronco, além de registros observacionais e filmagens das apresentações. Complementarmente, foram coletados relatos das famílias e cuidadores, analisados qualitativamente, o que permitiu integrar percepções subjetivas aos dados clínicos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

GANHOS MOTORES E FUNCIONAIS

Os resultados evidenciam melhoras significativas no controle postural, no equilíbrio e na mobilidade funcional das crianças. Observou-se que participantes que anteriormente dependiam integralmente de auxílio passaram a conduzir suas cadeiras de rodas com maior autonomia e a realizar transferências de forma independente. Tais avanços indicam não apenas ganhos motores, mas também progressos na autoconfiança e na percepção corporal, refletindo a integração entre aspectos neurológicos, funcionais e emocionais do movimento.

Conforme Macêdo, Purificação e Silva (2020, p. 1), “na infância ocorre com veemência a maturação do sistema nervoso, possibilitando que a plasticidade esteja em efervescência”, favorecendo a aquisição de novas habilidades e a reorganização das conexões neurais. Nesse sentido, os autores ressaltam que a aprendizagem da técnica motora não se limita ao ato físico do movimento, mas se insere em dimensões culturais e simbólicas que ampliam o significado da ação corporal. Assim, compreende-se o desenvolvimento como processo global, resultante da interação dinâmica entre fatores biológicos, emocionais e socioculturais.

ASPECTOS COGNITIVOS E EMOCIONAIS

Além dos ganhos motores, observou-se que a integração entre som e movimento promoveu o aumento da atenção, da concentração e da linguagem corporal. Crianças com dificuldades de interação passaram a demonstrar empatia e iniciativa. Durante os ensaios, corrigiam seus próprios movimentos e interagiam mais ativamente com os colegas, expressando autoconfiança e consciência das próprias possibilidades corporais.

Damásio (2010) argumenta que as emoções e os sentimentos desempenham papel essencial na formação da consciência e na regulação dos processos cognitivos, pois constituem mecanismos pelos quais o corpo sinaliza ao cérebro o que está acontecendo internamente. Essa relação corpo-mente evidencia que os sentimentos não são meras reações subjetivas, mas componentes biológicos e cognitivos fundamentais para a tomada de decisões, o aprendizado e o equilíbrio emocional.

Dessa forma, compreende-se que ambientes musicais que integram emoção, expressão e movimento favorecem o desenvolvimento da autoestima e da autorregulação emocional. A atuação conjunta da Fisioterapia e da Musicoterapia amplia o campo da reabilitação, convertendo-o em um processo criativo e relacional.

INCLUSÃO SOCIAL E AUTOESTIMA

O ponto culminante das atividades é a apresentação artística anual, que reúne danças, cantos e movimentos expressivos criados pelos próprios participantes. Esse momento transcende o valor estético: é uma celebração da conquista, da superação e do reconhecimento social.

As famílias relatam que as crianças passaram a se perceber como artistas e cidadãos, experimentando o prazer de serem vistas e valorizadas pela sociedade. Tal vivência estética reforça o sentimento de pertencimento e de dignidade, elementos essenciais para a inclusão social de pessoas com deficiência.

Além disso, conforme Bernabé (2001; 2014), práticas de dança voltadas a pessoas com deficiência — incluindo aquelas realizadas em cadeira de rodas — rompem com a lógica da incapacidade e promovem o reconhecimento do corpo como sujeito criativo, sensível e potente. Nessas experiências, a ênfase recai sobre a dimensão estética e expressiva do movimento, que ultrapassa os aspectos meramente funcionais e revela o potencial simbólico, comunicativo e artístico presente em cada gesto.

IMPACTOS SOCIAIS E DESDOBRAMENTOS

Dando continuidade a esses efeitos positivos, com o amadurecimento do projeto, alguns participantes foram estimulados a ingressar em modalidades paralímpicas, como bocha e natação, chegando a representar o Espírito Santo em competições nacionais. Esse desdobramento demonstra que a reabilitação artística ultrapassa o espaço terapêutico, configurando-se como ferramenta de inclusão e cidadania.

Além desse impacto, o projeto consolidou-se como campo fértil para pesquisa e produção científica, a exemplo do estudo *Percepção dos pais sobre a intervenção do Rodopios e Piruetas no desenvolvimento social e esportivo dos filhos com deficiência física* (2015). Tais produções reforçam o papel transformador da universidade ao integrar extensão, ensino e pesquisa de modo socialmente relevante.

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA INTERDISCIPLINAR

À luz desses resultados, a experiência com o *Rodopios e Piruetas* confirma que a verdadeira interdisciplinaridade não se limita à cooperação técnica entre áreas, mas constitui uma filosofia de cuidado integral. A Fisioterapia aporta o rigor científico da avaliação funcional, enquanto a Musicoterapia introduz elementos expressivos, afetivos e simbólicos. Em conjunto, essas práticas transformam o ambiente clínico em espaço de arte, diálogo e sensibilidade.

De acordo com Morin (2002), o conhecimento pertinente deve enfrentar

a incerteza e reconhecer a complexidade da vida, integrando diferentes saberes e dimensões da realidade. Sob essa ótica, o trabalho interdisciplinar não busca uniformizar métodos, mas articular competências diversas em prol de um mesmo propósito: o cuidado integral e o bem-estar humano.

Essa prática reforça também os princípios da educação inclusiva e dos direitos da pessoa com deficiência, conforme estabelecido pela Convenção da ONU (Organização das Nações Unidas) sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2006) e pela Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015), que asseguram o acesso à arte, ao esporte e à participação social como dimensões fundamentais do desenvolvimento humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto *Rodopios e Piruetas*, ao promover a interlocução entre a Fisioterapia e a Musicoterapia, reafirma o potencial transformador da arte no contexto clínico e social. A integração entre música e movimento, concebida de forma terapêutica, revela-se como força mobilizadora capaz de restaurar dimensões corporais, emocionais e relacionais, despertando alegria, autonomia e pertencimento.

Além disso, a experiência acumulada ao longo do projeto demonstra que a reabilitação pode — e, eticamente, deve — transcender a dimensão técnica, constituindo-se como um espaço de expressão, convivência e cidadania. O impacto observado em crianças com condições neurológicas complexas evidencia que a integração entre corpo e som promove ganhos funcionais duradouros e melhora significativa da qualidade de vida.

Nesse sentido, a continuidade e a expansão dessa iniciativa mostram-se fundamentais para fortalecer a formação interdisciplinar dos futuros profissionais da saúde e ampliar o alcance social da faculdade. Em síntese, as práticas vividas no *Rodopios e Piruetas* configuram-se como um convite à reflexão sobre novas perspectivas de cuidado, nas quais gesto e som se entrelaçam como linguagens de cura, liberdade e humanidade.

REFERÊNCIAS

BERNABÉ, Maria Fátima. **A dança na educação especial**: uma proposta de integração e expressão corporal. São Paulo: Cortez, 2001.

BERNABÉ, Maria Fátima. **Dança em cadeira de rodas**: corpo, movimento e inclusão. Campinas: Papirus, 2014.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**.

Diário Oficial da União: Brasília, 2015.

BRUSCIA, Kenneth E. **Definindo Musicoterapia**. 3. ed. Dallas: Barcelona Publishers, 2016.

CARVALHO, Rosane Preciosa. **Dança inclusiva: corpos em movimento e expressividade na diferença**. São Paulo: Annablume, 2012.

DALCROZE, Émile Jaques. **Rítmica e expressão corporal**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

DAMÁSIO, António R. **O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MACEDO, Libni David De Santana; PURIFICAÇÃO, Thaís Almeida; SILVA, Jéssica Souza Santana. Movimento e Técnica: o fenômeno da aprendizagem e sua relação entre plasticidade neural e cultura. **Póiesis Pedagógica**, Catalão, v. 18, p. 77–90, 2020. DOI: 10.5216/rppoi.v18.62844. Disponível em: <periodicos.ufcat.edu.br/index.php/poiesis/article/view/62844>. Acesso em: 14 nov. 2025.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

THAUT, Michael H. **The Oxford Handbook of Neurologic Music Therapy**. Oxford: Oxford University Press, 2014.

VIGOTSKI, Lev S Semyonovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MUSICOTERAPIA NA REABILITAÇÃO RESPIRATÓRIA – UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Crislany Gadioli Marcelino Rosa¹

Gabriela Oliveira dos Santos²

Giovana Machado Souza³

RESUMO

Este trabalho apresenta uma revisão bibliográfica sobre a contribuição da musicoterapia na reabilitação respiratória, considerando sua aplicação em diferentes contextos clínicos, como pacientes com Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica (DPOC), idosos, pacientes hospitalizados em Unidades de Terapia Intensiva (UTI). Foram incluídos estudos nacionais e internacionais que analisaram o uso do canto, de instrumentos de sopro e da escuta musical no apoio à função respiratória. Os resultados evidenciam benefícios fisiológicos, como melhora da função pulmonar, fortalecimento da musculatura respiratória, controle da dispneia e otimização de parâmetros cardiorrespiratórios, além de ganhos emocionais e psicossociais. Apesar das evidências promissoras, as principais limitações observadas referem-se a amostras pequenas, heterogeneidade metodológica e escassez de estudos clínicos no Brasil. Conclui-se que a musicoterapia é um recurso complementar eficaz e humanizador, com potencial para ser incorporado em programas de reabilitação respiratória.

Palavras-chave: Musicoterapia. Reabilitação respiratória. Fisioterapia. Doença pulmonar. Humanização da saúde.

1 Licenciada em Música pela Claretiano - Pós- graduanda em Musicoterapia pela EMESCAM.

2 Pós-graduada em Fisioterapia do Trabalho e Ergonomia pela Delta - Bacharel em Fisioterapia pela UniSales - Pós-graduanda em Musicoterapia pela EMESCAM/ES.

3 Doutora em Ciências Fisiológicas e Professora Titular do curso de graduação em Fisioterapia e Medicina da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória – EMESCAM.

INTRODUÇÃO

A música tem acompanhado a humanidade desde suas origens mais antigas, sendo utilizada não apenas para entretenimento, mas também como recurso terapêutico capaz de influenciar aspectos físicos, emocionais e sociais. Nesse contexto, surge a musicoterapia, definida como o uso da música e de seus elementos – som, ritmo, melodia e harmonia – em processos individuais ou coletivos, visando promover comunicação, expressão, organização, aprendizado e mobilização (Nogueira; Silva; Pachú, 2023). Trata-se, portanto, de uma prática reconhecida como parte das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), que tem ganhado espaço no cuidado multiprofissional pela sua abordagem humanizada e não farmacológica (Batalha *et al.*, 2022).

A relevância clínica da musicoterapia é demonstrada por diferentes pesquisas, que apontam sua eficácia na redução da dor, da ansiedade, da frequência respiratória e cardíaca, além da melhora da qualidade de vida em pacientes hospitalizados e em cuidados paliativos (Felcar; Pisetti, 2007; Nogueira; Silva; Pachú, 2023). Além disso, evidências sugerem que a música pode atuar diretamente sobre o sistema nervoso autônomo, estabilizando parâmetros fisiológicos como a saturação de oxigênio e a pressão arterial (Felcar; Pisetti, 2007). Esses efeitos indicam um potencial promissor da musicoterapia no manejo de condições respiratórias crônicas e agudas.

As doenças respiratórias representam um grave problema de saúde pública em escala global. Estima-se que a Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica (DPOC) seja a terceira principal causa de morte no mundo, responsável por cerca de 3,2 milhões de óbitos anuais, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2023). No Brasil, dados do DATASUS apontam que as doenças do aparelho respiratório estão entre as principais causas de internação hospitalar, sobretudo em idosos, refletindo diretamente na sobrecarga do sistema de saúde e nos elevados custos hospitalares (Mazalli; Petreça; Campos, 2019). Esse cenário evidencia a necessidade de estratégias complementares que auxiliem na reabilitação respiratória.

No âmbito do envelhecimento populacional, o desafio se intensifica. O Brasil apresenta um processo acelerado de transição demográfica, com projeções que indicam que em 2030 a população idosa representará mais de 30% do total (IBGE, 2021). O envelhecimento está associado à diminuição progressiva da função respiratória e ao aumento da prevalência de doenças pulmonares crônicas, o que compromete a qualidade de vida e a independência funcional dos idosos (Mazalli; Petreça; Campos, 2019). Nesse contexto, intervenções de

baixo custo, acessíveis e eficazes, como o canto terapêutico e a musicoterapia, destacam-se como recursos de grande valor para a fisioterapia e a saúde coletiva.

Pesquisas em Unidades de Terapia Intensiva (UTI) demonstram que a musicoterapia contribui para a redução do uso de sedativos, controle da ansiedade e melhora do bem-estar emocional de pacientes críticos (Serradourada *et al.*, 2025). Esses achados reforçam o potencial da música como ferramenta integrativa no tratamento de doenças respiratórias e no suporte ao processo de reabilitação.

Apesar dos avanços, ainda existem lacunas significativas no conhecimento científico sobre os efeitos específicos da musicoterapia voltados para a reabilitação respiratória. A maioria dos estudos concentra-se nos impactos gerais da música na saúde, como a melhora do humor, a redução do estresse e o alívio da dor (Batalha *et al.*). Poucas pesquisas investigam de forma aprofundada como os elementos musicais podem ser sistematicamente aplicados em protocolos no tratamento de doenças pulmonares, especialmente no contexto brasileiro.

Essa ausência de evidências mais sólidas justifica a necessidade de aprofundar as investigações sobre a relação entre a musicoterapia e a reabilitação respiratória. O fortalecimento dessa área poderá contribuir para a criação de novas estratégias terapêuticas multidisciplinares, promovendo não apenas ganhos clínicos aos pacientes, mas também benefícios econômicos e sociais ao reduzir hospitalizações e otimizar recursos do sistema de saúde (Nogueira; Silva; Pachú, 2023).

Dessa forma, considerando a relevância da música como recurso terapêutico, a crescente demanda por métodos complementares e a necessidade de evidências aplicadas à área respiratória, este estudo justifica-se por contribuir para o avanço do conhecimento científico e oferecer subsídios à prática clínica e à formulação de políticas públicas em saúde.

Assim, o objetivo deste trabalho é analisar a contribuição da musicoterapia na reabilitação respiratória, a partir de uma revisão bibliográfica da literatura científica disponível sobre o tema.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Descrever como a musicoterapia pode complementar o processo da reabilitação de doenças respiratórias bem como seu processo de atuação, aumento da capacidade pulmonar, levando a uma melhora na qualidade de vida do paciente promovendo seu bem estar.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Explorar o impacto da musicoterapia na função pulmonar de pacientes em reabilitação respiratória.
- Investigar a eficácia da musicoterapia como uma intervenção complementar na melhoria da qualidade de vida de pacientes com doenças respiratórias crônicas.
- Examinar a relação entre a prática da musicoterapia e a redução do estresse e da ansiedade em pacientes submetidos à reabilitação respiratória.
- Discutir as evidências científicas que sustentam o uso da musicoterapia na reabilitação respiratória, incluindo estudos de caso e pesquisas recentes.

MATERIAIS E MÉTODOS

ESTRATÉGIA DE BUSCA

Trata-se de uma revisão integrativa, desenvolvida com base nas diretrizes propostas pelo Manual do *Joanna Briggs Institute* (JBI) (Peters *et al.*, 2022). Para aprimorar a qualidade e a transparência da pesquisa foi aplicado uma estratégia de busca, que será descrita abaixo.

Para a definição da pergunta de pesquisa desta revisão integrativa, foi adotada a estratégia PCC – acrônimo para População, Conceito e Contexto –, que possibilita organizar de maneira clara e objetiva os elementos essenciais do estudo. No presente trabalho, a População é composta por pessoas que receberam atendimento de musicoterapia no tratamento de doenças pulmonares, seja em ambiente clínico ou hospitalar. O Conceito abordado refere-se às potencialidades e limitações da utilização dessa intervenção terapêutica. Por fim, o Contexto é delimitado às doenças respiratórias, englobando condições agudas e crônicas que afetam o sistema pulmonar.

Para elaboração de uma pergunta de pesquisa clara e objetiva, utilizou-se a estratégia PCC, acrônimo para População, Conceito e Contexto (Quadro 1).

Quadro 1 – Descrição dos elementos utilizados para a elaboração da pergunta de revisão

Acrônimo	Descrição
População	Pessoas que receberam atendimento de musicoterapia na doença pulmonar, seja em clínica e/ou hospital
Conceito	Potencialidades e limitações da musicoterapia
Contexto	Doenças respiratórias

Dessa forma, a pergunta desenvolvida para a construção da presente revisão foi:

“A musicoterapia é eficaz no auxílio da reabilitação de doenças respiratórias?”

Crítérios de elegibilidade

Foram consideradas todas as produções científicas que apresentaram em seu conteúdo, assuntos relacionados a musicoterapia e doenças respiratórias. Incluíram-se artigos publicados a partir de janeiro de 2014 até dezembro de 2024 para se ter uma janela de pesquisa maior; nos idiomas inglês e português; e, independente do desenho e qualidade metodológica. Os critérios de exclusão adotados foram resumos publicados em revistas ou anais de evento, e aquelas repetidas nas bases de dados exploradas.

Fontes de informação e estratégia de busca

A busca dos estudos foi realizada entre os meses de novembro de 2024 a janeiro de 2025 nas bases eletrônicas da Literatura Latino-Americano e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE/PubMed), Portal Regional da BVS, Google academic.

A estratégia de busca empregada na base de dados LILACS considerou os seguintes descritores na língua portuguesa, reconhecidos pelos sistemas de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “musicoterapia AND “reabilitação de doenças respiratórias” AND Brasil. Para a busca no MEDLINE/PubMed foram utilizados os descritores na língua inglesa, reconhecidos pelo *Medical Subjects Headings (MeSH)*: “Music Therapy” AND Respiratory Rehabilitation” AND Brazil. As estratégias de busca utilizadas estão expostas no quadro 1.

Quadro 2 – Estratégia de busca por base de dados

BASES DE DADOS E ESTRATÉGIA DE BUSCA	ESTRATÉGIA DE BUSCA
LILACS/ CAPES	“Musicoterapia AND “Reabilitação de doenças respiratórias” AND Brasil.
MEDLINE/PUBMED SCOPUS	“Music Therapy” AND “Respiratory Rehabilitation” AND Brazil.

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Seleção dos estudos

Inicialmente, os estudos identificados foram avaliados por meio da análise dos títulos, descartando as pesquisas duplicadas nas bases de dados, além daquelas que não tinham implicação com os objetivos deste estudo. Em seguida,

procedeu-se a leitura dos resumos, selecionando aqueles que não preencheram os critérios de inclusão delimitados nesta pesquisa. Por fim, através da leitura na íntegra, foram selecionadas as pesquisas que dialogaram com os objetivos da pesquisa, culminando na amostra final incluída nesta revisão.

A seleção dos estudos foi realizada de forma independente por dois autores, sendo que as possíveis divergências entre estes, sanadas com a participação de um terceiro autor.

Todo processo de seleção dos estudos, com motivos e quantidade de exclusão em cada etapa, foi elencado em fluxograma adaptado das recomendações do PRISMA (2018).

Extração e análise dos dados

Para caracterização dos estudos incluídos, os seguintes dados foram extraídos dos artigos: primeiro nome dos autores, objetivo da pesquisa, ano de publicação, local do estudo (cidade e estado), período de coleta de dados do estudo, atores envolvidos (amostra), tipo de estudo (qualitativo/quantitativo, observacional/intervenção, outros).

As potencialidades, limitações e proposições de cada estudo selecionado foram buscadas ativamente em todo conteúdo do artigo e transcritas de forma sintetizada para uma planilha.

Os dados extraídos foram transferidos por um dos autores para uma planilha eletrônica no Excel (Microsoft Corp., Estados Unidos). A caracterização dos estudos incluídos foi feita de forma descritiva. Já para a análise qualitativa dos conteúdos extraídos acerca das potencialidades, limitações e contribuições utilizou-se o método de análise textual discursiva. Este método consiste em uma análise de dados que perpassam por duas formas de análise de pesquisa qualitativa: a análise de conteúdo e a análise de discurso (Moraes; Do Carmo Galiazzi, 2006).

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Foram definidos os seguintes critérios de elegibilidade para a seleção dos estudos, considerando a abrangência e o rigor metodológico necessários para atender aos objetivos da presente revisão:

- **CRITÉRIOS DE INCLUSÃO**

Estudos originais (ensaios clínicos, estudos observacionais), revisões sistemáticas e revisões narrativas que abordem a musicoterapia como intervenção associada à reabilitação de doenças respiratórias ou ao manejo de condições pulmonares, como Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica (DPOC), asma, fibrose pulmonar, bronquiectasia e hipertensão pulmonar.

Estudos publicados entre janeiro de 2014 e dezembro de 2024, período escolhido para contemplar evidências recentes e relevantes, alinhadas ao avanço das práticas terapêuticas e tecnologias aplicadas à reabilitação respiratória.

Publicações nos idiomas português e inglês, justificando-se esta seleção pela maior familiaridade dos revisores com estas línguas e pela representatividade da literatura científica disponível.

Trabalhos que envolvam pacientes humanos (adultos e/ou pediátricos) com diagnóstico clínico de doença respiratória, apresentando desfechos relacionados à função pulmonar, capacidade física, dispneia, qualidade de vida, adesão ao tratamento, parâmetros psicofisiológicos ou outros indicadores clínicos pertinentes.

Estudos com metodologia descrita, permitindo a extração das características do desenho, da amostra e dos principais resultados.

Artigos com texto completo disponível para leitura integral e análise.

• CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

Resumos de congressos, comunicações breves ou anais cujo texto completo não estivesse disponível.

Estudos duplicados identificados nas bases de dados (considerando-se apenas a versão mais completa e definitiva).

Publicações cujo foco principal fosse exclusivamente intervenção farmacológica, genética ou cirúrgica, sem relação com a musicoterapia ou outras formas de estímulo musical aplicadas à reabilitação respiratória.

Estudos realizados em modelos animais ou em laboratório (in vitro).

Editorial, opinião, carta ao editor e relatos de caso isolados sem dados suficientes para análise, exceto se contivessem informações detalhadas sobre a intervenção musical e desfechos relevantes.

Trabalhos publicados em idiomas diferentes dos previamente definidos ou anteriores ao período estabelecido.

Estudos com qualidade metodológica insuficiente, como ausência de descrição da intervenção, amostra indefinida ou impossibilidade de extração de desfechos, inviabilizando a análise. Nestes casos, a exclusão foi devidamente registrada.

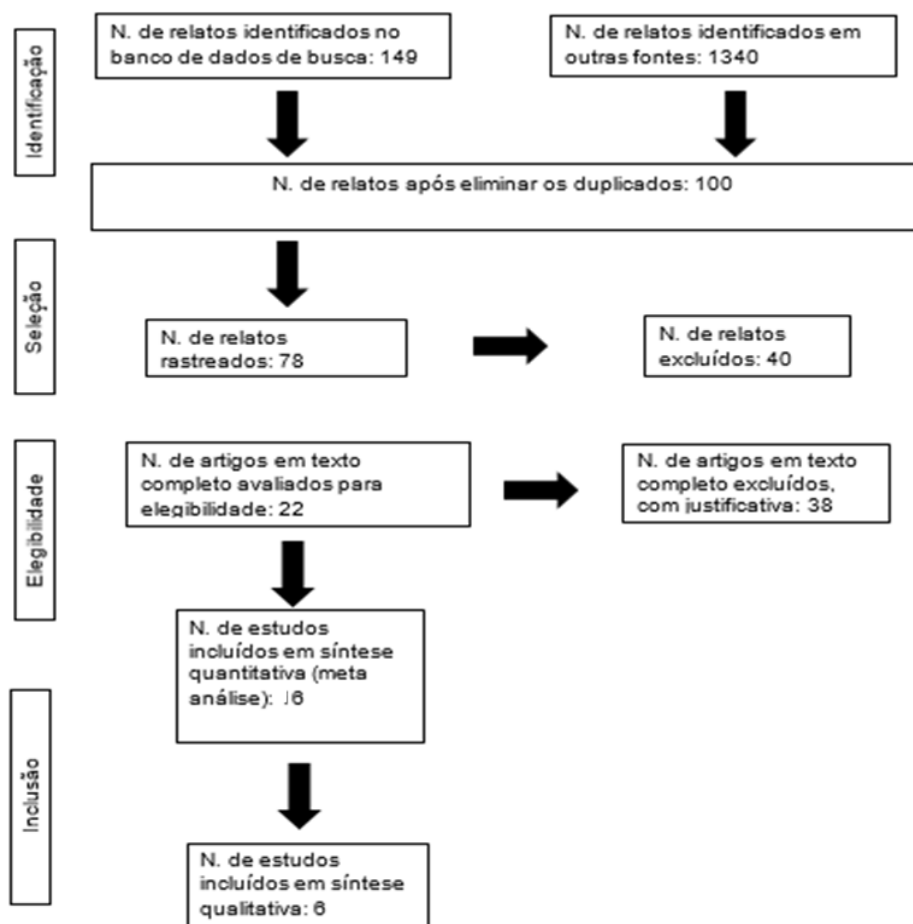
Procedimentos em relação às divergências

A seleção final dos estudos foi realizada por dois revisores de forma independente. As discordâncias foram resolvidas com a participação de um terceiro revisor, garantindo a coerência e a imparcialidade do processo. Todas as exclusões, em qualquer etapa da triagem, foram registradas com a respectiva justificativa e apresentadas em fluxograma adaptado do modelo PRISMA (2018).

RESULTADOS

No total, foram identificados 149 registros nas bases de dados citadas no quadro 1. Após a remoção dos duplicados, 100 estudos permaneceram para triagem, sendo que 78 foram rastreados por meio da leitura de títulos e resumos, com exclusão de 40 por não atenderem aos critérios de inclusão. Restaram 22 artigos para leitura na íntegra, dos quais 38 foram excluídos com justificativa. Ao final, 16 estudos foram incluídos na síntese quantitativa (meta-análise) e 6 na síntese qualitativa. O processo completo de identificação, seleção, elegibilidade e inclusão está representado na Figura 1, elaborada conforme o modelo PRISMA.

Figura 1. Fluxograma de seleção dos estudos



Quadro 3. Caracterização das pesquisas quanto à autoria, ano, local, tipo de estudo, amostra e objetivos

Autor (Ano)	Local	Tipo de Estudo	Amostra	Objetivos
BATALHA, J. C. R.; ALMEIDA, G. L. de; RUIZ, E. C. R.; MIRANDA, L. L. (2025)	Paraná	Revisão bibliográfica	Estudo sobre os efeitos da musicoterapia no ambiente hospitalar. A busca será feita por meio de dados contidos na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Onde, por meio do formulário avançado desta base, foram utilizados os termos “Musicoterapia”, “assistência de enfermagem” no campo palavras e “BRASIL” no campo País, ano de publicação 2008 - 2019.	Compreender a importância da música como prática presente no ambiente hospitalar e na assistência de enfermagem.
de FREITAS, <i>et al.</i> , (2017)	Rio de Janeiro	Revisão integrativa	Foram avaliados artigos científicos publicados entre os anos de 2003 e 2012, que contemplaram estudos clínicos randomizados com pacientes em ambiente hospitalar e submetidos à musicoterapia.	Avaliar artigos científicos que elucidaram os benefícios da musicoterapia como meio eficaz de alicerce ao atendimento humanizado e estratégia terapêutica para a garantia do bem-estar psíquico de pacientes hospitalizados.
MATOSO, L. M. L.; OLIVEIRA, A. M. B. de (2017)	Bahia	Revisão integrativa	Foi realizada uma revisão integrativa nos periódicos da Biblioteca Virtual em Saúde, onde obteve-se 40 artigos. Os resultados apontaram que 60% das intervenções musicais foram realizadas em adultos, 95% dos estudos foram desenvolvidos no continente americano, 30% publicado em periódicos B1 e 60% dos artigos foram experimentais.	Sintetizar quais as evidências científicas acerca da utilização da música no processo de saúde-doença.
MAZALLI, J.; PETREÇA, D. R.; CAMPOS, R. (2019)	Santa Catarina	Pesquisa quase experimental do tipo antes e depois (ou pré-teste/pós-teste) sem grupo controle.	Pesquisa quase experimental e sem grupo controle, com a avaliação de 11 idosos institucionalizados no tempo 0 (pré aplicação) e no tempo 1 (pós aplicação) entre maio a agosto de 2017.	Avaliar os efeitos do canto na função respiratória, cardíaca e qualidade de vida em idosos institucionalizados.

MOURA, M. de F. C.; SOUZA, A. C. de; CASIMIRO, M. R. A.; OLIVEIRA, G. S. (2025)	São Paulo	Revisão integrativa da literatura	Busca de artigos nas bases de dados SciELO e LILACS, considerando publicações entre 2020 e 2024, em português ou espanhol, com acesso gratuito. Foram selecionados seis artigos que atenderam aos critérios de inclusão.	Avaliar os benefícios da aplicação da musicoterapia na assistência ao paciente hospitalizado, com ênfase no papel da enfermagem no processo de cuidado humanizado.
NOGUEIRA, A. J. S.; SILVA, M. K. L.; PACHÚ, C. O. (2023)	Paraíba	Revisão integrativa	Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, cujas buscas foram realizadas nas bases de dados LILACS, SciELO e MEDLINE, resultando em 193 artigos que, após a leitura, 15 artigos foram selecionados para compor a amostra final.	Identificar os benefícios da utilização da musicoterapia como ferramenta terapêutica na área da saúde.
RIBEIRO, H. F.; SOUSA, M. S.; ROCHA, P. E. R.; SOUZA, Q. M.; QUEIROZ, W. W. M. (2024)	São Paulo	Pesquisa bibliográfica	Foram incluídos no trabalho produções científicas publicadas nos últimos dez anos na Língua Portuguesa, excluindo-se assim artigos que não atenderam a estes critérios.	Analisar a eficácia e as práticas da combinação de fisioterapia e musicoterapia em cuidados paliativos em prol da qualidade de vida dos pacientes.
RODRIGUES, <i>et al.</i> , (2018)	Minas Gerais	Pesquisa bibliográfica	Baseada em reflexões teóricas acerca do tema utilização da musicoterapia e suas implicações no tratamento de prematuros.	Apresentar a musicoterapia como opção para amenizar o estresse do neonato prematuro durante a hospitalização, além de ajudar na estabilização de sinais vitais, na redução do choro e da irritabilidade e na qualidade e tempo de sono/vigília.
SERRADOURADA, A. C. S.; RODRIGUES, A. A.; SANTANA, E. B. R.; CARVALHO, N. A. S.; SANTOS, P. H. S.; SILVA, T. B.; SOUSA, V. P. (2025)	São Paulo	Revisão integrativa da literatura	Realizada nas bases de dados Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), Scopus, Cochrane Library, PubMed/MEDLINE, Embase e Proquest Digital Dissertations.	Discutir a atuação da musicoterapia em pacientes adultos na Unidade de Terapia Intensiva como ferramenta para sua incorporação no plano de cuidados diante do promissor potencial de melhora clínica dos pacientes.

SIQUEIRA GOUVÊA ACOSTA GONÇALVES, C.; HEMBECKER, P. K.; SERUR, G.; TSUNODA, A. T.; NOHAMA, P. (2024)	Goiânia	Revisão de escopo	Foi realizada uma busca sistemática com termos relacionados em 12 bases de dados e na literatura cinza. Após a varredura independente, 12 registros foram incluídos: 8 estudos concluídos e 4 protocolos de pesquisa.	Explorar o uso de instrumentos de sopro na DPOC.
SILVA, R. V.; NASCIMENTO, V. M.; FARIAS, A. M. (2019)	Paraíba	Revisão integrativa	Foram incluídos os artigos publicados entre 2008 e 2018, disponíveis na íntegra e em português. A partir dos critérios de inclusão e exclusão, 15 artigos foram selecionados.	Evidenciar o perfil dos trabalhos publicados no âmbito nacional sobre musicoterapia com idosos hospitalizados.
SOUZA, A. V. S.; SILVA, J. S. L. G.; SOUZA, A. S.; SILVA, E. A.; SILVA, C. M. S. D.; RICCI, A. Q. (2023)	Rio de Janeiro	Revisão bibliográfica	Mostrar como a musicoterapia pode ser relevante para a vida das crianças e adolescentes em tratamento oncológico. Foram destacados artigos e estudos que tratam da temática.	Destacar o impacto da musicoterapia em pacientes pediátricos oncológicos.

Quadro 4. Potencialidades, Limitações e Proposições

Autor (Ano)	Potencialidades	Limitações	Proposições
BATALHA, J. C. R.; ALMEIDA, G. L. de; RUIZ, E. C. R.; MIRANDA, L. L. (2025)	Esse estudo mostra que tanto para pacientes hospitalizados a prática integrativa da musicoterapia deve ser presente também para profissionais de saúde em todos os setores e áreas, promovendo um ambiente mais tranquilo e humanizado.	Necessidade de conhecimento ou acompanhamento de profissional musicoterapeuta para evitar efeito iatrogênico. Limite de intervenção da enfermagem nesse setor.	A musicoterapia e a enfermagem vêm cada vez mais andando juntas, sendo útil e eficaz para pacientes, familiares e equipe multiprofissional.
de FREITAS, <i>et al.</i> , (2017)	A musicoterapia apresenta-se como meio eficaz de concretização do atendimento humanizado e de restauração de funções fisiológicas, contribuindo para o relaxamento corpóreo e funções vitais.	Amostra reduzida; aplicação restrita a um contexto hospitalar específico; tempo curto de intervenção; ausência de grupo controle; impossibilidade de generalização.	Ampliar estudos para outros públicos e contextos; integrar musicoterapia ao atendimento multiprofissional; realizar estudos longitudinais; incluir avaliações quantitativas e qualitativas.
MATOSO, L. M. L.; OLIVEIRA, A. M. B. de (2017)	Reflexão ampliando o conhecimento sobre as evidências científicas que permeiam o uso da música na saúde do ser humano.	Limitação pelo uso exclusivo da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).	Realizar mais investigações e aprofundamento teórico-empírico sobre a temática.

MAZALLI, J.; PETREÇA, D. R.; CAMPOS, R. (2019)	Inclusão do canto na rotina dos idosos, promovendo distração, entusiasmo e esforço.	Baixa amostra; restrições de participação devido à condição frágil dos idosos institucionalizados.	Espera-se que o canto seja incorporado como ferramenta terapêutica importante.
MOURA, M. F. C.; SOUZA, A. C. de; CASIMIRO, M. R. A.; OLIVEIRA, G. S. (2025)	A música surge como tecnologia de cuidado viável e acessível, capaz de reduzir estresse, ansiedade e sintomas físicos, além de humanizar o ambiente hospitalar.	Necessidade de atuação contínua e capacitada do enfermeiro como facilitador do processo.	Integrar práticas complementares, como a musicoterapia, à assistência de enfermagem.
NOGUEIRA, A. J. S.; SILVA, M. K. L.; PACHÚ, C. O. (2023)	Musicoterapia como intervenção não farmacológica eficaz para diversos contextos clínicos.	Falta de artigos publicados que comprovem resultados já existentes.	Aplicação por estratégias simples e de baixo custo, promovendo humanização das relações no cuidado.
RIBEIRO, H. F.; SOUZA, M. S.; ROCHA, P. E. R.; SOUZA, Q. M.; QUEIROZ, W. W. M. (2024)	Associação entre musicoterapia e fisioterapia promoveu melhorias na mobilidade e no relaxamento, aumentando adesão ao tratamento.	Variações individuais nas respostas clínicas e musicais.	Considerar a associação como ferramenta valiosa nos cuidados paliativos, em abordagens multidimensionais.
RODRIGUES, <i>et al.</i> , (2018)	Efeito benéfico da música na estabilização dos dados vitais, sono/vigília, alimentação, ganho de peso, redução do estresse, interação e bem-estar.	Necessidade de adequação da equipe multiprofissional e da rotina hospitalar para o sucesso da musicoterapia.	Humanizar as práticas do setor neonatal e promover maior integração da equipe no processo.
SERRADOURADA, A. C. S.; RODRIGUES, A. A.; SANTANA, E. B. R.; CARVALHO, N. A. S.; SANTOS, P. H. S.; SILVA, T. B.; SOUSA, V. P. (2025)	Musicoterapia como terapia complementar na UTI, destacando sua versatilidade em diferentes condições clínicas.	Lacuna de produção científica sobre o tema em países sul-americanos, especialmente no Brasil.	Estimular pesquisas nacionais para fortalecer o uso da musicoterapia em UTIs brasileiras.
SIQUEIRA GOUVÊA ACOSTA GONÇALVES, C.; HEMBECKER, P. K.; SERUR, G.; TSUNODA, A. T.; NOHAMA, P. (2024)	Revisão proporciona panorama sobre uso de instrumentos de sopro na reabilitação de pessoas com DPOC.	Requer profissionais capacitados para adaptar desafios e dominar instrumentos de sopro.	Continuar pesquisas sobre uso de instrumentos de sopro na DPOC para enriquecer práticas clínicas.
SILVA, R. V.; NASCIMENTO, V. M.; FARIAS, A. M. (2019)	Evidencia a importância da musicoterapia com idosos hospitalizados, minimizando situações psicológicas e emocionais.	Lacunas em pesquisas de campo no Brasil sobre benefícios da música em idosos hospitalizados.	Enfatizar intervenção musical em idosos para melhorar qualidade de vida e processos psicológicos.
SOUZA, A. V. S.; SILVA, J. S. L. G.; SOUZA, A. S.; SILVA, E. A.; SILVA, C. M. S. D.; RICCI, A. Q. (2023)	Musicoterapia como prática clínica importante e eficiente para oncologia infantil.	Falta preparo dos enfermeiros para atuar na área.	Necessidade de formação específica e mais estudos sobre a temática.

A análise dos estudos incluídos nesta revisão evidencia que a musicoterapia apresenta efeitos positivos na reabilitação respiratória, tanto em pacientes com doenças respiratórias crônicas, como a Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica (DPOC), quanto em populações específicas como idosos, crianças em tratamento oncológico e pacientes em terapia intensiva.

De forma geral, a utilização do canto, instrumentos de sopro e técnicas de treinamento respiratório vocal foram apontadas como estratégias eficazes para a melhora da função pulmonar. Os estudos destacam ganhos na capacidade vital, na força muscular respiratória, no controle da dispneia, além da otimização de parâmetros como frequência cardíaca, saturação de oxigênio e desempenho funcional em testes físicos.

Além dos aspectos fisiológicos, a musicoterapia também contribuiu para o bem-estar emocional e psicológico, reduzindo ansiedade, estresse e sintomas depressivos, fatores que estão intimamente relacionados à adesão ao tratamento e ao sucesso da reabilitação respiratória. Isso demonstra que a intervenção não atua apenas no corpo, mas também na percepção subjetiva de qualidade de vida, aspecto essencial no manejo de doenças crônicas.

Apesar do consenso em relação aos benefícios, algumas limitações metodológicas foram recorrentes: amostras pequenas, curta duração das intervenções, heterogeneidade dos protocolos aplicados e ausência de padronização nas técnicas utilizadas. Outro desafio identificado é a ausência de musicoterapeutas para aplicação estruturada da musicoterapia como ferramenta complementar à reabilitação pulmonar.

Em termos de proposições, os autores reforçam a importância de estudos multicêntricos, longitudinais e com protocolos clínicos bem definidos, que permitam comparar diferentes modalidades de intervenção musical, bem como verificar seus efeitos a longo prazo. Também foi enfatizada a necessidade de ampliar a produção científica nacional sobre o tema, sobretudo em contextos hospitalares e de terapia intensiva, consolidando a musicoterapia como prática integrativa no campo da reabilitação respiratória.

DISCUSSÃO

Os resultados da presente revisão evidenciaram que a musicoterapia pode ser utilizada como recurso complementar na reabilitação respiratória, apresentando benefícios tanto em parâmetros fisiológicos quanto em aspectos emocionais e psicossociais. Mazalli, Petreça e Campos (2019) mostraram que o uso do canto em idosos institucionalizados favoreceu a melhora da função pulmonar e do condicionamento físico, além de reduzir sintomas de ansiedade e estresse. Esses achados dialogam com o estudo de Kaasgaard *et al.*, (2022), que

identificaram o canto como modalidade alternativa de treinamento dentro da reabilitação pulmonar em pacientes com DPOC, com resultados semelhantes aos de protocolos tradicionais.

A aplicação de instrumentos de sopro como estratégia terapêutica também foi identificada em diferentes trabalhos. Siqueira Gouvêa Acosta Gonçalves *et al.*, (2024) relataram que tais instrumentos estimulam o controle respiratório, fortalecem a musculatura respiratória e contribuem para a adesão dos pacientes aos programas de reabilitação. Resultados compatíveis foram encontrados por Okamoto *et al.*, (2021), que avaliaram a associação da reabilitação pulmonar convencional com a musicoterapia e observaram ganhos adicionais na capacidade vital e na qualidade de vida de pacientes com DPOC.

Além dos desfechos fisiológicos, a literatura destaca o impacto emocional da música no processo de reabilitação. Estudos conduzidos em Unidades de Terapia Intensiva apontaram que intervenções musicais reduziram o desconforto durante a ventilação não invasiva, proporcionando maior relaxamento e melhora na adaptação ao tratamento (Messika *et al.*, 2019; Serradourada *et al.*, 2025). De forma complementar, Jiang, Chen e Hong (2025) verificaram que uma intervenção baseada na música dos cinco elementos, combinada a cuidados respiratórios, diminuiu sintomas ansiosos e depressivos em pacientes com DPOC, refletindo diretamente na melhora da função pulmonar.

A integração entre musicoterapia e reabilitação fisioterapêutica vem sendo considerada um campo em expansão. Ribeiro *et al.*, (2024) demonstraram que a utilização conjunta da fisioterapia e da música em cuidados paliativos amplia a humanização da assistência e melhora o enfrentamento da doença. Em consonância, Santana *et al.*, (2025) evidenciaram que a música potencializa a prática fisioterapêutica ao estimular mecanismos de motivação, percepção corporal e controle respiratório.

Outro ponto importante identificado foi o uso da música como ferramenta de adesão terapêutica. Lee *et al.*, (2024) verificaram que permitir ao paciente escolher músicas durante a reabilitação pulmonar elevou a motivação e reduziu a sensação de esforço durante os exercícios. Esse resultado converge com Batalha *et al.*, (2022), que discutem o papel da música como elemento humanizador do ambiente hospitalar, capaz de melhorar a experiência subjetiva do paciente.

Mais um aspecto de destaque é a utilização da musicoterapia em programas de telerreabilitação, que ampliam o acesso de pacientes com DPOC ao cuidado domiciliar. O protocolo COPDMELODY (Shi *et al.*, 2024) propõe atividades como caminhada guiada por ritmo musical e canto supervisionado online, indicando potencial para melhorar adesão, função respiratória e qualidade de vida.

Apesar dos avanços, algumas limitações são evidenciadas. Diversos estudos apresentam amostras reduzidas e heterogêneas, além de falta de padronização nos métodos e nas formas de intervenção musical, dificultando a comparação dos resultados (Kim; Yeo; Kim, 2023). Também se observa necessidade de estudos multicêntricos, com maior número de participantes e protocolos mais detalhados, sobretudo em países da América Latina, África e Oceania, onde as pesquisas ainda são escassas (Gonçalves *et al.*, 2024).

Outro aspecto limitante refere-se ao predomínio de estudos internacionais, com menor produção científica nacional sistematizada, o que dificulta a consolidação de evidências aplicadas ao contexto brasileiro (Nogueira; Silva; Pachú, 2023; Moura *et al.*, 2025).

Assim, a principal limitação identificada nesta revisão refere-se à escassez de estudos clínicos robustos, com amostras maiores, metodologias homogêneas e seguimento prolongado. Essas lacunas reforçam a necessidade de novos trabalhos que investiguem, de forma sistematizada, os efeitos da musicoterapia na reabilitação respiratória, sobretudo no cenário brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente revisão permitiu identificar que a musicoterapia é uma estratégia eficaz e humanizadora na reabilitação respiratória, apresentando efeitos positivos tanto na função pulmonar quanto no bem-estar emocional dos pacientes. Canto terapêutico, instrumentos de sopro e escuta musical mostraram-se recursos complementares de baixo custo, capazes de potencializar os programas de fisioterapia respiratória e ampliar a adesão dos pacientes ao tratamento.

Apesar das evidências promissoras, observou-se que os estudos ainda apresentam limitações metodológicas importantes, como amostras pequenas, curta duração das intervenções e falta de padronização dos protocolos. Nesse sentido, faz-se necessária a realização de pesquisas multicêntricas e longitudinais que consolidem a musicoterapia como prática baseada em evidências dentro da reabilitação pulmonar.

Portanto, conclui-se que a musicoterapia pode ser considerada uma ferramenta complementar relevante na reabilitação respiratória, contribuindo para a qualidade de vida dos pacientes e para a humanização da assistência em saúde. O objetivo deste trabalho foi alcançado, ao analisar a produção científica recente acerca da aplicação da musicoterapia na reabilitação respiratória, destacando seus benefícios, limitações e perspectivas futuras.

REFERÊNCIA

- BATALHA, J. C. R.; ALMEIDA, G. L. de; RUIZ, E. C. R.; MIRANDA, L. L. Musicoterapia e seus efeitos no ambiente hospitalar. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 6, p. e12411626747, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i6.26747. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/26747>. Acesso em: 19 jun. 2025.
- CANGA, B.; AZOULAY, R.; RASKIN, J.; LOEWY, J. AIR: Advances in Respiration - Music therapy in the treatment of chronic pulmonary disease. **Respiratory Medicine**, v. 109, n. 12, p. 1532-1539, dez. 2015. DOI: 10.1016/j.rmed.2015.10.001.
- DE FREITAS, L. R. *et al.* Musicoterapia: alicerce à terapêutica e estratégia de atendimento humanizado. **Revista de Saúde**, v. 8, n. 1, Supl., p. 116-117, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/201825784.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2025.
- JIANG, Y.; CHEN, Y.; HONG, H. Effects of Five-Element Music-Based Psychological Intervention Combined with Respiratory Specialty Care on Negative Emotions and Lung Function in Patients with Chronic Obstructive Pulmonary Disease. **Noise & Health**, v. 27, n. 125, p. 140-148, mar./abr. 2025. DOI: 10.4103/nah.nah_157_24.
- KAASGAARD, M. *et al.* Use of Singing for Lung Health as an alternative training modality within pulmonary rehabilitation for COPD: a randomised controlled trial. **European Respiratory Journal**, v. 59, n. 5, 2101142, maio 2022. DOI: 10.1183/13993003.01142-2021.
- KIM, S. J.; YEO, M. S.; KIM, S. Y. Singing Interventions in Pulmonary Rehabilitation: A Scoping Review. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 20, n. 2, 1383, jan. 2023. DOI: 10.3390/ijerph20021383.
- LEE, A. L. *et al.* Participant-selected music listening during pulmonary rehabilitation in people with chronic obstructive pulmonary disease: a randomised controlled trial. **Chronic Respiratory Disease**, v. 21, jan./dez. 2024. DOI: 10.1177/14799731241291065.
- MATOSO, L. M. L.; OLIVEIRA, A. M. B. de. O efeito da música na saúde humana: base e evidências científicas. **C&D - Revista Eletrônica da FAINOR, Vitória da Conquista**, v. 10, n. 2, p. 76-98, jun./ago. 2017.
- MAZALLI, J.; PETREÇA, D. R.; CAMPOS, R. O uso do canto como terapêutica na reabilitação respiratória em idosos institucionalizados. **Journal Health NPEPS**, v. 4, n. 1, p. 31-46, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/jhnpeps/article/view/3318>. Acesso em: 19 jun. 2025.
- MESSIKA, J. *et al.* A musical intervention for respiratory comfort during noninvasive ventilation in the ICU. **European Respiratory Journal**, v. 53, n. 1, 1801873, jan. 2019. DOI: 10.1183/13993003.01873-2018.

MOURA, M. de F. C. de; SOUZA, A. C. de; CASIMIRO, M. R. A.; OLIVEIRA, G. S. Os benefícios da musicoterapia na assistência ao paciente no âmbito hospitalar. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 11, n. 5, p. 1700-1710, 2025. DOI: 10.51891/rease.v11i5.19097. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v11i5.19097>. Acesso em: 19 jun. 2025.

NOGUEIRA, A. J. da S.; SILVA, M. K. de L.; PACHÚ, C. O. O uso da musicoterapia como ferramenta terapêutica na área da saúde. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 12, n. 1, p. e9612139377, 2023. DOI: 10.33448/rsd-v12i1.39377. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/39377>. Acesso em: 19 jun. 2025.

OKAMOTO, J. *et al.* Combined effect of pulmonary rehabilitation and music therapy in patients with chronic obstructive pulmonary disease. **Journal of Physical Therapy Science**, v. 33, n. 10, p. 779-783, out. 2021. DOI: 10.1589/jpts.33.779.

OLIVEIRA, J. M. F. P. de; PISETTI, B. S. As possíveis aplicações e benefícios da musicoterapia. In: ENCONTRO DE ATIVIDADES CIENTÍFICAS DA UNOPAR, 10., 2007, Londrina. **Anais...** Londrina: UNOPAR, 2007. 1 CD-ROM. ISBN 978-85-87686-18-3. Disponível em: <https://repositorio.pgsscogna.com.br/bitstream/123456789/10587/1/AS%20POSS%C3%8DVEIS%20APLICA%C3%87%C3%95ES%20E%20BENEF%C3%8DCIOS%20DA%20MUSICOTERAPIA.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2025.

RIBEIRO, H. F. *et al.* A fisioterapia aplicada com musicoterapia em cuidados paliativos. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 10, p. 5411-5424, 2024. DOI: 10.51891/rease.v10i10.16373. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v10i10.16373>. Acesso em: 19 jun. 2025.

RODRIGUES, D. I. da S. *et al.* A utilização da musicoterapia na assistência ao prematuro internado em unidade de terapia intensiva neonatal: uma revisão bibliográfica. **Revista Científica Fagoc Saúde**, v. 3, p. 67-73, 2018. Disponível em: <https://revista.unifagoc.edu.br/saude/article/view/362/309>. Acesso em: 19 jun. 2025.

SANTANA, Y.; SOUSA, L.; FRANÇA, A. B.; D'OLIVEIRA, G. D. F. Musicoterapia e a reabilitação fisioterápica: uma revisão bibliográfica. **UnILS Acadêmica**, Edunils, v. 2, p. 11, 2025. Disponível em: <https://revista.unils.edu.br/index.php/files/article/view/64>. Acesso em: 19 jun. 2025.

SERRADOURADA, A. C. dos S. *et al.* Papel da musicoterapia na Unidade de Terapia Intensiva Adulto: revisão integrativa. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, São Paulo, v. 8, n. 18, p. e082024, 2025. DOI: 10.55892/jrg.v8i18.2024. Disponível em: <https://www.revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/2024>. Acesso em: 19 jun. 2025.

SIQUEIRA GOUVÊA ACOSTA GONÇALVES, C. *et al.* Instrumentos de sopro na reabilitação da Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica: uma revisão de escopo. **Música Hodie**, Goiânia, v. 24, 2024. DOI: 10.5216/mh.v24.79049. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/musica/article/view/79049>. Acesso em: 19 jun. 2025.

SILVA, R. V. da; NASCIMENTO, V. M. da S. do; FARIAS, A. M. de. Musicoterapia com idosos hospitalizados. In: VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENVELHECIMENTO HUMANO, 2019, Campina Grande. **Anais...** Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/53788>. Acesso em: 19 jun. 2025.

SHI, M. *et al.* Efficacy and safety of a music-therapy facilitated pulmonary telerehabilitation program in COPD patients: the COPDMELODY study protocol. **Frontiers in Medicine (Lausanne)**, v. 11, 1361053, mar. 2024. DOI: 10.3389/fmed.2024.1361053.

SOUZA, A. V. S. *et al.* O impacto da musicoterapia em pacientes pediátricos oncológicos. **Revista Pró-UniverSUS**, v. 14, n. 1, p. 67-72, 2023. Disponível em: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RPU/article/view/3494/2054>. Acesso em: 19 jun. 2025.

ZHANG, X. Y. *et al.* Effect of vocal respiratory training on respiratory function and respiratory neural plasticity in patients with cervical spinal cord injury: a randomized controlled trial. **Neural Regeneration Research**, v. 17, n. 5, p. 1065-1071, maio 2022. DOI: 10.4103/1673-5374.324856.

GLOSSÁRIO

- DPOC – Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica, caracterizada pela limitação persistente ao fluxo aéreo, geralmente associada a sintomas respiratórios e exposição a fatores de risco.
- Musicoterapia – Utilização da música e de seus elementos (som, ritmo, melodia, harmonia) como recurso terapêutico para promover saúde física, emocional e social.
- Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) – Conjunto de abordagens terapêuticas reconhecidas pelo SUS, que incluem a musicoterapia, acupuntura, fitoterapia, entre outras.
- Ventilação Não Invasiva (VNI) – Método de suporte ventilatório que utiliza máscara ou cânula nasal para auxiliar a respiração, sem necessidade de intubação.
- Pressão Arterial (PA) – Força exercida pelo sangue contra as paredes das artérias enquanto circula pelo corpo. É um dos principais indicadores de saúde cardiovascular e é expressa por dois valores: a pressão sistólica

(quando o coração se contrai) e a pressão diastólica (quando o coração relaxa entre os batimentos).

- Saturação de Oxigênio (SpO_2 – Percentual de oxigênio transportado pela hemoglobina no sangue em relação à sua capacidade máxima. É um parâmetro essencial para avaliar a oxigenação do organismo, geralmente medido por meio de oxímetro de pulso.
- Unidade de Terapia Intensiva (UTI) - Setor hospitalar especializado no atendimento de pacientes em estado grave ou com risco de morte, que necessitam de monitoramento contínuo, suporte avançado de vida e cuidados intensivos.

APÊNDICE

Apêndice A – Roteiro de coleta dos artigos para a revisão

Bases consultadas	Scielo, PubMed, LILACS, Google Acadêmico
Período	2014 – 2025
Idiomas	Português, Inglês e Espanhol
Critérios de inclusão	Artigos sobre musicoterapia associada à função ou reabilitação respiratória
Critérios de exclusão	Estudos duplicados, revisões narrativas sem análise crítica, textos sem acesso completo

ANEXOS

1. BMJ. **PRISMA 2020 explanation and elaboration: updated guidance and exemplars for reporting systematic reviews**. BMJ, 2021. Disponível em: <https://www.bmj.com/content/372/bmj.n160.full.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2025.
2. BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS – 2ª edição** (2015). Brasília, 2015. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_praticas_integrativas_complementares_2ed.pdf.
3. BRASIL. Ministério da Saúde. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Indicadores do 2º trimestre de 2021**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Trimestral/Fasciculos_Indicadores_IBGE/2021/pnadc_202102_trimestre_caderno.pdf.
4. MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**,

- v. 12, n. 1, p. 117–128, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/wvLhSxkz3JRgv3mcXHBWSXB/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 18 ago. 2025.
5. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **World Health Statistics 2023**. Genebra, 2023. Disponível em: <https://www.who.int/publications/b/69040>. Acesso em: 18 ago. 2025.
6. SUS. Departamento de Informática do SUS (DATASUS). **Informações de Saúde – TABNET**. Brasília, 2025. Disponível em: <https://datasus.saude.gov.br/informacoes-de-saude-tabnet/>.
- Link: “Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS – 2ª edição (2015)” https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_praticas_integrativas_complementares_2ed.pdf
- <https://www.bmj.com/content/372/bmj.n160>
- https://datasus.saude.gov.br/informacoes-de-saude-tabnet/?utm_source=chatgpt.com
- https://www.who.int/publications/b/69040?utm_source=chatgpt.com
- https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Trimestral/Fasciculos_Indicadores_IBGE/2021/pnadc_202102_trimestre_caderno.pdf?utm_source=chatgpt.com

REABILITAÇÃO PULMONAR INTEGRADA: AÇÃO CONJUNTA ENTRE FISIOTERAPIA E MUSICOTERAPIA NO PROJETO DE EXTENSÃO DA EMESCAM

Giovana Machado Souza¹

Paulo Soares Santos Paraguassú²

Letícia Guimarães Peyneau³

RESUMO

O presente artigo apresenta um relato de experiência e uma análise teórico-prática do projeto de extensão “Reabilitação Pulmonar Integrada com Fisioterapia e Musicoterapia”, desenvolvido na Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (EMESCAM). A proposta busca integrar a fisioterapia respiratória e a musicoterapia como estratégias interdisciplinares para a reabilitação de pacientes com doenças pulmonares crônicas. O projeto tem como principais objetivos a melhora da função respiratória, o aumento da qualidade de vida e o fortalecimento do bem-estar emocional e social dos pacientes atendidos. A iniciativa também visa contribuir para a formação humanizada e integral dos estudantes de graduação em saúde. A partir de referenciais teóricos de Bruscia (2016), Benenzon (1998), Levitin (2012), Thaut (2005), Porges (2017) e Altenmüller e Schlaug (2013), o artigo discute as interfaces entre corpo, som, respiração e emoção, ressaltando o papel da música como mediadora dos processos de regulação fisiológica, autoconsciência e cura. Os resultados parciais de estudos em Neurologic Music Therapy apontam melhorias na coordenação respiratória, na tolerância ao esforço físico, na adesão

1 Doutora em Ciências Fisiológicas e Professora Titular do curso de graduação em Fisioterapia e Medicina da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória – EMESCAM.

2 Doutorando em Educação na linha de Educação Especial e Processos Inclusivos no PPGE-Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Musicoterapeuta pela CENSUPEG. Licenciatura em Música pela FAMES.

3 Docente do curso de fisioterapia da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória. Mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local - EMESCAM, Especialista em Fisioterapia em Terapia Intensiva Neonatal e Pediatria - ASSOBRAFIR/COFFITO. E-mail: leticia.peyneau@emescam.br

ao tratamento e na autoestima dos pacientes, especialmente quando a prática musical é utilizada de forma ativa e ritmicamente estruturada. Tais evidências reforçam a importância de abordagens interdisciplinares que integrem ciência, arte e humanização no processo de reabilitação integral do sujeito.

Palavras-chave: Reabilitação pulmonar; Fisioterapia; Musicoterapia; Saúde integrativa; Extensão universitária.

INTRODUÇÃO

As doenças pulmonares crônicas constituem um dos maiores desafios contemporâneos para os sistemas de saúde, especialmente em função do envelhecimento populacional e da crescente exposição a agentes poluentes. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020), a DPOC figura entre as principais causas de morbimortalidade no mundo, limitando a capacidade funcional e afetando profundamente o bem-estar físico e emocional dos indivíduos acometidos.

A reabilitação pulmonar é reconhecida como componente essencial do tratamento de doenças respiratórias crônicas, englobando programas de exercício, reeducação respiratória e intervenções para promoção da autonomia funcional (McCarthy *et al.*, 2015; GOLD, 2019). Revisões e estudos clínicos mostram ganhos na capacidade de exercício, na qualidade de vida e na função emocional após programas de reabilitação (Lacasse *et al.*, 2006; Florian *et al.*, 2013). Em razão disso, a dimensão emocional e social do adoecimento, frequentemente marcada por ansiedade, isolamento e diminuição da sensação de controle, requer abordagens terapêuticas ampliadas e sensíveis à subjetividade do sujeito.

Nesse contexto, a integração entre Fisioterapia e Musicoterapia emerge como uma proposta inovadora, capaz de associar técnicas corporais e respiratórias à potência comunicativa e emocional da música. A música, além de ser um estímulo sensorial prazeroso, tem efeito direto sobre o sistema nervoso autônomo, promovendo regulação emocional, redução da ansiedade e sincronia cardiorrespiratória (LEVITIN, 2012; PORGES, 2017).

Ao considerar o corpo como território de significação e expressão, a reabilitação pulmonar integrada busca reconstruir o vínculo do sujeito com sua própria respiração. Trata-se de um processo que transcende a dimensão fisiológica, abarcando também aspectos simbólicos e afetivos. Como afirma Bruscia (2016), o som e o silêncio são vias de acesso ao inconsciente musical do indivíduo, e, portanto, à sua identidade sonora, elemento fundamental no

processo terapêutico.

Dessa forma, o projeto de extensão desenvolvido na EMESCAM, “*Reabilitação Pulmonar Integrada com Fisioterapia e Musicoterapia*”, nasce do propósito de promover uma formação interdisciplinar em saúde que valorize a integração entre ciência, música, técnica e sensibilidade, corpo e emoção. Além de favorecer o processo de reabilitação clínica, a proposta busca formar profissionais com visão humanizada, capazes de compreender o paciente em sua integralidade.

Diante desse cenário, o presente relato tem como objetivo descrever a experiência de integração da musicoterapia às atividades de reabilitação pulmonar realizadas no ambulatório-escola, destacando as percepções dos pacientes e da equipe acerca dos efeitos emocionais, respiratórios e motivacionais dessa intervenção interdisciplinar.

O PROJETO DE EXTENSÃO DA EMESCAM

O projeto “Reabilitação Pulmonar Integrada”, coordenado pelas professoras **Dra. Giovana Machado de Souza e Me. Letícia Guimarães Peyneau**, é uma iniciativa da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (EMESCAM) que busca integrar saberes e práticas entre diferentes áreas da saúde, especialmente Fisioterapia e Musicoterapia.

A **Reabilitação Pulmonar (RP)**, no contexto da Fisioterapia, é um programa de cuidados multidisciplinar e individualizado destinado a pacientes com doenças respiratórias crônicas (como DPOC, asma, fibrose pulmonar, entre outras). O principal objetivo da RP é otimizar a condição física e social do paciente e aumentar sua autonomia no dia a dia.

Isso é alcançado através de:

- **Melhora da capacidade respiratória:** diminuindo a dispneia (falta de ar) e melhorando a troca gasosa;
- **Aumento da tolerância ao exercício:** promovendo o condicionamento físico e a força muscular (principalmente de membros e músculos respiratórios);
- **Melhora da Qualidade de Vida (QV):** reduzindo a fadiga, o risco de hospitalizações e promovendo o bem-estar psicossocial;
- **Educação e Autogestão:** ensinando o paciente a entender e manejar sua doença, facilitando a adesão ao tratamento e a manutenção dos resultados.

A Fisioterapia é uma parte central da Reabilitação Pulmonar e atua nos seguintes componentes:

- **Avaliação Funcional:** o fisioterapeuta realiza uma avaliação completa,

incluindo histórico clínico, testes de exercício (como o teste de caminhada de 6 minutos), força muscular (membros e respiratória) e nível de dispneia. Essa etapa é crucial para personalizar o programa.

- **Treinamento Físico:** é o pilar da RP e inclui:
 - *Exercício Aeróbico:* caminhada, bicicleta ergométrica, etc., para melhorar a resistência cardiorrespiratória, podendo ser realizado com suplementação de oxigênio, se necessário.
 - *Treinamento de Força (Resistido):* focado no fortalecimento dos músculos dos membros superiores e inferiores.
 - *Treinamento Muscular Respiratório (TMR):* uso de dispositivos específicos para impor resistência à inspiração e/ou expiração, fortalecendo a musculatura respiratória.
- **Técnicas de Fisioterapia Respiratória:** incluem manobras e técnicas para melhorar a mecânica ventilatória e facilitar a higiene brônquica (mobilização e eliminação de secreções).
- **Educação do Paciente:** o fisioterapeuta instrui sobre técnicas de conservação de energia, estratégias para o controle da dispneia, uso correto de inaladores e a importância da atividade física regular.

O programa é comprovado cientificamente como um tratamento essencial e coadjuvante para doenças respiratórias crônicas, auxiliando na diminuição dos sintomas e no prolongamento da sobrevida dos pacientes. O projeto desenvolvido na EMESCAM amplia essa abordagem ao incluir a **musicoterapia como elemento integrador**, promovendo cuidado biopsicossocial e formação acadêmica humanizada.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A FISIOTERAPIA RESPIRATÓRIA: FUNÇÃO, TÉCNICA E INTEGRALIDADE

A fisioterapia respiratória é uma área essencial no tratamento de pacientes com disfunções pulmonares crônicas. Seu foco é otimizar a ventilação, reduzir o trabalho respiratório, aumentar a eficiência muscular e melhorar a oxigenação tecidual (BORGHI-SILVA; LIMA, 2021). Para tanto, utiliza técnicas como respiração diafragmática, controle ventilatório, fortalecimento de musculatura inspiratória e exercícios de expansão torácica.

Entretanto, a literatura recente enfatiza que o sucesso terapêutico depende não apenas da execução técnica, mas também da percepção subjetiva e emocional do paciente em relação ao próprio corpo (LOWEN, 1990; PORGES, 2017; BORGHI-SILVA; LIMA, 2021). A respiração é um ato vital e simbólico,

está intimamente ligada à emoção, ao ritmo interno e à expressão da vida. Assim, promover consciência respiratória significa também reconectar o indivíduo à experiência de estar vivo e integrado consigo mesmo.

Os programas de reabilitação pulmonar, quando associados a estímulos externos significativos, como a música, tendem a gerar maior engajamento e prazer no processo terapêutico. Pesquisas demonstram que o uso de sons rítmicos e melodias harmoniosas durante o treino ventilatório favorece a sincronia respiratória, melhora a motivação e contribui para o controle da ansiedade, aumentando a adesão ao tratamento (THAUT, 2005; BORGHI-SILVA *et al.*, 2018; LEVITIN, 2012).

A MUSICOTERAPIA E A DIMENSÃO SONORA DO CORPO

A musicoterapia é uma prática clínica e científica que utiliza os elementos da música som, ritmo, melodia e harmonia dentro de um contexto terapêutico planejado, para promover comunicação, expressão, aprendizagem, mobilização e integração (BRUSCIA, 2016).

Bruscia (2016) define a musicoterapia como um processo sistemático que busca alcançar objetivos terapêuticos por meio de experiências musicais e da relação estabelecida entre terapeuta e paciente. Para ele, a música é um meio privilegiado de comunicação não verbal, capaz de acessar aspectos inconscientes da psique e de mobilizar afetos e memórias.

Benenzon (1998) amplia essa concepção ao introduzir o conceito de “ISO” (Identidade Sonora), entendido como o som interno de cada pessoa sua identidade sonora e vibracional. O trabalho musicoterapêutico, portanto, visa encontrar e ressoar com o ISO do paciente, estabelecendo uma comunicação profunda que transcende a linguagem verbal.

Na reabilitação pulmonar, a música atua não apenas como entretenimento, mas como um instrumento terapêutico funcional. O controle rítmico favorece o equilíbrio entre inspiração e expiração; o canto terapêutico fortalece a musculatura respiratória e amplia a capacidade pulmonar; e a escuta receptiva promove relaxamento e regulação autonômica (THAUT, 2005; BONILHA *et al.*, 2009; BORGHI-SILVA; LIMA, 2021; PORGES, 2017).

Levitin (2012) explica que a música estimula simultaneamente o córtex auditivo, o sistema límbico e o cerebelo áreas envolvidas na emoção, no movimento e na memória, o que explica seu poder de coordenação entre corpo e mente. Em pacientes com doenças respiratórias, essa estimulação sensório-motora cria uma rede integradora entre o som, o movimento corporal e o padrão ventilatório.

A INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE FISIOTERAPIA E MUSICOTERAPIA

A integração entre Fisioterapia e Musicoterapia propõe uma abordagem de cuidado centrado na pessoa, considerando de forma indissociável os aspectos físicos, emocionais e subjetivos do adoecimento. De acordo com o Ministério da Saúde (2018), as Práticas Integrativas e Complementares devem promover o equilíbrio global do indivíduo, ampliando a atenção à saúde para além da mera supressão de sintomas.

No projeto da EMESCAM, a interdisciplinaridade se manifesta na condução das sessões, no planejamento conjunto dos objetivos terapêuticos e na observação cruzada dos efeitos físicos e emocionais da intervenção. Essa colaboração possibilita uma visão ampliada do paciente e estimula a formação de profissionais mais empáticos e reflexivos.

A música, ao acompanhar os exercícios fisioterapêuticos, atua como um marcador temporal que organiza o ritmo do movimento e da respiração. Segundo Thaut (2005), o ritmo musical fornece sinais temporais previsíveis que podem servir como “marcadores externos” para sincronizar padrões motores, facilitando o controle do movimento e da respiração em atividades terapêuticas.

Assim, o som e o corpo entram em diálogo constante, gerando uma experiência terapêutica que une a precisão científica da fisioterapia à sensibilidade estética da música. Bruscia define a musicoterapia como um processo relacional em que som e corpo interagem dinamicamente, integrando expressão estética e objetivos terapêuticos.

METODOLOGIA

O projeto foi desenvolvido no ambulatório-escola da EMESCAM, em parceria com a Clínica Escola de Fisioterapia. Os atendimentos de reabilitação pulmonar eram realizados individualmente, entre 2023 e 2025, com organização de 6 a 8 pacientes por horário. Participaram do programa indivíduos diagnosticados com doença pulmonar obstrutiva crônica (DPOC), fibrose pulmonar, asma ou bronquiectasia.

A intervenção de musicoterapia não era semanal; ocorria mensalmente, integrada às reuniões educativas do programa. Nessas sessões, eram realizados palestras, dinâmicas e exercícios em grupo, com o objetivo de promover engajamento, motivação e maior adesão dos pacientes ao processo de reabilitação.

A reabilitação pulmonar, reconhecida como uma intervenção multidisciplinar baseada em evidências, inclui componentes como treinamento físico, educação em saúde, suporte psicossocial e estratégias para autocuidado. Nesse contexto, a musicoterapia foi utilizada como ferramenta complementar para favorecer o bem-estar, estimular participação ativa e potencializar os resultados clínicos.

As sessões mensais, realizadas durante as reuniões educativas com duração média de 60 minutos, foram estruturadas em quatro etapas integradas:

- 1. Aquecimento corporal e respiratório:** conduzido pela equipe de fisioterapia, incluindo alongamentos globais, mobilizações articulares e exercícios posturais preparatórios.
- 2. Treino respiratório rítmico:** utilização de instrumentos leves (pandeiro, chocalho, tamborim) e vocalizações ritmadas para sincronizar inspiração e expiração ao pulso musical, favorecendo controle ventilatório.
- 3. Canto terapêutico e improvisação:** aplicação de canções familiares ou criadas pelos próprios participantes, estimulando o prolongamento da expiração, a coordenação pneumofônica e a expressão emocional.
- 4. Relaxamento e escuta receptiva:** encerramento com músicas de baixa complexidade rítmica, voltadas para redução da frequência cardíaca, associadas a exercícios de respiração profunda guiados.

A equipe era composta por docentes supervisores, fisioterapeutas, estudantes extensionistas e um musicoterapeuta responsável pela condução musical e pela organização das intervenções sonoras.

No processo de reabilitação pulmonar, as avaliações dos pacientes incluíram parâmetros fisiológicos (teste de caminhada de seis minutos, espirometria e escala de Borg) e registros qualitativos referentes às respostas emocionais, comportamentais e ao engajamento dos participantes ao longo do programa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência desenvolvida ao longo do projeto evidenciou efeitos positivos percebidos tanto pelos participantes quanto pela equipe multiprofissional. As observações clínicas e os relatos espontâneos dos pacientes indicam benefícios relevantes no processo de reabilitação.

De modo geral, os participantes demonstraram melhora na coordenação respiratória durante os exercícios, especialmente quando envolvidos nas atividades musicais rítmicas e no canto terapêutico. Muitos pacientes relataram sensação de maior facilidade para respirar, maior controle do ritmo ventilatório e redução da sensação subjetiva de esforço durante a execução das tarefas.

Aspectos emocionais também se destacaram como resultado da intervenção. Os depoimentos evidenciaram sentimentos de bem-estar, leveza, motivação e prazer, frequentemente mencionados como um “momento de respiro” na rotina da reabilitação. Observou-se maior engajamento nas atividades, participação ativa nas dinâmicas musicais e fortalecimento dos vínculos sociais entre os integrantes dos grupos.

A música atuou como um modulador da experiência terapêutica: ao mesmo tempo em que estimulava o movimento e a consciência corporal, favorecia estados de relaxamento e regulação emocional. Esse papel integrador da música simultaneamente ativador e calmante encontra respaldo nos princípios descritos por Bruscia (2016), que define a experiência musical terapêutica como promotora de organização interna, conexão e expressão.

Do ponto de vista fisiológico e psicossocial, as atividades rítmicas favoreceram maior atenção à respiração, contribuindo para padrões ventilatórios mais regulares. Estudos como os de Porges (2017) ajudam a compreender esse fenômeno ao relacionar a sincronização respiratória ao tônus vagal e à regulação do sistema nervoso autônomo, aspectos que se refletem na sensação de calma e bem-estar observada nos participantes.

Além disso, a vivência interdisciplinar trouxe impactos formativos importantes para os estudantes envolvidos. O contato direto com práticas musicais no contexto clínico ampliou a compreensão sobre a integralidade do cuidado, evidenciando que a escuta sensível, o ritmo corporal e as expressões emocionais fazem parte da avaliação e da intervenção em saúde. Conforme destaca Ruud (2008), a música no cuidado amplia horizontes terapêuticos ao integrar significado, identidade e pertencimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A integração entre Fisioterapia e Musicoterapia na Reabilitação Pulmonar mostrou-se uma estratégia potente e humanizadora, capaz de enriquecer o processo terapêutico e fortalecer o vínculo entre pacientes e equipe. Embora este seja um relato de experiência, e não um estudo quantitativo, as percepções observadas ao longo do projeto apontam para benefícios consistentes no bem-estar emocional, no engajamento e na consciência respiratória dos participantes.

A música, inserida de forma planejada e terapêutica, transforma o ambiente da reabilitação, ampliando o alcance do cuidado e promovendo experiências que vão além do desempenho físico, alcançando esferas simbólicas, afetivas e relacionais. Ao mesmo tempo, potencializa a formação de profissionais mais sensíveis, atentos à complexidade biopsicossocial do paciente.

A continuidade desse projeto tende a fortalecer práticas integrativas em saúde e pode inspirar novas iniciativas acadêmicas que articulem recursos corporais e expressivos. Assim, a reabilitação deixa de ser apenas um procedimento técnico para tornar-se uma vivência integral, na qual respirar é também experimentar presença, vínculo e sentido elementos essenciais para a qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

- ALTENMÜLLER, Eckart; SCHLAUG, Gottfried. **Neurologic Music Therapy: Theoretical Framework and Clinical Examples**. *Frontiers in Psychology*, v. 4, n. 217, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2013.00217>. Acesso em: 08/11/2025.
- BENENZON, Rolando O. **Manual de musicoterapia: teoría y práctica**. Buenos Aires: Paidós, 1998.
- BONILHA, A. G.; ONOFRE, F.; VIEIRA, M. L.; PRADO, M. Y.; MARTINS, M. A. Effects of singing classes on pulmonary function and quality of life of COPD patients. *International Journal of COPD*, v. 4, p. 1–8, 2009.
- BORGHI-SILVA, A.; LIMA, N. P. **Fisioterapia respiratória: avaliação e intervenção**. São Paulo: Manole, 2021.
- BORGHI-SILVA, A. *et al.* Music as a modulator of exercise performance and physiological response: a review. *Revista Brasileira de Fisioterapia*, v. 22, n. 6, p. 445–452, 2018.
- BRUSCIA, Kenneth E. **Definindo Musicoterapia**. 3. ed. São Paulo: Enelivros, 2016.
- FLORIAN, J.; RUBIN, A.; MATTIELLO, R.; FONTOURA, F. F.; CAMARGO, J. J. P.; TEIXEIRA, P. J. Z. Impact of pulmonary rehabilitation on quality of life and functional capacity in patients on waiting lists for lung transplantation. *Jornal Brasileiro de Pneumologia*, v. 39, n. 5, p. 562–568, 2013.
- GLOBAL INITIATIVE FOR CHRONIC OBSTRUCTIVE LUNG DISEASE (GOLD). **Global strategy for the diagnosis, management and prevention of chronic obstructive pulmonary disease: 2019 report**. Fontana, WI: GOLD, 2019.
- LACASSE, Y.; GOLDSTEIN, R.; RICHARDS, C.; *et al.* Pulmonary rehabilitation for chronic obstructive pulmonary disease. *European Respiratory Journal*, v. 27, p. 1114–1119, 2006.
- LEVITIN, Daniel J. **A música no seu cérebro: a ciência de uma obsessão humana**. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- LOWEN, Alexander. **A espiritualidade do corpo: bioenergética para a saúde e a felicidade**. São Paulo: Summus, 1990.
- McCARTHY, B.; ELLIS-HUGHES, G.; COOTE, S.; *et al.* Pulmonary rehabilitation for chronic obstructive pulmonary disease. *Cochrane Database of Systematic Reviews*, 2015.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (Brasil). **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: PNPIC – 2018**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

PORGES, Stephen W. **The Pocket Guide to the Polyvagal Theory: The Transformative Power of Feeling Safe**. New York: W. W. Norton & Company, 2017.

RUUD, Even. **Music in Therapy: Increasing Possibilities for Action**. Barcelona: Barcelona Publishers, 2008.

THAUT, Michael H. **Rhythm, Music, and the Brain: Scientific Foundations and Clinical Applications**. New York: Routledge, 2005.

MUSICOTERAPIA COMO ESTRATÉGIA COMPLEMENTAR NO CUIDADO À FIBROMIALGIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Clegi Almeida de Souza Battisti¹

Helga Carla Barbosa Teles²

Wanessa José Ribeiro³

Giovana Machado Souza⁴

“A música expressa o que não pode ser dito em palavras, mas que não pode permanecer em silêncio.”

— Victor Hugo

“A música pode elevar o humor, reduzir a dor e aliviar o estresse. É uma forma de medicina sem efeitos colaterais.”

— Oliver Sacks

RESUMO

A dor é uma experiência universal, varia em intensidade e duração, aguda e de fácil tratamento ou crônica, como na fibromialgia (FM), cuja causa ainda não é totalmente compreendida. Classificada como síndrome de dor crônica pela Sociedade Brasileira de Reumatologia (SBR), a FM persiste por mais de três meses, podendo durar a vida toda, e além da dor generalizada, envolve sintomas como fadiga, sensibilidade ao toque, distúrbios do sono, rigidez matinal, ansiedade, depressão, cefaleia e síndrome do intestino irritável. Estudos indicam que 80% a 90% dos casos ocorrem em mulheres entre 30 e 60 anos, afetando 2,5% a 5% da população mundial e cerca de 3% dos brasileiros. Os fatores envolvidos destacam-se predisposição genética, alterações no processamento da dor no sistema nervoso central, traumas, infecções, doenças autoimunes e

1 Licenciada em Música pelo Conservatório Brasileiro de Música - Pós-graduanda em Musicoterapia pela EMESCAM/ES.

2 Bacharel em Serviço Social pela UFES - Pós-graduanda em Musicoterapia pela EMESCAM/ES

3 Bacharel em Piano pela FAMES - Pós-graduanda em Musicoterapia pela EMESCAM/ES.

4 Doutora em Ciências Fisiológicas e Professora Titular do curso de graduação em Fisioterapia e Medicina da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória – EMESCAM.

desequilíbrios nos neurotransmissores serotonina e dopamina. O tratamento é amplo, e a musicoterapia tem demonstrado benefícios como redução da dor, melhora do sono, do humor, do equilíbrio e do bem-estar físico e emocional. O presente artigo tem como objetivo identificar estudos que abordam o uso da musicoterapia no tratamento da fibromialgia. Trata-se de uma revisão integrativa, conduzida a partir das diretrizes metodológicas do Joanna Briggs Institute (JBI). Foram incluídos artigos publicados entre 2014 e 2024 nas bases de dados PubMed e BVS, que apresentaram intervenções em musicoterapia para pacientes com fibromialgia. A amostra final incluiu quatro estudos, que demonstraram efeitos positivos, principalmente sobre a dor crônica, bem-estar emocional e qualidade de vida. No entanto, observou-se que em alguns casos a musicoterapia foi aplicada por profissionais não habilitados, o que levanta questões metodológicas e éticas importantes. Conclui-se que a musicoterapia apresenta potencial terapêutico no tratamento da fibromialgia, desde que conduzida por profissionais qualificados. Ressalta-se a necessidade de novas pesquisas, com maior rigor metodológico e foco na atuação do musicoterapeuta.

Palavras-chave: Fibromialgia. Musicoterapia. Qualidade de vida.

INTRODUÇÃO

A dor é uma experiência comum a todos os seres humanos, variando em intensidade e duração. Enquanto algumas dores podem ser facilmente tratadas com medicamentos de uso comum, outras se manifestam de forma crônica e com causas ainda pouco compreendidas, como é o caso da fibromialgia- FM (Treede *et al.*, 2019).

Segundo a Sociedade Brasileira de Reumatologia – SBR (2024), FM é considerada síndrome de dor crônica, ou seja, persiste por um longo período de tempo, com duração contínua de mais de 3 meses, podendo perdurar durante a vida toda. Além da dor, que é considerada a maior característica, podendo causar fadiga, sensibilidade ao toque, distúrbios do sono, rigidez matinal, podendo também estar relacionada a outros sintomas como ansiedade, depressão, dor de cabeça e síndrome do intestino irritável.

De acordo com estudos, entre 80% a 90% das pessoas afetadas por essa síndrome são mulheres, geralmente nas idades de 30 a 60 anos (SOCIEDADE BRASILEIRA DE REUMATOLOGIA, 2024). Entre 2,5% a 5% da população mundial é acometida por essa condição (SOCIEDADE BRASILEIRA DE REUMATOLOGIA, 2025). Já na população brasileira, cerca de 3%, conforme publicação recente do Ministério da Saúde referenciando-se na SBR,

(GOVERNO FEDERAL, 2025).

Contudo, apesar dos crescentes estudos e ampla população afetada, ainda não há definição exata da causa desta condição clínica, por ser uma condição complexa e de diversos fatores. Predisposição Genética, disfunção no processamento da dor no sistema nervoso central, traumas físicos ou emocionais, infecções ou doenças autoimunes, desequilíbrio nos neurotransmissores como serotonina e dopamina, podem ser aspectos contribuintes no desenvolvimento dessa síndrome (SOCIEDADE BRASILEIRA DE REUMATOLOGIA, 2024)

Destarte, por se tratar de uma condição com origens ainda não definidas, pesquisas têm se debruçado a buscar melhor entendimento sobre a doença, tratamento, entretanto, ainda não existe cura. Os atuais tratamentos incluem terapias farmacológicas e não farmacológicas, com o intuito de amenizar os sintomas e proporcionar uma melhor qualidade de vida aos pacientes (BORGES *et al.*, 2018).

Dentre os tratamentos não farmacológicos a Musicoterapia pode contribuir no quadro de dor do paciente com FM trazendo benefícios terapêuticos, melhorando a qualidade de vida, proporcionando bem-estar, satisfação, relaxamento físico e emocional. Sendo assim, esta ferramenta têm como estratégia atender às necessidades e aos problemas do cliente por meio da música (Bruscia, 2016).

Conforme Borges *et al.*, (2018) já existem resultados dos efeitos analgésicos da Musicoterapia no tratamento da FM, na melhora do distúrbio do sono, na qualidade de vida, depressão, e equilíbrio e dos sintomas.

Desta forma, o objetivo deste artigo consiste em identificar estudos que abordam o uso da musicoterapia no tratamento da fibromialgia, nos últimos 10 anos, visando trazer à reflexão o seguinte problema de pesquisa: como a musicoterapia pode auxiliar no tratamento da fibromialgia?

MÉTODOS

Trata-se de uma revisão integrativa, desenvolvida com base nas diretrizes propostas pelo Manual do *Joanna Briggs Institute* (JBI) (Peters *et al.*, 2022). Para aprimorar a qualidade e a transparência da pesquisa foi aplicada uma estratégia de busca, que será descrita abaixo.

PERGUNTA DE PESQUISA

Para elaboração de uma pergunta de pesquisa clara utilizou-se para a estratégia PCC, anacrônico para População, Conceito e Contexto (quadro 1).

Quadro 1. Descrição dos elementos utilizados para a elaboração da pergunta de revisão

Anacrônicos	Descrição
População	Pessoas diagnosticadas com fibromialgia
Conceito	Intervenções em musicoterapia em pessoas com fibromialgia
Contexto	Tratamento clínico, hospitalar, ambulatorial ou domiciliar

Dessa maneira, a pergunta desenvolvida para a construção da presente revisão foi: “Como a musicoterapia pode auxiliar no tratamento da fibromialgia?”

CRITÉRIOS DE ELEGIBILIDADE

Foram consideradas todas as produções científicas que apresentaram em seu conteúdo, o uso da musicoterapia no tratamento para fibromialgia. Incluíram-se artigos publicados de 2014 a 2024, garantindo a inserção de informações atualizadas nos idiomas inglês, português ou espanhol; e, independente do desenho e qualidade metodológica. Os critérios de exclusão adotados foram resumos publicados em revistas ou anais de evento, e aquelas repetidas nas bases de dados exploradas.

FONTES DE INFORMAÇÃO E ESTRATÉGIA DE BUSCA

A busca dos estudos foi realizada entre os meses de fevereiro a julho de 2025 nas bases eletrônicas da Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE/PubMed) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).

A estratégia de busca empregada nas citadas bases de dados considerou os seguintes descritores na língua portuguesa e na língua inglesa, reconhecidos pelos sistemas de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “Musicoterapia” AND “Fibromialgia”; “Music Therapy” AND “Fibromyalgia”. As estratégias de busca utilizadas estão expostas no quadro 1.

Quadro 2 – Estratégia de busca por base de dados

BASES DE DADOS ESTRATÉGIA DE BUSCA	ESTRATÉGIA DE BUSCA
MEDLINE/PubMed	Descritores: “Music Therapy” AND “Fibromyalgia” Filtros: 10 anos (2014-2024); full text.
BVS	Descritores: “Musicoterapia” AND “Fibromialgia”; “Music Therapy” AND “Fibromyalgia” Filtros: 10 anos (2014-2024); artigos.

Fonte: Elaborado pelo autor em 2025.

SELEÇÃO DOS ESTUDOS

Inicialmente, os estudos identificados foram avaliados por meio da análise dos títulos, descartando as pesquisas duplicadas nas bases de dados, além daquelas que não tinham implicação com os objetivos deste estudo. Em seguida, procedeu-se à leitura dos resumos, selecionando aqueles que não preencheram os critérios de inclusão delimitados nesta pesquisa. Por fim, através da leitura na íntegra, foram selecionadas as pesquisas que dialogam com os objetivos da pesquisa, culminando na amostra final incluída nesta revisão.

A seleção dos estudos foi realizada de forma que cada artigo selecionado pudesse ser lido por pelo menos dois autores, sendo que as possíveis divergências entre estes, sanadas com a participação de um terceiro autor.

Todo processo de seleção dos estudos, com motivos e quantidade de exclusão em cada etapa, foi elencado em fluxograma adaptado pelos autores.

EXTRAÇÃO DOS ARTIGOS

Para caracterização dos estudos incluídos, os seguintes dados foram extraídos dos artigos: primeiro nome dos autores, objetivo da pesquisa, ano de publicação, período de coleta de dados do estudo, atores envolvidos (amostra), tipo de estudo (qualitativo/quantitativo, observacional/intervenção, outros).

Os dados extraídos foram transferidos por um dos autores para uma planilha eletrônica no Excel (Microsoft Corp., Estados Unidos). A caracterização dos estudos incluídos foi feita de forma descritiva, pelos autores. Já para a análise qualitativa dos conteúdos extraídos acerca das potencialidades, limitações e contribuições utilizou-se o método de análise textual discursiva. Este método consiste em uma análise de dados que perpassam por duas formas de análise de pesquisa qualitativa: a análise de conteúdo e a análise de discurso (Moraes; Do Carmo Galiazzi, 2006).

RESULTADOS

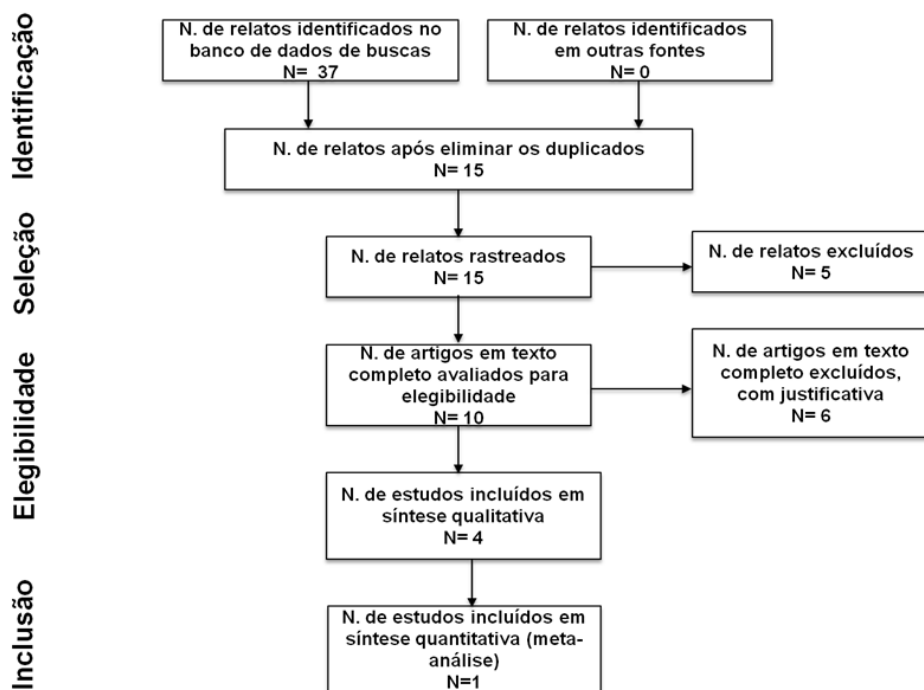
Dentre os resultados alcançados, conforme apresentado na figura 1, inicialmente foram identificados trinta e sete estudos. Destes, 12 resultados encontrados na plataforma PUBMED com os descritores “Music Therapy” AND “fibromyalgia”, não sendo encontrados resultados com os mesmos descritores em português. Já na plataforma BVS foram encontrados 9 resultados, com os descritores “Musicoterapia” AND “Fibromialgia”, e 16 resultados com “os descritores “Music Therapy” AND “fibromyalgia”. Buscas na Plataforma Scielo também foram realizadas, no entanto não houve resultados.

Em segundo momento foram eliminados os conteúdos duplicados

restando o total de quinze artigos. Dos relatos rastreados foram eliminados cinco, após avaliação dos títulos e os resumos que não correspondiam aos objetivos do estudo, totalizando dez artigos ao final desta etapa.

Após avaliada a elegibilidade dos artigos na íntegra foram descartados seis artigos. Culminando na amostra final dos quatro estudos incluídos nesta revisão, no qual mencionaram práticas musicoterapêuticas no tratamento da fibromialgia. Todos os quatro estudos foram incluídos em síntese qualitativa, sendo que um deles também apresentou síntese quantitativa por meio de meta-análise.

Figura 1. Fluxograma de seleção dos estudos (modelo adaptado)



A seguir, serão apresentadas as especificidades dos artigos selecionados neste estudo, apontando diferentes dimensões, conforme descritas no quadro 2.

Quadro 3. Caracterização das pesquisas quanto à autoria, ano, local, tipo de estudo, amostra e objetivos.

AUTOR (ANO)	TIPO DE ESTUDO	AMOSTRA	OBJETIVOS
Espí-López <i>et al.</i> , (2016)	Estudo piloto randomizado, controlado, simples-cego	35 pacientes divididos em 3 grupos (G1: exercício + musicoterapia; G2: exercício; G3: controle).	Determinar os benefícios terapêuticos do exercício aeróbico de baixo impacto isoladamente ou com musicoterapia em pacientes com fibromialgia.
Raglio <i>et al.</i> , (2022)	Estudo piloto randomizado	24 pacientes com FM	Avaliar a viabilidade e os efeitos da escuta musical terapêutica (incluindo música algorítmica) na dor, bem-estar e qualidade de vida.
Torres <i>et al.</i> , (2018)	Ensaio clínico randomizado	56 mulheres com fibromialgia (33 no grupo experimental GrpMI, 26 no grupo controle)	Examinar a eficácia de uma intervenção de música e imagens em grupo (GrpMI) sobre bem-estar psicológico, capacidade funcional, dor, ansiedade e depressão.
Wang <i>et al.</i> , (2020)	Meta-análise	7 ensaios clínicos randomizados em pacientes com fibromialgia publicados até 1º de janeiro de 2019	Avaliar os efeitos da musicoterapia sobre dor, depressão e qualidade de vida em pacientes com fibromialgia.

DISCUSSÃO

Visando atender os objetivos desta revisão integrativa, foram elencados quatro artigos, que contemplassem o uso da musicoterapia no tratamento da fibromialgia. Contudo a que se considerar que houve ressalvas na escolha destes que serão tratadas ao longo desta explanação.

Ao longo da análise pode-se verificar que o uso da Musicoterapia, e da música em si, manifestou resultados positivos no tratamento a pacientes com fibromialgia, principalmente no que se refere à dor crônica (principal queixa entre os pacientes), depressão e qualidade de vida.

Em se tratando de uma terapia não farmacológica, a Musicoterapia precisa de cuidados semelhantes às terapias farmacológicas ao ser ministrada, como conhecimento técnico, dosagem adequada e, o mais importante, profissional especializado, que é o Musicoterapeuta.

O que nos leva a apontar que dos quatros artigos selecionados, apesar de mencionarem, conceituarem e comprovarem benefícios do uso da musicoterapia no tratamento da fibromialgia, questiona-se se houve musicoterapia de fato. Que vem a ser o caso do estudo piloto de Espí-López (2016) sobre o *Efeito do exercício aeróbico de baixo impacto combinado com musicoterapia em pacientes com fibromialgia*, que define musicoterapia como “o uso da música para efetuar mudanças positivas no funcionamento psicológico, físico, cognitivo ou social de indivíduos com problemas

de saúde ou educacionais problemas” (AMERICAN MUSIC THERAPY ASSOCIATION, 2004, apud ESPÍ-LÓPEZ, 2016, p.2, tradução livre).

Contudo o estudo piloto realizado pelo departamento de Fisioterapia na Universidade de Valência ao contrário do que preza a *American Music Therapy Association*, o *Registro Europeo de Musicoterapeutas (EMTR)*, ou as associações de Musicoterapia de outros países, não menciona que a prática da musicoterapia tenha sido realizado por profissionais credenciados na área, mas sim executado por fisioterapeutas. Não foram encontradas evidências de que entre os autores havia musicoterapeutas, mas dentre as buscas encontrou-se a *Guía Docente* da Universidade de Valência (UNIVERSITAT DE VALÈNCIA, 2021) do período acadêmico de 2021 e 2022. Na qual Musicoterapia é uma matéria optativa do curso de Fisioterapia com uma carga horária de 100h, o que não classifica os concluintes como musicoterapeutas credenciados para praticar a profissão.

Destarte, algo semelhante pode ser destacado na meta-análise de Wang *et al.*, (2020), em que se propõe em avaliar os efeitos da musicoterapia na dor, depressão e qualidade de vida em pacientes com esta condição clínica, através de ensaios randomizados que investigam os efeitos da musicoterapia em pacientes com fibromialgia, publicados até 1º de janeiro de 2019. A revisão citada se mostrou muito criteriosa para avaliar as escalas e testes utilizados para medir dor, depressão e impacto da FM. Wang (2020) e os demais autores definem musicoterapia em citação a Roy (1979) e Murrock e Bekhet (2016):

como o uso da música ou de elementos musicais (sons, ritmos, melodias, e acordes), através do desenho de procedimentos terapêuticos para estabelecer e promover a comunicação, aprendizagem, mobilizando o entusiasmo pessoal e a autoexpressão, para atender às necessidades fisiológicas, emocionais, necessidades psicológicas, sociais e cognitivas do paciente (tradução livre).

Entretanto, mesmo trazendo definição fidedigna de musicoterapia, não especifica critérios para identificar se os ensaios clínicos utilizavam de fato musicoterapia ou apenas a música no processo terapêutico. Dos sete ensaios selecionados pelos pesquisadores, dois também se encontram nesta revisão, dentre eles Espí-López *et al.*, (2016), citado anteriormente, no qual não houve indícios de ser realizado por musicoterapeutas; e Torres *et al.*, (2018) que terá seu ensaio clínico randomizado abordado adiante.

Corroborando Bruscia (2016) pontua que a música pode exercer efeitos terapêuticos de forma natural e espontânea, sem a mediação de um profissional; no entanto, a musicoterapia envolve a aplicação intencional e especializada da música por um terapeuta qualificado. Ou seja, é o musicoterapeuta que garantirá eficácia clínica ao processo. Quando a música é utilizada por outros

profissionais, não configura Musicoterapia e sim música na terapia.

Consequentemente, o estudo de Wang *et al.*, (2020) apresenta limitações importantes quanto à definição e aplicação da musicoterapia em sua amostra. Todavia, é importante mencionar que os resultados mostraram que a musicoterapia ou uso da música na terapia, apresentam maior eficácia na melhora da dor e da depressão do que as terapias sem o uso da música. No entanto, conforme Wang e os demais autores (2020), devido ao número limitado, à baixa qualidade dos estudos incluídos há necessidade de novos estudos clínicos não randomizados devido ao número limitado, e à baixa qualidade dos estudos incluídos para confirmar os benefícios da musicoterapia no tratamento a fibromialgia.

O conseqüente estudo piloto randomizado e controlado, selecionado de Raglio *et al.*, (2022), visa verificar a viabilidade e efeito da escuta musical em 24 quatro pacientes com fibromialgia, encaminhados para a Istituti Tecnici Scientifici Maugeri, IRCCS (Pavia, Itália). Os pacientes foram separados de forma randomizada e separados em três grupos: padrão (tratamento analgésico), tratamento padrão adicionado a audição musical de preferência do paciente, e tratamento padrão mais a audição musical Melomics-Health (algoritmo que compõe músicas terapêuticas). Os grupos experimentais (de música preferencial e algorítmica) receberam a intervenção duas vezes ao dia por trinta minutos, em período de um mês, através de uma lista de reprodução musical.

Os resultados demonstraram que o grupo que realizou a audição musical preferencial teve uma pontuação mais alta no início dos estudos, já a audição musical algorítmica apresentou uma tendência semelhante e tendeu a mantê-la ao longo do acompanhamento. O mesmo não acontece com o grupo de acompanhamento padrão que apresentou piora durante o mesmo período. O que sugeriu que a melhora de vida e bem estar da saúde mental se dá devido a escuta musical, independente do tipo musical. Porém não houve resultados significativos na percepção da dor. O que aponta para a necessidade de estudos com maiores amostras e tratamentos mais longos, a fim melhor entender os mecanismos e a eficácia da audição musical terapêutica em pacientes com fibromialgia (RAGLIO *et al.*, 2022).

O ensaio citado não citou explicitamente se o experimento foi realizado por musicoterapeutas, contudo consta nas notas relativas aos pesquisadores que o autor principal integra o Laboratório de Pesquisa em Musicoterapia, Maugeri Clinical Scientific Institutes IRCCS, em Pavia na Itália. De acordo com o Conservatório *Di Milano* (2025)

Alfredo Raglio é musicoterapeuta e pesquisador, doutor em Ciências Biomédicas pela Universidade de Ferrara. Atua desde 1991 em atividades clínicas e de pesquisa em instituições públicas e privadas. Coordena o Laboratório de Pesquisa em Musicoterapia no ICS Maugeri de Pavia e o Serviço de Musicoterapia na Fundação Bassano Cremonesini. Também é professor em diversas universidades italianas, incluindo Pavia e Milão, e coordena programas de formação em musicoterapia. É autor de diversas publicações científicas nacionais e internacionais sobre terapia com música.

O último estudo selecionado e já mencionado anteriormente, é o ensaio randomizado de Torres *et al.* (2020). A intervenção consistiu em 12 sessões semanais para o Grupo de Música e Método de Imagens (GrpMI) para Mulheres com Fibromialgia, cada uma com duração de duas horas, utilizando Método de Imagens, conduzidas por um musicoterapeuta. Além deste grupo havia um grupo de controle, em que os participantes não receberam nenhum serviço adicional. As músicas selecionadas para o programa são provenientes dos métodos Bonny GIM (Guided Imagery and Music), compostas por peças de música clássica que oferecem a estrutura, dinâmica e complexidade necessárias para evocar imagens.

GIM (Imagem Guiada e Música) é uma abordagem musicoterapêutica desenvolvida para facilitar experiências profundas de consciência, utilizando música clássica cuidadosamente selecionada em conjunto com visualizações internas conduzidas por um terapeuta capacitado, com o objetivo de promover autoconhecimento, crescimento emocional e bem-estar psicofísico (INTEGRATIVE GIM, [s.d.]).

Durante essas sessões, foram utilizadas imagens que surgem durante a audição musical. Incluindo atividades como a escuta ativa de uma seleção musical e o desenho criativo de mandalas, complementando a terapia principal. Os objetivos terapêuticos foram amplos, visando aumentar a capacidade de relaxamento e a consciência corporal das participantes, aprimorar o manejo da dor e a aceitação da doença, e fomentar a expressão de sentimentos (TORRES *et al.*, 2020).

Os resultados preliminares indicaram um aumento no bem-estar das participantes. Mas que se ressaltar que um dos casos houve abandono do grupo experimental devido aos efeitos adversos, a paciente relatou estar mais cansada do que antes. O que aponta que por mais que os efeitos da música e da musicoterapia se mostra vantajoso na maior parte dos casos, nem sem um método ou uma técnica será apropriado para todas as pessoas. Torres *et al.*, (2020) abordam que entre as limitações do estudo está o fato do pesquisador também ter atuado como musicoterapeuta clínico ao longo de todo o processo, o que levanta a possibilidade de que o desejo dos participantes de “agradar” o profissional possa ter influenciado os resultados.

Isto posto, dentre as principais limitações desta revisão elenca-se a quantidade escassa de estudos que correlacionam a importância da Musicoterapia no tratamento da Fibromialgia, nas amostras dos estudos que em geral pequenas, e mesmo o estudo que diziam ocorrer a prática musicoterapêutica, não haviam sido realizado por profissionais da área. Além disso, colocou-se como um desafio, o acesso aos estudos na íntegra que em boa parte não eram de acesso gratuito, e a barreira do idioma, pois em sua totalidade os artigos em língua inglesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os dados apresentados e os objetivos propostos nesta revisão integrativa, conclui-se que a musicoterapia apresenta potencial para auxiliar no tratamento da fibromialgia, especialmente no que se refere à dor crônica, bem-estar emocional e qualidade de vida. No entanto, torna-se evidente a necessidade de novos estudos que explorem a temática com maior rigor metodológico, em especial no que diz respeito à caracterização adequada da musicoterapia como prática conduzida por profissionais devidamente habilitados.

Desta forma, pondera-se sobre a importância da musicoterapia como profissão da área de saúde devidamente regulamentada, seja amplamente reconhecida e divulgada. Ressalta-se, ainda, não apenas a carência de estudos que relacionem diretamente musicoterapia e fibromialgia, como também a ausência de produções nacionais sobre o tema. Nesse sentido, investir em pesquisas nacionais e valorizar o protagonismo do musicoterapeuta são passos essenciais para consolidar a musicoterapia como recurso terapêutico complementar no tratamento da fibromialgia.

REFERÊNCIAS

BORGES *et al.* **Os benefícios da musicoterapia no tratamento da fibromialgia**: uma revisão de literatura. 2018.

BRUSCIA, K. **Definindo Musicoterapia**. 3. ed. Barcelona: Barcelona Publishers, 2016.

CONSERVATORIO DI MILANO. Raglio Alfredo – I nostri docenti. [S.l.]: [s.n.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.consmi.it/it/didattica/docenti/7785/raglio-alfredo>. Acesso em: 10 jul. 2025.

ESPÍ-LÓPEZ, Gemma *et al.* Effect of low-impact aerobic exercise combined with music therapy on patients with fibromyalgia: a pilot study. *Complementary Therapies in Clinical Practice*, [S.l.], v. 23, p. 36–41, 2016. DOI: 10.1016/j.ctcp.2016.02.002.

GOVERNO FEDERAL. **9 verdades sobre a fibromialgia**. [S.l.], 2025.

Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-com-ciencia/noticias/2025/fevereiro/9-verdades-sobre-a-fibromialgia>. Acesso em: 11 abr. 2025.

INTEGRATIVE GIM. *About GIM*. [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.integrativegim.org/about-gim>. Acesso em: 27 jun. 2025.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. *Análise textual discursiva*. 3. ed. rev. e ampl. Ijuí: Editora Unijuí, 2016.

PETERS, M. D. J. *et al.* **JBIManual for Evidence Synthesis**. Adelaide: Joanna Briggs Institute, 2022. Disponível em: <https://synthesismanual.jbi.global>. Acesso em: 07 jun. 2025.

RAGLIO, Alfredo *et al.* **Feasibility of therapeutic music listening in fibromyalgia**: a randomised controlled pilot study. *Neurological Sciences*, [S.l.], v. 44, p. 723–727, 2023. DOI: 10.1007/s10072-022-06488-9.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE REUMATOLOGIA. **Fibromialgia**: cartilha para pacientes. Comissão de Dor Crônica, Fibromialgia e outras Síndromes, 2024.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE REUMATOLOGIA. **Fibromialgia e Doenças Articulares Inflamatórias**. Disponível em: <https://www.reumatologia.org.br/doencas-reumaticas/fibromialgia-e-doencas-articulares-inflamatorias/>. Acesso em: 21 fev. 2025.

TREEDE, R. *et al.* **Chronic pain as a symptom or a disease**: the IASP Classification of Chronic Pain for the International Classification of Diseases (ICD-11). *Pain*, v. 160, n. 1, p. 19–27, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1097/j.pain.0000000000001384>.

TORRES, Ezperanza *et al.* **Randomized trial of a group music and imagery method (GrpMI) for women with fibromyalgia**. *The Arts in Psychotherapy*, [S.l.], v. 59, p. 9–18, 2018. DOI: 10.1016/j.aip.2017.11.007.

UNIVERSITAT DE VALÈNCIA. **Guía docente 33030 Musicoterapia**: Grado en Fisioterapia – Curso académico 2021-2022. València: Universitat de València, 2021. Disponível em: <https://webges.uv.es/uvGuiaDocenteWeb/&ACTION=MOSTRARGUIA.M&MODULO=33030&CURSOACAD=2022&IDIOMA=C>. Acesso em: 13 jun. 2025.

WANG, Ying *et al.* **Music-based interventions to improve fibromyalgia syndrome**: a meta-analysis. *Explore*, [S.l.], v. 16, n. 5, p. 357–363, 2020. DOI: 10.1016/j.explore.2020.03.009.

O USO DA MUSICOTERAPIA COMO ABORDAGEM TERAPÊUTICA NA SAÚDE MENTAL DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE NO CONTEXTO PÓS-PANDÊMICO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Kátia Aguiar¹

Kéllen Sena²

Tácito Ribeiro³

Wamuzza Rossow⁴

Paulo Soares Santos Paraguassú⁵

RESUMO

A saúde mental dos profissionais da saúde tem se tornado uma preocupação crescente, especialmente em ambientes de alta demanda emocional e física, como hospitais e unidades de emergência. Evidências da literatura apontam que esses trabalhadores frequentemente enfrentam elevados níveis de estresse, ansiedade e burnout, fatores que podem comprometer tanto sua qualidade de vida quanto a eficiência na prestação de cuidados aos pacientes. Nesse contexto, a musicoterapia destaca-se como uma abordagem promissora para promover o bem-estar emocional e reduzir sintomas de estresse. Este artigo tem como objetivo revisar a literatura científica sobre a relação entre a saúde mental dos profissionais da saúde e a utilização da musicoterapia como intervenção terapêutica. Para isso, foram realizadas buscas nas bases de dados PubMed, LILACS, SciELO e Google Scholar. Os resultados encontrados evidenciam o

1 Pediatra pelo HINSG/ES - Médica Graduada pela EMESCAM/ES - Graduada em Música Sacra pelo CETEBES/ES - Pós-graduanda em Musicoterapia pela EMESCAM/ES.

2 Fonoaudióloga pela Faculdade Novo Milênio - Pós-graduanda em Musicoterapia pela EMESCAM/ES.

3 Licenciado em Música pela UFES - Pós-graduando em Musicoterapia pela EMESCAM/ES.

4 Fonoaudióloga pela FAESA/ES - Graduada em Música Sacra pelo STB/ES - Pós-graduanda em Musicoterapia pela EMESCAM/ES

5 Doutorando em Educação na linha de Educação Especial e Processos Inclusivos no PPGE-Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Musicoterapeuta pela CENSUPEG. Licenciatura em Música pela FAMES..

potencial da musicoterapia como uma intervenção complementar, não invasiva e de baixo custo para esse público, embora ainda sejam necessárias pesquisas com maior rigor metodológico para confirmar sua eficácia e ampliar sua aplicação na prática clínica.

Palavras-chave: Musicoterapia; Saúde mental; Profissionais da saúde; Contexto pós-pandêmico.

INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19, declarada oficialmente pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020, representou um dos maiores desafios sanitários, sociais e econômicos da história recente. Desde os primeiros casos reportados em Wuhan, China, no final de 2019, o mundo foi submetido a uma série de transformações abruptas e profundas, afetando todos os setores da sociedade, sem distinção de sexo, idade, raça, condição social ou profissão.

Antes de abordar os impactos específicos da pandemia na saúde mental dos profissionais da saúde, é fundamental conceituar alguns termos-chave:

Saúde mental: segundo a OMS, saúde mental é um estado de bem-estar que permite às pessoas lidar com o estresse da vida, desenvolver habilidades, aprender, trabalhar bem e contribuir para a comunidade. Trata-se de um direito humano básico e essencial para o desenvolvimento pessoal, social e econômico;

Estresse: de acordo com o Ministério da Saúde, o estresse é uma reação natural do organismo diante de situações de perigo ou ameaça, colocando o indivíduo em estado de alerta e provocando alterações físicas e emocionais necessárias para adaptação;

Ansiedade: trata-se de uma emoção caracterizada por agitação interior, sensação de medo ou apreensão diante de situações desconhecidas ou antecipadas, frequentemente acompanhada de desconforto físico e psicológico.

A pandemia impactou drasticamente a vida cotidiana, trazendo consequências severas para a saúde, economia e relações sociais. Famílias perderam entes queridos, empresas fecharam suas portas e milhões de pessoas enfrentaram desemprego e instabilidade financeira. Contudo, um dos grupos mais afetados foi o dos profissionais da saúde, que estiveram na linha de frente do combate ao vírus, enfrentando jornadas exaustivas, falta de equipamentos de proteção, incertezas quanto a protocolos de tratamento e o constante medo de contaminação.

Diversos estudos apontam que os principais sintomas relatados por esses

profissionais durante a pandemia foram ansiedade, medo, angústia, estresse, insônia, sobrecarga de trabalho e burnout — esgotamento físico e mental decorrente do estresse crônico relacionado ao trabalho. Fatores como jornadas de trabalho extenuantes, privação de sono, exposição prolongada a pacientes infectados, treinamento inadequado, medo de contaminação própria e de familiares, perda de colegas, isolamento social, incertezas trabalhistas, gastos extras e falta de reconhecimento profissional contribuíram significativamente para o comprometimento da saúde mental desses trabalhadores.

Em síntese, a combinação desses fatores resultou em uma prevalência elevada de sintomas como ansiedade, depressão, insônia, exaustão emocional e outros transtornos mentais entre os profissionais da saúde durante e após a pandemia. Diante desse cenário, torna-se imprescindível discutir e implementar estratégias de cuidado e promoção da saúde mental, entre as quais a musicoterapia se destaca como uma abordagem terapêutica complementar e promissora para esse público.

OBJETIVO

Revisar a literatura recente sobre os efeitos e a aplicabilidade da musicoterapia como intervenção terapêutica na saúde mental dos profissionais da saúde após a pandemia.

METODOLOGIA

Trata-se de um trabalho de revisão de literatura, com caráter exploratório, que visa caracterizar o estado atual dos estudos publicados sobre intervenções psicológicas associadas à musicoterapia em crianças, aplicadas em diferentes contextos. A busca bibliográfica foi realizada com abrangência nacional e internacional, de forma sistemática, nas bases de dados BVS – Biblioteca Virtual em Saúde e PubMed. Foram selecionados, conforme os descritores do DeCS – Descritores em Ciências da Saúde, os seguintes termos: musicoterapia, music therapy, burnout, profissionais da saúde e health services. O objetivo foi conhecer a produção científica na área e analisar como a musicoterapia tem e pode influenciar na melhoria de qualidade de vida dos profissionais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

IMPACTOS DA PANDEMIA NA SAÚDE MENTAL DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE

De acordo com a Organização Pan Americana da Saúde (2023):

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos. Em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou que o surto desse novo coronavírus constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional (RSI 2005). Essa decisão buscava aprimorar a coordenação, a cooperação e a solidariedade global para interromper a propagação do vírus. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia, devido à ampla distribuição geográfica da doença no mundo (OPAS, 2023, n.p).

Antes de abordarmos o impacto da pandemia da COVID-19 na saúde mental dos profissionais de saúde, é necessário conceituarmos algumas palavras-chave.

a) Saúde mental: De acordo com a World Health Organization (2022)

a saúde mental é um estado de bem-estar mental que permite às pessoas lidar com o estresse da vida, desenvolver suas habilidades, aprender e trabalhar bem e contribuir para a comunidade. É um componente integral da saúde e do bem-estar que sustenta nossas habilidades individuais e coletivas de tomar decisões, construir relacionamentos e moldar o mundo em que vivemos. A saúde mental é um direito humano básico e crucial para o desenvolvimento pessoal, comunitário e socioeconômico (World Health Organization, 2022, n.p).

b) Estresse: Segundo a Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde (1970)

reação natural do organismo que ocorre quando vivenciamos situações de perigo ou ameaça. Esse mecanismo nos coloca em estado de alerta ou alarme, provocando alterações físicas e emocionais. A reação ao estresse é uma atitude biológica necessária para a adaptação às situações novas (Biblioteca Virtual em Saúde, 1970, n.p).

c) Ansiedade: Conforme Castillo *et al.*, (2000)

Ansiedade é um sentimento vago e desagradável de medo, apreensão, caracterizado por tensão ou desconforto derivado de antecipação de perigo, de algo desconhecido ou estranho (Castillo *et al.*, 2020, p. 20).

Uma vez conceituados os termos-chave anteriormente, passemos à discussão do tema central.

A pandemia de COVID-19, uma vez decretada pela OMS em 11 de março de 2020, impactou sobremaneira a sociedade em geral, sem poupar sexo, idade, raça, condição social, religião, formação acadêmica ou profissão. A vida do planeta mudou severamente de forma repentina. As consequências puderam ser sentidas e identificadas em vários setores, tais como: saúde, economia, vida social, entre outros. Podemos dizer que se tratou de uma “crise sanitária, humanitária e econômica” (Silva *et al.*, 2023).

Durante o período da pandemia — que se estendeu até 5 de maio de 2023, data da declaração oficial de seu encerramento pela OMS —, vivenciamos um cenário completamente diferente daquele ao qual estávamos habituados até então. Aliás, dificilmente poderíamos imaginar passar por uma situação tão caótica e desafiadora. Famílias sofreram a perda de seus entes queridos; empresas declararam falência e fecharam suas portas, contribuindo para uma quantidade imensurável de desempregados — muitos dos quais, provavelmente, ainda enfrentam instabilidade financeira até os dias atuais.

Mas, diante de tudo isso, o que dizer da saúde mental, sobretudo daqueles que enfrentaram a linha de frente durante toda a pandemia? O que dizer da saúde mental daqueles que batalharam frente a frente com um inimigo até então desconhecido de todos? Daqueles que dedicaram suas vidas, suas forças, suas energias, seus corpos e suas mentes? Daqueles que labutaram dia após dia contra um microscópico ser vivo que detinha e ainda detém uma capacidade destrutiva implacável, que ceifou milhares de vidas e desestabilizou inúmeras famílias? Sim, o que dizer do impacto na saúde mental dos milhares de profissionais da saúde espalhados por todo nosso planeta chamado terra? Como a pandemia da COVID-19 atingiu, afetou, abalou, desestabilizou, impactou, desestruturou, desequilibrou, afligiu, solapou a vida desses profissionais?

De acordo com vários estudos publicados em sites como SciELO, PubMed e ScienceDirect, as principais alterações identificadas e referidas por estes profissionais foram: ansiedade, medo, angústia, estresse, insônia, sobrecarga de trabalho, chegando inclusive a relato de burnout (esgotamento físico e mental em razão do estresse crônico relacionado ao trabalho).

O trabalho de De Moraes *et al.*, (2021) traz a seguinte consideração em relação à pandemia de COVID-19:

em meio a esse caos existem os profissionais de saúde que são responsáveis pela linha de frente ao combate da pandemia. Carga horária exaustiva, falta de equipamento necessário, perda de pacientes, incertezas sobre protocolos de tratamento e o medo de ser contaminado fazem parte do cotidiano desses profissionais. Tendo isso em vista, é irrefutável que a pandemia possui um impacto negativo na saúde mental desse grupo de trabalhadores (De Moraes *et al.*, 2021, p. 1661).

Ciência & Saúde coletiva (2023) descreve e aborda alguns fatores que foram considerados risco para comprometimento da saúde mental dos profissionais de saúde durante a pandemia de COVID-19, tais como:

As sobrecargas de trabalho pelas jornadas exaustivas contribuíram para a ocorrência de sintomas como cansaço, o sono e a insônia, sendo um dos principais preditores para o surgimento de estresse e ansiedade no trabalho” e mais a falta de descanso, privação de sono, insônia e exposição prolongada a pacientes infectados foram fatores que levavam os trabalhadores ao estresse (Dantas, 2021. p. 5).

Os riscos associados à escassez de programas de treinamento e educacionais: constatou-se que o treinamento inadequado dos profissionais de saúde foi um fator relatado como preditor do surgimento de transtornos mentais e/ou sofrimento mental (Dantas, 2021. p. 4).

Identificou-se que alguns sintomas estavam relacionados aos processos de trabalho vivenciado pelos profissionais da saúde, tais como: ansiedade, o humor deprimido, a insônia, a angústia, a exaustão emocional, o esgotamento e/ou o transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) (Dantas, 2021. p. 6).

O medo da contaminação e morte iminente” foi outro componente preditor do surgimento dos transtornos mentais. Os profissionais além de terem de lidar com altas demandas, muitas vezes sem EPI's apropriados, temiam por sua contaminação, pela contaminação de outros pacientes, contaminação de seus familiares, e sem dúvida esses elementos corroboraram para desencadear mais ansiedade e preocupações (Dantas, 2021. p. 6).

Souza e Leite, em sua revisão bibliográfica (2023), realizaram levantamento de trabalhos presentes na literatura sobre a saúde mental dos profissionais de saúde frente à pandemia da COVID-19, entre os anos de 2020 a 2022. Nessa revisão, destacam o trabalho de Perniciotti *et al.*, (2020):

há uma propensão para que os profissionais de saúde desenvolvam a síndrome de Burnout, sendo frequentemente identificada em médicos de diferentes especialidades (25 a 60%), médicos residentes (7 a 76%) e enfermeiros (10 a 70%) (Perniciotti *et al.*, 2020, p. 35).

Os sintomas relacionados à saúde mental desses profissionais podem ocorrer como resposta a situações estressantes, ou a circunstâncias sociais e a causas adversas. Enquanto síndrome, a depressão pode desenvolver vários sentimentos em um indivíduo, como: tristeza, irritabilidade, falta de prazer, desmotivação, angústia, mas também sintomas como: alterações cognitivas, psicomotoras e falta de sono, de apetite entre outras (Coelho; Prudente, 2022, p. 112).

Podemos, ainda, destacar outros fatores importantes na gênese dos transtornos emocionais:

1 – Perda de colegas de trabalho: a morte de colegas devido à doença, além de gerar sobrecarga nas jornadas desses profissionais, desencadeou mais ansiedade, medo e estresse;

2 – Isolamento social prolongado: muitos destes profissionais passaram longos períodos sem contato com suas famílias, temendo contaminá-las. O isolamento social, nesse caso, tornou-se ainda mais sofrido;

3 – Incertezas empregatícias: o medo da perda de direitos trabalhistas, do desemprego, e os gastos extras com alimentação e transporte também contribuíram para o comprometimento da saúde mental desses profissionais;

4 – Fatores organizacionais e reconhecimento profissional: baixa remuneração, falta de valorização e reconhecimento, além de relações de trabalho instáveis, foram igualmente associados ao aumento dos transtornos mentais.

Concluindo, todos estes fatores combinados resultaram em uma prevalência significativa de sintomas de ansiedade, depressão, insônia, exaustão emocional e outros transtornos mentais entre os profissionais atuantes na linha de frente durante a pandemia.

MUSICOTERAPIA: DEFINIÇÃO E FUNDAMENTOS

A investigação dos efeitos terapêuticos da música

A investigação dos efeitos terapêuticos da música, bem como sua utilização com objetivos curativos e preventivos, é milenar. Esses efeitos são encontrados e descritos em vários documentos históricos de diferentes culturas, como a egípcia e a grega, sendo, nesta última, especialmente apreciados por filósofos como Pitágoras, Platão e Aristóteles. O interesse persistiu e, no século XVIII, surgiram os primeiros artigos sobre o efeito da música no tratamento de inúmeras doenças e suas influências sobre a mente humana (Côrte; Neto, 2009; Hatem; Lira; Matos, 2006; Oliveira; Gomes, 2014).

Musicoterapia

Como disciplina, a musicoterapia surge no encontro de várias outras ciências, como Filosofia, Antropologia e Música, tendo inicialmente se referenciado no paradigma biomédico. Ao longo do século XX, passou a utilizar abordagens psicológicas como referenciais teóricos e explicativos de seus mecanismos e processos, tais como Psicanálise, Humanismo e Behaviorismo. Embora sua essência venha se desvelando no século XXI, paralelamente à busca de um referencial teórico próprio, postula-se que a musicoterapia é uma área de interseção de diversos campos do conhecimento relacionados ao ser humano e à música, em um encontro que abarca arte, ciência e saúde, promovendo a integração e a partilha de conceitos (Piazetta, 2007). Tal característica contribui significativamente para que problemas de ordem conceitual sejam recorrentes dentro dessa área do conhecimento, tornando trabalhosa a definição satisfatória

de musicoterapia, o que faz dessa tarefa um verdadeiro desafio (Côrte; Neto, 2009; Oliveira; Gomes, 2014; Piazzetta, 2007).

Definição de musicoterapia

Dentro desse contexto, foi concebida a definição de musicoterapia pela Comissão de Prática Clínica da Federação Mundial de Musicoterapia, que a descreve como uma intervenção que utiliza a música e seus elementos, aplicada por uma pessoa qualificada, para promover aprendizagem e aquisição de novas habilidades, a fim de proporcionar melhor qualidade de vida. Pode ser aplicada como forma de prevenção, reabilitação ou tratamento (Federação Mundial De Musicoterapia, 1996). Segundo Zanini (2009), essa definição buscou ser a mais genérica possível, de modo que não privilegiar áreas, técnicas, métodos ou fundamentações. Embora Côrte e Neto (2009) apontem para a pluralidade de definições, destacam que o ponto de vista adotado para um determinado objeto de estudo é fator decisivo na escolha de uma ou outra definição de musicoterapia. As referências aqui trabalhadas parecem corroborar ou se fundamentar na definição supracitada.

Abordagens e Métodos em musicoterapia

Bruscia (2000) apresenta a musicoterapia como a utilização dos sons e elementos musicais para facilitar e promover ganhos terapêuticos. Seus procedimentos e métodos variam conforme a linha, abordagem, objetivos da terapia e necessidades do indivíduo ou grupo atendido. As experiências musicais utilizadas incluem audição, recriação, improvisação e composição, que podem ser aplicadas juntas ou separadamente. A musicoterapia é uma forma de intervenção que visa à prevenção, ao desenvolvimento ou à restauração de funções e potenciais do indivíduo, a partir do processo musicoterapêutico (Treurnicht *et al.*, 2011). O paciente se manifesta nesse processo por meio da música, dos sons, da voz, do corpo e dos instrumentos musicais (Porter *et al.*, 2012).

FORMAS DE INTERVENÇÃO EM MUSICOTERAPIA

O musicoterapeuta pode intervir de forma direta ou indireta (Kim; Wigram; Gold, 2008). Na forma direta, o terapeuta define as atividades da sessão e seus momentos. Na forma indireta, o musicoterapeuta aguarda a iniciativa do paciente para, então, definir suas ações e intervenções. É possível utilizar essas duas formas de condução do processo em momentos diferentes de uma mesma sessão (Kim *et al.*, 2008).

As atividades mais utilizadas em musicoterapia incluem cantar, tocar instrumentos musicais, compor, improvisar com a voz ou com os instrumentos, ouvir música e realizar jogos musicais (Mossler *et al.*, 2011; Treurnicht *et al.*, 2011).

PROBLEMÁTICAS ATENDIDAS EM MUSICOTERAPIA

Entre as principais problemáticas atendidas em musicoterapia estão: a necessidade de organização e estabelecimento de limites; o desenvolvimento de habilidades perceptivas e cognitivas; o estímulo de capacidades sensório-motoras; o aumento da atenção e da orientação; a diminuição da dor em pacientes hospitalares; e a estimulação precoce (Robb; Carpenter, 2009; Schmid; Ostermann, 2010; Treurnicht *et al.*, 2011).

MUSICOTERAPIA COMO CIÊNCIA E PROFISSÃO

Assim, destaca-se a musicoterapia não só como uma ciência, mas também como profissão específica. Nesse sentido, Franzoni *et al.*, (2016) ressaltam que a musicoterapia é uma técnica terapêutica de uso privativo do musicoterapeuta, atividade que requer formação e regulamentação específicas. Já a utilização da música por outros profissionais da saúde deve ser nomeada apenas como intervenção musical.

BENEFÍCIOS OBSERVADOS: EVIDÊNCIAS DO USO DA MUSICOTERAPIA NO CONTEXTO PÓS-PANDÊMICO

A música desempenha um papel muito importante como ferramenta para a saúde mental. Segundo Sekeff (2007), ela atua como recurso de desenvolvimento pessoal, equilíbrio emocional e integração ao meio social, favorecendo o resgate de potencialidades e a reconstrução de experiências. Assim, o uso terapêutico vai além de uma simples distração, tornando-se uma forma de comunicação que ultrapassa os limites da fala e da escrita.

Antelo (2008) ressalta que “a música possibilita a associação com vivências passadas e significativas, evocando memórias e emoções” (Antelo, 2008, p. 103). Essa técnica ajuda a dar um novo significado às experiências e emoções, o que é especialmente importante em processos terapêuticos voltados a ajudar profissionais da saúde a se recuperarem emocionalmente.

A prática da musicoterapia em grupo também é destacada como um potente meio de favorecer vínculos interpessoais. Bergold *et al.*, (2006, p. 219) defendem que, “mesmo entre indivíduos sem habilidades musicais, é possível estimular a criatividade, o relaxamento, a diversão e a interação social por meio da música, do movimento e da dança”. Essa experiência e vivência em grupo

tem papel fundamental na construção de redes de apoio, sendo essencial no contexto de recuperação pós-pandêmica.

Todavia, o uso da música exige cuidado com a seleção do repertório, pois, conforme alertam Wazlawick, Camargo e Maheirie (2007), “reações emocionais negativas também podem ser despertadas”. A comunicação musical é subjetiva e depende das experiências individuais e do contexto cultural de cada sujeito. Wang e Agius (2018) reforçam que “a musicoterapia não se limita à escuta musical passiva, mas envolve participação ativa do paciente em atividades como canto, improvisação e composição” (Wang; Agius, 2018, p. 11). Essas práticas se mostram eficientes no tratamento de quadros como depressão, ansiedade e distúrbios do sono. Além disso, fortalecem laços sociais e apoiam relações entre as pessoas dentro e fora do ambiente terapêutico.

No contexto pós-pandêmico, a musicoterapia revelou-se como uma abordagem relevante para profissionais da saúde, duramente afetados pelos impactos emocionais da pandemia. Segundo estudo da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2016), períodos de crise sanitária estão associados a sintomas como estresse pós-traumático, depressão, ansiedade e até comportamento suicida. Esses efeitos são ainda mais intensos nos profissionais que atuaram na linha de frente (WANG *et al.*, 2020).

Dados do Ministério da Saúde (2020) revelam que, até julho daquele ano, 173.440 profissionais de saúde haviam sido diagnosticados com COVID-19, incluindo mais de 59 mil técnicos e auxiliares de enfermagem. Esse grupo enfrentou não apenas o risco de infecção, mas também a sobrecarga emocional, a escassez de insumos e a responsabilidade de tomar decisões clínicas críticas (Brasil, 2020).

Diante desse cenário crítico, a musicoterapia apresenta diversos benefícios, como a redução do estresse e da ansiedade, a promoção do bem-estar, a expressão emocional, o fortalecimento da resiliência, a melhoria da qualidade do sono e ressignificação de experiências. Tais benefícios tornam-se ainda mais visíveis quando a musicoterapia é aplicada em grupo, favorecendo o apoio mútuo e a solidariedade entre os profissionais de saúde (Wang; Agius, 2018).

Durante a pandemia, os atendimentos em musicoterapia foram profundamente impactados. A interação entre terapeuta e paciente, geralmente mediada por som, gestos e respiração, foi limitada pelo distanciamento social. Sessões remotas exigiram adaptação dos profissionais, que recorreram às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Nunes, Anastácios Júnior e Nunes (2021) destacam que a telessaúde em musicoterapia gerou benefícios clínicos, sociais e econômicos, especialmente para indivíduos com mobilidade reduzida ou residentes em áreas remotas

APLICABILIDADE NO CONTEXTO PÓS-PANDÊMICO

De acordo com Cardoso *et al.*, (2024), os profissionais de saúde enfrentaram, durante a pandemia, uma rotina de trabalho marcada por fatores estressores com alta complexidade de assistência e sobrecarga de trabalho, além do risco de contaminação, isolamento do convívio social e familiar, escassez de recursos humanos e materiais. Esses aspectos levaram ao desgaste físico e mental.

Esse cenário caótico contribuiu para o desenvolvimento de Distúrbios Psíquicos Menores (DPM), caracterizados por sintomas como depressão, ansiedade, fadiga, irritabilidade, insônia, déficit de memória e de concentração, entre outros, que geram sofrimento, adoecimento e afastamentos do trabalho. Diante de momentos tão difíceis, torna-se fundamental que o sistema de saúde adote um olhar mais humanizado para quem cuida, também sendo cuidado.

Em 2006, o Sistema Único de Saúde (SUS) do Brasil criou as Práticas Integrativas Complementares de Saúde (PICS), e, no ano de 2017, a musicoterapia foi oficialmente incorporada a práticas, por meio da portaria nº 849. As PICS, incluindo a musicoterapia, vêm sendo aplicadas também aos profissionais de saúde, a fim de promover a melhoria da saúde ocupacional. Silva *et al.*, (2022) realizaram uma pesquisa sobre intervenções terapêuticas para a Síndrome de Burnout em profissionais da saúde durante a pandemia. O estudo constatou que a inclusão de estratégias de autocuidado individual, como terapias de relaxamento, atividades físicas, exercícios de respiração diafragmática e cuidados emocionais, contribuem significativamente para uma melhora na qualidade de vida.

Além dessas estratégias individuais, as intervenções organizacionais desempenham um papel relevante, contribuindo para melhorar o ambiente de várias formas, como fornecimento de equipamentos de segurança, redução da carga horária, pausas para descanso e apoio psicológico. Todas essas práticas, aliadas ao fortalecimento das relações sociais, colaboram para a diminuição da Síndrome de Burnout, da ansiedade, da tristeza e do cansaço.

Considerando a musicoterapia no âmbito das Práticas Integrativas, ela apresenta-se como uma terapia de baixo custo, que facilita a expressão de emoções e estimula a comunicação interpessoal. Batalha *et al.*, (2022) referem-se à musicoterapia como uma prática interativa, com potencial para promover relaxamento, diminuição de ansiedade, movimentação do corpo, melhora da coordenação motora e dos sentidos, além de desviar o ponto de dor, entre outros benefícios, proporcionando o alívio para dores do corpo e da mente.

Pedrosa *et al.*, (2020) relataram que sessões de musicoterapia foram realizadas com a equipe de enfermagem de um hospital do Rio de Janeiro, apresentando resultados bastante satisfatórios em relação à diminuição do estresse no trabalho melhorando, à melhoria da qualidade de vida dos

profissionais e ao fortalecimento do vínculo entre paciente e profissional.

Rezende (2023) afirma que as práticas musicais exercem influência significativa na qualidade de vida dos profissionais da saúde, atuando como fatores protetivos contra o estresse e a Síndrome de Burnout. Elas proporcionam melhora na saúde emocional, cognitiva e social desses trabalhadores. Ainda segundo a pesquisa, a experiência musical pode favorecer a ação de controlar as emoções, diminuindo as reações afetivas negativas e fortalecendo maior capacidade de lidar com situações de pressão, principalmente em ambientes hospitalares. A vivência musical estimula as relações sociais, gera satisfação e prazer, promove a autorreflexão, alivia os sintomas emocionais e contribui para o bem-estar no ambiente de trabalho.

DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura revisada sugere que a musicoterapia é uma abordagem promissora para o cuidado da saúde mental dos profissionais da saúde no contexto pós-pandêmico. Os benefícios incluem a redução de sintomas psicológicos, a melhora do clima organizacional e a promoção do autocuidado. No entanto, são necessários mais estudos controlados e de longo prazo para consolidar evidências e orientar políticas institucionais. A musicoterapia apresenta-se como uma estratégia complementar relevante para o enfrentamento do sofrimento psíquico entre profissionais da saúde. Sua adoção pode contribuir para a construção de ambientes de trabalho mais saudáveis e resilientes.

Como limitação deste estudo, destaca-se o curto período de abrangência (últimos 5 anos), que se apresentou insuficiente, contribuindo para a baixa expressividade de pesquisas na área. Além disso, a busca foi realizada em apenas duas bases de dados, o que também minimiza o volume de trabalhos obtidos. Portanto, sugere-se a realização de uma revisão com período maior de abrangência e que inclua outras bases de dados, possibilitando o acesso e a análise de um número maior de artigos sobre a temática.

Acrescenta-se, ainda, que a análise dos estudos indicou a falta de informações importantes referentes à quantidade de sessões ou ao tempo total de intervenção — aspectos procedimentais sumários para a maior clareza da eficácia dessa intervenção. Essa lacuna dificulta, inclusive, a replicabilidade e a comparação com outras modalidades terapêuticas. Estudos futuros, com maior controle experimental, que possibilitem explorar e estratificar outras variáveis envolvidas na eficácia das intervenções e que englobem maior número de participantes poderão enriquecer ainda mais a dimensão da eficácia, além de fomentar metanálises que aumentem a robustez das conclusões.

REFERÊNCIAS

- ANTELO, Marcela. Psicanálise e música. **Revista Cógito**, Salvador, v. 1, n. 9, p. 91-93, 2008.
- BATALHA, Júlio César Raduan *et al.* Musicoterapia e seus efeitos no ambiente hospitalar. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 11, n. 6, pág. e12411626747-e12411626747, 2022.
- BERGOLD, Leila Brito; ALVIM, Neide Aparecida Titonelli; CABRAL, Ivone Evangelista. O lugar da música no espaço do cuidado terapêutico: sensibilizando enfermeiros com a dinâmica musical. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 15, p. 262-269, 2006.
- BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE DO MINISTÉRIO DA SAÚDE – BVS/MS (Brasília). Ministério da Saúde. **Estresse**. 1970. Disponível em: <bvms.saude.gov.br/estresse/>. Acesso em: 4 jul. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim epidemiológico especial doença pelo coronavírus COVID-19**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <saude.gov.br/images/pdf/2020/July/08/Boletim-epidemiologico-COVID-21-corrigido-13h35.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2025.
- BRUSCIA, Kenneth E. **Definindo Musicoterapia**. 2. ed. Tradução Mariza Velloso Fernandez Conde. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- CASTILLO, Ana Regina G. L. *et al.* Transtornos de ansiedade. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 22 (2000): 20-23.
- CARDOSO, Nilton Pereira; DE SOUZA, Giovana Garbelini; ARAUJO, Juliane Pagliari; ZANI, Adriana Valongo. Efeito da musicoterapia em profissionais de saúde: protocolo de revisão de escopo. **Revista Sociedade Científica**, v. 7, n. 1, p. 218-227, 2024.
- DA SILVA, Amanda Viana Costa *et al.* INTERVENÇÕES TERAPÊUTICAS PARA A SÍNDROME DE BURNOUT EM PROFISSIONAIS DA SAÚDE DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: REVISÃO INTEGRATIVA DE LEITURA. **RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar**, v. 3, n. 1, p. e311060-e311060, 2022.
- DE MORAIS, Camila Piantavini Trindade *et al.* Impacto da pandemia na saúde mental dos profissionais de saúde que trabalham na linha de frente da Covid-19 e o papel da psicoterapia. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 1, p. 1660-1668, 2021.
- FEDERAÇÃO MUNDIAL DE MUSICOTERAPIA. **Definição de Musicoterapia**. Rio de Janeiro, 1996.
- FRANÇA, A. T.; JIMÉNEZ, P. A.; LEITE, T. L. Musicoterapia em tempos de pandemia: desafios e perspectivas. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, v. 22, n. 2, p. 78-88, 2021.

GATTINO, Gustavo. **Musicoterapia aplicada à avaliação da comunicação não verbal de crianças com transtornos do espectro autista**: revisão sistemática e estudo de validação. 2012. 180 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

GERETSEGGER, Monika; HOLCK, Ulla; GOLD, Christian. Randomised controlled trial of improvisational music therapy's effectiveness for children with autism spectrum disorders (TIME-A): study protocol. **BMC pediatrics**, v. 12, n. 1, p. 2, 2012.

GFELLER, Kate. Music: a human phenomenon and therapeutic tool. In: DAVIS, William; GFELLER, Kate.; THAUT, Michael. (Orgs.). **An introduction to music therapy**: Theory and practice. 3. ed. Silver Spring: American Music Therapy Association, 2008.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **Prevenção da conduta suicida**. Washington, 2016.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **Histórico da emergência internacional de COVID-19**. 2024. Disponível em: <www.paho.org/pt/historico-da-emergencia-internacional-covid-19>. Acesso em: 4 jul. 2025.

PEDROSA, Frederico *et al.* Música para quem cuida: Um relato de experiência sobre uma ação musicoterapêutica virtual. **Brazilian Journal of Music Therapy**, p. 53-69, 2020.

PERNICIOTTI, Patrícia *et al.* Síndrome de Burnout nos profissionais de saúde: atualização sobre definições, fatores de risco e estratégias de prevenção. **Revista da SBPH**, v. 23, n. 1, p. 35-52, 2020.

RESENDE, Cássia Mariza. **O impacto das práticas musicais como fator protetivo para a qualidade de vida ocupacional em profissionais da saúde**. 2023. 44 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2023.

SEKEFF, Maria de Lourdes. **Da música, seus usos e recursos**. São Paulo: UNESP, 2007.

SILVA, Mariane Alexandra Xavier da *et al.* Fatores de risco à saúde mental dos profissionais da saúde durante a pandemia de COVID-19: revisão sistemática. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 28, p. 3033-3044, 2023.

SOUSA, Fabiano Alves de *et al.* Saúde mental dos profissionais de saúde frente à pandemia da COVID-19: uma revisão narrativa. In: KLAUSS, Jaisa; ALMEIDA, Flávio Aparecido de (org.). **Saúde Mental**: interfaces, desafios e cuidados em pesquisa. Guarujá: Científica Digital, 2023. p. 105-117.

WANG, Shentong; AGIUS, Mark. The use of music therapy in the treatment of mental illness and the enhancement of societal wellbeing. **Psychiatra Danubina**, v. 30, n. suppl. 7, p. 595-600, 2018.

WAZLAWICK, Patrícia; CAMARGO, Denise de; MAHEIRIE, Kátia. Meanings and senses of music: a brief composition from cultural-historical psychology. **Psicologia em Estudo**, v. 12, p. 105-113, 2007.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Saúde mental**. Genebra, 2022. Disponível em: <www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/mental-health-strengthening-our-response>. Acesso em: 4 jul. 2025.

MUSICOTERAPIA COMO ESTRATÉGIA TERAPÊUTICA DE ADOLESCENTES COM COMPORTAMENTO AUTOLESIVO NÃO SUICIDA

Aline de Jesus Pignaton da Silva¹

Frederico Alves Morais Oliveira²

Milene Sanson de Rezende Silva³

Tânia Regina Boze Perusse⁴

Giovana Machado Souza⁵

RESUMO

A autolesão é um comportamento caracterizado por danos intencionais ao próprio corpo sem intenção suicida, associado a sofrimento emocional e transtornos como depressão, transtorno de personalidade *borderline* e ansiedade. Na adolescência, fase de vulnerabilidade marcada por mudanças hormonais, busca de identidade e autonomia, esse comportamento pode ser agravado por fatores como abuso, negligência e violência, aumentando o risco de consequências graves, incluindo suicídio. A abordagem terapêutica deve ser integrada, contemplando psicoeducação, fortalecimento de fatores de proteção e redes de apoio, desenvolvimento de habilidades de regulação emocional e atenção a comorbidades psiquiátricas. Nesse contexto, a musicoterapia se apresenta como estratégia complementar, capaz de promover expressão emocional, bem-estar e controle da dor psíquica. Este estudo propõe uma revisão integrativa, através da busca de artigos nas bases de dados LILACS, BVS, SciELO e BRjmt, com estudos publicados entre 2010 e julho de 2025, visando subsidiar práticas clínicas humanizadas e baseadas em evidências. Excluiu estudos duplicados e

1 Fonoaudióloga pela UVV/ES - Pós-graduanda em Musicoterapia pela EMESCAM/ES.

2 Mestre em Ensino de Biologia pela UFJF-GV - Licenciado em Ciências Biológicas pela UNIPAC - Pós-graduando em Musicoterapia pela EMESCAM/ES.

3 Pós-graduada em Musicoterapia pela ALPHA/ES - Licenciada em Música pela UFES - Pós-graduanda em Musicoterapia pela EMESCAM/ES.

4 Fonoaudióloga pela UVV/ES - Pós-graduanda em Musicoterapia pela EMESCAM/ES.

5 Doutora em Ciências Fisiológicas e Professora Titular do curso de graduação em Fisioterapia e Medicina da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória – EMESCAM.

incompletos. A literatura evidencia que a autolesão não suicida em adolescentes está associada à expressão e regulação emocional, e que a musicoterapia pode auxiliar nesse processo, favorecendo a elaboração de emoções complexas e a construção da identidade. Técnicas como recreação, audição e composição promovem habilidades sociais, inclusão e bem-estar psicossocial, além de reduzir impulsividade e fortalecer recursos internos. Intervenções em contextos escolares e comunitários ampliam vínculos e inclusão. Contudo, há limitações metodológicas e amostrais exigindo pesquisas mais robustas para consolidar o potencial terapêutico da musicoterapia.

Descritores: Musicoterapia, Adolescente, Automutilação.

INTRODUÇÃO

A autolesão, também referida como automutilação, é um fenômeno complexo que tem recebido crescente atenção no âmbito da saúde mental. Caracteriza-se por ações deliberadas de dano ao próprio corpo, sem a intenção explícita de suicídio, mas frequentemente associadas a um intenso sofrimento emocional. Essas práticas, que podem incluir cortes, queimaduras ou outros tipos de lesões, representam uma estratégia de enfrentamento utilizada por indivíduos que encontram dificuldades em expressar ou gerenciar suas emoções de forma adaptativa. Assim, a autolesão emerge como um comportamento de autorregulação emocional, muitas vezes relacionado a transtornos psicológicos como depressão, transtorno de personalidade borderline ou transtornos de ansiedade (ALBUQUERQUE, SANTOS e PEDROSA, 2023)

No contexto do desenvolvimento psicológico, especialmente durante a adolescência, a autolesão pode assumir uma dimensão preocupante devido à vulnerabilidade característica dessa fase. A adolescência é marcada por intensas alterações hormonais, identificação de si mesmo e busca por autonomia, fatores que podem facilitar o surgimento de comportamentos autodestrutivos em adolescentes que enfrentam dificuldades em lidar com suas emoções e conflitos internos. Além disso, fatores ambientais, como abuso, negligência ou violência, aumentam o risco de automutilação, configurando-se como indicadores de um quadro que demanda atenção especializada. Entender esses aspectos é fundamental para promover intervenções efetivas e prevenir consequências mais graves, como o suicídio (Silva *et al.*, 2023; World Health Organization, 2021).

A autolesão também se destaca pelo seu aspecto multifatorial, envolvendo aspectos biológicos, psicológicos e sociais. Estresse, violações de fronteiras pessoais, pressões acadêmicas ou familiares, bem como o impacto de redes

sociais e o isolamento social, podem contribuir para o desenvolvimento ou manutenção da prática autocometida. Além disso, estudos indicam que, embora alguns indivíduos possam experimentar a automutilação de forma pontual, outros apresentam padrões repetitivos, tornando-se uma estratégia persistente de enfrentamento. Assim, compreender a heterogeneidade desse comportamento é imprescindível para moldar estratégias de avaliação, intervenção e prevenção mais adequadas às distintas necessidades dos indivíduos autores dessas ações (Lima *et al.*, 2024; Nascimento & Nascimento, 2022).

Por fim, a importância de abordagens terapêuticas integradas e sensíveis às especificidades de cada caso é amplamente reconhecida na literatura especializada. Intervenções que envolvem psicoeducação, fortalecimento de fatores de proteção, fortalecimento das redes de suporte familiar e o desenvolvimento de habilidades de regulação emocional são considerados essenciais. Além disso, um olhar atento às possíveis comorbidades associadas à autolesão, como transtornos psiquiátricos ou dificuldades de relacionamento, é fundamental para o sucesso do tratamento. Assim, esse cenário evidencia a necessidade de uma abordagem multidisciplinar, que contemple a complexidade do comportamento autodestrutivo e busque, sobretudo, oferecer um ambiente de acolhimento, compreensão e esperança para os indivíduos que enfrentam essa condição (Ibiapina *et al.*, 2022; Gómez-Reestre *et al.*, 2024).

Dessa forma com a necessidade de ampliar as formas de intervenção terapêutica para indivíduos que praticam autolesões não suicidas, especialmente considerando o impacto negativo dessas ações na saúde física e emocional, bem como na qualidade de vida desses indivíduos. A musicoterapia emerge como uma estratégia terapêutica complementar, com potencial para promover o fortalecimento emocional, a expressão de sentimentos e o desenvolvimento de habilidades de regulação emocional de forma não invasiva. Ao realizar uma revisão de literatura sobre a aplicação da musicoterapia no tratamento do comportamento autolesivo não suicida, busca-se evidenciar suas possibilidades e limites, contribuindo para uma abordagem interdisciplinar mais humanizada e eficaz. Essa investigação poderá fornecer subsídios teóricos para a implementação de práticas clínicas inovadoras, apoiadas em evidências, que potencializem a recuperação emocional e o bem-estar dos indivíduos em situação de vulnerabilidade psíquica (Ciurani *et al.*, 2019; Bruscia, 2016).

Portanto, o objetivo desse artigo é realizar uma revisão sistemática de literatura para identificar e analisar as evidências científicas disponíveis sobre o uso da musicoterapia como abordagem terapêutica no tratamento de adolescentes com comportamento autolesivo não suicida, buscando compreender sua eficácia, aplicabilidades e contribuições no contexto da saúde mental dessa população.

MÉTODOS

Trata-se de uma revisão integrativa, desenvolvida com base nas diretrizes propostas pelo Manual do *Joanna Briggs Institute* (JBI) (Peters *et al.*, 2022). Foi aplicada uma estratégia de busca, que será descrita abaixo.

PERGUNTA DE PESQUISA

Para elaboração de uma pergunta de pesquisa clara utilizou-se para a estratégia PCC, anacrônico para População, Conceito e Contexto (quadro 1).

Quadro 1. Descrição dos elementos utilizados para a elaboração da pergunta de revisão

Anacrônicos	Descrição
População	Pessoas com faixa etária de 10 a 19 anos.
Conceito	Relação entre musicoterapia e tratamentos da autolesão.
Contexto	Adolescentes que estão em sofrimento mental e comportamento autolesivo.

Dessa maneira, a pergunta desenvolvida para a construção da presente revisão foi: “Qual a efetividade da musicoterapia no tratamento de adolescentes que praticam autolesão não suicida?”

CRITÉRIOS DE ELEGIBILIDADE

Foram incluídos todos os artigos científicos que abordaram em seu conteúdo, adolescentes entre 10 e 19 anos, diagnosticados com comportamento autolesivo não suicida, e que investiguem a utilização da musicoterapia como intervenção terapêutica. Incluíram-se artigos publicados a partir de 2010 até julho de 2025; nos idiomas português ou espanhol; e, independente do desenho e qualidade metodológica. Os critérios de exclusão adotados foram resumos publicados em revistas ou anais de evento, e aquelas repetidas nas bases de dados exploradas.

FONTES DE INFORMAÇÃO E ESTRATÉGIA DE BUSCA

A busca dos estudos foi realizada entre os meses de novembro a dezembro de 2024 nas bases eletrônicas da Literatura Latino-Americano e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO) e Revista Brasileira de Musicoterapia (BRjmt).

A estratégia de busca empregada na base de dados LILACS considerou

os seguintes descritores na língua portuguesa, reconhecidos pelos sistemas de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “Musicoterapia” AND “Saúde mental” AND “Depressão” AND “Autolesão não suicida” And “Adolescente”. As estratégias de busca utilizadas estão expostas no quadro 1.

Quadro 1 – Estratégia de busca por base de dados

BASES DE DADOS ESTRATÉGIA DE BUSCA	ESTRATÉGIA DE BUSCA
LILACS/ BVS/ SciELO/ BRjmt	“Musicoterapia” AND adolescente”
LILACS/ BVS/ SciELO/ BRjmt	“Musicoterapia” AND “Autolesão não suicida”
LILACS/ BVS/ SciELO/ BRjmt	“Adolescente” AND “Autolesão não suicida”
LILACS/ BVS/ SciELO/ BRjmt	“Musicoterapia AND adolescente AND automutilação”

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

SELEÇÃO DOS ESTUDOS

A triagem inicial dos estudos identificados foi realizada por meio da análise dos títulos, com a exclusão de duplicatas encontradas nas bases de dados e daqueles que não apresentavam relação com os objetivos deste artigo. Posteriormente, os resumos foram lidos, e os estudos que não atendiam aos critérios de inclusão previamente estabelecidos foram descartados. Por fim, após a leitura completa dos artigos, foram selecionados aqueles que se mostraram alinhados aos propósitos da pesquisa, resultando na amostra final utilizada nesta revisão.

Essa seleção foi conduzida de maneira independente por dois pesquisadores. Em casos de discordância, um terceiro revisor foi consultado para resolver as diferenças.

O processo de seleção, incluindo os motivos de exclusão e a quantidade de estudos descartados em cada etapa, foi sistematizado em um fluxograma adaptado conforme as diretrizes do PRISMA (2018).

EXTRAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS (OU CONTEÚDOS)

Para a caracterização dos estudos selecionados, foram extraídas informações como: nome do primeiro autor, objetivos da pesquisa, ano de publicação, local de realização (cidade e estado), período de coleta de dados, participantes envolvidos (amostra) e tipo de estudo (qualitativo, quantitativo, observacional, intervencionista, entre outros).

As potencialidades, limitações e sugestões apresentadas por cada estudo foram identificadas ao longo do conteúdo dos artigos e sintetizadas em uma planilha. Quando algum dado relevante para os objetivos do estudo estava

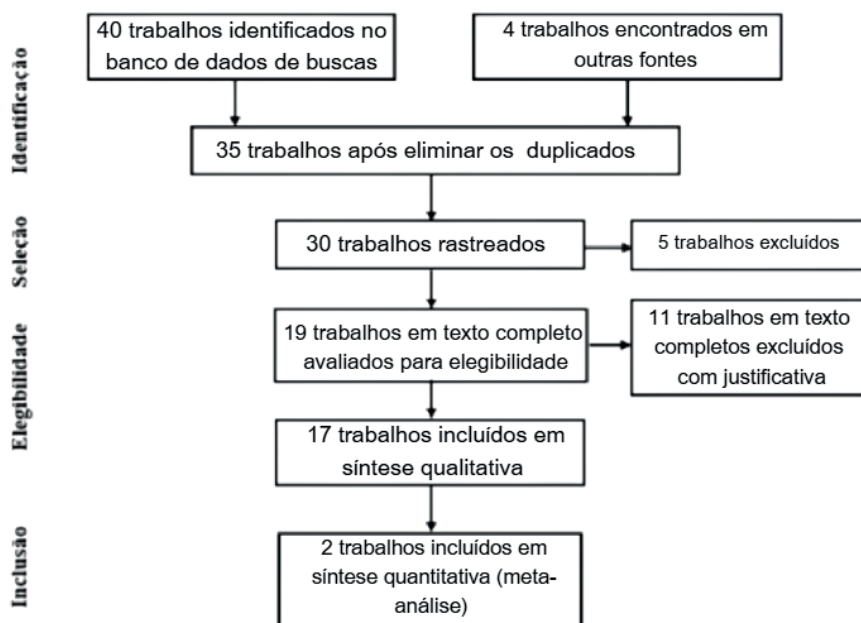
ausente, os autores dos artigos foram contatados por e-mail para esclarecimentos.

Os dados coletados foram inseridos em uma planilha no Microsoft Excel (Microsoft Corp., Estados Unidos) por um dos pesquisadores. A caracterização dos estudos foi feita de forma descritiva, enquanto a análise qualitativa das informações extraídas — no que diz respeito às contribuições, limitações e potencialidades — foi conduzida por meio da análise textual discursiva, método que combina elementos da análise de conteúdo e da análise do discurso (Moraes; Do Carmo Galiazzi, 2006).

RESULTADOS

Foram identificados 40 trabalhos nos bancos de dados e 4 trabalhos em uma fonte externa, destes 35 permaneceram após a eliminação por duplicidade, ao realizar a elegibilidade 30 trabalhos foram rastreados por meio da leitura dos resumos e conclusões, dessa forma permanecendo 20 para leitura completa.

Figura 1. Fluxograma de seleção dos estudos



Quadro 1. Caracterização das pesquisas quanto à autoria, ano, local, tipo de estudo, amostra e objetivos.

AUTOR (ANO)	LOCAL	TIPO DE ESTUDO	AMOSTRA	OBJETIVOS
Velázquez Nanni e Petrucci, (2023)	Argentina	Relato de experiência	Participam entre 15 e 20 jovens, com idades entre 12 e 18 anos.	Descrição da experiência no programa para jovens que acontece uma vez por semana na sala de aula do CPA “Dr. Alfonso Sakamoto”, na área Rafael Castillo de La Matanza, província de Buenos Aires, utilizando elementos da musicoterapia.
Serodio <i>et al</i>	Argentina	Pesquisa documental e relato de experiência	Cerca de 100 crianças e adolescentes e suas famílias no Centro Educativo Terapêutico Néstor Vive.	Promover direitos e integrar saúde mental infantil via estratégias comunitárias e intersetoriais sendo uma delas a musicoterapia
Lima <i>et al</i> (2024)	Brasil	Natureza exploratória e de revisão bibliográfica, com abordagem quantitativa	Inicialmente 22 estudos, dos quais foram selecionados 5 após critérios de elegibilidade.	Identificar o comportamento autodestrutivo em adolescentes que usam excessivamente redes sociais e jogos digitais, ressaltando a importância da atuação dos profissionais de saúde na prevenção e cuidado desses comportamentos
Alves <i>et al</i> (2023)	Brasil	revisão integrativa ou escopo (scoping review)	Consiste em artigos de pesquisa primária, tanto quantitativos quanto qualitativos, considerados sem restrição quanto à data de publicação ou idioma, que abordam práticas em escolas relacionadas à autolesão não suicida em adolescentes	Mapear as evidências existentes na literatura científica que descrevem ou avaliam essas práticas, envolvendo estudantes adolescentes e profissionais do ambiente escolar que lidam com tais situações
Ferreiro <i>et al</i> (2023)	Uruguai	Estudo de caso clínico com abordagem descritiva	Uma adolescente de 15 anos	Atualizar o tema das autolesões não suicidas, fortalecer o entendimento clínico e fornecer ferramentas para uma abordagem integral desde o primeiro nível de atenção à saúde e setor educativo, promovendo a prevenção, identificação e manejo adequado dessas condutas em adolescentes.
Gómez <i>et al</i> (2024)	Colômbia	Estudo de intervenção ou experimento piloto.	30 adolescentes	Avaliar os efeitos de oficinas musicais na redução dos sintomas de depressão e ansiedade em adolescentes, utilizando questionários de autoavaliação antes e após as intervenções.

Andrade, Migoto (2022)	Curitiba Paraná Brasil	natureza descritiva e exploratória quali-quantitativa	30 profissionais da área de enfermagem	descrever as aplicações de tecnologias assistenciais no cuidado à criança e ao adolescente no contexto neuropaliativo, analisando a frequência de utilização dessas tecnologias e seu impacto na promoção da qualidade de vida desses pacientes
Ibiapina (2022)	Vários Países	Revisão sistemática – método PRISMA	8 artigos incluídos	Identificar, avaliar e sintetizar as evidências existentes sobre os efeitos da musicoterapia na redução de sintomas de ansiedade e depressão em adultos com transtornos mentais, promovendo uma compreensão mais aprofundada de sua eficácia e potencial aplicação clínica
Netto, Santos e Santos (2020)	Minas Gerais Brasil	Abordagem qualitativa, empírica e exploratória, realizada por meio de observações participantes, entrevistas semiestruturadas, diários de campo e análise de conteúdo.	15 participantes entre 10 e 17 anos	Investigar se e como o Programa Música Viva promove o desenvolvimento positivo de adolescentes em situação de vulnerabilidade social, possibilitando compreender as transformações e os benefícios gerados pela participação no grupo musical
Veas Cortes (2018)	Lima Peru	Abordagem descritiva e exploratória com pré e pós teste	38 estudantes	Determinar os efeitos da musicoterapia no aprendizado atitudinal dos estudantes do terceiro ano de educação primária na referida instituição
Oliveira <i>et al</i> (2017)	Minas Gerais Brasil	Natureza qualitativa, adotando a estratégia do estudo de caso	2 adolescentes	operacionalizar o Processo de Enfermagem para adolescentes em cuidados paliativos, fundamentado no Modelo de Adaptação de Roy, utilizando as classificações de NANDA, NOC e NIC, visando promover a adaptação e melhorar a qualidade de vida desses jovens e suas famílias
Martinez Huaman e Serpa Zevallo (2016)	Peru	natureza Aplicada, com uma abordagem que envolve a avaliação e validação de um instrumento de medição.	Alunos do primeiro ano do curso de enfermagem	Determinar a eficácia da musicoterapia no estresse acadêmico das estudantes do primeiro grau da instituição educativa. O objetivo específico envolve avaliar a eficiência do instrumento de medição utilizado na pesquisa
Zanettini <i>et al</i> (2015)	Santa Catarina Brasil	Relato de experiência	55 crianças, estudantes do segundo ao sexto ano do ensino fundamental	Promover a saúde da criança por meio do uso da música, buscando uma vida saudável, a diminuição do tempo ocioso, além de oferecer momentos de aprendizado, cultura e lazer através do canto coral

Villegas (2012)	Santiago Chile	Pesquisa de intervenção qualitativa, com uma abordagem prática voltada à implementação de uma intervenção musicoterapêutica	Adolescentes de 14 a 19 anos em	Promover processos de fortalecimento emocional, resiliência e adequar a experiência de maternidade em adolescentes vulneráveis, utilizando recursos da musicoterapia para facilitar esses processos
Santos, Teixeira e Zanini (2011)	Goiás Brasil	Abordagem qualitativa, com foco na construção da subjetividade	Sete adolescentes, com idades entre 10 e 13 anos, residentes na região periférica de Goiânia	Investigar como a musicoterapia contribui para o fortalecimento da subjetividade dos adolescentes participantes, por meio de técnicas musicais e abordagens baseadas na Psicologia Sócio-Histórica e na teoria de Benenzon sobre Identidade Sonoro-Musical
Sánchez (2019)	Madri Espanha	Estudo de caso	Um adolescente	Explorar as possíveis inter-relações entre o estado de fluxo de consciência e a prática de musicoterapia humanista com o adolescente, buscando entender se suas experiências durante as sessões atendem às características do fluxo e identificando as variáveis que contribuem para esse fenômeno
Costa e Zanini (2021)	Goiânia Goiás Brasil	Intervenção, de metodologia mista, com abordagem antes e depois (qualitativa)	Nove adolescentes de 12 a 18 anos	Investigar as contribuições da musicoterapia no tratamento de adolescentes que apresentam automutilação, visando principalmente a redução dos comportamentos autolesivos e da impulsividade, além do desenvolvimento de mecanismos de expressão e regulação emocional.
Mcferran (2019)	Melbourne Austrália	Revisão reflexiva	Não especificado	Compreender como a musicoterapia pode promover recursos internos, melhorar habilidades sociais, apoio emocional, expressão criativa, além de avaliar os efeitos e benefícios do uso da música nesse público específico, considerando as nuances de cada contexto.
Moreira e Pedrosa (2022)	Belém Pará Brasil	Estudo piloto com método quantitativo e qualitativo	7 crianças, com idades entre 7 e 10 anos	Avaliar o desempenho social de crianças em situação de vulnerabilidade socioeconômica e familiar antes e após uma intervenção de musicoterapia

Quadro 2. Potencialidades, Limitações e Contribuições do uso das tecnologias de informação e comunicação na atenção primária à saúde

AUTOR/ ANO	POTENCIALIDADES	LIMITAÇÕES	PROPOSIÇÕES
Velázquez Nanni e Petrucci, (2023)	A possibilidade de fortalecer a intervenção em saúde mental de jovens por meio do uso integrado de ferramentas de recreação e musicoterapia, promovendo espaços também de expressão criativa e fortalecimento de vínculos comunitários, o que pode ampliar a acessibilidade e a eficácia do cuidado em saúde mental.	Se trata de uma experiência realizada em um espaço específico, com uma quantidade relativamente limitada de participantes (entre 15 e 20 jovens), o que pode restringir a generalização dos resultados para outros contextos ou populações diferentes.	Demonstrar como a combinação de recursos da recreação e da musicoterapia, inseridas dentro de uma perspectiva de saúde comunitária, podem constituir dispositivos singulares e eficazes para o cuidado da saúde mental de jovens, promovendo espaços de participação, expressão e fortalecimento dos vínculos sociais.
Serodio <i>et al</i> (2023)	A musicoterapia oferece potencial de fortalecer habilidades sociais, promover a expressão emocional e promover a inclusão social de crianças e adolescentes, complementando as ações de atenção comunitária e interdisciplinar adotadas pelo centro.	O texto não fornece evidências ou dados concretos que comprovem os resultados ou benefícios específicos dessa abordagem no desenvolvimento das crianças e adolescentes atendidos.	Integrar avaliações quantitativas e qualitativas para mensurar os impactos da musicoterapia no progresso dos usuários atendidos, fortalecendo sua fundamentação e reconhecimento no contexto do centro.
Lima <i>et al</i> (2024)	Contribui para a compreensão do impacto das redes sociais e jogos digitais no comportamento autodestrutivo dos adolescentes, possibilitando ações preventivas e de intervenção mais assertivas por parte dos profissionais de saúde, especialmente da enfermagem, na promoção do bem-estar psicoemocional desses jovens. Em relação ao presente trabalho contribui para o entendimento do tema para aplica-lo posteriormente ao contexto da música	Por ser uma revisão de literatura, pode ocorrer limitação na obtenção de dados empíricos atualizados e afetar a generalização dos resultados para diferentes contextos. Por exemplo a exclusão de estudos que não abordam patologias psicológicas ou que não são publicados em plataformas on-line, isso pode limitar a compreensão total dos fatores que levam a comportamentos autodestrutivos na adolescência.	A importância que profissionais de saúde, incluindo a equipe de enfermagem, estejam preparados para oferecer assistência de qualidade aos adolescentes, especialmente no contexto do uso excessivo do mundo digital, promovendo o autocuidado, o autoconhecimento e o apoio social para prevenir comportamentos autodestrutivos e suicídio
Alves <i>et al</i> (2023)	Oferecer um mapeamento das práticas aplicadas nas escolas frente às situações de autolesão não suicida em adolescentes, contribuindo para a compreensão e aprimoramento dessas ações	O estudo depende apenas dos estudos e documentos disponíveis na literatura, podendo não abranger todas as práticas existentes em diferentes contextos escolares.	Ao identificar e analisar as intervenções existentes, o estudo pode subsidiar o desenvolvimento de estratégias mais eficazes de prevenção e cuidado, além de orientar profissionais e instituições educacionais na abordagem dessa problemática

Ferreiro <i>et al</i> (2023)	O trabalho apresentado enfatiza a abordagem integral, multidisciplinar e a importância do trabalho em parceria entre os setores de saúde, educação e demais atores do primeiro nível de atenção, o que pode facilitar uma intervenção mais efetiva e precoce nas autolesões não suicidas (ANS) em adolescentes	difficuldade de estabelecer uma avaliação padronizada e homogênea da prevalência e dos fatores de risco das ANS, devido às variações metodológicas nos estudos e às diferenças nos contextos populacionais, o que pode dificultar a formulação de estratégias de intervenção universalizadas	o manejo das autolesões no perfil de adolescentes deve ser realizado de forma integral, multidisciplinar e com ênfase na dimensão emocional, promovendo estratégias de prevenção, detecção precoce e intervenções que desmistifiquem e rompam o tabu relacionado às condutas autolesivas, sempre buscando a articulação entre os setores de saúde, educação e a comunidade.
Gómez <i>et al</i> (2024)	Possibilidade de oferecer uma intervenção comunitária acessível, de baixo custo e que promove a expressão artística e o vínculo social entre jovens vulneráveis, contribuindo para a inclusão social e o desenvolvimento emocional	Ausência de um grupo controle e o número reduzido de sessões e participantes, o que limita a capacidade de estabelecer conclusões definitivas sobre a eficácia da intervenção. Além disso, dificuldades logísticas afetaram o engajamento total dos participantes, e o fato de as oficinas terem sido conduzidas por não terapeutas especializados pode ter influenciado os resultados, por exemplo os efeitos sobre sintomas de ansiedade e depressão não terem sido estatisticamente significativos nesta pesquisa.	As oficinas musicais comunitárias, mesmo sem efeito estatisticamente significativo na redução de sintomas de ansiedade e depressão, podem proporcionar experiências positivas aos jovens, como o fortalecimento do bem-estar, a expressão emocional e o desenvolvimento de habilidades sociais e musicais, funcionando como um recurso complementar para o cuidado da saúde mental de adolescentes em contextos vulneráveis
Andrade, Migoto (2022)	Abordagem abrangente ao explorar diversas tecnologias de cuidado neuropsiquiátrico utilizadas na prática, valorizando as perspectivas dos profissionais de enfermagem e técnicos, o que pode contribuir para a ampliação do conhecimento e aprimoramento das práticas assistenciais nessa área	A realização do estudo durante a pandemia de COVID-19, o que limitou a aplicação de pesquisas presenciais e a obtenção de contribuições diretas de profissionais nas instituições, podendo impactar a amplitude e a representatividade dos dados coletados	Descrever as aplicações de tecnologias assistenciais no cuidado à criança e ao adolescente no contexto neuropsiquiátrico, visando identificar sua frequência de utilização e impacto na promoção da qualidade de vida dos pacientes, a partir da perspectiva dos profissionais de enfermagem, técnicos e auxiliares de enfermagem
Ibiapina (2022)	Abordagem sistemática e rigorosa, que permite uma síntese abrangente das evidências disponíveis sobre o efeito da musicoterapia em sintomas de ansiedade e depressão em adultos com transtornos mentais, contribuindo para fundamentar recomendações clínicas e futuras pesquisas na área	A qualidade metodológica heterogênea dos estudos incluídos, onde apenas metade apresentou alta qualidade conforme a Escala de Jadad e risco de viés variado, o que pode comprometer a confiabilidade dos resultados obtidos e indicar a necessidade de mais estudos de alta qualidade para confirmação dessas evidências	A musicoterapia apresenta efeitos positivos na redução dos sintomas de ansiedade e depressão em adultos com transtornos mentais, podendo ser considerada uma estratégia potencial para promover o bem-estar, a recuperação e a manutenção da saúde mental nessa população

Netto, Santos e Santos (2020)	Possibilidade de promover o desenvolvimento humano positivo dos jovens em situação de vulnerabilidade social, utilizando a música como instrumento de inclusão, fortalecimento de vínculos e construção de projetos de vida, alinhado às teorias de Bronfenbrenner e Lerner.	O desafio relacionado ao baixo envolvimento dos responsáveis no processo de aprendizagem dos jovens e à dificuldade de manter a frequência nas atividades, o que pode comprometer a efetividade e a continuidade dos efeitos do programa, além de dificuldades na obtenção de assinatura dos termos de consentimento, que podem limitar a inclusão de participantes	O Programa Música Viva, ao promover ações musicais em grupo e proporcionar experiências de participação ativa na orquestra de cordas, contribui para o desenvolvimento positivo de adolescentes em situação de vulnerabilidade social, favorecendo aspectos como autoconfiança, vínculo social, inclusão sociocultural e a potencial transformação de suas trajetórias de vida, fundamentando-se nas teorias de Bronfenbrenner e Lerner.
Veas Cortes (2018)	A utilização de técnicas de musicoterapia para promover melhorias nos aspectos actitudinais e cognitivos dos estudantes, o que pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades como o pensamento crítico, criativo e autorregulado, favorecendo uma aprendizagem mais integral e significativa	A amostra de estudantes de uma única instituição e de caráter não probabilístico, o que limita a generalização dos resultados para outros contextos ou populações escolares diferentes, além de possíveis vieses na coleta de dados por meio de observação direta e instrumentos subjetivos	A musicoterapia pode exercer efeitos positivos e significativos na aprendizagem actitudinal de estudantes do terceiro ano de educação primária, especialmente no desenvolvimento do pensamento crítico, criativo e autorregulado, contribuindo assim para melhorias no processo de aprendizagem e no comportamento dos alunos.
Oliveira <i>et al</i> (2017)	A utilização do Modelo de Adaptação de Roy aliado às classificações de NANDA, NOC e NIC, o que permite uma intervenção de enfermagem mais individualizada, sistematizada e fundamentada teoricamente, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida dos adolescentes em cuidados paliativos e suas famílias	A natureza de estudo de caso com apenas dois participantes, o que limita a generalização dos resultados para toda a população de adolescentes em cuidados paliativos, restringindo a abrangência das conclusões.	Evidenciar a viabilidade e a importância da operacionalização do Processo de Enfermagem baseado no Modelo de Roy, visando à promoção de respostas adaptativas nos adolescentes em cuidados paliativos, por meio de uma abordagem sistematizada e fundamentada, que considere suas particularidades fisiológicas, sociais e psicológicas
Martinez Huaman e Serpa Zevallo (2016)	A demonstração da eficácia da musicoterapia como intervenção para reduzir o estresse acadêmico em estudantes do primeiro ano. Isso pode contribuir para a implementação de estratégias terapêuticas não farmacológicas em contextos escolares, promovendo o bem-estar psicológico dos estudantes.	A amostragem utilizada foi não probabilística e por conveniência, o que pode afetar a generalização dos resultados para toda a população estudantil, pois a amostra pode não ser representativa de todos os contextos ou regiões.	A musicoterapia é uma intervenção eficaz para diminuir os níveis de estresse acadêmico em estudantes do primeiro ano, especialmente naqueles que apresentam níveis severos e moderados de estresse.

Zanettini <i>et al</i> (2015)	A possibilidade de utilizar o canto coral como ferramenta integradora na promoção da saúde, favorecendo o desenvolvimento emocional, social e cognitivo das crianças, além de envolver suas famílias e a comunidade, promovendo ações de saúde de forma lúdica, educativa e cultural	A escassez de produção científica específica sobre a temática na área da enfermagem, o que dificulta a fundamentação teórica mais robusta e ampla, além de a experiência ser de caráter principalmente prático e de extensão, o que limita a generalização dos resultados para outros contextos	As ações de extensão universitária, utilizando a música – em especial o canto coral – podem ser estratégias eficazes na promoção da saúde na infância, estimulando aspectos físicos, emocionais e sociais das crianças, além de fortalecer a relação entre a universidade, a escola, a família e a comunidade
Villegas (2012)	A musicoterapia pode ser uma estratégia eficaz para apoiar adolescentes mães em contextos de vulnerabilidade, promovendo o desenvolvimento emocional, a construção da identidade materna e o fortalecimento dos recursos internos dessas jovens, facilitando assim uma experiência de maternidade mais saudável e consciente.	Se trata de uma intervenção de caráter qualitativo e relacional, com foco na experiência e nos processos internos das participantes, o que pode limitar a generalização dos resultados para outros contextos ou populações semelhantes. Além disso, possivelmente não há um controle rigoroso de variáveis externas que possam influenciar os resultados, típico de estudos de intervenção com foco subjetivo.	A musicoterapia pode ser uma estratégia eficaz para apoiar adolescentes mães em contextos de vulnerabilidade, promovendo o desenvolvimento emocional, a construção da identidade materna e o fortalecimento dos recursos internos dessas jovens, facilitando assim uma experiência de maternidade mais saudável e consciente.
Santos, Teixeira e Zanini (2011)	Possibilidade de contribuir para a compreensão de como a musicoterapia pode reforçar a subjetividade de adolescentes em contextos sociais vulneráveis, oferecendo evidências qualitativas que podem subsidiar a implementação de intervenções terapêuticas mais específicas e adequadas às necessidades dessa faixa etária e desse grupo social	O número reduzido de participantes (sete adolescentes), o que pode restringir a generalização dos resultados e limitar a abrangência das conclusões acerca do impacto da musicoterapia na subjetividade de adolescentes em diferentes contextos sociais	A musicoterapia, fundamentada na teoria da Identidade Sonoro-Musical de Benenzon e na Psicologia Sócio-Histórica, contribui para o fortalecimento da subjetividade de adolescentes participantes de um projeto social, ampliando suas possibilidades de expressão, reflexão e identidade por meio de atividades musicais diversas, incluindo improvisação, recriação e composição.
Sánchez (2019)	A possibilidade de ampliar o entendimento sobre a relação entre o estado de fluxo de consciência e a musicoterapia humanista em adolescentes, o que pode contribuir para o desenvolvimento de intervenções terapêuticas mais eficazes e personalizadas, sobretudo ao fortalecer a compreensão teórica e prática desse vínculo	Como se trata de um estudo de caso intrínseco, sua principal limitação é a impossibilidade de generalizar os resultados para outros contextos ou populações. Sua abrangência é restrita ao caso específico de Izan, o que limita as conclusões firmes sobre a relação entre fluxo e musicoterapia em uma escala mais ampla.	A prática de musicoterapia de caráter humanista, associada ao conceito de fluxo de consciência, pode facilitar processos de autoconhecimento, expressão emocional e crescimento pessoal em adolescentes, destacando o potencial terapêutico dessa abordagem para promover o bem-estar emocional e o desenvolvimento pessoal.

Costa e Zanini (2021)	A demonstração de que as atividades de recreação e audição musical podem contribuir efetivamente para a redução dos comportamentos de automutilação e de impulsividade entre adolescentes, promovendo melhorias no bem-estar emocional e na interação social dos participantes.	A amostra é pequena (nove participantes), o que pode limitar a generalização dos resultados e a robustez estatística das conclusões, além de não incluir um grupo controle para comparação dos efeitos da intervenção.	A musicoterapia, por meio de experiências de recreação, audição e composição musical, pode ser uma estratégia eficaz no tratamento de adolescentes que praticam automutilação, contribuindo para a diminuição dos comportamentos autolésivos e impulsivos, além de promover o desenvolvimento da expressão emocional e a melhora na qualidade de vida desses jovens.
Mcferran (2019)	A abordagem reflexiva e abrangente que realiza sobre a literatura existente, incluindo uma variedade de contextos e metodologias (qualitativa, quantitativa, participativa), o que favorece uma compreensão ampla e contextualizada dos efeitos da musicoterapia em adolescentes	A ausência de uma revisão sistemática formal, o que pode comprometer a exaustividade na identificação de toda a literatura relevante, além de depender de uma seleção que pode apresentar vieses na categorização e na interpretação dos estudos consultados	Oferecer uma compreensão contextualizada e crítica sobre a pesquisa em musicoterapia com adolescentes, destacando suas diferentes abordagens metodológicas e propondo recomendações para futuros pesquisadores e profissionais da área, com ênfase na importância de reconhecer as especificidades de cada contexto e na valorização das experiências positivas dos adolescentes, além de conscientizar sobre a relação entre resultados qualitativos e quantitativos na validação das intervenções
Moreira e Pedrosa (2022)	A pesquisa evidencia que a musicoterapia pode contribuir para a melhora do desempenho social de crianças em situação de vulnerabilidade, oferecendo um método que, mesmo com limitações nos instrumentos de avaliação, foi capaz de promover percepções positivas de desenvolvimento social relatadas pelos pais, reforçando o potencial da intervenção para promover inclusão social e habilidades sociais	A amostra é pequena, composta por apenas sete crianças, além das dificuldades enfrentadas na mensuração por instrumentos psicométricos que não capturaram mudanças significativas, indicando a necessidade de métodos de avaliação mais rigorosos e padronizados para futuras pesquisas	O estudo propõe que, apesar das dificuldades na mensuração objetiva dos efeitos, a intervenção musicoterapêutica aparenta ter potencial para melhorar aspectos sociais de crianças em vulnerabilidade, ressaltando a importância de sistematizar as práticas e aperfeiçoar os instrumentos de avaliação para garantir resultados mais robustos e confiáveis no campo da musicoterapia psicossocial infantojuvenil

A análise dos conteúdos abordados revela uma compreensão ampla e multifacetada sobre a autolesão não suicida em adolescentes, destacando a complexidade dos fatores que contribuem para esse comportamento e a importância de abordagens interventivas diversificadas. Os estudos evidenciam que esse fenômeno está intrinsecamente ligado a dificuldades na regulação emocional, vulnerabilidades psico-sociais e fatores contextuais, representando

um desafio prioritário para a saúde mental juvenil. A partir dessa perspectiva, a intervenção precoce e o fortalecimento das habilidades sociais e emocionais emergem como estratégias essenciais para a prevenção efetiva, sendo reforçadas por uma abordagem integrada e multidisciplinar que envolva setores de saúde, educação e comunidade.

Nesse cenário, a musicoterapia se destaca como uma ferramenta promissora, devido à sua capacidade de promover a expressão criativa e emocional, desenvolver habilidades sociais e melhorar a autoestima dos adolescentes autolesivos. Sua aplicação, seja por técnicas de escuta, composição ou recreação musical, contribui para o fortalecimento do autoconceito e para a regulação emocional, aspectos fundamentais na redução dos comportamentos autodestrutivos. Além disso, a literatura reforça que a implementação de ações colaborativas e contextualizadas, que levam em conta as particularidades de cada adolescente, potencializa os efeitos dessas intervenções, tornando-as mais acessíveis e eficazes.

Por fim, observa-se que há uma crescente necessidade de desenvolver metodologias de avaliação mais robustas e padronizadas para mensurar os resultados dessas práticas, bem como ampliar a formação de profissionais capacitados na área. Assim, a integração de estratégias de intervenção, com ênfase na música e uma abordagem colaborativa, configura um caminho promissor para promover o bem-estar emocional, prevenir a autolesão e oferecer suporte às demandas urgentes dessa população juvenil.

DISCUSSÃO

A revisão dos estudos evidencia que a autolesão não suicida em adolescentes está intrinsecamente relacionada ao esforço de expressão emocional e à busca por mecanismos de regulação interna, o que é apoiado por Isla (2003) ao afirmar que a música atende à necessidade humana de expressar o mundo interno por meio de um meio não verbal e polissêmico. Bruscia (2016) complementa essa perspectiva ao destacar que a musicoterapia possibilita a elaboração de emoções complexas e favorece a construção da identidade, fatores fundamentais na compreensão do adolescente em situação de vulnerabilidade emocional. Assim, a literatura reforça a hipótese de que intervenções musicais podem facilitar o processamento emocional, contribuindo para a redução de comportamentos autolesivos e impulsivos.

Adicionalmente, diferentes estudos indicam que a aplicação de técnicas de musicoterapia, como recreação, audição e composição, promove o desenvolvimento de habilidades sociais e o fortalecimento da subjetividade, especialmente em grupos vulneráveis, corroborando a teoria de Bruscia (2014), que vê na música uma ferramenta de transformação social e promoção do

bem-estar psicossocial. Por exemplo, Costa e Zanini (2021) demonstram que atividades musicais podem diminuir impulsividade e melhorar mecanismos de autorregulação, o que suporta a hipótese de que a musicoterapia atua diretamente na promoção de recursos internos para lidar com dificuldades emocionais.

Outro achado importante refere-se ao potencial da musicoterapia de atuar em contextos escolares e comunitários, uma vez que ela promove a inclusão social e o desenvolvimento de habilidades sociais, em consonância com os conceitos de Bruscia de que a intervenção musical favorece a expressão de emoções e a construção de identidades socialmente inseridas. Veas Cortes (2018) reforça essa hipótese ao evidenciar efeitos positivos na saúde mental e na construção de vínculos sociais por meio de técnicas musicoterapêuticas específicas.

Por fim, observa-se a necessidade de desenvolver instrumentos de avaliação mais rigorosos para mensurar os efeitos das intervenções, uma questão também destacada por McFerran (2019), que aponta para a limitação da heterogeneidade metodológica e do pequeno número de participantes na maior parte dos estudos. Essa limitação impede uma generalização plena dos resultados e limita a robustez das conclusões, levando à hipótese de que futuras pesquisas devem priorizar abordagens metodológicas padronizadas e de maior amplitude amostral, além de incorporar as fundamentações teóricas de Bruscia para garantir maior coerência e validade nos resultados.

Diante desses elementos, conclui-se que a integração teórica e prática das ações musicoterapêuticas, alinhada às reflexões de Bruscia e demais autores, configura-se como uma estratégia promissora, embora ainda insuficientemente evidenciada por limitações metodológicas e quantitativas. Assim, o avanço na pesquisa e na formação de profissionais especializados é fundamental para consolidar e ampliar o potencial da musicoterapia na prevenção e no tratamento de comportamentos autolesivos em adolescentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão evidencia que a musicoterapia possui potencial significativo na promoção da saúde mental de adolescentes, especialmente na prevenção e no manejo da autolesão não suicida, ao facilitar a expressão emocional, fortalecer a subjetividade e desenvolver habilidades sociais. Os estudos revisados reforçam a importância de intervenções artísticas integradas a abordagens multidisciplinares, apoiando a hipótese de que a música promove recursos internos de enfrentamento e resiliência em jovens vulneráveis.

Apesar dos avanços, as limitações metodológicas e a escassez de instrumentos de avaliação padronizados dificultam a consolidação dos resultados e a generalização das intervenções. Assim, é fundamental investir em pesquisas

de maior rigor, com amostras ampliadas e fundamentadas na teoria de Bruscia, para fortalecer a evidência científica e orientar práticas clínicas mais eficazes.

Diante disso, recomenda-se a implementação de programas de musicoterapia em contextos escolares e comunitários, aliados a ações multidisciplinares, além da padronização metodológica na pesquisa. Essa abordagem potencializa a inovação terapêutica, contribuindo para a redução dos comportamentos autolesivos e para a promoção do bem-estar emocional de adolescentes em situação de vulnerabilidade.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, M. C. S.; SANTOS, P. S.; PEDROSA, L. G. M. A influência da música na recuperação de pacientes oncológicos. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 45–60, jul./dez. 2023.
- ALVES, V. M.; MAGALHÃES, A. P. N.; PAULA, C. C.; ANDRADE, L. G.; MIGOTO, M. T. Tecnologias de cuidados neuropsiquiátricos à criança e ao adolescente: perspectivas de profissionais da enfermagem. **Espaço Saúde: Revista Acadêmica Interdisciplinar**, 2022.
- BRUSCIA, K. E. **Definindo musicoterapia**. Dallas: Barcelona Publishers, 2016.
- CIURANI, I. C.; BIASI, F. F.; ALMEIDA, V. G.; *et al.* Musicoterapia e estado de fluxo: um estudo de caso exploratório com um adolescente. **Revista de Investigação em Musicoterapia**, v. 2, p. 17–34, 2019. DOI: <https://doi.org/10.15366/rim2018.2.002>.
- GÓMEZ-REESTREPO, C.; ROLDAN, M. C.; ARIZA-SALAZAR, K.; *et al.* Outcomes and experiences of music workshops for adolescents with depression and anxiety: an exploratory noncontrolled trial in Bogotá. **BMC Research Notes**, v. 17, n. 1, p. 355, 2024.
- IBIAPINA, A. R. S.; LOPES-JUNIOR, L. C.; VELOSO, L. U. P.; *et al.* Efeitos da musicoterapia sobre os sintomas de ansiedade e depressão em adultos com diagnóstico de transtornos mentais: revisão sistemática. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 35, eAPE002212, 2022.
- LIMA, L. C.; SHULJENK, G.; JESUS, L. N.; *et al.* Prevenção de comportamentos autodestrutivos na adolescência: influência das redes sociais. *Nursing (Ed. bras., Imp.)*, v. 27, 2024.
- MARIN, M. A. H.; SERPA ZEVALLOS, K. P. **Musicoterapia y estrés académico en estudiantes de la Institución Educativa Emblemática Francisca Diez Canseco de Castilla, Huancavelica**. 2016. Tese (Graduação em Enfermagem) – Universidad Nacional de Huancavelica, Huancavelica, 2016.
- NASCIMENTO, A. L.; NASCIMENTO, R. C. Tratamento do transtorno depressivo em adolescentes: revisão bibliográfica. **Revista ANACEM**, v. 16, n. 2, p. 89–94, 2022.

UNIÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DE MUSICOTERAPIA (UBAM). **Definição brasileira de musicoterapia**. 2018. Disponível em: <https://ubammusicoterapia.com.br/definicao-brasileira-de-musicoterapia>. Acesso em: 6 dez. 2022.

VEAS CORTES, N. E. **Therapy in the attitudinal learning of the students of the 3rd grade of primary school of the I.E. “Sagrada Familia” of Lima 2017**. Lima, 2018.

SILVA, E. M.; RODRIGUES, A. P.; FERREIRA, G. S. Comportamentos autolesivos na adolescência: revisão integrativa. **Revista Psicologia em Foco**, v. 15, n. 1, p. 102–118, 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Live life: an implementation guide for suicide prevention in countries**. Geneva: WHO, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240026629>.

EFEITOS DA MUSICOTERAPIA NA REDUÇÃO DA ANSIEDADE EM PACIENTES IDOSOS HOSPITALIZADOS: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Breno Brício Amaral¹

Joyce Porto Fernandes²

Miriam Zerbone Von Rondon de Almeida³

Sabrina Souza Gomes⁴

Giovana Machado Souza⁵

RESUMO

Introdução: A reabilitação pulmonar (RP) constitui uma intervenção basilar no manejo de pneumopatias crônicas, visando otimizar a capacidade funcional e a qualidade de vida (QV). Contudo, a adesão terapêutica subótima e o manejo dos componentes psicossociais permanecem como desafios clínicos. A musicoterapia (MT) emerge como uma intervenção não farmacológica adjuvante de potencial significativo para otimizar os desfechos da RP. **Objetivo:** Descrever os efeitos da musicoterapia no processo da reabilitação pulmonar em pacientes portadores de doenças pulmonares. **Métodos:** Conduziu-se uma revisão integrativa da literatura, seguindo as diretrizes PRISMA. As buscas foram realizadas nas bases de dados PubMed, LILACS, SciELO e Scopus, utilizando os descritores “Music Therapy”, “Pulmonary Rehabilitation”, “COPD” e “Lung Diseases”, com operadores booleanos (AND/OR). Foram incluídos artigos originais publicados nos últimos cinco anos. **Resultados:** A análise dos 23 artigos selecionados

-
- 1 Bacharel em Administração pela UFES - Pós-graduando em Musicoterapia pela EMESCAM/ES.
 - 2 Graduada em Relações Internacionais pela UVV/ES - Pós- graduanda em Musicoterapia pela EMESCAM/ES.
 - 3 Graduada em Recursos Humanos pela FAESA/ES - Pós-graduanda em Musicoterapia pela EMESCAM/ES.
 - 4 Doutoranda em Música pela UFRGS/RS - Bacharel em Música pela FAMES - Pós-graduanda em Musicoterapia pela EMESCAM/ES.
 - 5 Doutora em Ciências Fisiológicas e Professora Titular do curso de graduação em Fisioterapia e Medicina da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória – EMESCAM.

indicou que a MT, quando associada à RP, promove atenuação estatisticamente significativa da dispneia percebida (Escala de Borg), incremento na distância percorrida no teste de caminhada de seis minutos, redução nos escores de ansiedade e depressão (HADS) e melhorias clinicamente relevantes na qualidade de vida (SGRQ). **Conclusão:** A musicoterapia demonstra ser uma ferramenta terapêutica adjuvante eficaz na RP, impactando positivamente tanto os desfechos fisiológicos quanto os psicossociais em pacientes com pneumopatias.

Palavras-chave: Musicoterapia; Reabilitação Pulmonar; Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica; Qualidade de Vida; Dispneia.

INTRODUÇÃO

Especialmente entre a população idosa, a hospitalização frequentemente acarreta impactos emocionais e psicológicos significativos. Nesse contexto, dentre as reações mais comuns a ansiedade se destaca como um dos sintomas mais prevalentes, interferindo na recuperação clínica e no bem-estar geral do paciente (Kvaal *et al.*, 2001). Assim, abordagens terapêuticas não farmacológicas vêm sendo utilizadas como estratégias complementares ao tratamento convencional (Sarris *et al.*, 2012). Dessa forma, enquanto uma ciência e prática que utiliza a música com objetivos terapêuticos, a musicoterapia surge como uma alternativa promissora para o manejo da ansiedade em ambientes hospitalares (Xiao *et al.*, 2024).

A musicoterapia é definida como o uso sistemático da música por profissionais qualificados “no sentido de alcançar necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas” (Bruscia, 1989, p. 270), e tem se mostrado eficaz em diversos contextos clínicos. Seu impacto positivo se manifesta por reduzir “estresse ou tensão, reduzir ou combater ansiedade, induzir relaxamento corporal ou facilitar a entrada em estados alterados de consciência” (Bruscia, 1989, p. 132).

Observa-se uma alta prevalência de transtornos de ansiedade especialmente entre idosos hospitalizados, onde os níveis de insegurança e estresse tendem a se intensificar (Cisneros e Ausín, 2019). Além disso, do ponto de vista de epidemiologia, a população idosa tem crescido de forma acelerada em todo o mundo. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), estima-se que, até 2030, uma em cada seis pessoas no mundo terá 60 anos ou mais. No Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) projeta que, até 2050, os idosos representarão quase 30% da população. Este panorama evidencia a necessidade de desenvolver estratégias terapêuticas que englobam

não apenas os aspectos físicos, mas também emocionais desses pacientes.

De acordo com Wetherell e Unützer (2003), a ansiedade no contexto hospitalar pode interferir diretamente nos desfechos clínicos, impactando no tratamento no sentido da adesão, recuperação e qualidade de vida do paciente. Como apontado por Comeaux e Steele-Moses (2013), embora os fármacos ansiolíticos sejam amplamente utilizados, eles apresentam limitações, como efeitos colaterais indesejáveis, interações medicamentosas e risco de dependência, sobretudo na população idosa. Diante disso, destaca-se a relevância de investigar práticas complementares acessíveis, não invasivas e de fácil aplicabilidade como a musicoterapia.

A literatura científica tem avançado na análise dos efeitos da musicoterapia em contextos clínicos diversos, incluindo cuidados paliativos, oncologia, hemodiálise e reabilitação neurológica (Lin et al, 2024; Dong e Qu, 2024). Muitos desses estudos relatam benefícios como melhora no humor, educação da ansiedade e na qualidade do sono (Li *et al.*, 2025). No entanto, são escassas as investigações que investigam especificamente os efeitos da musicoterapia na ansiedade de idosos hospitalizados.

Essa lacuna evidencia a necessidade de investigações com rigor metodológico que possam oferecer evidências sólidas sobre a eficácia da musicoterapia na redução da ansiedade vivenciada nesse contexto. Compreender como esse tipo de intervenção atua sobre os níveis de ansiedade em idosos hospitalizados, pode contribuir para a elaboração de protocolos terapêuticos nesse sentido. Portanto, o objetivo deste artigo é analisar a eficácia da musicoterapia como estratégia não farmacológica na redução da ansiedade em idosos hospitalizados.

MÉTODOS

Este trabalho trata-se de uma revisão integrativa, desenvolvida com base nas diretrizes propostas pelo Manual do *Joanna Briggs Institute* (JBI) (Peters *et al.*, 2022). Com o objetivo de aprimorar a qualidade e a transparência da pesquisa foi aplicada a estratégia de busca descrita abaixo.

PERGUNTA DE PESQUISA

Para elaboração de uma pergunta de pesquisa clara utilizou-se a estratégia PCC, anacrônico para População, Conceito e Contexto (quadro 1).

Quadro 1. Descrição dos elementos utilizados para a elaboração da pergunta de pesquisa

ANACRÔNICOS	DESCRIÇÃO
População	Pessoas idosas
Conceito	Musicoterapia e ansiedade
Contexto	Hospitalização

Dessa maneira, a pergunta desenvolvida para a construção da presente revisão foi: “Qual a eficácia da musicoterapia no tratamento da ansiedade de pessoas idosas hospitalizadas?”

CRITÉRIOS DE ELEGIBILIDADE

Foram considerados apenas artigos revisados por pares que apresentassem em seu conteúdo intervenções de musicoterapia que incluíssem pessoas idosas hospitalizadas, com mensuração da ansiedade. Incluíram-se artigos publicados a partir de 2019 até julho de 2024; nos idiomas inglês, português ou espanhol. Os critérios de exclusão adotados foram resumos publicados em revistas ou anais de evento, e as pesquisas repetidas nas bases de dados exploradas.

FONTES DE INFORMAÇÃO E ESTRATÉGIA DE BUSCA

A busca dos estudos foi realizada entre os meses de novembro e fevereiro de 2024 nas bases eletrônicas da Literatura Latino-Americano e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE/PubMed), Scientific Eletronic Library Online (SciELO), e Google Scholar.

Inicialmente, a estratégia de busca empregada nas bases de dados considerou os seguintes descritores na língua inglesa, reconhecidos pelos sistemas de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “music therapy” AND “anxiety” AND “hospitalization”. Para a busca no Google Acadêmico foram também utilizados os descritores na língua portuguesa, reconhecidos pelo *Medical Subjects Headings (MeSH)*: “Musicoterapia” AND “Ansiedade” AND “Hospitalização”. Nesse processo delimitamos a pesquisa ao adicionar o filtro de idade para coletar publicações que tivessem como participantes pessoas idosas. As estratégias de busca utilizadas estão expostas no Quadro 2.

Quadro 2 – Estratégia de busca por base de dados

BASES DE DADOS	ESTRATÉGIA DE BUSCA
LILACS/PUBMED/GOOGLE SCHOLAR/ SCIELO	EXEMPLOS “Music therapy” AND “Anxiety” AND “Hospitalization”
GOOGLE ACADÊMICO	EXEMPLOS “Musicoterapia” AND “Ansiedade” AND “Hospitalização”

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

SELEÇÃO DOS ESTUDOS

Inicialmente, os estudos identificados foram avaliados por meio da análise dos títulos, descartando as pesquisas duplicadas nas bases de dados, além daquelas que não tinham implicação com os objetivos desta pesquisa. Em seguida, procedeu-se à leitura dos resumos, excluindo-se aqueles que não preencheram os critérios de inclusão delimitados nesta pesquisa. Por fim, através da leitura na íntegra, foram selecionadas as pesquisas que dialogam com os objetivos da pesquisa, culminando na amostra final incluída nesta revisão.

Todo processo de seleção dos estudos, com motivos e quantidade de exclusão em cada etapa, foi elencado em fluxograma adaptado das recomendações do PRISMA (2018).

EXTRAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS (OU CONTEÚDOS)

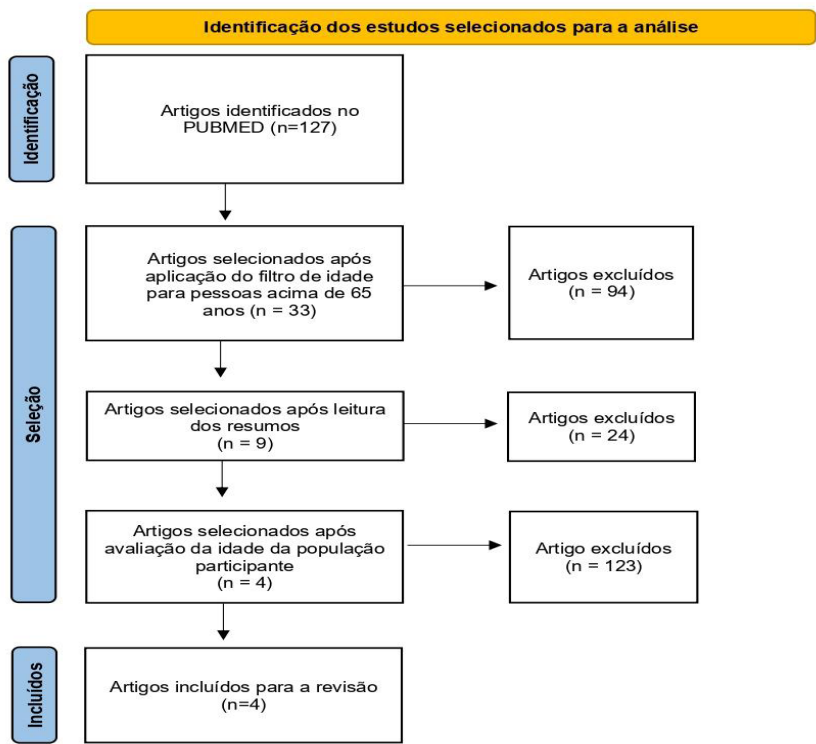
Para caracterização dos estudos incluídos, os seguintes dados foram extraídos dos artigos: nome dos autores e ano de publicação, local do estudo (país), tipo de estudo, amostra, objetivos e resultados finais.

As potencialidades, limitações e proposições de cada estudo selecionado foram buscadas ativamente em todo conteúdo do artigo e transcritas de forma sintetizada para uma planilha. Os dados extraídos foram transferidos pelos autores para uma planilha eletrônica no Excel (Microsoft Corp., Estados Unidos).

RESULTADOS

Ao realizar a busca nas bases de dados, apenas encontramos artigos no Pubmed em um total de 127 pesquisas. Após delimitar melhor o tema de pesquisa e aplicar o filtro para pessoas com idade acima de 65 anos, foram encontrados 33 artigos, dos quais foram incluídos 9 artigos. Ao analisar melhor a idade dos participantes dos artigos selecionados, incluímos 4 artigos que foram de fato realizados com pessoas idosas: Giordano *et al.*, (2022), Fan *et al.*, (2024), Soliva *et al.*, (2024) e Yang *et al.*, (2024) (Figura 1).

Figura 1. Fluxograma de seleção dos estudos



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Não foram encontrados estudos específicos sobre musicoterapia e ansiedade em idosos hospitalizados. Por isso, foram analisados trabalhos com pacientes hospitalizados com condições comuns na população idosa, e que investigavam, dentre outros aspectos, a ansiedade. Embora Fan *et al.*, (2024) não especifique a idade dos participantes, o estudo incluiu pacientes com comprometimento cognitivo pós-AVC, geralmente idosos. Os demais estudos envolvem participantes idosos ou próximos a essa faixa etária, em diferentes contextos clínicos: covid-19 (Giordano *et al.*, 2022), hemodiálise (Soliva *et al.*, 2024), e tratamento de câncer com radioterapia (Yang *et al.*, 2024). A maior parte dos trabalhos dedicou-se a investigar não somente os efeitos da musicoterapia na ansiedade, mas também em outros parâmetros clínicos e emocionais, sendo o estudo de Yang *et al.*, (2024) o único a avaliar especificamente a ansiedade como desfecho principal (Quadro 3).

Quadro 3. Caracterização das pesquisas quanto à autoria e ano, local, tipo de estudo, amostra, objetivos e resultados

AUTOR (ANO)	LOCAL	TIPO DE ESTUDO	AMOSTRA	OBJETIVOS	RESULTADOS
Giordano <i>et al.</i> , (2022)	Itália	Estudo controlado randomizado	40 pacientes hospitalizados com COVID-19	Investigar os efeitos imediatos de uma única sessão na ansiedade, frequência cardíaca (HR), saturação de oxigênio (O2Sat) e satisfação em comparação com os cuidados padrão.	A musicoterapia pode ser uma intervenção eficaz e viável para ajudar a reduzir a ansiedade e melhorar a saturação de oxigênio e
Fan <i>et al.</i> , (2024)	China	Ensaio controlado randomizado	34 pacientes com comprometimento cognitivo pós-AVC (ampla faixa etária) na faixa etária de 60 anos ou mais	Investigar os efeitos da audição personalizada de música na melhoria do humor, nas atividades da vida diária (ADLs) e nas funções cognitivas	Efeito positivo nas funções cognitivas
Soliva <i>et al.</i> , (2024)	Brasil	Ensaio clínico randomizado controlado	90 pacientes *hemodiálise é um tratamento comum em populações mais velhas	Avaliar os efeitos da música ao vivo na redução da ansiedade e depressão em pacientes em tratamento de hemodiálise	Ouvir música ao vivo durante as sessões de hemodiálise levou a uma diminuição significativa nos níveis de ansiedade e depressão entre os pacientes do grupo de intervenção
Yang <i>et al.</i> , (2024)	Taiwan	Ensaio clínico	100 pacientes submetidos à radioterapia pela primeira vez	Avaliar o impacto da audição de música de fundo na redução da ansiedade em pacientes com câncer durante o tratamento de radioterapia inicial	A audição de música é uma intervenção eficaz para aliviar a ansiedade em pacientes com câncer durante a radioterapia

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Os estudos analisaram diferentes abordagens musicoterapêuticas. Giordano *et al.*, (2022) utilizaram uma técnica receptiva interativa, com avaliação, criação de playlist personalizada, relaxamento, escuta musical com diálogo e validação emocional. Fan *et al.*, (2024) aplicaram a audição personalizada de músicas baseadas nas preferências dos pacientes, sem presença de terapeutas, comparando com um grupo controle que ouviu ruído branco. Soliva *et al.*,

(2024) utilizaram música de fundo relaxante durante sessões de radioterapia, com protocolos específicos para controle de infecção. Já Yang *et al.*, (2024) empregaram musicoterapia ativa, com apresentações musicais ao vivo durante hemodiálise. As abordagens variaram em nível de personalização, envolvimento terapêutico e contexto clínico.

DISCUSSÃO

As evidências indicam que as intervenções de musicoterapia em contextos hospitalares, especialmente entre idosos e pacientes com doenças crônicas, apresentam resultados interessantes sobre a promoção da saúde emocional e cognitiva. De modo geral, estudos como os de Fan *et al.*, (2024) e Yang *et al.*, (2024) destacam que a música de fundo e a audição personalizada de música, podem melhorar funções cognitivas, atividades da vida diária e reduzir sintomas de ansiedade. Soliva *et al.*, (2024) demonstraram o impacto positivo da música ao vivo na redução da depressão e ansiedade em pacientes em hemodiálise. Já Giordano *et al.*, (2022) ressaltam o potencial da telessaúde como ferramenta de qualificação profissional e ampliação do acesso à saúde (Quadro 4).

Quadro 4. Potencialidades, Limitações e Contribuições de intervenções de musicoterapia no contexto de pacientes idosos hospitalizados.

AUTOR/ ANO	POTENCIALIDADES	LIMITAÇÕES	PROPOSIÇÕES
Fan <i>et al.</i> ,(2024)	A audição personalizada de música demonstrou melhorar significativamente as funções cognitivas, as atividades da vida diária e reduzir a carga dos cuidadores em pacientes com AVC isquêmico, sugerindo uma intervenção eficaz e prática na reabilitação.	O estudo envolveu uma amostra pequena e não utilizou terapeutas qualificados para supervisionar a intervenção, o que pode limitar a generalização e a robustez dos resultados obtidos.	Recomenda-se a realização de pesquisas adicionais com amostras maiores e mais diversificadas, além da consideração do uso de atividades musicais de lazer em casa, para avaliar mais amplamente os efeitos da música na recuperação de pacientes com AVC.
Giordano <i>et al.</i> , (2022)	Aplicação da telessaúde no SUS enquanto ferramenta que qualifica os profissionais na promoção à saúde. Promover qualidade de acesso a serviços de saúde bucal através das TIC's. Efetividade na resolução de questões clínicas do dia a dia do profissional de saúde bucal nas ESF.	Desigualdades socioeconômicas, culturais. Falta de qualificação profissional para uso da telessaúde. Dificuldade de acesso da população aos recursos de telessaúde devido a desigualdade de distribuição desigual dos recursos de saúde.	Maior resolubilidade de casos através de tele consultas com especialistas. Profissionais satisfeitos com a condução de casos através da telessaúde. Diminuição no número de transferências a outros níveis de atenção.

Yang <i>et al.</i> , (2024)	O estudo demonstra que a audição de música de fundo pode significativamente reduzir a ansiedade em pacientes com câncer submetidos a radioterapia, sugerindo sua eficácia como uma abordagem não invasiva e econômica para melhorar o bem-estar dos pacientes.	As opções de música fornecidas foram limitadas, o que pode afetar a generalização dos resultados para uma população mais ampla, além do foco apenas em um período de 10 dias que não captura os efeitos a longo prazo da intervenção musical.	O artigo sugere a incorporação de intervenções musicais na prática clínica e recomenda mais pesquisas para explorar os efeitos a longo prazo e estabelecer protocolos padronizados para a implementação dessas intervenções em ambientes clínicos.
Soliva <i>et al.</i> , (2024)	O estudo demonstrou que a música ao vivo pode reduzir significativamente os níveis de ansiedade e depressão em pacientes submetidos a hemodiálise, sugerindo que a intervenção pode ser uma ferramenta terapêutica valiosa no ambiente hospitalar.	As limitações incluem o pequeno tamanho da amostra e o número reduzido de sessões, o que dificulta a generalização dos resultados e a inferência causal sobre os efeitos observados.	O artigo sugere a necessidade de mais pesquisas, incluindo ensaios clínicos multicêntricos e de maior duração, para explorar o impacto da música em outras condições crônicas e validar os achados do estudo.

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

No entanto, limitações metodológicas como amostras pequenas, curto período de intervenção, ausência de terapeutas qualificados e desigualdades no acesso à tecnologia são apontadas como impeditivos para que se possa generalizar esses resultados. Com base nisso, observa-se a necessidade da realização de pesquisas mais robustas metodologicamente, com amostras maiores, maior duração e padronização de protocolos. Dessa forma, a musicoterapia mostra-se promissora como estratégia não farmacológica no manejo da ansiedade, mas sua eficácia depende de variáveis contextuais que ainda precisam ser mais bem compreendidas por pesquisas futuras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, os estudos indicam que a musicoterapia pode ser uma intervenção eficaz para reduzir a ansiedade e promover o bem-estar emocional de idosos hospitalizados. Além da música proporcionar alívio emocional, também contribui para a recuperação física e melhora da qualidade de vida, tornando-se assim uma estratégia relevante no cuidado hospitalar dessa população que se demonstra crescente no atual cenário de saúde mundial. No entanto, são necessárias que futuras pesquisas incluam amostras maiores e mais diversificadas, a fim de que se obtenha evidências mais robustas e amplie-se o entendimento sobre os efeitos da musicoterapia na ansiedade de pessoas idosas hospitalizadas em seus diferentes contextos clínicos.

REFERÊNCIAS

- BRUSCIA, K. E. **Definindo musicoterapia**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000. (Tradução da obra original de 1989).
- CISNEROS, G. E.; AUSÍN, B. Prevalencia de los trastornos de ansiedad en las personas mayores de 65 años: una revisión sistemática. **Revista Española de Geriátría y Gerontología**, v. 54, n. 1, p. 34-48, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.regg.2018.05.009>.
- COMEAX, T.; STEELE-MOSES, S. **The effect of complementary music therapy on the patient's postoperative state anxiety, pain control, and environmental noise satisfaction**. *Medsurg Nursing*, v. 22, n. 5, 2013.
- DONG, J.; QU, Y. **Therapeutic effect of music therapy on patients with end-stage cancer in hospice care**. *Noise and Health*, v. 26, n. 121, p. 82–87, 2024. DOI: https://doi.org/10.4103/nah.nah_104_23.
- FAN, L. *et al.* **Effects of personalized music listening on post-stroke cognitive impairment: a randomized controlled trial**. *Complementary Therapies in Clinical Practice*, v. 57, p. 101885, 2024.
- GIORDANO, F. *et al.* **Effect of single session receptive music therapy on anxiety and vital parameters in hospitalized Covid-19 patients: a randomized controlled trial**. *Scientific Reports*, v. 12, n. 1, p. 3154, 2022.
- KVAAL, K. *et al.* High prevalence of anxiety symptoms in hospitalized geriatric patients. **International Journal of Geriatric Psychiatry**, v. 16, n. 7, p. 690–693, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1002/gps.405>.
- LI, Y. *et al.* **The effect of music therapy on anxiety, depression, pain and sleep quality of lung cancer patients: a systematic review and meta-analysis**. *Supportive Care in Cancer*, v. 33, n. 3, p. 169, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1007/s00520-025-09213-2>.
- LIN, F.; CHEN, L.; GAO, Y. **Music therapy in hemodialysis patients: systematic review and meta-analysis**. *Complementary Therapies in Medicine*, v. 86, p. 103090, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ctim.2024.103090>.
- MOHER, D. *et al.* **Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement**. *Epidemiology*, v. 22, n. 1, p. 128–138, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1097/EDE.0b013e3181b2f86e>.
- PETERS, M. D. J. *et al.* Chapter 11: Scoping reviews. In: AROMATARIS, E.; MUNN, Z. (ed.). **JBI Manual for Evidence Synthesis**, 2020. Disponível em: <https://synthesismanual.jbi.global>. Acesso em: 23 jul. 2025.
- SARRIS, J. *et al.* Complementary medicine, exercise, meditation, diet, and lifestyle modification for anxiety disorders: a review of current evidence. **Evidence-based Complementary and Alternative Medicine: eCAM**, v. 2012, p. 809653, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1155/2012/809653>.
- SOLIVA, M. S. *et al.* **The effectiveness of live music in reducing anxiety**

and depression among patients undergoing haemodialysis: a randomised controlled pilot study. *PLOS ONE*, v. 19, n. 8, p. e0307661, 2024.

WETHERELL, J. L.; UNÜTZER, J. **Adherence to treatment for geriatric depression and anxiety.** *CNS Spectrums*, v. 8, n. 12 Suppl 3, p. 48–59, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1017/s1092852900008270>.

XIAO, M. *et al.* Efficacy and safety of music therapy for the treatment of anxiety and delirium in ICU patients: a meta-analysis and systematic review of randomized controlled trials. ***Minerva Anestesiologica***, v. 90, n. 5, p. 439–451, 2024. DOI: <https://doi.org/10.23736/S0375-9393.24.17900-X>.

YANG, H. F. *et al.* Impact of background music listening on anxiety in cancer patients undergoing initial radiation therapy: a randomized clinical trial. ***Radiation Oncology***, v. 19, n. 1, p. 73, 2024.

MUSICOTERAPIA COMO FERRAMENTA AUXILIADORA NA REABILITAÇÃO DE PACIENTES PÓS-AVC: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

Edinardy do Nascimento Pinto¹

Giselle Almeida Martins²

Renata da Silva Assis³

Ticiane Moreira Knaak⁴

Paulo Soares Santos Paraguassú⁵

RESUMO

Dada a relevância da música no campo da saúde, este estudo teve como objetivo analisar, por meio de uma revisão integrativa da literatura, as evidências científicas acerca do benefício da musicoterapia na reabilitação de pacientes acometidos por Acidente Vascular Cerebral (AVC). A pesquisa buscou responder à seguinte questão norteadora: Como a música tem sido utilizada na reabilitação de pacientes pós-AVC e quais são os principais benefícios e contribuições da musicoterapia nesse processo?. A busca foi realizada em bases de dados relevantes, resultando inicialmente em 92 estudos, dos quais, após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 45 foram eliminados por não apresentarem, pelo título, a musicoterapia na reabilitação de pacientes pós-AVC. Por meio da leitura dos resumos, 38 estudos não foram considerados adequados aos objetivos propostos da pesquisa. Dessa forma, 8 foram selecionados para fins de análise neste artigo. Os trabalhos avaliados demonstraram que a musicoterapia

1 Pós-graduado em Musicoterapia pela FAVENI/ES - Licenciado em música pela UNIMES - Pós-graduando em Musicoterapia pela EMESCAM/ES.

2 Licenciada em música pela UNIMES - Pós-graduanda em Musicoterapia pela EMESCAM/ES.

3 Pós-graduada em Estudos Linguísticos pela Faculdade Saberes - Licenciada em Letras pela UFES - Pós-graduanda em Musicoterapia pela EMESCAM/ES.

4 Licenciada em música pela UNIMES - Licenciada em Educação Especial pela FAVENI - Pós-graduanda em Musicoterapia pela EMESCAM/ES.

5 Doutorando em Educação na linha de Educação Especial e Processos Inclusivos no PPGE-Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Musicoterapeuta pela CENSUPEG. Licenciatura em Música pela FAMES..

contribui positivamente para a reorganização funcional do cérebro, por meio da ativação de múltiplas regiões cerebrais, estimulando a neuroplasticidade. Os principais benefícios observados incluem melhorias na marcha, na coordenação motora, na atenção, na memória, na linguagem e na comunicação, além de impactos significativos no bem-estar emocional, como a redução da ansiedade e o aumento da autoestima e da motivação.

Palavras-chave: Musicoterapia; AVC; Reabilitação.

INTRODUÇÃO

A conexão entre música e saúde tem despertado crescente interesse da comunidade científica, com destaque para o campo da neurociência (Azevedo *et al.*, 2024). A música possui uma ampla representação neuropsicológica, atuando diretamente sobre os centros relacionados às emoções, ao controle de impulsos e à motivação (Weigsding; Barbosa, 2014). Nesse contexto, sua utilização como recurso terapêutico remonta a práticas milenares, presentes em diversas culturas, nas quais já se reconhecia seu potencial para promover equilíbrio físico e mental. Ao longo do tempo, seu uso se consolidou como aliado na melhoria da saúde geral, seja por meio da escuta passiva, seja pela aplicação em tratamentos clínicos e terapias direcionadas a diferentes enfermidades (Ferreira; Camargo, 2023).

A música pode exercer, principalmente, duas funções essenciais: a regulação dos estados emocionais, cognitivos e fisiológicos — uma vez que sua performance provoca efeitos no corpo que influenciam diretamente o estado mental — e a mediação nas relações interpessoais, funcionando como uma forma de comunicação eficaz, especialmente em contextos nos quais a linguagem verbal é limitada ou ineficaz (Clayton, 2016; Marques, 2017).

A utilização da música como recurso terapêutico tem se mostrado eficaz no tratamento e no suporte a diversas condições de saúde, como distúrbios de consciência, demência e acidente vascular cerebral (AVC) (Santos; Cavalcante; Silva Junior, 2019). Esses benefícios estão intimamente relacionados ao conceito de neuroplasticidade, que se refere à capacidade do cérebro de reorganizar suas conexões neurais em resposta a estímulos internos ou externos (Borges *et al.*, 2024). Dentro dessa perspectiva, a neuroplasticidade desempenha um papel fundamental no processo de reabilitação após o AVC, uma vez que possibilita a reorganização estrutural das regiões cerebrais afetadas, contribuindo para a recuperação — total ou parcial — das funções comprometidas (Teixeira *et al.*, 2024).

Ao falarmos de música e saúde, adentramos no conceito de musicoterapia. Segundo a União Brasileira das Associações de Musicoterapia (UBAM), sua

utilização é essencialmente interdisciplinar, reunindo saberes de áreas como música, terapia, psicologia, sociologia e biologia. A musicoterapia estuda como as pessoas se relacionam com a música, investigando seus significados, seu potencial comunicativo e suas contribuições para a reabilitação emocional, social e motora. Fundamenta-se na interação entre música, musicoterapeuta e participantes, utilizando o fazer musical como meio para promover autoconhecimento, empatia e transformação pessoal (UBAM, 2025).

A musicoterapia voltada para a reabilitação neurológica utiliza os efeitos neurofisiológicos da música para estimular a recuperação das funções neuropsicológicas, valendo-se das vivências musicais do paciente como meio para promover transformações e facilitar a superação de limitações físicas, emocionais e cognitivas (Rosado, 2016).

Dada a relevância do uso da música no campo da saúde, este estudo teve como objetivo analisar, por meio de uma revisão integrativa da literatura, as evidências científicas sobre o benefício da musicoterapia na reabilitação de pacientes acometidos por acidente vascular cerebral (AVC), com foco nos aspectos neurológicos, motores, emocionais e cognitivos. A pesquisa foi direcionada a responder à seguinte questão: Como a música tem sido utilizada na reabilitação de pacientes pós-AVC e quais são os principais benefícios e contribuições da musicoterapia nesse processo?

MÉTODOS

Trata-se de uma revisão integrativa, abordagem que permite reunir e resumir o conhecimento existente, facilitando a aplicação dos resultados de pesquisas relevantes e consistentes (Souza; Silva; Carvalho, 2010). Serão considerados, para inclusão na análise, artigos científicos, monografias, teses e dissertações publicados no período compreendido entre os anos de 2014 e 2024, independentemente do idioma.

A busca dos artigos será realizada na base de dados Google Acadêmico, por se tratar de uma fonte de acesso aberto e amplo, que agrega produções acadêmicas de diferentes áreas e instituições. Foram utilizados os seguintes descritores combinados com operadores booleanos: “musicoterapia” AND “AVC” AND “neuroplasticidade”.

Serão excluídos da análise documentos repetidos, incompletos ou que não estiverem alinhados com os objetivos propostos neste estudo. Após a realização das buscas, os trabalhos serão inicialmente selecionados com base nos critérios de exclusão definidos.

Na sequência, os títulos e resumos dos estudos serão analisados, a fim de identificar aqueles que atendem aos critérios de elegibilidade e aos objetivos

do trabalho. Os estudos selecionados passarão, então, para a etapa de leitura completa, extração dos dados relevantes e construção dos resultados da revisão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na base de dados, foram identificados 92 estudos. Desses, 1 foi excluído por duplicidade. Em seguida, procedeu-se à leitura dos títulos, etapa na qual foram excluídos 45 estudos por não abordarem o uso da musicoterapia na reabilitação de pessoas com AVC, restando 46. A partir da leitura dos resumos, 38 estudos foram considerados incompatíveis conforme os objetivos propostos neste artigo. Assim, 8 estudos atenderam aos critérios estabelecidos e foram selecionados para leitura na íntegra, compondo a base final deste artigo.

Figura 1 – Fluxograma de trabalhos selecionados para compor a revisão integrativa



Fonte: elaboração dos autores (2025)

O quadro 1 reúne os estudos selecionados para compor esta Revisão Integrativa, incluindo os títulos dos artigos científicos, seus respectivos autores e anos de publicação, a metodologia empregada e uma síntese dos temas abordados. Seu propósito é proporcionar uma visão organizada e sistematizada das pesquisas analisadas, facilitando a identificação das principais fontes e dos conteúdos investigados.

Quadro 1 – Trabalhos selecionados para esta Revisão Integrativa

Título	Autor (ano)	Metodologia	Principais resultados
Na senda da neuroplasticidade: musicoterapia aplicada à reabilitação neurológica	Rosado, 2016 (Dissertação)	Estudo de caso clínico com abordagem qualitativa, aplicada no contexto de um estágio curricular em musicoterapia.	Avanços na recuperação cognitiva (caso MD) e física (caso AM), com melhora nas funções afetadas pelo AVC.
Contributos da música na reabilitação da pessoa após acidente vascular cerebral	Sila, Ribeiro e Neves, 2019 (Artigo de revisão)	Revisão integrativa, cuja colheita de dados foi realizada em abril de 2019 nas bases de dados Medline, Cinahl e Pubmed.	As evidências demonstram que o desenvolvimento e a implementação de programas de reabilitação com recurso à música contribuem para a recuperação da pessoa após AVC.
Reabilitação cognitiva e musicoterapia	Rosário e Loureiro, 2016 (Artigo de revisão)	Revisão bibliográfica com o foco em apresentar alguns conceitos fundamentais resultantes de pesquisas que descrevem a utilização da música no treinamento e reabilitação de funções cognitivas como atenção, memória e funções executivas.	A utilização da música na reabilitação cognitiva parece ser uma área promissora para a pesquisa em musicoterapia, principalmente valendo-se dos embasamentos teóricos nas áreas afins e das práticas resultantes dessa multidisciplinaridade.
A musicoterapia em contexto de reabilitação neurológica	Carvalho, 2023 (Relatório de estágio de mestrado)	A abordagem metodológica adotada foi baseada no modelo de Musicoterapia Neurológica, voltada para a reabilitação de indivíduos com doenças neurológicas como Acidente Vascular Cerebral (AVC), Esclerose Múltipla e Demência.	Progressos ao longo do processo terapêutico foram significativamente positivos, nomeadamente ao nível da motricidade, comunicação e emocional.
Ensaio neurobiológico, validade e desenvolvimento do Protocolo de	Araruna, 2024 (Tese)	O estudo desenvolveu o <i>Protocolo de Intervenção Musicoterapêutica nas Afasias (PIMAFs)</i> com base em parâmetros musicais como melodia e ritmo, aplicados em atividades musicoterapêuticas estruturadas e padronizadas.	O protocolo PIMAFs demonstrou-se eficaz como ferramenta ampla para atender a diversidade de quadros de afasia clássica crônica com compreensão preservada e prejuízo na expressão verbal, favorecendo a reabilitação da linguagem.

Adequação de protocolo clínico para paciente com afasia global e disartria por sequela de AVCi	Araruna e Sampaio, 2023 (Artigo)	Estudo de caso, com abordagem qualitativa e metodológica: Idoso com afasia global e disartria, decorrentes de AVCi fronto- têmporo-parietal ocorrido 1 ano e 6 meses antes do início da intervenção.	O paciente demonstrou evolução favorável e eficaz, com: Melhora na articulação de palavras, melhora na compreensão de frases, e tentativas de comunicação falada, indicando avanços importantes no quadro de afasia global.
Efetividade da terapia baseada na música na motricidade e cognição de indivíduos após acidente vascular encefálico: revisão sistemática de ensaios clínicos	Maurer <i>et al.</i> , 2022	Revisão sistemática de ensaios clínicos.	A terapia baseada na música é promissora para reabilitação motora e cognitiva pós-AVE, mas ainda necessita de mais estudos com rigor metodológico e padronização para ampla aplicação.
O cérebro musical: por uma neurociência da música aplicada à saúde	Muszkat e Carrer, 2024	Revisão narrativa	A música ativa múltiplas áreas cerebrais simultaneamente, envolvendo regiões emocionais, motoras, comportamentais, de memória e linguagem.

Fonte: elaboração dos autores (2025)

A amostra deste estudo é composta por 8 trabalhos, sendo 4 artigos de revisão bibliográfica, 1 dissertação, 1 tese, 1 estudo de caso e 1 relatório de estágio de mestrado. Destaca-se que dois desses trabalhos são de autoria de Araruna, sendo um deles elaborado em coautoria com Sampaio.

Os trabalhos selecionados, apesar de apresentarem diferentes delineamentos metodológicos, compartilham em comum o foco na aplicação da musicoterapia ou da terapia baseada em música como recurso terapêutico voltado à reabilitação neurológica, sobretudo em indivíduos que sofreram Acidente Vascular Encefálico (AVE).

Segundo Rosado (2016), a música tem se mostrado uma ferramenta terapêutica eficaz no processo de reabilitação de pacientes pós-Acidente Vascular Cerebral (AVC), contribuindo de forma significativa para a recuperação de funções neurológicas afetadas. Rosado (2016) reitera que a musicoterapia atua como um importante facilitador da neuroplasticidade, promovendo a reorganização funcional do cérebro a partir de estímulos musicais específicos.

No contexto da reabilitação neurológica, a música é utilizada de forma ativa, por meio de técnicas como o canto, a improvisação, a execução de instrumentos e a criação musical. Essas atividades têm como objetivo estimular diversas áreas cerebrais relacionadas à motricidade, linguagem, cognição e emoção. Rosado (2016) relata que os pacientes, ao participarem de sessões

musicoterapêuticas, demonstraram avanços na coordenação motora, na comunicação verbal e não verbal, bem como na atenção, memória e expressão emocional.

Além dos ganhos físicos e cognitivos, a musicoterapia também oferece benefícios emocionais e sociais. Os pacientes apresentaram melhora do humor, redução de sintomas depressivos e aumento da autoestima, aspectos fundamentais para a adesão ao processo de reabilitação. A autora ressalta ainda que a música proporciona um espaço seguro e acolhedor, permitindo ao paciente reconfigurar sua identidade e reconstruir sua narrativa de vida após o evento neurológico.

A musicoterapia, ao integrar estímulos musicais com objetivos terapêuticos específicos, contribui de forma efetiva para a reabilitação de pacientes pós-AVC, reforçando a importância da utilização de abordagens musicais baseadas nos princípios da neuroplasticidade cerebral (Rosado, 2016).

Conforme Sila, Ribeiro e Neves (2019), a musicoterapia tem se mostrado uma ferramenta eficaz na reabilitação de pacientes pós-AVC, principalmente por meio da utilização do ritmo como estímulo terapêutico. A aplicação dos elementos musicais favorece a reorganização neural, estimulando a neuroplasticidade e contribuindo tanto para a recuperação motora — como equilíbrio, mobilidade e coordenação — quanto para funções cognitivas, como atenção e memória. Além disso, os autores destacam que a música promove benefícios emocionais, aumentando a motivação, o engajamento no tratamento e, consequentemente, potencializando os resultados na reabilitação desses pacientes.

De acordo com Rosário e Loureiro (2016), a musicoterapia neurológica tem se destacado como uma importante ferramenta no processo de reabilitação de pacientes acometidos por acidente vascular cerebral (AVC). Por meio da estimulação da neuroplasticidade cerebral, os elementos musicais — como ritmo, melodia e harmonia — são utilizados de forma estruturada para favorecer a reorganização funcional das áreas afetadas.

Os autores destacam que a intervenção musicoterapêutica contribui significativamente para a recuperação de funções cognitivas, como atenção, memória e concentração, além de auxiliar no desenvolvimento da comunicação e no aprimoramento das funções motoras. Esses benefícios ocorrem devido à capacidade da música de ativar múltiplas regiões cerebrais, promovendo a criação de novas conexões neurais.

De acordo com Carvalho (2023), a musicoterapia tem sido uma estratégia terapêutica eficaz na reabilitação de pacientes pós-acidente vascular cerebral (AVC), atuando diretamente na promoção da neuroplasticidade e na reorganização de funções neurológicas comprometidas. Por meio da utilização

estruturada de elementos musicais, como ritmo, melodia e harmonia, são desenvolvidas intervenções que visam à reabilitação de aspectos motores, cognitivos, emocionais e de linguagem.

No âmbito da comunicação, a musicoterapia contribui significativamente na reabilitação de pacientes com afasia, por meio de abordagens como a Terapia de Entonação Melódica (TEM), que utiliza a prosódia musical para estimular áreas cerebrais relacionadas à linguagem, favorecendo a recuperação da fala. Do ponto de vista motor, técnicas baseadas no uso do ritmo, como a Estimulação Rítmica Auditiva (ERA), são aplicadas para facilitar a marcha, a coordenação motora e o equilíbrio, possibilitando melhorias na funcionalidade física.

Além dos ganhos motores e comunicativos, a musicoterapia exerce um papel relevante na regulação emocional, promovendo redução da ansiedade, melhora do humor e aumento da motivação — aspectos fundamentais para a adesão ao processo terapêutico. Soma-se a isso o fortalecimento da autoestima e da identidade dos pacientes que, ao se engajarem nas atividades musicais, vivenciam experiências de expressão, criatividade e resgate de memórias afetivas. Dessa forma, a prática musicoterapêutica se consolida como uma abordagem complementar e integrativa, que contribui de maneira significativa para o processo de reabilitação neurológica de indivíduos acometidos por AVC.

Araruna (2024), *apud* Chen *et al.* (2021), aponta, por meio de estudo em organismo vivo, que a escuta de uma seleção musical prévia viabiliza o acúmulo do Fator Neurotrófico Derivado do Cérebro (BDNF), influenciando a regeneração sináptica e o reparo neuronal.

No estudo de Araruna e Sampaio (2023), foi desenvolvido um protocolo clínico baseado na Terapia de Entonação Melódica (TEM), aplicado a um paciente idoso. A aplicação desse protocolo evidenciou uma evolução significativa no quadro clínico do paciente, com melhorias observadas na articulação de palavras, na compreensão de frases e na tentativa de comunicação oral. Segundo os autores, a musicoterapia tem proporcionado diversos benefícios aos pacientes com alterações de fala e linguagem, incluindo avanços em respostas comunicativas simples (como “sim” ou “não”) e ganhos musicais, como a manutenção do andamento rítmico e o canto de frases das músicas trabalhadas, seguindo o ritmo proposto. Tais desfechos podem estar diretamente relacionados aos processos de evolução clínica observados.

Araruna (2024) também destaca que as bases neurais de compensação hemisférica — ou seja, a utilização de capacidades preservadas no hemisfério direito para promover a reorganização funcional do hemisfério esquerdo lesionado — fundamentam as intervenções musicoterapêuticas voltadas à reabilitação da fala e da linguagem. A adoção de atividades que envolvem os

elementos musicais de ritmo, melodia e canto tem se mostrado uma abordagem prevalente nesses casos. Além disso, os autores apontam a relação entre ritmo, pulso rítmico e o sistema dopaminérgico de recompensa, o que pode sugerir um mecanismo neural eficiente para os desfechos clínicos observados, justificando tanto a estruturação das sessões quanto a adaptação do protocolo de TEM.

Maurer *et al.* (2022), em sua revisão narrativa, destacam que a terapia baseada na música (TBM) tem se consolidado como uma intervenção eficaz na reabilitação de pacientes pós-acidente vascular cerebral (AVC), principalmente no que diz respeito à recuperação motora e, em menor grau, à cognição. A TBM é efetiva na motricidade — especificamente na marcha e equilíbrio — e na cognição de indivíduos após o AVE.

A TBM utiliza o ritmo para sincronizar estímulos auditivos com os movimentos motores, facilitando a reorganização neuromotora e promovendo melhorias na velocidade, cadência e qualidade da marcha, bem como no equilíbrio. Além disso, a música contribui para a estimulação cognitiva, auxiliando em aspectos como atenção, memória e processamento de informações, o que é fundamental para a funcionalidade global do paciente.

Dessa forma, a musicoterapia representa uma abordagem complementar e integrativa que potencializa a recuperação funcional e cognitiva de pacientes pós- AVC, promovendo benefícios significativos que impactam positivamente sua qualidade de vida.

Muszkat e Carrer (2024) relatam que a música tem sido amplamente empregada na reabilitação de pacientes pós-acidente vascular cerebral (AVC), por sua capacidade de ativar simultaneamente diversas áreas cerebrais envolvidas no controle motor, linguagem, memória e emoções. A música ativa várias áreas do cérebro de forma simultânea, envolvendo regiões ligadas às emoções, ao controle motor e comportamental, bem como às redes neurais ligadas às memórias e à linguagem.

Nesse sentido, a musicoterapia utiliza o ritmo para promover a organização da marcha e a coordenação motora, por meio da sincronização dos estímulos auditivos com os movimentos motores, facilitando a recuperação funcional. Além disso, a melodia e a harmonia são exploradas para estimular a linguagem, sendo especialmente eficazes em pacientes com afasia.

Outro aspecto importante destacado pelos autores é o impacto positivo da música sobre o sistema emocional, que contribui para a redução da ansiedade, a melhora do humor e o aumento da motivação do paciente — fatores essenciais para a adesão ao tratamento e para o sucesso da reabilitação. Assim, a musicoterapia representa uma abordagem integrativa e neurocientificamente embasada, capaz de proporcionar benefícios funcionais, cognitivos e psicossociais no processo de reabilitação neurológica pós-AVC.

Os achados desses estudos apontam que a música, por ativar diversas regiões cerebrais simultaneamente, favorece a recuperação de capacidades cognitivas, motoras, emocionais e comunicativas. Os autores destacam, em sua maioria, os impactos positivos da musicoterapia no estímulo à neuroplasticidade, evidenciando progressos em áreas como linguagem, atenção, memória, marcha, equilíbrio e expressão verbal. Ademais, as pesquisas ressaltam a importância de aprofundar a fundamentação científica, padronizar protocolos de intervenção e ampliar as investigações, reafirmando o potencial promissor e multidisciplinar da música como ferramenta de reabilitação neurológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente Revisão Integrativa evidenciou que a musicoterapia tem se consolidado como uma ferramenta eficaz e promissora na reabilitação de pacientes pós-Acidente Vascular Cerebral (AVC), contribuindo significativamente para a recuperação de funções neurológicas comprometidas. Os estudos analisados demonstram que a música, ao ativar diversas áreas cerebrais simultaneamente, promove a neuroplasticidade, favorecendo a reorganização funcional de regiões afetadas, especialmente aquelas relacionadas à motricidade, linguagem, cognição e emoção.

As intervenções musicoterapêuticas analisadas utilizaram recursos como o ritmo, a melodia, o canto e a improvisação musical com finalidades terapêuticas, adaptadas às necessidades individuais dos pacientes. Observou-se melhora na articulação da fala, na marcha, na atenção, na memória e na expressão emocional dos indivíduos submetidos à terapia baseada em música, além de ganhos psicossociais importantes, como o aumento da autoestima, da motivação e da adesão ao tratamento.

Destaca-se, ainda, que a musicoterapia representa uma abordagem integrativa, multidisciplinar e humanizada, capaz de transformar o ambiente terapêutico em um espaço de escuta, expressão e ressignificação da identidade dos pacientes — especialmente após um evento tão impactante como o AVC. Embora os resultados sejam encorajadores, os próprios estudos indicam a necessidade de mais pesquisas com rigor metodológico, padronização de protocolos e maior amostragem, para que as práticas musicoterapêuticas possam ser amplamente validadas e incorporadas aos programas de reabilitação neurológica de forma sistemática.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Luiza Moura de Souza; SILVA, Uanderson Pereira da; HARTMANN, Cassio; VIEIRA, Fabio da Silva Ferreira. O poder da música para a saúde sob a luz da neurociência. **COGNITIONIS Scientific Journal**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. e424, 2024. DOI: 10.38087/2595.8801.424.
- BORGES, Mariani Andreotti *et al.* Neuroplasticidade e seu Potencial para Reabilitação após Lesões Cerebrais: Uma Revisão Abrangente. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 6, p. 303-316, 2024.
- CLAYTON, Martin. The social and personal functions of music in cross-cultural perspective. In S.Hallam, I. Cross, & M. Thaut (Eds.) (2009) **The Oxford Handbook of Music Psychology**. Oxford:Oxford University Press.
- DA SILVA FERREIRA, Franciane Dias; DE CAMARGO, Daniela Moreno. O papel da música na saúde e no bem-estar humano: um estudo bibliográfico. **Caderno de Diálogos**, v. 5, n. 1, 2023.
- DOS SANTOS, Thanires Rafael Menezes Soares *et al.* Terapia musical em pacientes com distúrbios da consciência: uma revisão integrativa/ Music therapy in patients with disorders of consciousness: an integrative review. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 27, n. 4, p. 873-884, 2019.
- MARQUES, Paula Alexandra Ramalho. **A influência da música na saúde mental e bem-estar**: um estudo exploratório. 2017. 70 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Psicologia, Psicologia Clínica e da Saúde, Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2017.
- TEIXEIRA, Pedro Rodrigues; *et al.*, 2024. Estimulação da neuroplasticidade na reabilitação de adultos pós acidente vascular cerebral: uma revisão integrativa. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 7, n. 4, p. 01–12, jul./ago. 2024.
- UNIÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DE MUSICOTERAPIA. **Definição Brasileira de Musicoterapia**. 2018. Disponível em: <ubammusicoterapia.com.br/definicao-brasileira-de-musicoterapia/>. Acesso em: 3 mai. 2025.
- WEIGSDING, Jessica Adriane; BARBOSA, Carmem Patrícia. A influência da música no comportamento humano. **Arquivos do MUDI**, Maringá, v. 18, n. 2, p. 47–62, 2014.

O IMPACTO DA MÚSICA NA RESSIGNIFICAÇÃO DA PERDA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE MUSICOTERAPIA E LUTO

Lara Cremasco de Almeida¹

Marlon Davis da Rocha Almeida²

Paulo Soares Santos Paraguassí³

RESUMO

O presente estudo é uma revisão bibliográfica que visa lançar um olhar cuidadoso e atencioso sobre a vivência do luto, especialmente por familiares e cuidadores. A necessidade de uma atenção especial a esse público é urgente, visto que toda a humanidade enfrentará a dor da perda pelo menos uma vez na vida. Faz-se necessário buscar mecanismos que auxiliem na experiência e vivência do luto de forma sadia e tranquila, como parte do processo de existência. Para isso, a musicoterapia mostra-se como uma ferramenta de grande potência, ao favorecer a expressão e ressignificação da perda.

Palavras-chave: Musicoterapia; Luto; Ressignificação; Terapias integrativas; Perda.

INTRODUÇÃO

A morte é uma certeza inerente à humanidade e, portanto, o luto consiste na combinação de sinais e sintomas em resposta à perda de um ente querido. O processo de luto é uma experiência única para cada pessoa, e sua expressão depende das circunstâncias, do contexto, das consequências da perda para o enlutado, da cultura, da personalidade e do significado atribuído à

1 Bacharel em Artes Plásticas pela UFES - Pós-graduanda em Musicoterapia pela EMESCAM/ES.

2 Bacharel em Administração pela UNESC - Pós-graduando em Musicoterapia pela EMESCAM/ES.

3 Doutorando em Educação na linha de Educação Especial e Processos Inclusivos no PPGE-Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Musicoterapeuta pela CENSUPEG. Licenciatura em Música pela FAMES..

perda (Silva *et al.*, 2019).

A Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2022, reconheceu o luto prolongado como um transtorno mental na Classificação Internacional de Doenças (CID-11). Estudos indicam que cerca de 3% a 10% das pessoas que perdem um ente querido por causas naturais desenvolvem luto prolongado. Esse percentual aumenta em casos de mortes violentas ou inesperadas. A pandemia da COVID-19 acentuou ainda mais o impacto na saúde mental dos enlutados, revelando que a presença do luto traumático estava associada a sintomas de depressão e estresse (Martin, 2022).

O Brasil apresenta altas taxas de transtornos mentais relacionados ao luto. Em 2017, a OMS estimou que 18 milhões de brasileiros sofriam com distúrbios relacionados à ansiedade, representando 9,3% da população. A depressão afetava cerca de 12 milhões de pessoas, sendo a maior incidência na América Latina. (Polanczyk, 2024).

Desde os primórdios, o ser humano precisa lidar com a perda de entes queridos. O processo de luto faz parte do ciclo da vida, e cada indivíduo tem sua maneira de vivenciar as fases desse luto. Apesar de a forma de processamento do luto ser completamente individual e própria de cada sujeito, Elisabeth Kübler-Ross, em sua obra *Sobre a Morte e o Morrer*, pontua que existem cinco fases do luto: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação (Castro *et al.*, 2024).

Tendo por base essas fases, sabendo que o processo de luto precisa ser vivenciado para que haja seguimento da vida, que o público, pessoas enlutadas, não têm visibilidade nem acompanhamento adequado quando vivenciam tal quadro, e que todo ser humano passará por esse processo pelo menos uma vez na vida, busca-se formas concretas, mais eficazes e leves de lidar com a perda de um ente querido. Nesse contexto, destaca-se o uso da musicoterapia como facilitadora desse processo.

A musicoterapia é uma prática terapêutica que utiliza música e/ou seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia) para promover saúde, bem-estar e desenvolvimento individual ou coletivo. Dito isso, torna-se importante investigar e comprovar a eficácia da musicoterapia como ferramenta para o tratamento e auxílio às pessoas enlutadas.

A relevância dessa investigação está na consolidação da musicoterapia — uma intervenção sensível, flexível que complementa outras abordagens psicológicas — como ciência que oferece subsídios significativos e eficazes no tratamento do luto. Sua contribuição social está na capacidade de ressignificação do luto ao transformar dor em expressão, silêncio em som, ausência em presença simbólica. A musicoterapia favorece uma sociedade mais emocionalmente saudável, compassiva e preparada para lidar com a morte — algo universal, mas

frequentemente negligenciado.

Portanto, o objetivo deste artigo é analisar a bibliografia existente a respeito de musicoterapia e luto, identificando se há dados favoráveis quanto ao uso da música como ferramenta para o processo terapêutico de experiência do luto.

MÉTODOS

Trata-se de uma revisão integrativa, desenvolvida com base nas diretrizes propostas pelo Manual do *Joanna Briggs Institute* (JBI) (Peters *et al.*, 2022). Para aprimorar a qualidade e a transparência da pesquisa, foi aplicada uma estratégia de busca, descrita a seguir.

PERGUNTA DE PESQUISA

Para a elaboração de uma pergunta de pesquisa clara, utilizou-se a estratégia PCC, anacrônico para População, Conceito e Contexto (Quadro 1).

Quadro 1 – Descrição dos elementos utilizados para a elaboração da pergunta de revisão

Anacrônicos	Descrição
População	Pessoas que sofreram perdas familiares
Conceito	Musicoterapia e suas potencialidades
Contexto	Luto

Fonte: elaboração dos autores (2025)

Dessa maneira, a pergunta desenvolvida para a construção da presente revisão foi: De que forma a musicoterapia contribui para a resignificação emocional e psicológica do luto em pessoas que sofreram perdas familiares?.

CRITÉRIOS DE ELEGIBILIDADE

Foram consideradas produções científicas que abordassem, em seu conteúdo, os temas Musicoterapia; Luto; Família; Morte. Considerou-se artigos publicados entre 2008 e junho de 2025, nos idiomas inglês e português, independentemente do desenho e da qualidade metodológica. Ademais, foram considerados os resumos publicados em revistas ou anais de evento, além daquelas repetidas nas bases de dados exploradas.

FONTES DE INFORMAÇÃO E ESTRATÉGIA DE BUSCA

A busca pelos estudos foi realizada entre novembro de 2024 e junho de 2025 nas seguintes bases eletrônicas: Literatura Latino-Americano e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS); Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE/PubMed); Scopus (Elsevier) e Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

A estratégia de busca utilizada nas bases LILACS e Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) considerou os seguintes descritores na língua portuguesa, conforme os sistemas de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “musicoterapia AND luto”, “musicoterapia AND luto AND família”, “musicoterapia AND luto AND familia AND morte”, “musicoterapia AND morte”. Para a base no MEDLINE/ PubMed, utilizaram-se os descritores na língua inglesa, reconhecidos pelo *Medical Subjects Headings (MeSH)*: “music therapy AND bereavement”. As estratégias de busca utilizadas estão expostas no Quadro 2.

Quadro 2 – Estratégia de busca por base de dados

Bases de dados estratégia de busca	Estratégia de busca
LILACS/ CAPES	“musicoterapia AND luto”, “musicoterapia AND luto AND família”, “musicoterapia AND luto AND familia AND morte”, “musicoterapia AND morte”
MEDLINE/PUBMED SCOPUS	“music therapy AND bereavement”

Fonte: elaboração dos autores (2025)

SELEÇÃO DOS ESTUDOS

Inicialmente, os estudos identificados foram avaliados por meio da análise dos títulos, sendo descartadas as pesquisas duplicadas nas bases de dados, bem como aquelas que não apresentavam implicação com os objetivos deste estudo. Em seguida, procedeu-se à leitura dos resumos, selecionando os que preencheram os critérios de inclusão delimitados nesta pesquisa. Por fim, mediante a leitura na íntegra, foram selecionadas as pesquisas que dialogaram com os objetivos do presente estudo, culminando na amostra final incluída nesta revisão.

A seleção dos estudos foi realizada de forma independente por dois autores. Em caso de possíveis divergências, a decisão final foi tomada com a participação de um terceiro autor. Em todo processo de seleção dos estudos, incluindo os motivos e a quantidade de exclusão em cada etapa, elencou-se em fluxograma adaptado das recomendações do PRISMA (2018).

EXTRAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS (OU CONTEÚDOS)

Para a caracterização dos estudos incluídos, foram extraídas as seguintes informações: primeiro nome dos autores, objetivo da pesquisa, ano de publicação, local do estudo (cidade e estado), período de coleta de dados do estudo, atores envolvidos (amostra), tipo de estudo (qualitativo/quantitativo, observacional/intervenção, outros). Foram selecionados os estudos a seguir:

Luana e Jackson: Como a música pode contribuir como forma de expressão no processo de luto mediante a perda de alguém significativo (2024), Garça-SP. Revisão bibliográfica.

Vladimir, Rita, Ruth, Sonia, Maria: Descrever as características de cuidadores enlutados submetidos à musicoterapia pós-perda (2019). Ensaio clínico randomizado, realizado no domicílio de familiares enlutados que perderam seus entes queridos (pais ou cônjuges) por câncer. Coleta de dados: entre janeiro de 2014 e março de 2015.

Vladimir, Rita, Núbia, Eliseth, Maria: Avaliar os efeitos da música sacra, instrumental e cantada, no bem-estar espiritual de familiares enlutados (2017). Ensaio clínico paralelo randomizado realizado com familiares enlutados pela morte de um ente querido (pai, mãe ou cônjuge), por câncer, entre 1 mês e 12 meses; os participantes também precisavam ter acompanhado o processo de cuidado no fim da vida de seu ente querido. A coleta de dados ocorreu entre janeiro de 2014 e março de 2015.

Joanemar: Apresentar o repertório da Música Popular Brasileira (MPB), que contenha a expressão das Tarefas do Luto, teoria desenvolvida por J. William Worden (2020), Espírito Santo. Pesquisa de procedimento bibliográfico.

Helida, Eliamar, Célia: Identificar as contribuições da Musicoterapia às pessoas que estão vivendo o processo de luto (2010), Goiás. Estudo realizado sob moldes qualitativos, com famílias que sofreram perda por morte em um período de 2 a 6 meses cuidador direto do falecido.

Bernardo, Danton, Gustavo, Iliane, Juan, Lauro, Ramon: Abordagem dos aspectos do período que antecede a morte e os cuidados paliativos, desde seus conceitos até seu aspecto histórico (2022), Alto Vale do Itajaí-Santa Catarina. Pesquisa bibliográfica.

As potencialidades, limitações e proposições de cada estudo foram buscadas ativamente em todo conteúdo do artigo e transcritas de forma sintetizada para uma planilha. Os dados extraídos foram transferidos por um dos autores para uma planilha eletrônica no Excel (Microsoft Corp., Estados Unidos). A caracterização dos estudos foi feita de forma descritiva. Para a análise qualitativa dos conteúdos extraídos — especialmente no que diz respeito

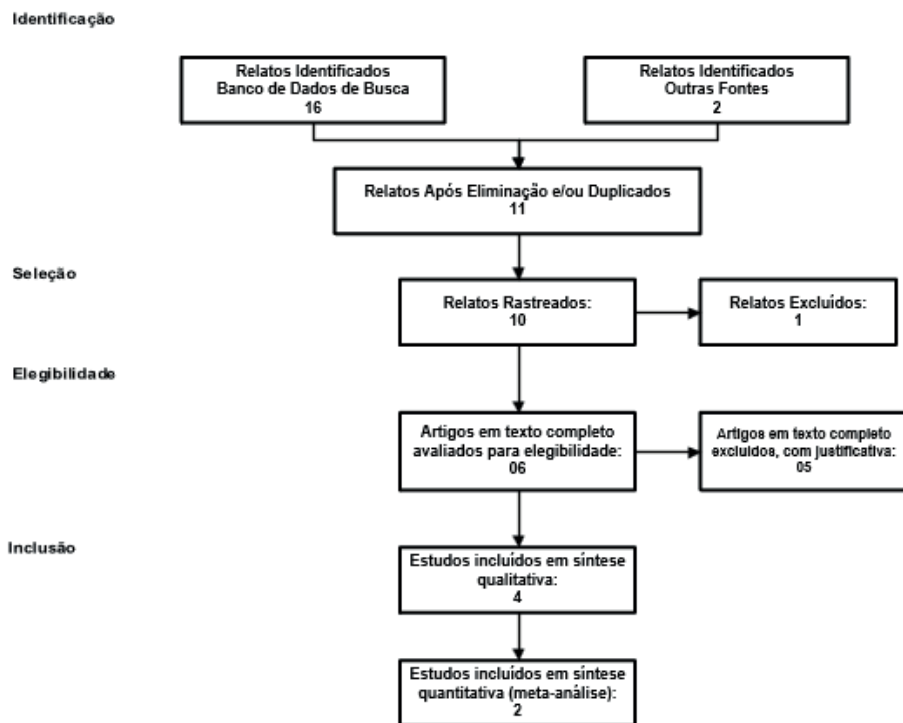
às potencialidades, limitações e contribuições —, utilizou-se o método de análise textual discursiva, que articula elementos da análise de conteúdo e da análise de discurso (Moraes; Do Carmo Galiazzi, 2006).

RESULTADOS

Na etapa de identificação, os autores obtiveram 16 resultados nas bases de dados de busca e mais 2 resultados de relatos provenientes de fontes externas (indicação, por outros profissionais na área, de textos sobre o tema). Dos 18 relatos iniciais, foi realizada uma leitura breve do conteúdo, sobretudo dos resumos dos artigos, a fim de filtrar a relevância para este estudo, chegando-se a 11 artigos. Nessa fase, também foram eliminados os relatos duplicados. Na etapa de elegibilidade, mantiveram-se 6 artigos com relevância significativa, após leitura minuciosa, na qual foi possível identificar as possíveis ligações entre os artigos. Já na fase de inclusão, foi possível separar os artigos conforme apresentassem características de síntese qualitativa e quantitativa.

Dos 6 artigos selecionados para esta revisão, 4 apresentam abordagem qualitativa e 2, abordagem quantitativa. Entre os qualitativos, encontram-se: o estudo sobre tanatologia, que consiste em uma revisão teórica; o artigo *O Luto pela Arte*, com análise simbólica de canções; o texto *A Musicoterapia em Situações de Luto*, baseado em relatos e percepções subjetivas; e o artigo sobre o repertório da música brasileira, que realiza uma análise interpretativa de letras musicais à luz da teoria das tarefas do luto. Já os estudos quantitativos envolvem a aplicação de instrumentos estatísticos: um deles é um ensaio clínico randomizado que avalia os efeitos da música sacra no bem-estar espiritual de enlutados, e o outro analisa dados de cuidadores após a participação em sessões de musicoterapia, com enfoque em características sociodemográficas e fatores protetores. Essa variedade metodológica amplia o alcance e a riqueza da revisão, permitindo integrar dados objetivos com interpretações subjetivas do processo de luto.

Figura 1 – Fluxograma de seleção dos estudos



Fonte: autoria (2025)

Os 6 estudos selecionados e analisados apresentam diversidade tanto em relação ao delineamento metodológico quanto aos objetivos e às populações envolvidas; sendo que 3 deles adotaram o formato de revisão bibliográfica ou estudo qualitativo interpretativo, enquanto 2 realizaram investigações com delineamento quantitativo, incluindo um ensaio clínico randomizado e um estudo transversal com aplicação de instrumentos estatísticos. Somente um estudo utilizou abordagem exploratória com coleta direta de dados subjetivos.

Quadro 2 – Caracterização das pesquisas quanto à autoria, ano, local, tipo de estudo, amostra e objetivos

AUTOR (ANO)	TÍTULO	TIPO DE ESTUDO	AMOSTRA/ ABORDAGEM	OBJETIVO
Zonta <i>et al.</i> (2022)	Tanatologia: uma revisão bibliográfica.	Revisão bibliográfica (qualitativo)	Artigos e literatura científica multidisciplinar	Discutir a tanatologia e seus desdobramentos médicos, psicológicos e sociais relacionados à morte e ao luto.
Silva <i>et al.</i> (2019)	Características de cuidadores submetidos à musicoterapia.	Estudo transversal (quantitativo)	69 cuidadores familiares enlutados	Descrever o perfil dos cuidadores após participação em sessões de musicoterapia e identificar fatores protetores no luto.
Castro & Monteiro (2022)	O Luto pela Arte.	Estudo qualitativo com análise simbólica	Canções representativas do luto	Analisar como a música pode expressar simbolicamente as fases do luto segundo Kübler-Ross.
Valgas <i>et al.</i> (s.d.)	A Musicoterapia em Situações de Luto.	Estudo qualitativo exploratório	8 participantes enlutados (questionário e percepção subjetiva)	Investigar o papel da música no processo de luto e sua relação com memórias e emoções.
Paes da Silva <i>et al.</i> (2017)	Efeitos da música sacra no bem-estar espiritual.	Ensaio clínico randomizado (quantitativo)	69 familiares enlutados por câncer	Avaliar os efeitos da música sacra (instrumental e cantada) no bem-estar espiritual de familiares enlutados.
Paoli (s.d.)	Repertório da Música Brasileira na Prática Musicoterapêutica.	Revisão bibliográfica aplicada (qualitativo)	Canções da MPB analisadas segundo a teoria das tarefas do luto de Worden	Identificar músicas que expressem simbolicamente as tarefas do luto e possam ser usadas em intervenções musicoterapêuticas.

Fonte: elaboração dos autores (2025)

As amostras apresentam variedade entre análises de repertórios musicais e experiências de familiares enlutados, incluindo cuidadores e participantes de intervenções musicoterapêuticas. Os objetivos, embora distintos, convergem para a compreensão do luto e para a aplicação da música como ferramenta terapêutica, seja no campo simbólico, espiritual ou clínico. Essa diversidade metodológica e temática reforça a riqueza do campo da musicoterapia aplicada ao luto e evidencia a interdisciplinaridade necessária para compreender e ressignificar a experiência da perda.

DISCUSSÃO

Após a análise de dados, importa destacar o estudo da tanatologia enquanto campo multidisciplinar dedicado à compreensão da morte e seus desdobramentos físicos, psicológicos, sociais e legais. Evidencia-se a importância dos cuidados paliativos como abordagem fundamental para o tratamento humanizado de pacientes em estado terminal, promovendo alívio da dor, apoio emocional, espiritualidade e aceitação da morte. Além disso, enfatiza-se o processo de luto sob diferentes perspectivas, com destaque para as contribuições de Elisabeth Kübler-Ross e para os impactos sociais, culturais e individuais do sofrimento causado pela perda.

A contextualização da tanatologia e as transformações históricas e culturais da visão ocidental sobre a morte destacam como a sociedade contemporânea tende a negar esse processo natural, medicalizando-o e dificultando o enfrentamento do luto. Em síntese, ressalta-se a importância da tanatologia para uma atuação ética, empática e informada de profissionais de saúde diante da finitude da vida.

Discute-se, então, a música como forma legítima e sensível de expressão do luto, explorando como a arte pode facilitar a vivência e a elaboração das emoções ligadas à perda. Com base nos cinco estágios do luto descritos por Elisabeth Kübler-Ross (negação, raiva, barganha, depressão e aceitação), analisa-se como a música pode representar essas fases de forma simbólica, subjetiva e profundamente emocional. O luto não precisa ser vivenciado apenas pelo discurso verbal — ele também pode se anunciar por meio de manifestações artísticas como a música, que canaliza emoções difíceis de nomear e compartilhar.

Composições como *Naquela Mesa*, de Sérgio Bittencourt, e *Dona Cila*, de Maria Gadú — ambas criadas em homenagem a entes queridos falecidos — revelam sentimentos de saudade, amor e aceitação, funcionando como instrumentos de homenagem e elaboração psíquica da perda. Isso evidencia como a música possibilita ressignificar a dor e eternizar memórias, oferecendo alívio e conexão com outras pessoas que também estão em processo de luto. A arte, portanto, surge como um recurso valioso no enfrentamento da morte e no fortalecimento do vínculo afetivo com quem partiu.

Destaca-se, ainda, o uso da musicoterapia como ferramenta essencial para o tratamento de pessoas enlutadas, em especial os chamados cuidadores. Um dos estudos analisados apresenta uma pesquisa com cuidadores familiares enlutados que participaram de sessões de musicoterapia após a perda de entes queridos por câncer. Os 69 participantes — majoritariamente mulheres cristãs — relataram forte vínculo com o falecido, participação ativa nos cuidados paliativos, envolvimento em rituais fúnebres e recepção de apoio espiritual, elementos considerados fatores de proteção para a elaboração saudável do luto. A maioria também demonstrou preferência por música sacra, indicando que experiências musicais e religiosas anteriores influenciam positivamente a vivência da perda. Os resultados evidenciam que a musicoterapia no período pós-perda pode oferecer suporte emocional, espiritual e simbólico no enfrentamento do luto, especialmente quando integrada a uma rede de cuidados compassivos e personalizados.

Ainda no âmbito dos estudos qualitativos revisados, outra pesquisa analisou o papel da música no processo de luto, buscando compreender de que forma ela pode funcionar como um recurso terapêutico para pessoas

enlutadas. A pesquisa foi conduzida com 8 participantes que haviam perdido entes queridos há até seis meses e consistiu na aplicação de um questionário que explorava as experiências musicais ligadas à memória do falecido. Os resultados mostraram que a maioria dos entrevistados associava músicas específicas ao ente falecido e que ouvir essas músicas provocava reações emocionais significativas — como alívio, conforto, saudade e, em alguns casos, a sensação simbólica de proximidade com o falecido.

Embora a etapa seguinte da pesquisa — a realização de intervenções musicoterapêuticas — não tenha ocorrido por falta de adesão dos participantes, os dados colhidos já revelam que a música tem grande potencial para auxiliar no enfrentamento do luto. Canções que evocam lembranças afetivas podem funcionar como veículos de expressão emocional, facilitando o acesso a sentimentos difíceis de verbalizar.

Destaca-se, nesse contexto, a música sacra como intervenção musicoterápica. Outro estudo incluído nesta revisão bibliográfica avaliou os efeitos da audição de música sacra, instrumental e cantada, no bem-estar espiritual de familiares enlutados por câncer. O ensaio clínico randomizado envolveu 69 participantes, divididos em três grupos: controle (sem intervenção musical), experimental com música sacra cantada e experimental com música sacra instrumental. A Escala de Bem-Estar Espiritual foi aplicada antes e após as intervenções, revelando que todos os grupos já apresentavam altos níveis de bem-estar espiritual, especialmente no aspecto religioso. Contudo, o grupo que ouviu música instrumental demonstrou melhora nos escores de bem-estar existencial após a intervenção.

Apesar de não haver diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, os resultados sugerem uma tendência positiva no uso da música sacra como suporte espiritual no enfrentamento do luto, especialmente a música instrumental, que elevou o nível de bem-estar existencial dos participantes. O estudo destaca a importância da espiritualidade como fator de enfrentamento e reforça o papel da música como recurso terapêutico complementar, capaz de proporcionar conforto, reflexão e acolhimento em momentos de perda.

Por fim, observou-se a proposição de Paoli sobre um levantamento de canções da Música Popular Brasileira (MPB) que possam ser utilizadas em intervenções musicoterapêuticas com pessoas enlutadas, com base na teoria das Tarefas do Luto de J. William Worden. Por meio de revisão bibliográfica e análise de letras, a autora mapeia canções que representam simbolicamente cada uma das quatro tarefas propostas por Worden: aceitar a realidade da perda, processar a dor do luto, ajustar-se a um mundo sem a pessoa falecida e encontrar uma conexão duradoura com o ente querido em meio à retomada da

vida. O repertório musical sugerido busca favorecer a expressão emocional, a ressignificação da perda e o fortalecimento do vínculo terapêutico.

Com referências a autores como Bowlby, Parkes, Kübler-Ross e C.S. Lewis, fundamenta-se teoricamente na utilização da música como ferramenta terapêutica capaz de acolher as múltiplas dimensões do sofrimento humano. Além disso, destaca que a escolha do repertório deve respeitar a vivência subjetiva do enlutado, podendo ser ampliada ou adaptada conforme sua história pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão bibliográfica apresentada evidencia a importância da musicoterapia como prática complementar no cuidado à pessoa enlutada. A música, enquanto linguagem simbólica e afetiva, permite o acesso a conteúdos subjetivos profundos, facilitando a expressão de sentimentos, o resgate de memórias e a reconstrução de sentido diante da perda. A articulação entre tanatologia, espiritualidade e arte musical aponta para uma abordagem interdisciplinar essencial à promoção de um luto saudável, ético e humanizado. Recomenda-se o fortalecimento de políticas públicas e de formações profissionais que incluam a musicoterapia como recurso terapêutico no enfrentamento do luto.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, Luana R.; MONTEIRO, Jackson D. S. O luto pela arte: a representação do luto em forma de música. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia da FAEF**, São Paulo, v. 43, n. 2, 2024.
- MARTINS, Fran. **Luto prolongado é um transtorno mental, segundo a Organização Mundial da Saúde**. 2022. Ministério da Saúde. Disponível em: <www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/luto-prolongado-e-um-transtorno-mental-segundo-a-organizacao-mundial-da-saude>. Acesso em: 05 ago. 2025.
- PAOLI, Joanemar Alves Oliveira. Repertório da música brasileira na prática musicoterápica das tarefas do luto. In: COLI, Juliana Marília; PARAGUASSÚ, Paulo Soares Santos; SILVA, Regina Lengruber da (org.). **A Musicoterapia no Espírito Santo**. Itapiranga: Schreiber, 2025. p. 15-31.
- POLANCZYK, Guilherme. **Saúde mental no Brasil: dados e panorama**. 2024. Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Disponível em: <ipqhc.org.br/2024/04/15/saude-mental-no-brasil-dados-e-panorama/>. Acesso em: 2 ago. 2025.
- SILVA, Vladimir Araujo da *et al.* Characteristics of caregivers submitted to music therapy after the death of loved ones. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 72, n. 6, p. 1464-1470, 2019.

SILVA, Vladimir Araujo da *et al.* Efeitos da música sacra no bem-estar espiritual de familiares enlutados: ensaio clínico randomizado. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 51, p. e03259, 2017.

VALGAS, Helida Mara, *et. al.* A musicoterapia em situações de luto. **Anais do X SEMPEM**. Seminário Nacional de Pesquisa em Música da UFG, pp 83-86, Goiás, GO, 2010.

ZONTA, Bernardo Martins *et al.* Tanatologia: uma revisão bibliográfica. **Revista Foco**, v. 15, n. 2, p. e379-e379, 2022.



ÍNDICE REMISSIVO

A

Abordagem 14, 20, 28, 44, 50, 52, 54, 62, 67, 73, 76, 78, 85, 107, 108, 123, 126, 128, 133, 135, 137, 141, 143, 144, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 157, 167, 172, 174, 175, 177, 178, 179, 186, 187, 188, 191
Adolescentes 75, 79, 94, 142, 144, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157
Ansiedade 18, 19, 24, 27, 29, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 52, 69, 85, 86, 87, 95, 96, 105, 108, 115, 116, 120, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 135, 136, 138, 141, 142, 147, 148, 151, 157, 160, 161, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 171, 177, 178, 182
AVC 7, 164, 165, 166, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179

C

Cerebral 20, 29, 31, 62, 73, 75, 77, 79, 171, 172, 174, 176, 178, 180
Clínica 3, 11, 14, 15, 17, 18, 19, 21, 28, 39, 50, 53, 54, 55, 56, 57, 62, 70, 76, 85, 86, 87, 93, 95, 106, 108, 116, 121, 122, 127, 141, 148, 160, 167, 170, 177
Clínico 3, 43, 44, 45, 48, 53, 56, 57, 71, 73, 81, 82, 87, 90, 106, 111, 117, 120, 121, 123, 147, 165, 166, 174, 175, 177, 185, 186, 187, 188, 190, 192
COVID 127, 129, 130, 131, 135, 138, 139, 151, 165, 182
Crianças 35, 50, 52, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 77, 79, 80, 82, 94, 96, 128, 139, 147, 148, 149, 150, 153, 154
Cuidado 3, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 26, 33, 34, 37, 38, 39, 40, 44, 47, 49, 50, 53, 54, 56, 58, 62, 72, 73, 81, 82, 85, 93, 95, 97, 107, 108, 111, 128, 135, 136, 137, 138, 147, 148, 150, 151, 168, 185, 191

D

Depressão 18, 29, 33, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 47, 115, 116, 120, 121, 122, 128, 131, 132, 135, 136, 141, 142, 147, 148, 151, 157, 160, 165, 166, 167, 182, 189

E

Educação 13, 15, 16, 17, 19, 21, 22, 28, 81, 82, 109, 148, 151, 152, 155
EMESCAM 3, 6, 9, 11, 23, 37, 75, 76, 78, 84, 104, 105, 106, 107, 109, 114, 141, 159, 170, 181
Emocionais 17, 24, 27, 29, 38, 39, 62, 63, 66, 71, 75, 78, 80, 82, 84, 85, 95, 96, 106, 109, 110, 111, 116, 121, 127, 129, 131, 135, 136, 137, 153, 155, 156, 160, 161, 165, 171, 172, 175, 176, 177, 179, 190
Emocional 16, 17, 18, 19, 20, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 34, 37, 38, 43, 46, 47, 51, 52, 53, 67, 69, 70, 72, 73, 75, 76, 80, 86, 96, 97, 98, 101, 104, 105, 107, 110, 111, 115, 116, 123, 124, 126, 128, 131, 132, 134, 135, 137, 141, 142, 143, 144, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 166, 167, 171, 172, 174, 176, 177, 178, 179, 183, 188, 189, 190, 191
Emoções 11, 25, 30, 39, 80, 83, 134, 136, 137, 142, 155, 156, 171, 178, 188, 189
Enfermagem 58, 59, 92, 93, 94, 95, 135, 136, 148, 150, 151, 152, 153, 157
Escuta 3, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 30, 32, 37, 38, 43, 46, 47, 53, 84, 98, 108, 110, 111, 120, 122, 123, 135, 155, 166, 171, 177, 179
Estímulos 26, 31, 49, 50, 52, 53, 54, 61, 62, 67, 68, 69, 70, 71, 79, 108, 171, 175, 176, 178
Estresse 18, 19, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 32, 33, 34, 37, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 51, 52, 54, 56, 72, 86, 87, 93, 95, 96, 114, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 135, 136, 137, 138, 148, 152, 160, 161, 182
Estudo 9, 20, 28, 31, 32, 33, 41, 42, 43, 44, 45, 49, 50, 51, 54, 55, 56, 57, 61, 63, 64, 66, 70, 81, 86, 87, 88, 89, 92, 94, 96, 111, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 133, 135, 136, 137, 139, 142, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 163, 164, 165, 166, 167, 170, 172, 173, 174, 175, 177, 180, 181, 184, 185, 186, 187, 188, 190

Expressão 3, 9, 11, 16, 18, 28, 67, 72, 75, 77, 78, 80, 82, 85, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 123, 135, 136, 142, 143, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 156, 174, 176, 177, 179, 181, 182, 185, 189, 190, 191

F

Fibromialgia 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 124, 125

Fisioterapia 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 84, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 121, 125

G

Gestantes 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47

Gravidez 24, 25, 27, 32, 33, 36, 38, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48

I

Idosos 15, 84, 85, 92, 94, 95, 96, 99, 101, 161, 164, 166, 167

Integrativa 24, 25, 36, 47, 86, 87, 92, 93, 94, 96, 100, 105, 115, 117, 120, 124, 142, 144, 147, 158, 160, 162, 170, 172, 173, 174, 177, 178, 179, 180, 183

Interdisciplinar 9, 11, 15, 17, 19, 63, 72, 75, 76, 81, 82, 106, 111, 143, 150, 172, 191

Intervenção 14, 15, 24, 25, 27, 28, 32, 33, 34, 37, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 61, 63, 66, 68, 72, 76, 81, 87, 89, 90, 94, 95, 96, 97, 98, 106, 109, 110, 111, 112, 118, 120, 122, 123, 126, 128, 133, 134, 137, 143, 144, 147, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 159, 160, 161, 165, 166, 167, 175, 176, 178, 179, 182, 185, 190

Intervenções 13, 18, 20, 28, 32, 33, 34, 37, 39, 46, 47, 51, 52, 57, 61, 62, 64, 66, 67, 72, 73, 85, 92, 96, 97, 98, 105, 110, 115, 128, 133, 136, 137, 143, 147, 150, 151, 153, 154, 155, 156, 162, 166, 167, 177, 179, 188, 190

L

Linguagem 3, 9, 16, 18, 20, 21, 28, 62, 63, 68, 72, 77, 80, 108, 171, 174, 175, 177, 178, 179, 191

M

Medicina 9, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 28, 34, 114

Mental 13, 17, 18, 27, 33, 34, 38, 40, 41, 43, 44, 46, 47, 48, 122, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 144, 145, 147, 150, 151, 155, 156, 171, 180, 182, 191

Música 3, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 51, 53, 54, 56, 61, 63, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 75, 76, 78, 82, 85, 86, 92, 94, 95, 97, 99, 101, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 116, 120, 121, 122, 123, 132, 133, 134, 135, 138, 139, 148, 149, 150, 152, 153, 155, 156, 157, 159, 160, 165, 166, 167, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 182, 183, 185, 186, 188, 189, 190, 191, 192

Musicais 14, 15, 18, 20, 22, 28, 44, 46, 51, 53, 62, 69, 73, 80, 86, 92, 95, 97, 108, 110, 111, 121, 133, 134, 137, 139, 147, 149, 151, 152, 153, 155, 156, 166, 167, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 186, 188, 189, 190

Musical 15, 16, 24, 25, 28, 30, 31, 32, 35, 37, 38, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 55, 58, 67, 69, 70, 72, 73, 75, 76, 78, 79, 84, 90, 95, 96, 97, 98, 99, 104, 105, 109, 110, 111, 120, 122, 123, 134, 135, 137, 138, 148, 154, 155, 156, 166, 167, 172, 175, 177, 179, 180, 190, 191

Musicoterapia 3, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 104, 106, 107, 108, 109, 112, 115, 116, 117, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 128, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 142, 143, 144, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 161, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 189, 191, 192

N

Neonatal 38, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 95, 100

P

Paciente 15, 17, 18, 20, 28, 29, 53, 54, 86, 93, 97, 100, 106, 107, 108, 109, 111, 116, 121, 122, 123, 133, 135, 137, 160, 161, 172, 175, 176, 177, 178

Pacientes 26, 29, 32, 63, 67, 76, 78, 84, 85, 86, 87, 90, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 101, 102, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 115, 116, 120, 121, 122, 125, 126, 128, 130, 131, 134, 148, 151, 157, 160, 161, 164, 165, 166, 167, 170, 171, 172, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 188

Pandemia 127, 128, 129, 130, 131, 132, 135, 136, 138, 139, 151, 182

Pulmonar 84, 86, 87, 89, 90, 96, 97, 98, 105, 106, 108, 109, 110, 159, 160

R

Reabilitação 3, 11, 16, 17, 25, 51, 62, 71, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 133, 141, 159, 160, 161, 166, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180

Relaxamento 25, 28, 29, 31, 32, 33, 37, 38, 44, 56, 94, 95, 97, 108, 111, 116, 123, 134, 136, 161, 166

Respiratória 29, 50, 51, 55, 56, 57, 84, 85, 86, 87, 90, 92, 96, 97, 98, 99, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 112

Revisão 24, 26, 32, 33, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 43, 47, 58, 61, 63, 65, 66, 67, 69, 71, 73, 84, 86, 87, 88, 89, 92, 93, 96, 98, 100, 101, 102, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 124, 128, 131, 137, 138, 139, 142, 143, 144, 145, 147, 150, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 162, 163, 170, 172, 173, 174, 175, 178, 180, 181, 183, 184, 186, 187, 188, 190, 191, 192

S

Saúde 3, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 40, 41, 43, 44, 46, 47, 48, 50, 51, 76, 82, 84, 85, 86, 92, 93, 94, 98, 99, 100, 101, 104, 105, 106, 109, 111, 112, 121, 122, 124, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 142, 143, 144, 147, 148, 150, 151, 153, 155, 156, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 175, 180, 182, 189

Sintomas 19, 29, 33, 37, 39, 43, 46, 47, 95, 96, 97, 101, 107, 109, 115, 116, 126, 127, 128, 131, 132, 135, 136, 137, 147, 148, 151, 157, 160, 166, 176, 181, 182

T

Terapêutica 3, 15, 17, 20, 25, 28, 34, 44, 49, 51, 61, 62, 67, 70, 71, 72, 73, 78, 82, 87, 92, 93, 95, 97, 99, 100, 109, 110, 111, 120, 122, 126, 128, 134, 141, 143, 144, 157, 160, 167, 175, 176, 182, 188, 191

Terapêuticas 24, 25, 38, 53, 61, 62, 66, 72, 73, 86, 90, 101, 105, 109, 122, 136, 137, 143, 152, 153, 160, 161, 179

Terapêutico 3, 9, 11, 16, 17, 18, 19, 20, 24, 27, 57, 67, 72, 73, 76, 78, 81, 85, 86, 98, 101, 105, 107, 108, 110, 111, 115, 121, 124, 134, 135, 138, 142, 153, 166, 171, 174, 175, 176, 177, 179, 183, 189, 190, 191

Terapêuticos 14, 15, 25, 28, 38, 54, 62, 63, 66, 68, 69, 72, 77, 108, 109, 111, 116, 120, 121, 123, 132, 133, 134, 160, 161, 176

Terapia 25, 28, 32, 35, 52, 56, 57, 58, 69, 95, 96, 100, 120, 122, 123, 133, 136, 172, 175, 178, 179

Transtornos 38, 61, 64, 128, 131, 132, 139, 141, 142, 143, 148, 151, 157, 161, 182

Tratamento 28, 38, 44, 86, 87, 90, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 104, 105, 106, 107, 108, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 122, 124, 127, 130, 132, 133, 135, 143, 144, 149, 154, 156, 160, 161, 162, 165, 171, 176, 178, 179, 182, 188, 189

